



O caminho certo

Ana Martines

O Caminho Certo

Ana Martines

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer a todos que me ajudaram a realizar este sonho maravilhoso: o meu primeiro livro publicado. Um sonho que por muito tempo acreditei não ser possível e que a cada dia me emociono um pouco mais – e agradeço mais ainda – por ter conseguido realizá-lo.

Agradeço primeiramente aos meus avós João e Maria que me incentivaram a ler desde muito nova e me apoiaram em cada passo que dei. Vocês sempre foram os meus anjos da guarda e protetores. Não há como definir o amor que sinto por vocês.

À minha mãe, que permaneceu forte em cada obstáculo surgido em sua vida e me ensinou a nunca desistir, não importa o que aconteça. Que sempre foi acima de tudo, minha melhor amiga e confidente.

À minha beta e maior incentivadora que poderia existir: Marina Carlsen, que leu cada capítulo quando ainda não estavam revisados, amou e odiou os personagens comigo e me amaldiçoou quando achou que eu poderia machucar algum deles, incentivando-me a nunca parar de escrever. Não sei se este livro estaria concluído sem a sua ajuda.

Às minhas maravilhosas betas: Fernanda Bizerra e Nathy Costa, que leram o livro com muito amor e me ajudaram a melhorá-lo para vocês. Obrigada pela dedicação e carinho.

À minha família e amigos, que sempre estiveram ao meu lado me dando todo amor que eu precisava. Aos autores que me encantaram com seus livros e me incentivaram ainda mais a escrever o meu próprio. E, por último, a todos os leitores, tanto do blog quanto do Wattpad. Vocês me emocionaram e me fizeram acreditar que tudo daria certo. Obrigada por todo apoio.

Este livro não estaria finalizado sem vocês. Obrigada a todos que me ajudaram a realizar este sonho.

Prólogo

“O cara que disse que dinheiro não compra felicidade, não sabia onde fazer compras.” – David Lee Roth.

Capítulo 1

Havia finalmente chegado o grande dia: meu aniversário. Esperei meses por ele, ansiosa para completar dezoito anos e não precisar usar minha identidade falsa novamente, nem me preocupar se me parariam na porta do pub como já fizeram muitas vezes, ou pedir para alguém me contrabandear mais uma bebida. Sem mais complicações. Liberdade, aqui vou eu!

Demorei quarenta minutos me arrumando para a faculdade, pois queria estar impecável. Como se algum dia não estivesse... Mas hoje era um dia especial e, por isso, merecia um visual marcante. Muitos viriam me abraçar, tentariam se aproximar só para chegar mais perto da garota popular do curso, perguntariam sobre os meus planos, com a esperança de estarem incluídos neles. Tem como não amar toda essa atenção?!

Ao olhar no espelho, não senti que algo tivesse mudado. Tudo parecia a mesma coisa. A mesma garota com os cabelos loiros me encarava do outro lado, com a expressão já conhecida: aquela que conseguia tudo o que queria. Para mim, aparência era tudo. Não conseguia imaginar a minha vida sem todas as coisas que já ganhei com um simples sorriso de lado, e não via problema nenhum em ser assim. Na verdade, se alguém for julgar os meus atos, posso culpar a criação que tive. Meu pai deixava claro que seu lema de vida era: “Faça com que todos te amem, mesmo que não te conheçam verdadeiramente”. Imagino que ele jamais se decepcionará comigo neste quesito.

Só tinha um problema: com muito amor vinham muitas garotas invejosas. Coitadas. Jamais serão como eu. Jamais terão dinheiro suficiente para comprar tudo o que querem – como tenho – e uma família perfeita, com pais jovens e apaixonados – exatamente como os meus. E, é claro, jamais serão tão populares como eu sou.

Dizem que nunca podemos ter tudo na vida. Bom, estou aqui para provar o contrário. Nasci com tudo e, aos meus dezoito anos, continuo tendo tudo. Meu pai luta por isso dia após dia, trabalhando fora durante uma semana ou duas por mês, mas todo o seu esforço vale a pena.

E mesmo com os seus desaparecimentos, minha mãe ainda o amava incondicionalmente. Eram perfeitos juntos e tinham um amor que duraria para sempre. Já eu, nunca havia encontrado esse amor. E olha que não foi por falta de procura! Meu final de semana já começa na quinta e geralmente não vou para a faculdade na sexta, pois de manhã ainda estou sob efeito do álcool consumido na noite anterior. Então passo os três dias do final de semana à procura de mais felicidade, como se não fosse o suficiente tudo o que tenho.

Tenho tudo, mas ainda quero mais. Quero aquele romance de novela, ou

melhor, de livros eróticos, onde o rapaz tem um corpo maravilhoso e leva a garota ao delírio com apenas um olhar. Sabe aquele romance capaz de arrancar suspiros? É dele que estou falando.

– Olha se não é a aniversariante do dia! – Cumprimentou Lorel, minha melhor amiga, assim que me viu.

Lorel era minha amiga por falta de opção, mas ninguém sabia disso. Ela apenas saía comigo todos os finais de semana e arranjávamos “ficantes” uma para a outra. Conhece aquelas duas garotas que estão sempre se agarrando na balada para poder atrair os homens? Somos nós, sem dúvida. Mas nossa amizade não passava disso. Quando não estávamos falando de homens, não tínhamos assunto.

– Ei, gatinha! – Senti seu corpo me apertando em um abraço e sorri. Do nosso jeito, ela era o mais perto de amor que já tinha chegado.

– Então, quais são os planos para hoje?

– Não sei Lo. Hoje é quarta. Não vi meus pais de manhã, mas tenho certeza que eles vão querer passar a noite comigo. Podemos marcar algo para mais tarde.

– Ok, vou ver o que terá de bom. – Entusiasmou-se, já com o celular na mão, provavelmente conversando com todos seus contatos pelo *WhatsApp*, aqueles que arranjavam as melhores festas para nós. – Como está se sentindo agora que pode fazer tudo o que já fazia? – Riu, sem tirar o olho do celular.

– Livre. – Respondi, vendo outras duas garotas se aproximarem para me cumprimentar.

A manhã passou assim: muitos abraços, beijos no rosto e insinuações. Verifiquei o meu celular duas vezes, procurando alguma ligação de meu novo ficante, Tiago. O conheci na última festa que fomos e ele anotou o meu número. Três dias se passaram e nenhuma notícia dele. Das duas, uma: ou ele não gostou do gelo que dei em uma hora não muito apropriada, ou perdeu o meu número. Minha aposta ia para a segunda opção.

No fundo, não me importava. Se ele ligasse, não iria atender. Ou talvez atendesse apenas para dizer que foi “apenas uma noite”. Não era o que os homens faziam com as meninas inocentes que se apaixonavam após um beijo? Pois estou me vingando por vocês, garotas. Aquele cara que quebrou o seu coração, terá o dele estilhaçado por mim.

– Oi, Paloma. – Cumprimentou timidamente um garoto alto, com o corpo magro, sem qualquer sinal de músculos por baixo da camiseta simples. Percebi isso tudo depois de dar uma boa encarada nele, que ficou ainda mais vermelho.

– E aí? – Respondi casualmente, enquanto arrumava as minhas coisas para ir embora.

Finalmente o dia terminou e eu estava livre para voltar para casa. Olhei no

relógio e constatei que sim, merecia um descanso. Eram seis da tarde, ninguém merecia ter aula o dia inteiro, ainda mais no dia do aniversário! Não era nada justo.

– Eu... Er, queria te parabenizar. – Enrolou-se, sorrindo para mim, enquanto passava a mão no cabelo, jogando-o para o lado. Não, não daquele jeito metido que os garotos faziam para impressionar alguém... Ele só parecia não saber o que fazer com as mãos.

Um garoto tão alto não deveria se sentir tão inseguro, ficava estranho. Ele até que era bonitinho, mas não servia para mim. Não sou de dar em cima de garotos inocentes, pois sei que não merecem ter o coração quebrado. Eles merecem alguém que saiba amar, que ligue no dia seguinte e que goste de conversar sobre qualquer assunto. Definitivamente, alguém diferente de mim.

– Obrigada.

– Você vai fazer algo hoje? – Perguntou tão rápido que quase não entendi o que havia dito. Quase.

– Vou ficar com meus pais.

– Ah.

Seu embaraço me dava pena. Era tudo um grande dilema. Se eu lhe desse atenção demais, ele criaria esperanças. Se fosse rude demais, ficaria magoado. E, com a carinha que estava, não queria magoá-lo de jeito nenhum.

– Mas estou livre mais tarde. – Respondi, sorrindo de lado pela primeira vez para o garoto.

Não sei por que disse isso. Realmente não sei e me arrependi no mesmo instante, mas já era tarde demais.

O garoto parecia surpreso, como se jamais achasse que teria uma brecha. Pois é, somos dois.

– Posso te ligar para a gente conversar? – Sorriu.

Conversar? Ok, ele realmente era inocente demais. Provavelmente nunca foi beijado. O que é muito difícil, pois estamos no terceiro semestre do curso e a maioria de nós tem dezoito anos. Não imagino que exista alguém com essa idade que nunca foi beijado.

Conversar sim, mas nada além disso. Depois de pensar um pouco, percebi que não seria tão ruim. Talvez por telefone ele fosse menos tímido e mais interessante.

– Sim, aqui está. – Entreguei-lhe um papel com o meu número anotado. Continuava sem saber se havia feito a escolha certa, mas sentia uma ansiedade estranha de ir embora. De ir logo para casa. E essa ansiedade me fez agir sem pensar duas vezes.

– O... Obrigado. – O garoto continuava vermelho.

– Então é isso. Preciso ir... Garoto. – Deveria ter me sentido mal por não lembrar seu nome, mas não me importei. Meu celular já tinha apitado duas vezes, avisando que o motorista estava me esperando do lado de fora do prédio.

– É Miguel. – Gritou, interrompendo a minha fuga. – Meu nome. Miguel. – Repetiu um pouco mais baixo.

– Você já sabe o meu. – Falei. Virei o rosto e sorri para ele, feliz com o seu esforço para se aproximar de mim. Miguel. Não merecia ter o nome esquecido.

Só que ao chegar em casa, dez minutos depois, não lembrava nem com que letra começava o seu nome.

O carro da minha mãe estava na garagem, então esperava que me recepcionasse com um grande abraço e um enorme beijo na bochecha, como sempre faz. Ansiava pelo seu afago no cabelo e seu toque. Não tinha conversado com ela de manhã, o que era incomum. Geralmente acordava com o cheiro de café e, quando descia, ela me recebia com um sorriso no rosto e um olhar cansado. Só agora parei para pensar que não tinha tomado café da manhã.

Minha mãe é a melhor pessoa que já conheci em toda a minha vida. Ela sabia o momento certo para me dar carinho, a hora em que eu mais precisava. Sabia quando deveria ficar distante e calada. Ela me amava mais do que tudo no mundo e demonstrava isso sempre que podia. Batalhou a vida inteira para ser escritora, mas não conseguiu ter sucesso com nenhum dos seus livros. Passava seus dias na frente do computador ou escrevendo em um caderno marrom, deitada em sua cama.

Ela merecia um sucesso enorme, do tamanho do seu coração.

E, neste momento, eu merecia o seu abraço. Precisava dele. O dia havia sido cansativo, por mais que tenha recebido muita atenção. Sabia que nenhuma era verdadeira, eles só queriam um pouco da minha fama. Ou da minha beleza, talvez. E este era o único problema de ter tudo: nunca sabia o que queriam de mim.

Procurei minha mãe pela casa inteira. Nada. Meu pai não estava, mas isso já era de se esperar, ele nunca chegava antes das nove. Seu trabalho como dono da maior empresa de alguma coisa importante – que não me interessava – exigia muito dele. E, depois da briga que ele e minha mãe tiveram ontem, é provável que não volte para casa tão cedo. Ele dizia que precisava esfriar a cabeça, voltando quatro ou cinco dias depois.

– Mãe! – Gritei, andando pela casa que parecia grande demais para apenas três pessoas.

Subi as escadas aos gritos, imaginando que ela havia dormido enquanto escrevia. Não, o quarto estava vazio. Sem nenhum sinal de sua presença. Tudo estava vazio e quieto demais.

Meu quarto tinha o mesmo silêncio da casa inteira, beirando o macabro. Fechei rapidamente a porta, com medo de estar sozinha numa casa com quartos que nunca havia entrado. Uma casa desconhecida, silenciosa e aterrorizante.

Ela esqueceu o meu aniversário? Não é possível! Como fora capaz disso? Não havia outra explicação. Deve ter feito as pazes com meu pai e saíram para jantar, me deixando sozinha. Como puderam?

Revoltada, tudo o que tinha para fazer era encher a banheira e colocar alguns sais relaxantes. Já que meus pais não estavam, tentaria relaxar sozinha. A banheira seria capaz de me acalmar por um momento, me dar os minutos felizes que meu aniversário merecia.

Ao acender a luz do banheiro, meu coração parou.

Não pude acreditar no que via. Não, não era a realidade. Havia enlouquecido. Tinha dormido no banco do carro e tudo era apenas um sonho. Não é a verdade. Não é a verdade.

Não pode ser!

Esfreguei os olhos, ainda paralisada na porta do banheiro. Rezei para estar sonhando. Rezei para que, quando abrisse os olhos, tudo estivesse normal. Tudo estivesse perfeito como sempre foi.

Contei até cinco, mais rápido do que os segundos normais, sem conter a ansiedade. Coloquei todas as esperanças no fato de que abriria os olhos e encontraria meus pais se abraçando na entrada ou minha mãe cozinhando o jantar, ou até a casa vazia novamente. Qualquer coisa, menos aquilo.

Mas não adiantou. Ao abrir os olhos, percebi que era verdade. Não era um sonho. Minha mãe deitada na banheira vazia, com os braços cortados e uma porcaria de uma faca largada no chão, e não era um sonho.

Sangue. Muito, muito sangue.

Atormentada; não sabia o que fazer. Deveria ligar para alguém ou me aproximar? Talvez devesse pegar aquela faca e fazer o mesmo que ela fez. Cortar os braços paralelamente da mesma maneira que ela havia se cortado. Por que ela fez isso? O que aconteceu?

No desespero, me aproximei e ajoelhei ao lado da banheira. Sua cabeça caía encostada na beirada, inconsciente. Segurei em seus braços e tentei sacudi-la, acordá-la, mas não funcionou. Ela não se mexeu. Não acordou. Por que não acordava? Por que EU não acordava?

– Acorda! Acorda! Mãe, sou eu, acorda! – Gritei, sacudindo cada vez mais o seu corpo já desfalecido.

Percebi que ela realmente não ia acordar, e foi assim que meu mundo ruiu.

Não sabia o que fazer, não enxergava direito. Apenas me aproximei mais do seu corpo vazio e o abracei, sem me importar com o sangue, sem me importar

com nada. Só queria sentir seu toque vivo e macio, seu carinho no meu cabelo. O seu amor. Precisava daquele amor.

Encostei a cabeça em seu peito nu, abraçando-a cada vez mais forte, sem conseguir conter os soluços desesperados da minha dor. Meu corpo fazia o dela balançar, e o pingo de esperança que restava de que ela acordasse se foi.

Ela se foi e levou tudo o que eu conhecia junto.

Capítulo 2

Não sei quanto tempo passou.

Ouvi meu celular tocar, mas estava presa demais em pensamentos para me preocupar com isso ou com qualquer outra coisa. O corpo que ainda abraçava estava frio, sem vida e sem respiração. O corpo da pessoa que mais amei em toda a minha vida. O corpo da única pessoa que me deu amor. O que me restava agora? O que seria de mim?

Minutos ou horas depois, me puxaram para trás e levaram a minha mãe embora. Simples assim. Entraram correndo no banheiro, colocaram seu corpo em cima da maca, o cobriram e partiram. Pessoas sem rosto levaram minha mãe para longe de mim e tudo o que pude fazer foi observar. Com braços fortes ao meu redor, vi minha felicidade indo embora. Agora era definitivo; ela havia me abandonado.

Os mesmos braços fortes me ergueram quando perceberam que eu não andaria. Não queria ser levada dali, só queria que me deixassem em paz. Por mim, deitaria onde seu corpo estava jogado alguns minutos atrás, usaria a mesma faca que usou e encontraria a minha mãe novamente. Só que não tinha controle de mais nada. Fui deixada na cama, como se eu também não passasse de outro corpo sem vida.

Ao meu lado estava Jim, o tigre de pelúcia que ganhei dela quando tinha quatro anos. Lembro o dia em que fiquei admirando-o na loja, implorando para que ela comprasse. Mas tudo o que respondia era: "você não pode ter tudo o que quer na vida. Nós já compramos muita coisa hoje". Sim, eu podia ter tudo o que queria. Ganhei aquele tigre assim que chegamos em casa, provando que seu coração era imenso, já que tinha comprado quando me distraí no parque.

Podia ter tudo o que eu queria. Queria que ela estivesse aqui, por que não posso ter isso também? Como ela foi capaz de fazer isso consigo mesma?

Meu celular voltou a tocar e percebi que ele agora estava no quarto, do meu lado na cama. O relógio dizia que passaram apenas seis horas do instante em que tudo mudou. Só isso? Parecia uma vida inteira.

Levantei meio cambaleante e peguei o celular insistente. Nove chamadas perdidas. Duas da Lorel, que provavelmente estava me esperando para sair. Sem muito pensar, apaguei suas ligações sem retorná-las.

As outras sete chamadas eram de um número desconhecido, que voltou a ligar enquanto verificava se havia alguma mensagem. Deveria ser o meu pai. Só poderia ser ele, já que ainda não havia aparecido para ver como eu estava. Aposto que estava lidando com todo o processo do hospital e o que mais é preciso quando isso acontece. Eu não entendia dessas coisas, o máximo que já

perdi na vida foi um peixe, que pulou do aquário dois dias após ter sido colocado lá. Matou-se, exatamente como ela havia feito.

– Alo? – Atendi esperançosa.

– Er... Oi, Paloma? – Perguntou uma voz desconhecida.

– Sou eu. – Respondi, sentindo a esperança escorrer de mim pela segunda vez no dia.

Não era meu pai. Ele ainda não havia aparecido.

– Eu liguei para conversar... Você sabe. Nós combinamos, mas você não atendeu, então fiquei preocupado. Eu sei que está tarde demais, mas eu fiquei preocupado, pois você não deve ir dormir cedo, então imaginei que tivesse acontecido algo...

Parei de prestar atenção no que a voz falava alguns segundos depois de começar a gaguejar.

– Eu preciso desligar. – Respondi, cortando-o. – Desculpa. – Acrescentei, apenas por costume.

Só uma coisa conseguia ocupar a minha mente.

Saí do quarto à procura do meu pai. Eram duas da manhã e a casa estava completamente escura. Foi a primeira vez que percebi que não gostava do escuro. Não existem coisas boas nele, pelo menos não enquanto estava sozinha. Acendi a luz por cada cômodo que passei, evitando ao máximo olhar na direção do banheiro. Não sei se conseguiria entrar lá novamente.

Liguei para o celular do meu pai após perceber que seu carro não estava na garagem. Três tentativas e todas caíram na caixa postal. Sozinha, cada segundo demorava uma eternidade para passar, e eu ainda desejava que tudo aquilo fosse um sonho. Apenas um péssimo pesadelo, pois não era nada justo.

Na quarta tentativa, meu pai finalmente atendeu.

– Estou ocupado, Paloma. – Disse a voz grossa e autoritária de sempre.

– Onde você está? – Perguntei manhosa.

Neste momento, só precisava de alguém para me abraçar. Ele era a única pessoa que me restou. Minha única família.

– No trabalho. Não posso falar.

Percebi que estava para desligar, então gritei, desesperada.

– Não acredito que está no trabalho!

– E onde mais você queria que eu estivesse? – Perguntou um pouco mais baixo, mas não menos aterrorizante.

– Comigo! – Chorei. Não podia evitar as lágrimas. – Ou, ao menos, cuidando das coisas da mamãe.

– A sua mãe sabe cuidar das próprias coisas. – Respondeu, perdendo a paciência de vez e desligando o telefone.

Fiquei alguns minutos encarando o nada com o celular no ouvido, apenas escutando o 'tu tu' que insistia em tocar. Não queria ouvir aquilo, e sim a sua voz. Queria ouvir que tudo ia ficar bem. Porra! Não queria ouvir que ele não estava vindo para casa.

– Minha mãe não pode mais cuidar das próprias coisas, pai. – Murmurei, sentindo-me mais sozinha do que nunca.

Os empregados não ficavam na casa, só apareciam de tarde para fazer a faxina geral. Moravam em uma casinha construída colada na nossa, onde podiam estar à nossa disposição a qualquer momento. Eram as pessoas mais próximas de mim agora, mas não queria ser consolada por alguém que não me conhecesse a fundo.

Estava completamente e terrivelmente sozinha. Morrendo de medo do escuro e do silêncio, sentada no sofá da casa que era o último lugar que queria estar no momento. Pensei em ir para algum lugar, mas não tinha para onde ir. Lembrei da única amiga que tinha: Lorel. Mandeí uma mensagem de texto para ela;

"Onde é a festa?"

Ela não demorou mais de dois minutos para responder; o tempo que levei para trocar de blusa e pegar a minha bolsa. Já estava na porta de casa quando recebi o endereço.

"Você está atrasada! Vem logo, tá bombando"

O motorista, que já estava no carro, me olhou de lado quando entrei, como se soubesse o que havia acontecido. Provavelmente sabia, quem mais teria me segurado enquanto a levavam de mim me colocado na cama? Não quero pensar. Vou esquecer, pelo menos por esta noite.

Eu sei, é tudo muito recente. Geralmente nas histórias a pessoa fica dois ou três dias de luto, mas eu não podia suportar tudo aquilo. Seis horas foram o suficiente para mim. Já tive meu luto. Na verdade, teria o luto real agora: o esquecimento. A bebida poderia ter este efeito por algumas horas.

O problema era que jamais esqueceria a minha mãe.

– Vai ficar tudo bem. – Falou o motorista, antes que saísse do carro.

– O que você quer dizer? – Assustei que tivesse se manifestado.

– Já cuidei de tudo. Seu pai... Estava indisponível. Mas vai dar tudo certo. – Repetiu por fim.

– Obrigada. – Agradei. Ele, desconhecido, havia cuidado das coisas da minha mãe. Ele, e não o marido dela.

Desci do carro sem olhar para trás. Precisava esquecer tudo aquilo, só isso.

– Palomaaaaa. – Gritou Lorel quando me viu, bêbada.

– E aí. – Respondi, pegando o primeiro copo que vi na frente. O dono do copo virou para me xingar, mas desistiu assim que viu quem o havia roubado. Apenas piscou e saiu como se nada tivesse acontecido. Ótimo.

–Você chegou na melhor parte da festa! – Gritou novamente, tentando ser ouvida acima da música que estourava meus tímpanos.

Gesticulei que sim com a cabeça e virei o copo. Mais três vezes e todos os pensamentos permaneciam intactos. Mais três garotos que talvez tenham até se sentido importantes por terem o copo roubado por Paloma: a garota perfeita que tem tudo o que quer na vida. Ou tinha.

Estava sozinha. Lorel queria dançar e conquistar os garotos da noite, mas eu ainda não me sentia tão bêbada assim para isso. Não estava nem perto disso. Com isso, ela pegou o primeiro menino bonito que viu na frente e me deixou ali, sem se importar.

Não teria porque se importar. Afinal, ela não sabia de nada, e se dependesse de mim, continuaria assim. Ninguém precisa saber de nada.

Depois de mais cinco copos virados – contendo coisas que não conseguia identificar, mas que me ajudaram no meu propósito – agora eu também não sabia de nada. Pude finalmente dançar. Ser livre, da maneira que me senti assim que acordei e percebi que tinha dezoito anos. Livre, feliz, completa!

A sensação durou pouco demais.

Saí da festa sem me importar com onde estava indo. Apenas andei, sem rumo, sem destino. Depois de alguns minutos – ou horas – caminhando com os sapatos nas mãos, cheguei à praia. Talvez aqui seja o meu destino, afinal. Meus pés me trouxeram para cá e não fazia a menor ideia do porquê. Não tinha cabeça para isso agora, ela estava rodando demais para pensamentos tão difíceis.

Senti a areia quente nos pés, afundando-os mais ainda em busca do calor. O dia já amanhecia e minha caminhada sem rumo continuava. Foi o primeiro dia que vi o nascer do sol, e quão lindo era. O nascer de um novo dia, de uma nova vida.

A única coisa errada no belo cenário era eu. A garota destruída no meio do paraíso. Sim, o álcool não tinha mais o efeito desejado. Agora, ele só me causava dor de cabeça e sono. Muito, muito sono.

Que mal teria em ficar aqui para sempre? Ninguém ligaria. Meu pai estava no serviço, provavelmente não iria para casa. Meu celular já não tinha mais bateria. Alguém poderia me acordar mais tarde, dizendo que dormi por mais de vinte e quatro horas e que tudo não passou de um sonho.

Mesmo sabendo que isso não aconteceria, tive esperança de que o sono diminuísse a dor. Que a levasse para longe por mais algumas horas. Cada minuto que passava ali, sabendo que nunca mais veria o sorriso da minha mãe, era insuportável. Eu precisava daquelas horas de paz.

Foi assim, calma e instantaneamente, que meus olhos se fecharam, me levando ao mundo onde nada existia. Onde tudo poderia existir. Onde eu gostaria

de ficar para sempre.

Capítulo 3

– Garota, você não pode dormir aqui. – Disse uma voz no meio do sonho, rouca e um pouco irritada. Dei risada, pois era hilária parecida com a que meu pai usava sempre que ficava zangado.

– Legal, agora ela está rindo. Dá um jeito nisso. – Disse a voz, sumindo em seguida. Queria pedir para que não fosse embora. Era uma voz reconfortante, de certa maneira. Mas, claro, não passava de um sonho. Pelo menos nele alguém conseguia me confortar.

– Paloma. – Sussurrou outra voz, dessa vez mais delicada e, com certeza, mais calma. Gentil. – Paloma, você não pode ficar aqui, vai se queimar.

Senti uma mão no ombro, chacoalhando meu corpo levemente e foi assim que percebi que não estava mais sonhando. Não tinha sonhos tão reais assim e a areia quente queimava meu corpo, o que me acordou mais rápido ainda. Sentei assustada, tentando me situar, e tudo girou. Precisei deitar de novo para me estabilizar. Tudo ficou escuro por um momento, então achei que havia dormido novamente, mas o sol não demorou a deixar minha visão vermelha, e a realidade voltou ao normal.

Quando abri os olhos, um garoto me encarava assustado. O mesmo que me olhou com receio no outro dia. Como era mesmo o seu nome? Depois de revirar várias vezes minha mente em busca de memórias; desisti, pois não consegui formular nenhum pensamento racional.

Meu corpo inteiro doía, talvez por ter dormido na areia que antes parecera macia. Foi por pouco tempo, já que o sol não parecia muito diferente de como estava quando deitei. Mesmo assim, sempre que mexia algum membro do meu dolorido corpo, não conseguia esconder a careta de dor. Minha cabeça não estava muito melhor.

Olhei para as pernas ainda de calça jeans, mas toda suja de areia. Meus pés estavam descalços e não me lembrava de como havia tirado os saltos. Usei salto? Se alguém roubou algum dos meus sapatos que paguei uma fortuna, vai se ver comigo!

Passei a mão pelo cabelo, sempre liso, mas agora todo embaraçado e repleto de areia. Nenhuma parte de mim estava intacta. Podia sentir a areia por todo o meu corpo, até em minha língua, o que dava uma vontade enorme de vomitar.

O garoto ajoelhado ao meu lado ainda me encarava. Tentei sentar novamente, devagar dessa vez, não querendo que tudo girasse. Olhei de volta para ele e forcei um sorriso.

– Desculpe, eu cochilei.

– Não tem problema. Você está bem? – Perguntou, parecendo preocupado.
Minha cara deveria estar péssima.

Mas por que eu não estaria bem? Tenho tudo o que quero; dinheiro principalmente, e ele pode comprar qualquer coisa que eu sonhar. Tenho uma família comple... Não. Não tinha mais uma família completa. Não tinha mais tudo o que queria. Não tinha mais nada!

A vontade de chorar voltou com tudo, mas nunca chorei na frente de ninguém. Isso não mudaria hoje. Engoli o choro, exatamente como fiz a minha infância inteira quando me negavam algo – o que era bem raro – e coloquei o melhor sorriso falso no rosto, enquanto o menino esperava por uma resposta.

– Sim, estou bem. – Foi tudo o que consegui dizer. Desviei o olhar, não querendo que descobrisse que aquilo estava longe demais da verdade.

– Por que você dormiu aqui? – Perguntou curioso.

– Eu bebi.

Ele me encarou como se esperasse por mais, porém deve ter percebido que aquilo era tudo. Ou não. Naquele momento, a voz grossa do meu sonho voltou, parecendo distante, gritando:

– Miguel, mesa três. Pare de paquerar e venha trabalhar.

Oh, era isso. Miguel. Repeti três vezes na minha mente, convencendo-me de que não poderia esquecer de novo. Não consegui olhar para trás em tempo de conhecer o dono da voz e, quando ia olhar melhor, Miguel se levantou, esticando a mão para me ajudar a levantar.

– Obrigada. – Disse, pegando a sua mão e levantando em um impulso.

– Eu... Er preciso trabalhar. – Comentou, ficando vermelho como de costume.

Aquele garoto dava vontade de apertar. Jamais me imaginei assim, sem atração por algum rapaz, sem conseguir imaginar nós dois nos beijando e como seria o seu toque. Mas com ele era diferente. Ele me fazia querer apenas um abraço. O abraço que não tive ontem à noite. Seria ele o diferente? Ou eu que estava ferrada demais para sentir algo físico?

Não pensei antes de agir. Quando vi, estava com os braços em volta do seu pescoço, procurando o conforto que tanto precisava. Ele demorou demais para reagir, pois estava assustado com a minha atitude, mas seus braços envolveram as minhas costas, acariciando-a levemente, e aquele foi o fim. Estava desesperada.

Afastei-me, enxugando as lágrimas que insistiam em correr, tentando fingir que nada havia acontecido e que estava tudo bem, que eu era forte o bastante. No entanto, não tinha mais forças para fingir nada.

– Obrigada. – Agradei novamente, sem saber se ele havia entendido que era pelo abraço. Não afastou nem ao menos um milésimo da dor sentida em meu

coração, mas já era alguma coisa. Qualquer alívio era melhor que nada. – Não vou atrapalhar o seu trabalho. – Completei, tentando sorrir, mas fracassando mais uma vez.

– Tudo bem. – Parecia ainda mais envergonhado, mas não estava mais vermelho. Permaneceu um tempo me encarando, me deixando sem saber o que fazer.

– Pode ir, vou ficar bem. – Respondi secamente, almejando que parasse de me questionar com seu olhar.

– Tem certeza? – Perguntou indeciso, olhando para algo atrás de mim.

– Sim, tenho.

– Ok então. – E foi embora. Simples assim.

Não sei se me senti aliviada ou frustrada. Mais uma pessoa desistindo de mim. Uma pessoa completamente insignificante, mas desistindo mesmo assim.

O mar continuava lindo, com suas ondas fortes e destemidas chegando até o fim do horizonte. O sol criava um reflexo maravilhoso e encantador. Nunca parei para admirar o mar, por mais que já tenha vindo muitas vezes à praia com meus amigos. Nunca olhei para este paraíso com outros olhos...

Precisava entrar naquele oceano, não apenas para sentir a água que prometia lavar um pouco das feridas, mas também porque estava cheia de areia. Não me importei com minha roupa. Não me importei com nada, apenas dei um passo de cada vez, até sentir a água gelada bater em minhas canelas, coxas, umbigo e seios.

Parei. Não queria ir muito fundo, pois não sabia o quão perigoso poderia ser o meu gesto. No entanto, estava delicioso, o que fazia valer a pena correr o risco. A morte não me assustava mais, ela já havia levado tudo o que podia, e não tinha problema me levar junto também.

Só queria aproveitar a água que estava cada vez mais gostosa. Pouquíssimas pessoas estavam no mar e não havia ninguém ao meu redor. Eles não sabiam o que estavam perdendo. Poderia ficar a tarde inteira ali, apenas sentindo o calor do sol queimando meu rosto enquanto a água do mar esfriava meu corpo.

Fechei os olhos e boiei, me deixando levar. O mar estava calmo, pacífico, mas de uma hora para outra tudo ficou confuso. Uma onda forte me jogou para o lado, fazendo com que muita água entrasse em meu nariz. Procurei desesperadamente o chão, enquanto outra onda atrapalhava meu equilíbrio. O alívio só veio quando senti a areia em meus pés, quando os pulmões estavam quase sem ar. O que não consegui fazer foi pegar impulso para ir para a superfície novamente, pois antes que pudesse me preparar para isto, senti meu corpo sendo puxado por braços fortes e firmes.

O que estava acontecendo? Eu havia morrido e ido para o céu? Fechei os

olhos, sentindo o pulmão queimando por causa da água salgada, mas respirando ar puro o máximo que conseguia. Aquilo não parecia nada com a morte. Sentia meu corpo sendo carregado por alguém e, quando tentei abrir os olhos novamente, a água salgada fez com que tudo ficasse vermelho pela dor. Não, não daria para abrir os olhos ainda.

Sentia um peito firme encostado no meu ombro, mas a pessoa estava muda. Não era o Miguel, pois ele não tinha um corpo forte como aquele. Não sei se seria capaz de me carregar daquela maneira por tanto tempo. Seria algum salva vidas? Não, não tinha visto nenhum quando entrei. Talvez algum banhista gatinho?

Frustrada por não conseguir abrir os olhos e não encontrar as palavras certas, apenas deixei que me carregasse, sentindo a raiva se acumulando em mim. Quem aquele cara pensava que era para me pegar no meio do mar, colar seu corpo no meu e me tirar de lá, sem mais nem menos? Tirando de mim um dos únicos momentos bons que tive nessas poucas horas depois de...

Deixei o sofrimento de lado e foquei na raiva. A raiva era melhor, doía menos. Aquele cara ia se arrepender de fazer isso. Espere só até eu ter os pés no chão e o corpo descolado deste peito tão convidativo.

Capítulo 4

Quando finalmente fui colocada no chão – isso se ser jogada como um saco de batata pode ser considerado assim – me esforcei para ficar em pé, passei as mãos nos olhos e finalmente consegui abri-los para encarar o meu sequestrador.

Dei de cara com o peito definido que eu estava apoiada alguns segundos atrás. Sim, era realmente definido. Não que eu nunca tenha tocado em um desses antes, mas este era extremamente convidativo. Subi o olhar por seu maravilhoso corpo, até encontrar a sua carranca me encarando.

Simples assim, toda a raiva voltou.

– Quem você pensa que é para fazer isso? Quem te deu esse direito? Seu abusado, eu vou te denunciar! – Gritei, apontando o dedo na sua cara. Nunca fui de arranjar briga, mas tudo vinha com muito fervor. Não pude me controlar.

– Você deveria me agradecer! – Falou com a voz rouca. Percebi que estava de cara com o dono daquela voz que tinha ouvido em meu – quase – sonho. Grande coisa, não adiantava ser absurdamente lindo, se era tão idiota e abusado.

– Agradecendo pelo que? Por ter me pegado no colo sem mais nem menos? Desculpa aí, senhor "corpo perfeito todas querem ser pegas por mim", eu não sou uma dessas! – Fiz aspas no ar enquanto falava, usando meu melhor tom irônico.

Ele apenas me encarou com uma expressão entre a raiva e o choque. Não dava para definir enquanto me olhava com aqueles olhos tão azuis.

Pude ver pelo canto do olho que Miguel estava se aproximando, mas o homem na minha frente fez um sinal para não se envolver. Ok, ele achava que poderia lidar com isso, que eu era apenas uma mocinha indefesa que poderia ser moldada por qualquer um, mas o fato é que não sabia o quão enganado estava.

– Vai ficar calado? Seu idiota, sem noção! Não pedi para ser tirada de lá.

Aos poucos as pessoas foram nos cercando como se esperassem alguma briga. Não me importava com isso, só não conseguia mais segurar as palavras dentro da boca.

– Você me tirou um momento especial, para quê? Para me pegar no colo? Ou agora é proibido entrar no mar? A praia é pública, eu entro no mar na hora que eu quiser. Se quiser entrar lá e nunca mais sair, problema meu! – Falei, sentindo as lágrimas indesejadas escorrerem pelo meu rosto. – Posso fazer o que eu quiser, ninguém manda em mim.

Seu rosto se contorceu com as palavras, finalmente mostrando alguma reação ao meu escândalo.

– Você é apenas uma garota mimada que não sabe de nada. Eu te salvei e você

deveria me agradecer.

Agora quem estava estática era eu. Ele havia se aproximado com o olhar raivoso, me fazendo erguer a cabeça para manter o contato entre nossos olhos. Tentava me intimidar, mas tudo o que eu conseguia sentir era raiva. Não desviaria o olhar, não demonstraria qualquer fraqueza.

– Mimada? – Esbravejei depois de alguns segundos de choque, enquanto me aproximava ainda mais. Não me intimidava. – Mimada é a sua mãe que não soube te educar! Você não me salvou de nada, você só fez o que queria, na hora que queria. Não preciso ser salva! – Ressaltei a última frase, abrindo os braços com indignação.

– Mimada. – Repetiu, sem se alterar. – Você não sabe o que é perder alguém. Sua mãe jamais teria orgulho do que estava fazendo.

Ele tinha conseguido me ferir ainda mais. Minha mãe não estava mais aqui para sentir orgulho de mim. Eu sabia perfeitamente como era perder alguém. Queria não saber... Mas sabia.

Ele não tinha direito nenhum de abrir ainda mais a ferida.

Sem pensar, ergui a mão e lhe dei um tapa com o máximo de força que consegui reunir. Seu rosto virou para o lado com o impacto e, quando voltou a me olhar, tudo o que seus olhos demonstravam era surpresa.

Achei que o tapa aliviaria um pouco a minha raiva, como naqueles filmes com lutadores, mas nada havia mudado.

– Você não sabe nada sobre mim, e não tem o direito de falar do que não sabe. Cale a porra da sua boca! – Gritei por fim.

Nunca fui de xingar e muito menos de brigar, chorar e tampouco me arrepender de meus atos. Entretanto, tudo era novo para mim neste momento. Por que tudo não poderia voltar como era antes?

Sem esperar pela reação do cara, saí da praia o mais rápido possível, pisando com força na areia. A cada passo que dava um pouco da raiva era substituída pela dor. Não queria que aquilo acontecesse, pois sentir raiva era muito melhor.

Quando estava na rua tentando encontrar o caminho de casa, Miguel me alcançou.

– Ei, desculpa por isso, Paloma. – Parecia realmente arrependido. – Ele é assim às vezes, não liga não.

– Não tem que se desculpar por ele. – Respondi, ainda olhando para a rua. Precisava encontrar algum táxi.

– Alguém precisa fazer. – Falou tão baixo que achei que ouvia coisas.

– Você conhece aquele rapaz? – Perguntei com a minha curiosidade falando mais alto do que o bom senso.

– Conheço. É o Ricardo, meu irmão mais velho. – Esclareceu.

Ricardo? Contra todas as minhas vontades, percebi o quão bom seu nome soava em meus pensamentos. Ricardo.

– Ah. Ele tem muita coisa para aprender com você, então. – Falei, querendo ofender aquele idiota de todas as maneiras possíveis.

– Ele tem os seus motivos. – Respondeu, mas com um tom que dizia claramente que Miguel não discordava de mim em momento nenhum. Melhor assim.

Quando percebeu que eu não falaria mais nada, se aproximou, chamando minha atenção.

– Está indo para a sua casa?

Fiz que sim com a cabeça, avistando um táxi há duas quadras de onde estava. Ergui o braço para pegar minha bolsa, mas ela não estava lá. Que ótimo, eu tinha perdido a bolsa também, com carteira, agenda, maquiagem! Era o fim.

– Quer uma carona? – Perguntou, me assustando. Por um segundo, havia me esquecido da sua presença. A única coisa que importava era que estava perdendo tudo o que amava. Tudo.

Sobre a carona... Não podia aceitar, certo? Não podia lhe dar mais esperanças de ficar comigo. Já havia dado muita bola para aquele garoto.

No entanto, não encontrei outra saída. Nem o meu celular estava comigo.

Quando olhei para ele, senti que estava mais solto, mais à vontade. O mais relaxado que já ficou ao meu redor. Isso tinha que ser um bom sinal, não?

– Se não for te incomodar. Você tem que trabalhar... – Tentei ser educada. Mas, no fundo, esperava que não desistisse.

– Que nada. Vamos lá. – Sorriu, andando até alguns carros estacionados na calçada e parou perto de um simples Gol preto. Acho que o carro mais simples que já entrei.

Agradei quando abriu a porta pra mim e esperei que entrasse, pensando apenas em acabar logo com aquilo. Sentia que estava lhe dando esperanças demais, e ter esperanças não era bom. Eu odiava ter esperanças.

– Miguel... – Comecei depois de algum tempo em silêncio no carro, enquanto ele dirigia para o endereço que passei. Não tinha certeza se deveria continuar.

Ele me olhou de lado, voltando sua atenção para o trânsito. Precisava falar logo, mas as palavras não saíam. Estava tão machucada, que estranhei até mesmo o quanto me importava por ferir alguém. Ele jamais sentiria metade da dor que estou sentindo, só por ser rejeitado por mim.

– Não quero te iludir. – Soltei, fechando os olhos em seguida. Continuei sem saber o porquê daquele sentimento. – Não sou garota para você. Não vou ficar com você. Estou adorando a atenção que está me dando... Na verdade, é a única que tenho no momento. Mas isso não muda nada. Eu não... Não sou boa.

Miguel me olhou surpreso, até que seus olhos mudaram para algo estranho e sua boca se comprimiu como se tivesse segurando uma risada. Por que ria em um momento desses?

Foi quando tirou a carteira do bolso que minha ficha caiu. Com uma mão ainda no volante, abriu-a e me entregou uma foto. Uma foto dele com uma garota que parecia ser um pouco mais nova do que ele, mas muito bonita.

– Esta é a minha namorada. Está fazendo intercâmbio e hoje faz dois meses que não nos vemos. Você é incrível, mas já sou comprometido. – Respondeu como se fosse a melhor explicação para tudo; a solução de todos os problemas.

E realmente era. Mas muitas perguntas ainda gritavam em minha mente.

– Então por que você se aproximou de mim? E por que fica tão nervoso perto de mim?

– Eu te acho linda, não tem como não achar. – Sorriu, ficando com o rosto vermelho novamente. – Me aproximei porque era o seu aniversário. Queria te conhecer.

– Está dizendo que em nenhum momento pensou em trair a sua namorada? – Perguntei, encarando-o.

Ele riu. Uma risada gostosa e verdadeira. Queria rir também, só não era mais capaz disso.

– Isso aí. Só queria te conhecer, saber como era a garota por trás da fachada de famosinha da universidade. – Sorriu.

– E... – Instiguei-o a continuar. Queria saber mais. O que havia descoberto?

– Foi bom conversar um pouco com você, por mais que agora pareça diferente. – Me olhou nos olhos, mas logo voltou a olhar para a rua, se aproximando de casa. – Até que você me abraçou.

Isso não explicava nada.

– E daí? – Perguntei, sentindo-me perdida. O que um abraço poderia revelar?

– E daí que você provou que sempre estive certo. Você não é nada como aquela garota que observei.

Não sei por que, mas meus olhos se encheram de lágrimas. Malditas lágrimas.

– Você está errado. – Falei, tentando me conter.

De súbito, ele parou o carro na frente de casa e colocou a mão na minha bochecha, acariciando-a.

– Não, não estou. Não precisa chorar.

Abaixei a cabeça, fugindo do seu olhar que parecia me conhecer melhor do que eu mesma.

– Não se preocupe. Estou passando por muita coisa, só isso. – Tentei explicar.

– Essa Paloma que você está vendo não é a verdadeira. A verdadeira está de férias por uns dias, mas logo estará de volta.

– Não deixe que ela volte. – Disse olhando no fundo dos meus olhos.

Suas palavras transformaram a minha brincadeira em uma coisa muito séria. Parecia que realmente queria dizer aquilo, mesmo não sabendo nada sobre mim.

Ou sabia?

Seja o que for, não merecia a sua preocupação. Talvez fosse isso... Talvez nunca tenha merecido aquela vida, então a coisa que mais amava foi tirada de mim. Nunca dei valor ao que tinha, tampouco agradeci e jamais senti dor alguma em minha vida. Porra, não tinha nenhuma cicatriz na pele! Talvez por isso toda aquela dor precisa ser sentida, então ela veio de uma vez só.

Ainda assim, não era nada justo.

Miguel ainda me encarava como se quisesse me convencer de algo. Mal sabia que nada do que dissesse poderia mudar algo.

– Obrigada pela carona. – Agradeci, segurando a maçaneta.

– Paloma – chamou, me fazendo virar para ele. – Não sei o que aconteceu com você, mas sei que é algo muito grave. Você está horrível. – Riu, tentando me fazer sorrir. Foi quase, Miguel. Foi quase.

Encarei-o, esperando que tivesse algo mais para falar. Ele tinha.

– Eu sei que nos falamos pela primeira vez ontem e nem foi uma conversa. – Riu novamente. Percebi que o que mais fazia era rir e queria que fosse contagiante. – Mas me sinto mal, pois eu me preocupo com você.

Petrifiquei ao ouvir suas últimas palavras. Ninguém se preocupava comigo. Não mais.

– Eu... Só quero dizer que você pode contar comigo. – Continuou ele, um pouco mais tímido. – Eu conheço a dor. Se você precisar de qualquer coisa, me liga. Qualquer coisa.

Mais uma vez, as malditas lágrimas vieram. Precisava começar a andar com lenços grudados nos olhos para impedir que elas caíssem o tempo todo.

Ele havia me emocionado com suas palavras. E ainda mais com seu olhar, que dizia que realmente se importava comigo e que estava ali para qualquer coisa. Mas eu não podia aceitar isso. Não podia deixar alguém entrar assim na minha vida sem mais nem menos, prometendo deixar tudo nos eixos. Tudo normal.

Nada mais será normal e ninguém pode mudar isso.

– Obrigada, Miguel. – Respondi, sem deixar que suas palavras me tocassem. Peguei a maçaneta e saí do carro o mais rápido que pude, sem olhar para trás.

Não precisava de ajuda. Se precisasse, poderia contar com meu pai.

Ainda tinha esperanças de que ele aparecesse e me abraçasse dizendo que iria cuidar de mim. Que agora éramos somente nós dois contra o mundo. Tinha esperança que a perda fizesse com que ele mudasse e se tornasse mais presente.

Entrei na casa sem reparar em nada. Só queria me sentir um pouco

reconfortada por alguém que realmente me conhecia. No entanto, a única capaz de fazer isso era a mamãe, mas ela não estava mais aqui.

Entrei no seu quarto disposta a abraçar o travesseiro que provavelmente ainda continha o seu doce cheiro e dormir. Mesmo com a roupa toda molhada da água do mar, o cabelo começando a ficar duro e um gosto horrível na boca, tudo o que queria fazer era dormir.

Mas percebi que não seria possível naquela hora. Sentado na cama, de costas para mim, estava meu pai. Finalmente havia aparecido.

Capítulo 5

Ricardo

Mais um dia para encarar.

Levantei mais cedo do que o Miguel, como sempre. Aquele bastardo dormiria o dia inteiro se deixasse. Talvez até mais do que isso. Já eu, não conseguia ficar na cama por muito tempo. Meu sono durava de três a quatro horas até ser substituído pelos pesadelos. Eles sempre vinham. E era neste momento que eu levantava para tomar café e ver mais um nascer do sol.

Nosso pequeno apartamento estava pior a cada dia, mas não tinha vontade nenhuma de arrumar. Ainda era quinta-feira, o dia de visita era no sábado, então poderia deixar tudo para amanhã. Hoje; concentrar no trabalho. Apenas isto, como sempre.

Fiz o café e deixei uma xícara para Miguel que na certa reclamaria se não deixasse. Não, na verdade ele não reclamaria, mas me encararia com aquele olhar decepcionado que dizia "você não fez a sua obrigação de irmão mais velho". Não precisava de mais nenhum olhar decepcionado em minha direção.

Peguei o celular para checar as mensagens e tinham quatro não lidas no *WhatsApp*. Li uma por uma, apagando todas logo em seguida. Não eram importantes. Algumas garotas de sempre, mas havia algumas novas; destas sim; recebia meus olhares decepcionados e nem ligava. Elas que crescessem e percebessem que a vida não é feita de amor e tampouco é um conto de fadas. A vida é feita de noites satisfatórias, prazerosas, e somente isto. Depois, bola pra frente.

Duas horas depois fui até o quarto do garoto, acendi a luz e puxei suas cobertas. Graças a Deus ele dormia vestido. Caso contrário, já teria visto muitas vezes algo que não sairia da minha mente. Cacete, é meu irmão. Ninguém quer ver as coisas do irmão, quer?

– Cara, não faz isso! – Esbravejou, colocando o braço em cima dos olhos.

Não sei como ainda não havia se acostumado. Todo dia era a mesma coisa. Apenas uma vez resolvi inovar e joguei uma jarra de água gelada na sua cabeça. Ele ficou doente por uma semana, sem poder ir trabalhar, dormindo o dia inteiro. Nunca mais fiz isso, pois quem saía ganhando era o bastardo.

– Está na hora. – Disse e saí. Sabia que ainda enrolaria na cama por mais quinze minutos, mas logo estaria na sala, pronto para o dia na praia.

Este era Miguel. Sempre atento e disposto a ajudar qualquer um. Tão diferente de mim. Não sei o que o tornou assim, porque a minha educação não foi. Nunca soube educar aquele menino quando ele tinha seus doze anos de idade; época em

que tudo mudou em nossa vida, quando eu estraguei tudo.

Ele era a única pessoa que não me culpava. Ou, ao menos, não me olhava com aquele olhar de "você destruiu a minha vida" Como muitos faziam. Sim, todos esses olhares já foram direcionados a mim, tudo por causa de uma noite trágica. Uma noite que mudou os cinco anos seguintes a ela e provavelmente o resto das nossas vidas.

Este era o meu irmão Miguel; dono do maior coração que já conheci. Talvez tenha pegado o meu emprestado, pois não o uso mais. Não quero. Ou talvez tenha ficado com o da nossa mãe; tão parecido com o dela...!

– Estou pronto, vamos. – Disse ele, agora mais acordado, enquanto tomava a xícara de café em apenas um gole.

– Demorou. – Respondi, bagunçando seu cabelo.

Miguel tinha alguns centímetros a menos que eu, mas provavelmente cresceria mais do que isso. Talvez daqui a uns três anos eu não conseguisse mais fazer isso com seu cabelo, então aproveitava para fazer sempre que podia.

Ele apenas me olhou, sorrindo. Não ficava bravo comigo por nada, por mais que tenha lhe dado mil motivos para isso, e ainda dê a cada dia que passa.

– Ricardo! Miguel! – Cumprimentou meu tio Evandro, o único da nossa família que havia ficado. E, claro, o responsável por estarmos aqui neste momento. Ele é o dono do quiosque que trabalhamos na praia. Ou seja, se também tivesse desistido, não teríamos um emprego e muito menos o pequeno apartamento e, provavelmente, nem o que comer.

E o culpado de tudo continuava sendo eu.

– E aí, tio! – Cumprimentei de volta, dando alguns tapas nas suas costas.

– Pontual como sempre... Foi acordado de novo, Miguel?

– Se não tivesse sido, estaria roncando neste momento. – Respondi por ele, enquanto o mesmo me mostrava a língua.

– Não tem nada melhor do que dormir. – Justificou.

– Pensamento errado, garoto. Mas eu não poderia discordar. – Riu meu tio, passando o braço pelo ombro de Miguel.

Ele poderia ser como um pai para nós, mas não se importava o suficiente para isto. Ou não queria se envolver. Já havia feito o bastante, muito mais do que deveria. Jamais teria como agradecer por tudo o que fez, mas tentava retribuir dando o melhor de mim no trabalho.

A praia ainda estava vazia, pois ainda era cedo; não era nem oito da manhã. Algumas pessoas aproveitavam para correr e famílias chegavam com crianças; ávidas para brincar na areia. Certamente à tarde o movimento seria bem maior.

Havia apenas duas mesas ocupadas e como os poucos clientes já estavam servidos, aproveitei meu tempo livre para observar o mar; o causador de tudo.

Não, o culpado era eu mesmo e não o mar. Não poderia culpá-lo. Se não fosse por ele, teria sido de outra maneira. Ele apenas... Participou ou talvez tenha ajudado. Levou a nossa vida embora e eu nunca mais olharia para ele de outra maneira.

Da mesma maneira que meu pai jamais olharia para mim como antes.

Reparei que havia uma garota, ainda vestida, dormindo na areia. A areia que deveria estar muito quente e, se ela ficasse lá por mais meia hora, não conseguiria encostar-se em nada no dia seguinte. Além disso, estava espantando os clientes. Poderia estar bêbada ou até mesmo drogada. Meu dia começou com problemas!

Andei até onde a garota inconsciente estava, sentindo que Miguel me seguia. Quando cheguei ao seu lado, pude analisá-la mais de perto. Seus cabelos loiros estavam cobertos de areia, toda ela estava. Mas ainda assim, era linda. Linda? Não. Como uma garota poderia ser linda naquele estado? Ela tinha maquiagem pelo rosto como se tivesse chorado a noite inteira e seus olhos pareciam os de um panda.

No entanto, não deixava de ser linda.

Peguei a bolsa e a sandália que estavam jogadas do seu lado e entreguei ao Miguel.

– Leve para o quiosque. Ela não se lembrará de pegá-las quando for embora.

Miguel parecia assustado, mas não parei para analisar o motivo. Talvez tenha achado a garota tão bonita quanto achei, ou talvez achasse que estava morta. Não, morta não estava. Sua pele estava corada, muito diferente da cor da pele de uma pessoa morta. E eu adoraria não saber nada sobre como a cor da pele de uma pessoa morta se parece.

Ajoelhei ao lado do seu corpo repleto de areia e toquei em seu cabelo, tentando acordá-la. Nada. Sem querer, me distraí com a maciez das suas mechas. O loiro misturava-se com a cor da areia como se ela fosse uma sereia dispensada pelo mar. Como se fizesse parte daquela paisagem, tornando-se peça essencial da beleza do dia.

Sacudi a cabeça para espantar pensamentos inapropriados, enquanto tentava mais uma vez acordá-la. Talvez não tenha sentido o meu toque. Segurei em seu ombro, chacoalhando-a levemente. Nada. Realmente estava drogada demais para não acordar com aquilo.

– Menina, você não pode dormir aqui. – Falei. Quem sabe com algum som ela acordaria? Nenhum movimento.

Putá que pariu! Aquele realmente seria um dia dos infernos.

Quando a olhei novamente, percebi que estava com um sorriso no rosto. Um sorriso que a deixava ainda mais linda. Era só o que me faltava. Levantei, quase

trombando com Miguel já ao meu lado.

– Legal, agora ela está rindo. Dá um jeito nisso. – Disse, olhando-o bravo. Ele apenas concordou com a cabeça, e eu saí para fazer o meu dever. Não perderia o dia de trabalho por causa de uma garota bêbada.

Enquanto servia algumas mesas e via o local cada vez mais lotado, consegui observar meu irmão conversando com a garota. Ela finalmente havia acordado e poderia ir embora. Problema resolvido.

Mas Miguel não voltou em dez minutos e eu não daria conta do quiosque sozinho. Na verdade, daria, mas não queria ele se envolvendo com uma menina que bebe a noite inteira e dorme na praia. Ele já tinha muita coisa para lidar, como o irmão que estava sempre irritado ou quando levava alguma garota para casa. É, muita coisa.

– Miguel, mesa três! Pare de paquerar e venha trabalhar! – Gritei, virando para continuar servindo os clientes que exigiam minha atenção.

De repente, reconheci duas garotas sentadas em uma mesa mais afastada das outras e notei que elas me olhavam com um sorriso comum no rosto. Já tinha ficado com as duas e agora estavam juntas. Tinha como o dia ficar pior?

Fui em direção à mesa, ansioso para que aquilo acabasse logo. O que de pior poderiam fazer? O olhar de decepção não me incomodaria. Receber um tapa na cara? Não seria incomum, afinal, nada mais me surpreenderia.

– Posso servi-las? – Perguntei, sendo o mais educado que consegui, sentindo que ambas me secavam com os olhos.

– Sim, na verdade você pode. – Afirmou uma delas, mordendo o lábio inferior.

– É, acho que você seria capaz. – Acrescentou a outra, passando a mão pelos cabelos.

Pelo visto, já tinha encontrado uma distração para sábado à noite. E nem precisei procurar por isto.

Elas continuaram falando algo, mas parei de prestar atenção quando vi a garota que antes estava dormindo na areia, entrando no mar. A água já batia em sua cintura e ela não parava de ir mais para o fundo. Cada vez mais fundo.

Uma cena tão familiar... Sua roupa ficando molhada onde a água salgada batia e a determinação em seus passos enquanto ia até onde não poderia mais colocar os pés no chão. Até onde as ondas poderiam engoli-la, encher seu pulmão e levá-la embora. Tudo o que restaria seria o seu corpo gelado e imóvel. Não acredito que estava presenciando aquilo novamente.

Não deixaria aquilo acontecer.

Deixei as garotas falando sozinhas, sem explicações, e corri para a praia. Por que o quiosque ficava tão longe do mar? Para que tanta areia? A praia nunca

tinha sido tão longa. A cada passo que eu dava em direção ao mar, ela dava outro em direção ao fundo e agora a água já estava em seus ombros.

Eu não chegaria a tempo. Mais uma vez, eu não chegaria a tempo.

Tirei a blusa no meio do caminho e corri o mais depressa que consegui, mesmo estando com a água nas canelas. O mar tentava me atrasar e eu não conseguia mais ver a cabeça da garota. Ela havia sido engolida.

Não. De novo não.

Quando cheguei onde ela estava, não pensei se ainda estava com vida. Só precisava tirá-la de lá. Precisava fazer alguma coisa, afinal não tinha mais dezesseis anos de idade e não seria o culpado por mais uma morte.

Peguei-a no colo, aninhando seu corpo esbelto nos braços, saindo do mar o mais rápido possível. Sua cabeça apoiou no meu peito nu e, aliviado, pude sentir a sua respiração. Ela estava respirando. Eu tinha chegado a tempo. Por que não tinha chegado a tempo cinco anos atrás?

Quando a coloquei na areia, sentindo a raiva tomar conta do meu corpo, ela levantou e me encarou.

A garota gritava comigo, mas não conseguia ouvi-la direito. Estava enxergando vermelho, meu cérebro trabalhava rapidamente e a raiva ficava cada vez maior.

Quem ela pensava que era para tomar uma decisão dessas? Ela não parecia ter nem dezoito anos, provavelmente tinha mãe e pai que a bancavam e se preocupavam com ela.

Ela não tinha o direito de acabar com a vida deles como a minha mãe fez.

– Você deveria me agradecer! – Gritei, expondo um pouco da minha raiva. Era apenas dez por cento de tudo o que sentia. Podia imaginar seus pais abraçados em seu funeral, da mesma maneira que meu irmão me abraçou quando tudo aconteceu. Podia imaginar como seria aquele ano para eles...

"O ano em que nossa filha se suicidou". Da mesma maneira que há cinco anos foi o ano em que a nossa mãe se suicidou. E eu não pude fazer nada.

A garota continuava a gritar, apontando o dedo para o meu rosto. Sua beleza era iminente, diferente de tudo o que já havia visto, mas estava acabada. De ressaca, melhor dizendo. Seus cabelos estavam endurecendo e sua roupa; colada no corpo.

A raiva que sentia era tanta que não consegui me concentrar em seu corpo. Ouvia partes do que ela falava e percebi que estava chorando, o que só fez a raiva aumentar. Eu a salvei. Salvei a sua família. Queria que alguém tivesse feito isso com minha mãe quando ela tomou essa decisão. Eu poderia ter feito, mas não tive reação.

– Se quiser entrar lá e nunca mais sair, eu entro. – Foi tudo o que consegui

captar do seu discurso descontrolado.

Não, não faria isso. Garota mimada que não sabe nada da vida! Porra! Desejei que passasse por metade da dor que já senti até hoje. Ela não seria tão ingrata e idiota.

– Você é apenas uma garota mimada que não sabe de nada. Eu te salvei, deveria me agradecer. – Falei, tentando me acalmar. Não poderia causar um escândalo destes no meu serviço. Na verdade, nem deveria estar aqui. Meu tio não iria gostar de nada disso.

Novamente ela chamou minha atenção com a sua frase.

– Mimada é a sua mãe, que não soube te educar! – Ok, o vermelho preencheu meus olhos mais uma vez. Acima disso estava a dor; a dor da perda.

Minha mãe soube me educar. Na verdade, ela fez um ótimo trabalho. Ela me transformou em um garoto inteligente, fiel e carinhoso. Até o dia em que se foi. Até este dia eu me importava com o que os outros pensavam de mim e com o que minha mãe pensava, mas quando até ela deixou de se importar, não havia mais motivos para isto.

Tudo seria diferente se ela estivesse aqui. Caralho, ela não está! Quem está é esta menina que não sabe nada da vida!

– Você não sabe o que é perder alguém. Sua mãe jamais teria orgulho do que estava fazendo. – Respirei fundo e me acalmei, deixando a dor tomar conta do meu corpo. O que daria para ter feito tudo diferente.

Estava encarando-a, mas não esperava pelo que veio a seguir. Sua mão atingiu meu rosto com força, me dando um tapa. Ela simplesmente me deu um tapa na cara. Porra! Se fosse um homem, não deixaria isso acontecer. Mas jamais bateria em uma mulher. Por que tinha que ser uma mulher?

– Você não sabe nada sobre mim e não tem o direito de falar do que não sabe. Cale a porra da sua boca! – Gritou, saindo apressada em seguida.

Fiquei ali, sentindo o rosto cada vez mais quente. Passaria logo, mas a garota tinha um braço forte.

Ótimo. Pelo menos agora ela voltaria para a família perfeita e encararia seus problemas fúteis do jeito certo. Se matar nunca é o jeito certo.

Voltei para o quiosque, sendo seguido por Miguel, que me olhava desconfiado. Ele tinha tentado se intrometer, mas eu não deixaria. Novamente, aquela situação seria muita coisa para ele.

Quando vi a garota em pé na calçada procurando por algo, me senti mal. Depois de cinco anos me senti mal por alguém que não era meu irmão. Ótimo, Ricardo. Seja fraco novamente.

Não serei fraco. Nunca mais. Sabia o que a minha fraqueza havia causado em nossas vidas.

Segurei no ombro do Miguel e entreguei-lhe a chave do meu carro, sabendo que não estava fazendo a coisa certa. O garoto tinha apenas dezessete anos e não deveria dirigir. Mas não poderia deixar a patricinha ali, sujeita a qualquer sem vergonha que queira se aproveitar da sua fraqueza. Estaria em melhores mãos ao lado do meu irmão.

– Leve ela. – Mande simplesmente. Ele entenderia. Eles se entenderiam.

No fundo, torcia para que não se envolvesse. Para que não se tornasse como eu, alguém sem coração, sem comprometimento nenhum. Ele tinha a namorada e precisava continuar com ela. Era o certo. Eu deveria ser o único ferido pelo meu erro.

Capítulo 6

Ao ouvir a porta se abrir, meu pai virou para onde eu continuava parada, mostrando o rosto pálido e os olhos vermelhos. Estava destruído de uma maneira que nunca vi antes.

Corri para os seus braços, ansiosa por um ombro familiar.

– Pai, você voltou! – Sorri em meio às lágrimas, apertando seu pescoço.

No início ele não retribuiu, mas logo senti seus braços nas minhas costas, me acariciando levemente. Cedo demais, colocou os mesmos braços nos meus ombros e me empurrou para longe.

– Você não passou a noite em casa. – Constatou a voz de séria que usava sempre que estava bravo ou quando queria algo. Ele sempre conseguia o que queria.

– Nem você. – Rebatí.

– Você está fedendo, mocinha. Onde esteve? Quem te deixou passar a noite fora?

Tive vontade de rir da ironia daquela cena. Ele sumiu o dia inteiro e tudo o que tinha para falar era sobre quem eu deveria obedecer?

– Nem você, nem a mamãe estavam aqui para me dar ordens!– Respondi, deixando a cabeça cair ao perceber, mais uma vez, que ela não voltaria.

Isso o acalmou. Sempre o acalmava. Ver as pessoas sucumbirem às suas ordens era tudo o que ele precisava.

– Não, ela não estava.

– Você foi vê-la? Sabe o que está acontecendo? – Perguntei ansiosa por alguma notícia. Qualquer coisa.

– Ela está morta. É tudo o que sei. O Fernando está cuidando de tudo, converse com ele. – Respondeu friamente.

Fernando era o motorista, o mesmo que me levou para a balada ontem. Na verdade, era o mais gentil dos empregados e não fazia só a sua função. Quando minha mãe estava resfriada e não podia tomar conta da casa, era ele quem cuidava de tudo.

Mas não consigo acreditar que meu pai não teve a decência de cuidar dela neste momento. Do seu corpo, de tudo o que precisava ser feito. Duvido que sequer tenha passado no hospital. Ou no cemitério. Na verdade, nem eu havia passado. Não fazia a menor ideia de onde ela estaria numa hora dessas.

Olhei para o quarto, segurando as lágrimas de raiva – do meu pai – e decepção – de mim mesma. Parei quando vi a mala de couro perto da porta, por onde havia entrado alguns minutos atrás.

– Para onde você está indo? – Perguntei, tomando coragem para olhá-lo nos

olhos novamente.

– Tenho uma viagem de negócios para fazer. – Respondeu, desviando o olhar. Não era possível.

– Você tem uma viagem? Faz menos de vinte e quatro horas que a mamãe morreu, que a mulher que foi casada com você por tantos anos se foi e você vai viajar?– Explodi.

– Não vou abandonar o meu trabalho por uma coisa que já passou. – Disse, passando por mim e indo em direção à mala.

– Você não está abandonando o seu trabalho, mas está abandonando a mim! – Não era surpresa. Fui atrás dele enquanto descia as escadas sem olhar para trás.

Estava indo embora. Não podia fazer isso.

– Não pode me abandonar!

– Pare de ser criança, você já tem dezoito anos. Pode cuidar de si mesma. – Afirmou, parando na porta da sala.

– Não, não posso. Você é tudo o que me resta. Você é a única família que tenho. – Engoli o orgulho, tentando manter a única coisa que me restava por perto.

Neste momento, ele se virou para mim com os olhos mais vermelhos do que antes. Tentava manter a compostura, mas não parecia ter sucesso.

– Você não precisa de uma família. Tem tudo o que precisa aqui. Tem um cartão de crédito sem limites, pode gastar o quanto quiser sem problemas. Faça uma festa. Eu não ligo.

– E a reputação da nossa família que você tanto se importava? O que vão pensar quando souberem que abandonou sua filha para morar sozinha com os empregados? – Procurava qualquer desculpa que o fizesse pensar direito. Não poderia estar indo embora.

– A reputação dessa família acabou quando sua mãe se matou. – Afirmou, bravo. – E não estou te abandonando. Já disse que é uma viagem de negócios, não é para sempre.

– Você está me deixando na hora que eu mais preciso de você! – Deixei que todas as lágrimas caíssem, sem conseguir conter os soluços.

– Tenha um dia de compras que passa. – Disse, virando de costas e saindo pela porta da sala, em direção ao carro onde o motorista já esperava com o portamalas aberto.

– Você é o pior pai do mundo! – Gritei indo atrás dele, mas parei na porta. Apoiei o corpo no batente, sentindo o mundo girar ao perceber que ele não ia voltar atrás na sua decisão.

– Eu te dou tudo o que você quer! – Gritou junto antes de entrar no carro. – Pare de ser tão dramática.

– E você, vai se foder!

Ele estacou quando ouviu o meu xingamento. Não era a forma que queria que eu agisse.

– Se for embora, não quero que volte nunca mais. – Tirei forças não sei de onde.

– Esta casa é minha, assim como tudo o que está nela. – Retrucou, com a voz grossa, mas calma. Era como demonstrava que estava muito furioso, mas que ninguém precisava saber. Era o tom que já o ouvi usando milhares de vezes com a minha mãe.

– Mais uma ameaça e tiro tudo o que já te dei. Sem mais cartões, sem mais mordomias. Aí sim você vai saber o que é o fim do mundo. – Disse, me olhando nos olhos por um momento apenas para saber se havia entendido.

E eu entendi. Não poderia viver na rua. Aqui pelo menos tinha o que já foi da minha mãe. Pelo menos tinha como me distrair. Não conseguiria viver por conta própria.

Então ele se foi. Acompanhei com o olhar o trajeto que o carro fez até sair da nossa rua. Esperava não vê-lo novamente.

Queria que ele estivesse aqui. Não. Queria que mamãe estivesse aqui. Queria que qualquer um estivesse aqui! Qualquer um que se importasse.

Estava completamente sozinha.

Voltei para casa, sem fechar a porta e sem enxergar o caminho que fazia, mais uma vez. Meu corpo deveria estar desidratado de tantas lágrimas que já caíram. Talvez morresse de desidratação. Até que não seria tão ruim. Não seria nem um pouco ruim. Tenho certeza de que ninguém sentiria a minha falta.

Deitei na cama da minha mãe, segurando o travesseiro apertado em meu corpo. Ele seria o meu único companheiro. O único que restara.

Meu próprio pai havia me abandonado. Aquele que sempre me deu um beijo de boa noite antes de sair da mesa de jantar. Aquele que sempre voltava das suas viagens cheio de presentes, um mais bonito – e caro – do que o outro. Aquele que dava a sua vida para nos sustentar.

Mas não dava a vida por mim. Não deu a vida pela mamãe. Tudo o que fazia, na verdade, era para viver bem. Para manter de fachada perante a sociedade. Foda-se a sociedade. Foda-se o que pensam de mim. Provavelmente eles nem estavam mais pensando em mim.

Apertei mais o travesseiro, buscando um pouco de carinho naquele objeto sem vida. Até que senti uma parte dura dentro dele, como se fosse uma caixa...

Tirei a fronha e encontrei o objeto misterioso. Era o livro da mamãe. Aquele com a capa de couro marrom que sempre a via escrevendo na cama. Aquele que ela nunca me deixou chegar perto, dizendo que era um projeto futuro, uma

surpresa.

Estava em minhas mãos agora. Uma parte dela estava ali.

Quando abri, deparei com o seguinte texto na primeira página:

“Que ensinamentos transmitiríamos ao mundo se soubéssemos que se tratava da nossa última oportunidade? Se deixássemos de existir amanhã, o que desejaríamos deixar como herança?” – Randy Pausch

Minha pequena e doce Paloma,

Este é um diário escrito especialmente para você. Li em uma das quinhentas revistas que comprei sobre gravidez que dizia que nunca sabemos o que nos espera no futuro, mas que devemos sempre pensar no próximo antes de nós mesmos. Por isso, resolvi contar um pouco da minha vida e do meu dia a dia para você. Só lerá isto se eu não for capaz de te ensinar tudo o que pretendo antes de partir. Então, se está lendo isto cedo demais, me desculpe. Gostaria de poder te abraçar e te reconfortar pela perda, mas isso só o tempo será capaz de fazer.

Espero que você aprenda algo com este diário. Que cresça e amadureça lendo-o. Nele não há influência nenhuma do seu pai. Sou apenas eu, passando tudo o que aprendi para a pessoa que mais amo neste mundo.

Considere cada palavra e cada acontecimento. Deixe-me orgulhosa. Onde quer que esteja, estarei olhando por você. Você jamais estará sozinha.

Da sua mãe, que ainda não viu o seu pequeno rosto, mas que já te ama mais do que tudo.

Não acreditei no que estava lendo.

Não tinha apenas encontrado uma parte dela, mas sim uma parte dela destinada a mim. Uma parte dela que sabia que iria embora cedo demais e que se preveniu caso isso acontecesse. Esta era a minha mãe: sempre prevenida. Nenhum imprevisto era problema.

Como sentia a sua falta.

Não tive coragem de ler o resto do diário. Aquele pequeno trecho havia feito a dor enorme no meu coração retornar, mas também me dera uma esperança a mais. Um sentimento de carinho extra. Ela estava comigo. Não em presença, mas estava em meu coração e pensamentos.

Abracei o diário e dormi, mesmo sabendo que ainda era cedo. Mesmo sabendo que dormir não mudaria nada, entretanto era o único modo de esquecer a dor por um tempo.

Capítulo 7

Passei uma semana sem sair do quarto da minha mãe. Seu cheiro não estava mais no travesseiro, mas consegui encontrar algumas roupas com o seu perfume e foram elas que me confortaram nesses dias sombrios.

O quarto, na verdade, era uma suíte. O que significa que não precisei sair de lá para nada. De vez em quando surgia um prato com comida na mesinha ao lado da cama, o único indício de que a casa continuava funcionando normalmente, mesmo que nada parecesse o mesmo.

Comia apenas para afugentar a dor no estômago e focar na existente em meu coração. Precisava daquilo. Não era justo continuar vivendo a vida normalmente enquanto ela não estava aqui. Enquanto ela sofreu muito para tomar a decisão de se suicidar.

Esta era uma pergunta que não saía da minha mente: o que fez com que cometesse o suicídio? A resposta estava ali em minhas mãos. Tenho certeza de que ela escreveu tudo no diário, cada pequena ação que a levou ao limite. O único problema é que não tive mais coragem de lê-lo.

Não queria descobrir que eu poderia ser a culpada de tudo.

As janelas permaneceram fechadas, misturando o dia com a noite. Só sabia que já havia passado sete dias porque Fernando entrou em meu quarto calmamente, pensando que eu estava dormindo e sentou-se ao meu lado.

– Vamos, meu anjo, você precisa reagir. – Sussurrou, acariciando levemente meus cabelos.

Mais uma vez, tive vontade de chorar. Há muito tempo não falava com alguém, não tocava em alguém e, principalmente, não era reconfortada por alguém. A única coisa que me acalmou nesses dias foi saber que minha mãe esteve ali, que passou a maior parte da sua vida naquele quarto e que talvez eu ainda fosse capaz de sentir a sua presença.

Mas não conseguia sentir nada além da dor.

Abri os olhos, tentando fingir que havia acabado de acordar, e olhei para Fernando. Como poderia me tratar com tanto carinho se nunca tínhamos nos falado?

– Oi. – Sussurrei, forçando a voz a sair.

– Bom dia, Paloma.

– O que está acontecendo? – Perguntei.

– Hoje é a missa de sétimo dia da sua mãe. Você deveria estar lá. – Foi assim que descobri que sete dias haviam se passado.

– Eu não quero. – Afirmei, apertando ainda mais o casaco dela contra o corpo.

– Ela gostaria muito que você fosse. Você não foi ao seu enterro, nem sabe onde está o caixão dela. Pense nisso.

Ótimo. Minha mãe estava morta e eu continuava decepcionando-a.

De repente, duas senhoras entraram no meu quarto e abriram todas as cortinas, me deixando cega por um momento. Quem elas pensavam que eram para invadir a minha privacidade desta maneira?

Enquanto uma foi para o banheiro, a outra se aproximou de nós dois.

– Nando, algum progresso? – Falava como se eu nem estivesse ali.

– Ela vai sair dessa cama. – Afirmou Fernando, também me ignorando.

– Eu estou aqui e não vou sair da cama. Vocês não podem me obrigar!

Virei de costas para eles e me enterrei mais no travesseiro. Ninguém me tiraria dali.

Mais rápido do que pude reagir, o travesseiro não estava mais embaixo de mim. Fui erguida da cama e levada até o banheiro, onde Fernando ligou o chuveiro gelado em cima da minha cabeça.

Gritei. Era tudo o que podia fazer. Nem o conhecia direito, e agora ele estava ali para abusar de mim. Tentei cobrir o corpo que ficava cada vez mais à mostra, enquanto o pijama colava na minha pele com a água gelada que me acordava. Agradei por ter tirado o casaco da minha mãe no caminho.

Gelada!

– Me solta, seu idiota! – Xinguei, empurrando-o.

– Suas roupas limpas estão na pia. Estarei te esperando no quarto. E não ouse me desobedecer, mocinha. – Mandou, me deixando no chuveiro e saindo do banheiro. Mesmo com a voz firme pude sentir um tom carinhoso nas suas palavras. Isso, ou estava realmente muito carente.

O chuveiro aos poucos me acordou. O que estava fazendo com a minha vida? Não poderia acabar como a minha mãe, poderia? Ela sempre me dizia que queria me ver feliz, que faria de tudo para isso. Mesmo que não esteja mais aqui, não posso decepcioná-la.

Jamais serei feliz novamente, mas devo viver. Ou pelo menos existir. Nem isto fui capaz de fazer durante essa semana. Apenas ocupei um espaço no mundo que poderia muito bem ser preenchido de uma maneira melhor. Não deixaria isso acontecer.

Lavei o cabelo o mais rápido que pude. Este, não via Shampoo há exatos sete dias. Não sei se alguns nós conseguiriam ser desfeitos, mas não teria problema se precisasse cortá-lo.

Saí pronta do banheiro. As empregadas separaram um vestido preto da minha mãe e, mesmo ficando um pouco largo, me senti muito bem dentro dele. Era um pequeno pedaço dela que eu poderia levar para onde fosse.

– Está mais calma? – Perguntou Fernando, sentado na cama.
– Sim. Foi mal. – Disse.
– Não tem problema. A missa começará em dez minutos, precisamos sair logo. Pegou tudo o que precisava?

Olhei para o quarto. Minha bolsa ainda estava desaparecida, com todos os documentos dentro. Precisava me lembrar de passar na praia para ver se o Miguel havia encontrado alguma coisa... Já tinha problema demais para me preocupar, não queria correr atrás de novos documentos.

Peguei o diário da minha mãe. Este iria comigo, com certeza. Coloquei-o dentro de uma bolsa preta que encontrei em seu guarda-roupa e vesti o par de sapatos, também pretos, que tinham colocado ao lado da cama. Esta era a única peça minha que usava naquele momento.

– Tudo certo. – Afirmei, observando o quarto ao meu redor. Sentia-me mal por estar saindo dele, afinal era o meu único refúgio. Não queria encontrar a sociedade lá fora, pois não queria ninguém se intrometendo na minha vida. Mas isso era o que eles faziam de melhor e tudo o que precisava fazer seria ignorar.

"Coitadinha, perdeu a mãe e o pai". "Que dó, deve estar tão sozinha!". "Ninguém merece passar pelo que ela está passando".

Ignore Paloma. Apenas ignore. Eles não fazem ideia nem da metade da dor que estou sentindo e que senti nesses dias. Se soubessem, falariam muito mais.

A igreja não lotou. Fernando me disse que a missa não foi anunciada, portanto só os parentes e amigos mais próximos estavam presentes. E eu não conhecia ninguém de lá.

Enquanto saía do local com os olhos vermelhos por chorar por uma hora inteira, uma mulher me parou.

– Querida Paloma, como você cresceu! – Exclamou, com uma expressão vazia. Não fazia a menor ideia de quem era aquela mulher. Seus olhos eram azuis como os da minha mãe, mas isto não indicava nada. Seu cabelo era escondido por um lenço e ela estava vestida da mesma maneira que eu – completamente de preto.

O momento constrangedor surgiu com o meu silêncio. Não sabia quem era aquela mulher e não estava com ânimo para novas amizades. Muito menos para caridades.

– Você não deve se lembrar de mim, faz tanto tempo que não vou à sua casa! – Continuou, tentando disfarçar o clima tenso que pairava entre nós. – Sou Mariana, sua tia. Moro muito longe, então não consegui vir muito para ver o seu crescimento. Mas falava com a sua mãe quase todos os dias por mensagens.

Ela pareceu se entristecer ao lembrar o que nos trouxera naquele lugar.

– Não, não lembro. E minha mãe nunca mencionou nenhuma irmã próxima. –

Afirmei, desconfiada.

– Sua mãe era muito reservada, menina. Mas tinha um coração enorme.

Observei melhor a mulher parada na minha frente. Ela aparentava ter seus cinquenta anos ou mais, mas pelo visto mantinha uma dieta saudável, com certeza. As rugas começavam a surgir e não sabia se elas sempre foram tão evidentes ou se aqueles dias foram tão pesados para ela como foram para mim. Provavelmente meu rosto apresentava as mesmas rugas.

– Sim, ela tinha. – Concordei.

Avistei Fernando acenando para mim, parado na frente do carro e me despedi da minha mais nova tia. Aquela que eu provavelmente nunca mais veria.

– Preciso ir. – Disse, saindo sem olhar para trás. Não queria que me abraçasse achando que isso curaria alguma coisa. Acho que nada mais seria capaz disso.

– Me leva para a praia? – Pedi ao chegar ao carro. Fernando me olhou como se esperasse mais detalhes, mas percebeu que era apenas isso. Eu só queria ir à praia.

Ao chegar, deixei os sapatos de salto no carro e desci.

– Não precisa ficar aqui. Eu encontro um jeito de voltar para casa.

– Tem certeza?

Eu assenti, ansiosa para sentir a areia sob meus pés. Ela estava deliciosa. Mais quente do que antes, provavelmente por causa do horário, mas igualmente atrativa.

O mar me hipnotizava. As ondas iam e voltavam... Iam e voltavam. Elas sempre voltavam. Por que minha mãe não voltava?

Andei sem prestar atenção para onde ia, segui a linha da beira do mar. Queria entrar, mas não estragaria o vestido da minha mãe. Era precioso demais para isto.

Estava distraída com o mar e a nuvem de fumaça que formava acima dele, tornando o ar muito melhor, quando trombei com um poste.

Desequilibrei para trás, mas o poste criou mãos e me segurou antes que caísse com a bunda na areia. Ótimo, o vestido da mamãe estava salvo. Olhei para cima, cerrando os olhos por causa do sol, e me deparei com o idiota que me raptara do mar sete dias atrás.

Com milhares de pessoas frequentando a praia, eu tinha que trombar justo com ele.

– Você deveria olhar por onde anda, linda. – Disse, com as mãos na minha cintura.

Segurei em seu peito, sem deixar de reparar o quão firme e definido era, e empurrei o seu corpo para longe de mim.

– E você deveria me respeitar, seu idiota! – Gritei, encarando-o. Por que ele sempre despertava esse meu lado briguento? Ah sim, por que sempre pedia por

isto. Com seus olhos azuis e corpo charmoso, implorava por isto!

– Não precisa agradecer por salvar a sua vida. – Brincou, ainda com um sorriso de lado.

Percebi que tinha uma tatuagem. Ah, e isto aconteceu depois de notar que, mais uma vez, ele estava sem camisa. A tatuagem descia por todo o seu braço, mas não era apenas um desenho. Eram vários. Uma caveira, um símbolo desconhecido, algumas palavras... Tive vontade de explorar mais para ver todos os desenhos contidos ali.

Mas ele veio com essa frase novamente. Salvando a minha vida.

– Você não me salvou aquele dia e muito menos hoje. Vá encontrar outra garota para salvar, pois esta você não vai conseguir. – Falei, deixando-o estático na areia e seguindo para o quiosque onde esperava encontrar Miguel.

Quando estava quase chegando ao quiosque, senti a sua presença atrás de mim.

– Não tinha te reconhecido. – Revelou.

Não sabia se aceitava isso como um elogio ou um xingamento. Eu estava melhor naquele dia do que agora? Ou estou melhor agora do que naquele dia?

Não respondi. Apenas segui o meu caminho, odiando toda aquela praia comprida demais. Para que tanta areia?

– Preto não é uma boa cor para se usar na praia. – Comentou, claramente tentando puxar assunto. Ou zoar com a minha cara.

– Cuide da sua vida. – Respondi, avistando Miguel ao longe, o que me fez andar mais rápido.

De repente, Ricardo segurou meu braço e me fez virar para ele. Quase trombei com seu corpo novamente, mas dessa vez ele foi mais rápido e segurou meu outro ombro, me mantendo afastada. Afastada e parada no lugar, apenas olhando-o.

Parecia selvagem e, ao mesmo tempo, nervoso.

– Você. Fique longe do meu irmão. – Olhou por cima do meu ombro por um momento, enquanto eu continuava parada, sem conseguir reagir, apenas admirando a sua beleza exótica. – Estou falando sério. Ele merece coisa melhor. – Disse e me soltou.

Ele merece coisa melhor.

Uma semana atrás, eu era a garota que todos desejavam como namorada e que todas as mães desejavam como nora. Era a garota exemplar, que todo mundo queria ser amigo e tentar uma chance. Hoje, sou a garota que não deve se aproximar das pessoas para não arruinar suas vidas.

Sou a garota que, claramente, deve ficar longe. Eu sou o problema.

Olhei para o homem que continuava parado na minha frente como se

analisasse minhas reações. As lágrimas vieram novamente. O encarei da mesma maneira que ele me encarava. Toda a dor que senti durante aquela semana voltou, fazendo com que toda a praia sumisse.

Só restava o homem que me machucou um pouco mais. Que reabriu a ferida momentaneamente cicatrizada.

– Você não me conhece. – Disse com a voz chorosa e saí da praia. Para longe de Miguel, que encarava a cena com a boca aberta. Para longe do lugar que, por alguns minutos, me deu um pouco de paz. Para longe do cara que tinha me tirado, mais uma vez, de um momento importante.

E, mais uma vez, apenas me observou ir embora. Afinal, eu não era coisa boa. Ele também merecia coisa melhor. Todos mereciam.

Todos eram melhores do que eu.

Capítulo 8

Ricardo

A garota conseguiu me machucar com aquele olhar. O olhar de decepção, de "você é o culpado". Cacete, jurei que ninguém nunca mais me afetaria com isto e ali estava ela, reabrindo a ferida, me fazendo quebrar a promessa.

Eu pedi por isso.

Não a conhecia. Não sabia seu telefone, seu endereço nem o nome dos seus pais... Não sabia se tinha um namorado, se gostava de cachorros, nem se era vegetariana. A única coisa que sabia era que ela era amiga do meu irmão. Ou, ao menos, parecia ser pela maneira que ele sorria sempre que a via.

Foi isso que me fez dizer aquela frase. Que me fez querer afastá-la o máximo possível dele. Afinal, ele não poderia ter o coração partido. Qualquer um poderia ter o coração partido, pouco me importava. Menos ele.

Percebi, naquele momento, que nem todos poderiam. Mesmo sem saber nada sobre a garota, eu não queria que o seu coração fosse quebrado e muito menos ver aquele brilho em seu olhar, indicando que as lágrimas estavam chegando. De ódio ou de tristeza? Acho que já havia visto as duas em sua feição. Não queria ver mais nenhuma.

Era a segunda vez que nos víamos. A segunda vez que a fazia chorar e que me olhava com dor, me passando tudo o que sentia. Afinal, quem era ela? A garota mimada que saía todas as noites não choraria desta maneira e muito menos ficaria tão afetada por uma frase sem sentido, certo?

Mais uma vez fiquei parado na areia enquanto a observava ir embora. Ao menos dessa vez não senti o rosto quente pelas próximas três horas, como quando levei o tapa. No fundo, esperava que me ela batesse, assim teria um motivo para sentir tanta raiva de mim mesmo.

Não poderia me importar com uma garota que só conhecia de vista. Mas, aparentemente, isso era possível, pois ela me atraía. Seu corpo estava muito mais visível da primeira vez em que nós nos encontramos: todo molhado por causa da água do mar. Por que estava toda de preto na praia, a esta hora da tarde? A cor preta não combinava com ela.

Realmente não sabia nada sobre a garota, mas queria saber tudo, cada pequeno detalhe ou, pelo menos, me desculpar.

Voltei para o quiosque, encontrando o olhar questionador de Miguel.

– O que aconteceu?

– Nada.

– Por que ela foi embora?

– Ela quem? – Perguntei me fazendo de desentendido.

– A Paloma. – Paloma era seu nome então. Paloma... Repeti o nome na mente, louco para testá-lo em minha boca.

Andei até o balcão do quiosque, feliz por saber algo sobre a garota. Já era um começo.

– E então... – Insistiu, me seguindo.

– E então... Ela foi embora. Por que eu deveria saber?

Miguel bufou. Odiava histórias mal contadas e omitia as coisas. Mas muitas precisavam ser omitidas.

– Por que vocês estavam conversando? – Insistiu novamente, ficando ao meu lado no balcão.

O dia estava mais cheio do que o normal, mas não conseguiria voltar ao trabalho com tanta coisa em mente. O olhar acusatório da Paloma não saía da cabeça.

– Pois é, estávamos.

– Você a conhece?

– Ela é sua amiga, não minha. – Falei, odiando o tom de ciúmes evidente na frase.

– Ela não é minha amiga. Não sei o que ela é... Ela sumiu esses dias. Pensei que viria aqui pegar a bolsa, mas não veio. Não deu notícias. – Reclamou cabisbaixo.

– Se não é sua amiga, não precisa dar notícias.

Estava curioso para saber mais sobre ela e Miguel era a única pessoa presente para me ajudar. Precisei continuar a conversa mesmo estando louco para parar de ouvir o quão bem ele a conhecia e eu não.

– O que você sabe sobre ela? – Perguntei, tentando parecer desinteressado.

Miguel me olhou desconfiado, mas não hesitou em responder.

– Não sei muita coisa. Ela estuda comigo ou estudava. Não foi às aulas essa semana. Sei que está mal, passando por algum momento difícil ou coisa assim. – Deu de ombros.

A garota – Paloma, melhor dizendo – passava por um momento difícil e eu consegui complicar ainda mais a sua vida. Nada do que Miguel dissesse poderia ter me feito sentir mais culpado do que aquilo.

Peguei minha carteira embaixo do balcão e as chaves do carro, decidido a tomar uma providência.

– Onde pensa que vai, Ricardo? – Perguntou meu tio indo para o caixa.

– Tenho uma emergência. – Inventei ansioso para sair logo dali.

Sempre foi assim. Sempre que quero algo, quero na hora. Anseio por isto. E, naquele momento, tudo o que eu queria era me desculpar com Paloma.

– Uma emergência com o que? – Perguntou, me encarando. Sabia que eu estava mentindo e não me deixaria sair.

Perfeito.

Coloquei de volta a carteira no lugar e peguei o bloco de anotações para os pedidos.

– Esquece. – Disse, saindo de lá para atender as mesas. Fiz um esforço enorme para não sair bufando de raiva. O quanto antes terminasse o serviço, mais cedo poderia vê-la.

O “cedo” demorou cinco horas. Meu tio ainda pediu para fechar o quiosque, o que fiz quando já estava anoitecendo. Sim, foram as cinco horas mais lentas da minha vida. Horas em que pensei no olhar de Paloma dirigido a mim e me perguntei se aquele olhar ainda estaria em seu rosto. Durante aquelas cinco horas que imaginei o seu corpo – por mais que não quisesse – e seus lábios carnudos.

Em cinco horas consegui pensar em muitas coisas.

Dei uma carona para Miguel até o nosso apartamento, a última parada antes de finalmente revê-la.

– Você não vai entrar? – Perguntou antes de sair do carro.

– Não, tenho um lugar para ir.

– Aonde você vai?

Ótima pergunta irmão. Aonde eu iria? Não sabia onde ela morava. Mas estava cara a cara com alguém que sabia.

– Anota o endereço da Paloma para mim. – Pedi, entregando-lhe um pedaço de um dos panfletos que foram colocados no carro durante o dia e uma caneta.

Miguel me olhou como se quisesse mais explicações, mas desistiu logo depois.

– Não a machuque. – Disse, devolvendo o papel com o endereço anotado.

Vou tentar, respondi mentalmente. Vou tentar.

Saí assim que Miguel fechou a porta, indo direto para o endereço anotado. Não era tão longe, mas era em um bairro muito rico. Pelo menos uma coisa sobre ela havia acertado: era uma menina mimada.

Por um momento, me perguntei se estava fazendo a coisa certa. A garota provavelmente não queria me ver nem pintado de ouro, ou nu, o que algumas prefeririam... Ia odiar a minha presença. Mas descobri que, se não conseguisse me desculpar naquele dia, não conseguiria dormir de noite. E aquelas poucas horas que tinha de sono eram cruciais para mim.

Pelo menos havia uma desculpa para vê-la: sua bolsa que estava no banco do passageiro, intocável, e eu guardei por sete dias, esperando que Paloma voltasse para pegá-la. Os saltos também estavam ali, mas imagino que ela não sentiria falta deles. Uma garota que mora em um bairro daqueles jamais sentiria falta de

uma simples sandália.

Na verdade, não sabia. Não sabia de nada. E precisava parar de julgar as pessoas pela aparência ou por momentos. Sei o quanto dói ser julgado por um simples, mas significativo, momento da sua vida.

Estacionei em frente da enorme casa de Paloma, conferindo no panfleto se estava no lugar certo. Sim, estava. Entraria, entregaria os seus pertences e cairia fora, simples assim. Mas, se era tão simples, por que meu estômago revirava como se fosse um adolescente ansioso para o seu primeiro encontro?

Capítulo 9

Estava destruída quando cheguei em casa.

Como um simples cara seria capaz de acabar ainda mais com o meu dia? Como se já não tivesse sido difícil aguentar o padre falando sobre minha mãe e sobre como a morte pode nos ensinar muitas coisas, durante uma hora inteira, ainda precisei ouvir aquilo do garoto em seguida.

Já tinha virado costume entrar em casa sem falar com ninguém, sem reparar em nada. Há quanto tempo não sentava na sala e ligava a televisão? Não sabia nem se o sofá continuava no mesmo lugar. Não sabia mais nada sobre aquela casa. A verdade era que não me sentia mais em casa. O único cômodo capaz de me deixar um pouco confortável era o quarto da minha mãe.

Um quarto que não era meu. Talvez eu não fosse boa o suficiente para ele também, já que não era para ninguém...

Deitei na cama e deixei que as lágrimas molhassem o travesseiro. Mais uma coisa que havia virado rotina.

Acordei mais tarde com o barulho de campainha, mas isso não me tirou da cama. Não era para mim. Ninguém me visitou nestes sete dias, por que viria agora? Virei para o lado e voltei a dormir. Muito mais fácil.

Acordei novamente com um barulho na porta, e logo em seguida a voz do Fernando.

– Paloma, tem um rapaz aqui querendo falar com você. – Disse receoso.

A primeira pessoa a surgir na minha mente foi meu pai, simplesmente por ser do sexo masculino. No entanto, jamais seria ele. Ele nunca pediria para ser anunciado na própria casa e, com certeza, não voltaria tão cedo. Isso se voltasse.

– Eu sei que você está acordada, menina. Levante-se, jogue uma água no corpo e desça antes que ele faça um buraco no piso da sala. – Mandou, saindo do quarto. Autoritário como sempre.

Resmungando, levantei para impedir que a cena do chuveiro se repetisse. Meu cabelo estava todo bagunçado, mas demoraria horas para deixá-lo apresentável. Pelo que Fernando disse, o rapaz estava ansioso. Quem poderia ser?

Tirei o vestido preto da minha mãe e coloquei uma saia preta que estava no guarda-roupa. Reparei que aquela saia era minha, mas não a havia colocado ali. Outras roupas minhas estavam penduradas ao seu redor. Talvez as empregadas perceberam que eu ficaria ali e resolveram deixar tudo mais fácil.

Precisava achar a responsável por isto e agradecê-la.

Achei uma blusa preta da minha mãe de cetim e manga longa. Não ia sair, mas precisava atender as visitas como uma dama. Foi isso que meu pai sempre me ensinou. "Esteja sempre vestida para um casamento. Não quero filha minha

aparecendo em fotos de calça rasgada e tênis *All Star*". Pois é papai, joguei fora meu tênis *All Star* preferido quando completei quinze anos. Satisfeito?

Fiz um coque no cabelo enquanto me olhava no espelho. Podia ver os ossos da cintura e nem precisava me curvar para os dois ombros ficarem visíveis. Estava horrível. Consequência de uma semana comendo apenas uma vez por dia. Nunca tive costume de ir para a academia ou me importar com a minha alimentação, mas nunca pareci um esqueleto.

Dei as costas para o espelho. Foda-se. Meu pai não estava ali para julgar se eu estava decente ou não.

Descalça, desci as escadas, ainda me perguntando quem poderia estar ali àquela hora da noite sem avisar previamente. Talvez algum dos meus "ficantes"... Não, eles não sabiam onde eu morava. Fazia questão de nunca contar-lhes, e sempre voltar para casa com o motorista. Não precisava de ninguém me perturbando na minha própria casa, ou ficando comigo pelo simples fato de haver uma piscina maior do que o seu apartamento no meu quintal.

Parei no último degrau quando vi quem estava em pé na sala, andando de um lado para o outro. Então foi isso que Fernando quis dizer com o buraco no piso! Pelo jeito que ele andava, parecia realmente ansioso... Talvez até um pouco nervoso. Ele, nervoso? Jamais imaginei que veria essa cena.

Ele veio aqui para me machucar um pouco mais?

Estava decidida a subir as escadas e voltar para o quarto como se nada tivesse acontecido, quando Ricardo notou minha presença. Droga, fuga interrompida. A única saída era enfrentar, escutar tudo o que tinha para falar e aceitar a dor que viria com cada frase. Das duas vezes que nos encontramos foi assim, então por que agora seria diferente?

Parecia que cada palavra que saía da sua boca era capaz de aumentar o buraco em meu peito.

Só que dessa vez seria diferente porque eu estava preparada para o que ele tinha para falar. Todos os muros estavam erguidos e ele jamais seria capaz de atravessá-los.

Andei até onde estava parado, sem desconectar meu olhar com o seu. Notei que ele ainda usava o short que da praia, mas agora estava de blusa. Era a primeira vez que o via com uma. Hum, posso afirmar que prefiro da outra maneira.

– Oi, Paloma. – Cumprimentou sem sair do lugar.

De tanto olhá-lo nos olhos, reparei quão azuis eram. Como pude não perceber isso antes? Era evidente. Parecia que o mar estava ali, na minha frente, me incitando a dar um mergulho. Isso me fez perceber que nunca havia reparado nele por inteiro, não a ponto de decorar cada detalhe da sua fisionomia. Da

mesma maneira que não reparei na sua tatuagem em nosso primeiro encontro.

Talvez o motivo seja porque sempre que nos encontramos; ele me surpreende. E a surpresa nunca é boa.

Muros erguidos, Paloma. Muros erguidos.

Ignorei seu cumprimento, indo direto ao que interessava.

– Seu recado está dado. Não vou me aproximar do Miguel, nem tentar me matar no mar. Vou evitar ao máximo a área onde fica o seu quiosque na praia. Entendi cada palavra que você falou hoje, não havia necessidade de ter vindo aqui. – Completei, me aproximando. Podia sentir seu cheiro. Ele cheirava a mar e calmaria.

Ótimo. O garoto que conseguia me fazer chorar com apenas uma frase também conseguia me acalmar com apenas... O que? Sua presença? Seu cheiro? Não. Nada disso. Muros erguidos.

Ele pareceu um pouco desorientado, mas a expressão durou pouco.

– Não estou aqui para falar isso.

Esperei por alguma explicação, mas tudo o que fez foi me encarar.

– Então por que veio?

– Para me desculpar. – Falou, suavizando um pouco a voz sempre tão grossa.

Foi o fim do meu controle.

– Se desculpar? Por que, exatamente? Por ter me tirado dois momentos importantes? Por ter se intrometido na minha vida duas vezes? Ou agora, por estar se intrometendo na minha intimidade, invadindo minha casa? – perguntei, aumentando o tom de voz.

Os muros estavam por um triz.

– Por tudo. – Disse simplesmente.

– Ótimo pedido de desculpas – ironizei. – Agora já pode ir.

Ele sacudiu a cabeça, parecendo indignado com si mesmo. Até eu estaria. Que pedido foi aquele? "Ei, desculpa aí, tá? Firmeza então". Uma desculpa dessa não muda nada. Na verdade, seria melhor que não tivesse vindo.

Depois de um tempo encarando o nada, voltou o olhar para mim, determinado.

– Também vim para te devolver isto. – Disse, pegando no sofá a minha bolsa que estava perdida desde o dia em que dormi na praia.

– Você roubou isto de mim? – Perguntei, querendo colocar um tom de afirmação na minha voz, sem sucesso.

– Você estava desmaiada quando guardei isto. Imaginei que não se lembraria de pegar, bêbada daquele jeito – seu tom mudou para acusatório, mas seu olhar continuava calmo. – E não foi atrás durante a semana inteira, então eu trouxe.

Ele havia vindo aqui para devolver as minhas coisas e tudo o que fiz foi acusá-lo sem sentido. Nunca me senti tão constrangida.

– Não precisava se preocupar. – Disse, suavizando a voz. Sua vinda era um gesto um tanto... Estranho. Mas, ao mesmo tempo, fofo. Não, fofo não era uma palavra aplicável a ele. Precisava pesquisar no dicionário algo mais másculo só que com o mesmo significado.

– Os sapatos também estão ali. – Indicou com o braço onde estavam os meus saltos, na frente do sofá.

Pensei que nunca mais veria aqueles sapatos. Na verdade, nem havia me lembrado deles durante esses dias. Eles eram os meus favoritos... Como poderia não importar? Sentei no chão ao lado do par, analisando-o sem realmente tocá-lo, tentando entender o motivo de não sentir nada por aquele calçado que me acompanhou em tantas noites.

Assustei ao ouvir Ricardo sentando ao meu lado. Tinha me esquecido da sua presença por um momento, o que era um verdadeiro milagre. Ele se comportava de um modo que ninguém seria capaz de não prestar atenção por sequer um segundo.

Tentei me sentir insultada, brava ou qualquer outra coisa negativa por ele estar sentado no chão da minha sala, mas não consegui. Ele tinha me machucado, isto era fato, mas a culpa não era sua. Eu havia pedido por cada ferida causada.

Mereci tudo o que ele já me disse.

Novamente as lágrimas. Malditas lágrimas. Cadê as porras dos muros, Paloma?

– O que aconteceu? – Perguntou, sem se aproximar mais do que já havia feito.

– Nada. – Disse, passando as mãos nos olhos, tentando fingir que elas não haviam aparecido.

– Escuta, começamos com o pé esquerdo. Mas podemos tentar de novo? – Perguntou, me encarando.

Tive vontade de rir da ironia daquele momento. Pé esquerdo? Começamos plantando bananeira com uma mão só. Seria fácil se fosse apenas com o pé esquerdo.

– Não sou a melhor pessoa para você. – Joguei suas palavras de volta, querendo machucá-lo, mas na verdade tudo o que fiz foi me machucar ainda mais.

Esperei qualquer coisa, menos ouvir a sua risada. Olhou para longe, parecendo um pouco perdido em pensamentos, com um sorriso no rosto. Cedo demais, seus olhos já estavam de volta nos meus.

– Eu não te conheço, você não me conhece. Já pedi desculpas. – Disse, como se isso resolvesse tudo.

– Sim, você pediu. – Afirmiei, ainda sem acreditar nelas.

– Quero te conhecer. – Disse a voz um pouco mais rouca. Ou seja, mais

sedutora do que nunca.

Precisei desviar o olhar. Como o momento havia passado de tão triste para tão... Quente? Não, quente não. Não precisava disso agora, afinal eu estava de luto e não merecia um garoto para me distrair desta minha dor.

– Não tem nada para conhecer. – Tentei reerguer os muros, mas parecia mais difícil do que nunca.

– Parece haver muito para conhecer. – Sorriu de lado.

Ele sorriu de lado. Ele, simplesmente, sorriu de lado. Se estivesse nos meus dias normais, do jeito que costumava ser, uma hora dessas estaria montada em seu colo, arrancando aquele sorriso delicioso dos seus lábios... Ok, muros, onde vocês estão?

– Tudo bem, eu começo. Meu nome é Ricardo e trabalho no quiosque que você conhece. Tenho vinte e um anos e moro com meu irmão Miguel, que você também já conhece. Isto é tudo. – Afirmou ele, sorrindo novamente, esperando por alguma reação.

Aquilo não chegava nem perto de ser “tudo”. Queria saber muito mais sobre ele, sobre sua vida, namoradas, parentes e hobbies... Qualquer coisa que desse a sensação de conhecê-lo melhor. Queria saber tudo.

Respirei fundo, pensando sobre o que poderia contar a ele.

– Sou Paloma. Acabei de completar dezoito anos e moro sozinha. – Falei, sem encontrar mais nada de interessante para dizer. Uma semana atrás diria "e sou solteira". Hoje, o “moro sozinha” poderia muito bem ser substituído por um “sou sozinha”.

– Então quem era o cara que quase não me deixou entrar?

– Você deve estar falando do Fernando. Ele é um... amigo da família. – Disse, sem encontrar uma definição melhor para ele.

– Ele agiu como seu pai ou namorado, mas não acho que você ficaria com alguém tão velho. – Disse, piscando um olho.

– Não, sou mais seletiva. – Afirmei, entrando no seu jogo.

Não me pergunte o porquê de ter feito isso. Eu apenas... Fiz. E não me arrependi em nenhum momento.

– Seletiva? O que um cara teria que fazer para passar nessa seleção então? – Perguntou, se aproximando mais.

Prendi a respiração por um momento e quase soltei um “ser você” sem pensar. Milagrosamente, meu cérebro voltou a funcionar a tempo de impedir o desastre.

– Precisa merecer. Ser educado, carinhoso e ter uma boa pegada. – Respondi no lugar, querendo que entendesse que o cara precisava ser tudo o que ele não era.

– Pelo menos uma das coisas eu garanto.

– Não adianta garantir apenas uma delas.

– Imaginei. – Falou, mudando a feição. Em um piscar de olhos, ele se levantou. – Foi ótimo saber um pouco mais sobre você, Paloma. – Sorriu como se não estivéssemos flertando até agora.

Fiz que sim, ainda sem entender a mudança do clima. Uma hora ele estava ali, quase se atirando para cima de mim – uma coisa que acho que não negaria... Só acho – e na outra estava se afastando, indo embora por onde havia entrado, sem nem ao menos se despedir direito.

No fundo fiquei aliviada por não sair chorando dessa vez. Apenas subi as escadas, com a bolsa em uma mão e os saltos na outra, e me joguei na cama como de costume.

No entanto, desta vez demorei um pouco mais para pegar no sono. Seus olhos azuis não saíam da minha mente. E o sorriso de lado...? Tentei desvendá-lo, entendê-lo, mas jamais seria capaz. Era misterioso demais para a minha sanidade e ficar perdendo tempo com hipóteses não ajudava em nada.

Talvez amanhã, com a cabeça mais fria e sem este calor inédito que sua presença havia deixado em meu corpo, serei capaz de pensar com mais clareza. Entender tudo o que aconteceu naqueles minutos em que ele sentou no chão da sala como se pertencesse àquele lugar.

Garoto atrevido e idiota. Uma bela definição. Ricardo, o garoto idiota. Idiota e incrivelmente atraente.

Sorri antes de pegar no sono. Há tanto tempo não sorria...

Capítulo 10

A luz de fora me acordou mais uma vez. Só que, desta vez, não havia ninguém no quarto. As empregadas provavelmente perceberam que eu acordaria em breve e não se importaram em fazer isso também. Melhor assim, odiava ser acordada.

Sentia que estava um pouco mais disposta. Espreguicei na esperança de que hoje fosse um dia completamente diferente dos anteriores. Que não ficasse sentindo aquela dor miserável no peito a cada segundo ou, se ficasse, que ela diminuísse nem se fosse um milésimo. Já faria muita diferença.

Sem levantar da cama, olhei para o diário que ocupava o lugar vago ao meu lado no colchão. Já tinha passado da hora de ler a primeira página. Até agora, só havia lido a introdução; uma página que nem linha tinha... Precisava ser forte e encarar o resto. Afinal, queria conhecer melhor a mulher que mais amei neste mundo e que não estava mais aqui para contar seus segredos. Deveria me sentir agradecida por ela ter escrito aquilo.

Respirei fundo. Ok, Paloma, vamos lá.

“Você foi a esperança nos meus dias de solidão, a angústia dos meus instantes de dúvida, a certeza nos momentos de fé.” – Paulo Coelho.

Minha doce e pequena bebê,

Há quatro meses descobri que você é uma menina e isso me deixou mais emocionada do que imaginei que ficaria. Antes te chamava por "meu anjo", "meu bebê", mas sempre no masculino como se previsse que você seria um menino. Seu pai teria adorado. No entanto, amei saber que vou ter uma companhia feminina nesta casa tão grande.

Seu pai quase nunca está em casa e eu não deveria estar também, mas larguei meu emprego para cuidar de você. Minha gravidez teve muitas complicações até agora, pequena. Você não faz ideia. Hoje, aos sete meses, agradeço por cada dia que posso sentir um chute seu. É bom saber que você está viva dentro de mim e que eu estou conseguindo te manter salva.

Vou te contar um pouco sobre meu casamento... Foi fantástico: teve muita festa, muita gente e tudo foi muito chique... Mas esta não é a questão. Nós nos casamos por amor, pequena, jamais duvide disso. Eu amava o seu pai mais do que tudo neste mundo. Digo amava, pois agora é você quem ocupa este lugar. Você é a coisa mais importante para mim, mas jamais deixarei de amá-lo também.

E sei que ele também me ama. Por mais que não esteja sempre presente, ele ama. O único problema é o trabalho. Se não fosse por isto ele estaria aqui,

beijando minha barriga e conversando carinhosamente com você. Perfeito... Mas nem sempre foi assim.

Estamos casados há apenas dois anos e ele está se adaptando na empresa do seu avô. Muita coisa para aprender, por isso a correria e o stress são tão frequentes. Ele não queria ter um filho agora. Até insistia para eu jamais me esquecer do remédio, pois um filho arruinaria tudo neste momento da sua vida. E nunca me esqueci, minha linda, eu juro. Tomei todos os dias, sem atrasar nem uma hora sequer. Não queria deixá-lo mais preocupado... Mesmo assim você surgiu. Um milagre em nossas vidas. E me apaixonei por você no instante em que vi aqueles dois risquinhos no teste de gravidez.

Depois disso ele ficou sem falar comigo por muito tempo. Na verdade, não apareceu em casa por um mês inteiro. Não quero pensar no que ele fez ou com quem fez ou onde esteve. Não importa. Tento me convencer de que ele apenas se dedicou mais ao trabalho. Só isso. Às vezes ser inocente machuca menos, sabia?

No entanto, depois deste mês devastador, ele voltou. Carinhoso, amoroso, como se nada tivesse acontecido. Beijou minha boca e minha barriga, que ainda não tinha mudado nada. Demonstrou o quanto me amava, o quanto me queria ao seu lado e isso bastou para perdoá-lo. Era tudo o que eu precisava... um pouco de carinho e atenção da pessoa que amo. E tive isto.

Aconteceram outras coisas durante a minha gestação. Fui internada duas vezes, uma delas com suspeita de ter ingerido veneno. Não sei como isto aconteceu, mas imagino que tenha sido engano de algum empregado. Da segunda vez, seu pai estava dando ré no carro e não me viu atrás dele. Eu caí e corremos para o hospital com medo de ter acontecido algo a você. Felizmente, você está cada vez mais saudável.

Sei que ele não fez de propósito. Jamais seria capaz disso.

Agora estou apoiada na minha barriga que está cada vez maior. Parece que vou explodir! As calças de antes não servem mais, então nem arrisco sair da cama. Quando saio é com os meus vestidos. Vou deixá-los guardados para quando você estiver grávida do meu netinho, ou da minha netinha. Espero ter a oportunidade de conhecê-los, e ver você amando-os da mesma maneira que te amo agora.

Sim, é possível amar alguém que você nunca viu na vida. Alguém que nunca tocou ou que nunca conversou. Sou a prova real disso.

Da sua mãe, que te amou desde o primeiro instante.

As primeiras palavras me deixaram sem reação. Ela nunca demonstrou tanto o seu amor... Pelo menos não com palavras. Talvez isto que fazia dela uma escritora tão boa: o sentimentalismo. Ela conseguia me fazer chorar com apenas

uma ou duas frases. Um choro de felicidade e ao mesmo tempo de tristeza. Não conseguia decidir qual dos dois prevalecia.

Meu pai tentou matá-la. Tenho certeza disso. Duas vezes. Ela poderia não ver naquela época, mas hoje está claro que não foram acidentes. Quem não vê a mulher grávida atrás do carro? Ele viu. Ele viu e tentou matá-la. Ou melhor, tentou nos matar. Quis tirar a vida dela por minha causa.

Joguei o diário longe sem me importar com onde ele parou e entrei debaixo do chuveiro. Era exatamente isso que não queria: ler e me sentir pior. Sabia que aconteceria, mas a curiosidade falou mais alto. Ela sempre falava.

Diferente do que havia planejado, não saí do quarto. Voltei a fechar as cortinas e me enrosquei na cama. Era ali que passaria o dia.

Só acordei novamente oito horas da noite. O quarto em pleno silêncio me dava medo. Durante os dias que havia passado trancada no quarto, não acordei no meio da noite. E este era um fato... Eu era medrosa. Muito. Não tinha medo de não ter para quem ligar caso acontecesse algo, mas sim do que a minha mente era capaz de criar no meio do quarto escuro.

Não poderia ficar ali aquela noite.

Peguei o celular, que ficou carregando desde a hora em que subi com a bolsa e liguei para Lorel. Fazia uma semana que não nos falávamos.

– Paaaaaaaa, você sumiu! Menina, que saudade! – Gritou, com uma música alta no fundo.

– Onde é a festa? – Perguntei, gritando para ser ouvida acima do som.

– Não acredito que você virá! Vem logo, você me abandonou semana passada! Vou te mandar o endereço por mensagem. Te espero. – E desligou. Sempre assim. Como eu disse; não éramos melhores amigas, apenas amigas de balada.

Talvez uma balada fosse tudo o que precisava agora.

Coloquei um vestido preto, o mais curto que encontrei no guarda-roupa, e um salto alto vermelho. Manteria o preto, ele me fazia sentir um pouco melhor. Pelo menos uma parte de mim estaria de luto naquela noite, mesmo que meu cérebro não se lembrasse do motivo. Esta era a intenção.

Meia hora depois o taxista me deixou no lugar indicado pela mensagem. Não avisei a ninguém que estava saindo, porque não havia a quem avisar. O Fernando poderia se preocupar, mas não deveria. Não seria um problema em sua vida.

A boate estava lotada como sempre, mas consegui entrar na frente de todas as pessoas da fila. Ótimo, meu charme continuava intacto. Me enfieei no meio da multidão, sabendo que encontraria Lorel uma hora ou outra. O importante agora era esquecer. Esquecer tudo.

Sentei em um banquinho encostado no bar e dirigi o meu melhor olhar para o barman.

– Eu quero o mais forte que você puder. – Falei, usando os dois sentidos da frase para que se empenhasse para fazer uma ótima bebida para mim.

– Tudo o que você quiser, princesa. – Piscou ele, saindo para preparar a bebida milagrosa. Neste momento, precisava ser.

Dois copos do paraíso e já me sentia mais leve. A música que antes parecia alta demais para meus ouvidos desacostumados, agora se alojava em meu corpo e o atraía para a pista que continuava lotada. Minhas pernas já se mexiam no ritmo da batida, e não faltava muito para que eu realmente esquecesse.

Mais um copo. Esquecer o que? Não lembro o que precisava esquecer. Assim estava ótimo.

Por algum motivo ainda sentia o vazio dentro de mim. Só poderia ser falta de atenção! Felizmente, sabia o lugar exato onde a encontraria.

Levantei do banquinho, sentindo o chão um pouco instável aos meus pés, mas nada que impossibilitasse a caminhada até a pista de dança. Na verdade, deixava tudo mais divertido. As luzes giravam, tudo girava e agora meu corpo girava no meio do furacão de pessoas.

Pessoas bebendo, dançando, girando... Sempre girando. A vida nunca foi tão divertida.

– Você veio mesmo!!! – Gritou Lorel no meu ouvido, me pegando pela cintura e movendo seu corpo com o meu.

– É claro que vim! – Gritei de volta, erguendo os braços.

Chegou a hora de achar a vítima da noite. O sortudo.

Movi o corpo com o de Lorel, sem me importar muito com os movimentos. Estava acostumada com aquela dança. Nossas coxas tocavam-se, nossas mãos exploravam o corpo uma da outra... Nada era novidade, fazíamos aquilo há mais de um ano. E sempre dava certo.

De repente, senti uma mão mais forte na minha cintura. Não era da Lorel, esta já estava virada de costas para mim, dançando com um cara que poderia ser mais bonito. Ela conseguiria coisa melhor, mas isto pouco importava. Não quando a mão masculina me segurava tão firmemente.

Virei o corpo para o dono da mão, sem olhar o seu rosto, apenas tentando entrar no seu ritmo. Sua fisionomia também não me importava, afinal ele não seria lembrado. Estava apenas tirando o vazio existente dentro de mim. Uma noite e nada mais.

No entanto, não deixei de reparar no quão definido era seu corpo. Enquanto dançávamos, me virou de costas para si novamente, encaixando o corpo no meu. Pude sentir seu peitoral nas minhas costas, suas coxas, suas mãos – já sentidas, mas ainda desejadas – passeando por minhas curvas causando-me arrepios. Era bom sentir o desejo voltando. Aquele que sempre sentia quando saía com Lorel,

mas que durava pouco mais de cinco minutos.

Queria que aquela noite fosse diferente.

Continuamos dançando até a música mudar. Sentia o corpo suado, o ambiente cada vez mais quente, e precisava de mais uma bebida. Ainda não me lembrava de nada... Precisava lembrar. Não, não conseguia. Melhor assim. Queria ir para o bar, tomar um ar, mas aquelas mãos não me deixaram partir.

Não posso dizer que não gostei. Na verdade, amei. Fazia mais do que cinco minutos, com certeza, e o desejo só aumentava. Sentia que com aquele homem misterioso poderia dar o próximo passo... O passo que nunca havia dado com nenhum daqueles caras que tentaram levar-me para a cama.

Mesmo que ainda não tivesse visto seu rosto, o desejo estava mais presente do que nunca.

Tentei me virar novamente para ele, mas suas mãos firmaram em meu corpo, impedindo que me movesse. Mais uma vez. A música mudou de novo, e ele não me soltou. Explorava meu corpo com aquelas mãos... E desejei que estivéssemos em outro lugar. Em um lugar onde ninguém veria. Um lugar onde ele pudesse descer mais as mãos, me fazer esquecer ainda mais.

Já na quarta música dançando com ele, meus pés não aguentavam mais. Tudo continuava girando, mas a diversão estava indo embora. O cara atrás de mim deve ter percebido a mudança, pois aproximou o rosto do meu pescoço, causando um arrepio que percorreu meu braço inteiro, e sussurrou:

– Não imaginei que te encontraria aqui.

Conhecia aquela voz. Puta que pariu, eu conhecia aquela voz. Meu cérebro demorou um pouco para processar tudo o que estava acontecendo, mas quando me dei conta, virei de frente para ele sem saber se queria dar um tapa em seu rosto ou um beijo na sua boca.

O desejo do beijo era por causa da bebida, é claro. Jamais desejaria beijar o cara que me fez chorar duas vezes e que me deixou acordada por várias horas na noite anterior.

Ricardo.

De todos os homens na balada, tinha que ser ele a despertar aquele desejo desconhecido em mim? Justo ele?

Fiquei encarando-o, sem saber por onde xingá-lo. Por fim, não falei nada, apenas saí de perto e andei em direção ao bar, pois precisava de mais uma bebida.

Não, não podia beber mais. Os três copos me deixaram delirando e quase deixei o idiota me pegar no meio da pista de dança. Um copo a mais e não seria capaz de me controlar. E, com certeza, me arrependeria no dia seguinte. Mais do que se fosse com qualquer outro cara.

Ótimo, ele estragou mais um momento importante para mim.

Saí da boate bufando, parando para respirar só quando cheguei ao meio da calçada. Tudo continuava girando e eu precisava ligar para alguém. Precisava ir para algum lugar. Para onde?

Ah sim, para casa. Era para lá que precisava ir, mesmo que não houvesse ninguém me esperando.

– Vai fugir de mim? – Perguntou a mesma voz rouca que estava no meu ouvido alguns minutos atrás.

– Foi você quem começou. – Falei sem virar para ele, me referindo ao modo como foi embora de casa ontem.

Ele apenas riu. Chegou mais perto de mim, fazendo com que desse um passo para frente. Não queria sentir aquele desejo novamente. Não por ele.

– Como vai fazer para ir para casa? – Perguntou, sem se aproximar mais.

– Vou dar um jeito.

– Eu te levo.

– Não, não precisa. – Neguei. A combinação carro + aquelas mãos fortes era tudo o que queria alguns momentos atrás. Agora, era tudo o que não podia querer.

– Vamos lá, Paloma. Sem medo. – Sussurrou a última frase no meu ouvido. Como não percebi sua aproximação?

Arrepios. Novamente os malditos arrepios, e ele nem me tocou ainda. Acho que saber a quem pertence aquele corpo só piorou a situação.

– Não tenho medo. – Teimeei.

– Então vamos. É só uma carona. – Disse. Pude ver aquele sorriso de lado em seu rosto, mas não tive coragem de virar para confirmar se estava ali. Sim, um pouco de medo eu tinha. Mas eu jamais admitiria isto.

– Tudo bem. – Aceitei, derrotada. Não conseguia erguer os muros com aquela nuvem na cabeça. Na verdade, não conseguia nem pensar nos motivos para erguê-los, mesmo sabendo que era o certo ser feito.

Andei ao seu lado até o carro que Miguel usou para me levar em casa no dia que dormi na praia. Chegando lá, ele abriu a porta para mim com um sorriso torto no rosto. Por que olhei? Fiquei alguns segundos olhando, o que provavelmente pareceu estranho e o sorriso foi sumindo. Ótimo, agora me fiz de besta na sua frente.

Bufei novamente e sentei no banco do passageiro, esperando que fechasse a porta e me levasse logo para casa. Aquele dia precisava acabar urgentemente!

– Por que você foi naquela balada? – Perguntou, puxando assunto.

– Porque eu gosto. – Respondi, encostando a cabeça no banco e olhando as casas passarem rapidamente enquanto ele dirigia. Não, isso não foi uma boa

ideia. Olhei para frente, onde o enjoo não existia.

– É um pouco fora do seu... Habitat. – Comentou.

Não sei o que quis dizer com aquilo. Também não era boa o suficiente para aquela balada?

– Que pena. – Disse ironicamente e fechei os olhos. Foda-se, não queria conversar. Não quando a qualquer momento ele poderia dizer algo que me machucasse.

– Paloma, acorda. – Ouvi Ricardo dizendo com a voz grossa em meu ouvido enquanto chacoalhava meu ombro.

Não queria acordar. Estava sonhando com suas mãos no meu corpo, quando ainda não sabia a quem pertenciam e aquilo era muito melhor do que a realidade. Obrigue-me a acordar, idiota! Só queria continuar com meu sonho erótico. Será que no sonho nós poderíamos avançar mais?

– Merda! – Ouvi dizer, mas não sabia se era no sonho ou na realidade. Senti meu corpo sendo levantado, ao mesmo tempo em que me prensava na parede da balada, levantando minhas pernas ao redor da sua cintura.

O balançar permaneceu nas duas situações. Em meu sonho, pressionava cada vez mais e nunca era o suficiente. Eu só queria sentir mais. Mais. Mais. Preciso de mais! Em meu outro sonho – não conseguia saber se este era real – ele me carregava no colo pelas escadas de casa.

Não, não gostei do segundo sonho. Vou permanecer no primeiro.

Forcei o cérebro a se concentrar apenas no primeiro e foi a coisa mais fácil que já fiz em toda a minha vida. De repente, estávamos em um canto da balada onde ninguém poderia nos ver e, se alguém visse, seu corpo me escondia completamente. Ele desceu os lábios pelo meu pescoço, alternando entre beijos e mordidas, me fazendo ansiar por mais.

Podia sentir um volume em suas calças, o mesmo que pressionava contra mim, roçando nossas roupas. O volume que tanto rejeitei de outros caras, mas que dele eu só queria mais. Mais. Apertei as pernas ao redor da sua cintura. Ainda não era o suficiente.

Ele continuou a pressionar e a fricção que os movimentos geravam era maravilhosa. Indescritível. Passei as unhas por suas costas, fechando os olhos e me concentrando naquela sensação.

Não pude evitar sussurrar seu nome. O nome do cara que eu queria que não tivesse uma identidade, mas que deixava tudo mais sensual quando me olhava com aquele sorriso torto.

Ele então parou o que estava fazendo e me olhou com o exato sorriso que imaginei em seu rosto. O cenário mudou para minha casa, mas ele permaneceu

ali com o sorriso torto. No quarto da minha mãe, em cima de mim e o sorriso torto no rosto.

Ok. Eu havia enlouquecido de vez.

Brava com meu cérebro por não saber separar a realidade dos sonhos, virei de lado na cama e abracei o travesseiro, mergulhando em mais um sono profundo. Dessa vez, sem sonhos frustrantes.

Capítulo 11

Ricardo

Ela havia dormido no meu carro. Cacete, ela dormiu!

Encarei a garota com a porta aberta e o carro parado na frente da sua casa enorme. Tentei acordá-la, é claro, mas tudo o que fez foi resmungar e voltar a dormir. Não sei quantos copos Paloma bebeu, mas tudo indicava que não acordaria hoje.

Isso significava que eu teria que encarar o guarda-costas novamente.

Respirei fundo. Entraria, colocaria seu corpo na cama e sairia. Pronto. Ninguém me veria. O plano perfeito. Peguei-a no colo da mesma maneira que havia feito quando a tirei do mar e fechei a porta do carro com o pé, caminhando até a porta da casa.

Não sei o motivo de ter me aproximado dela naquela noite. Só sei que a vi lá, dançando como se nada mais importasse... Como se estivesse no momento mais feliz de sua vida, e não pude deixar de admirá-la. Absurdamente linda, era a primeira vez que a via um pouco mais arrumada... Talvez até um pouco mais viva.

Quando vi um sujeito nojento encarando-a do outro lado da pista, precisei prestar mais atenção. No momento em que se levantou e começou a andar até onde Paloma dançava, não tive outra escolha a não ser protegê-la. Andei rápido e coleí meu corpo ao dela, indicando que estava acompanhada. O cara me encarou como se fosse me esperar na saída da boate, mas jamais se arriscaria. Alguns daqui conheciam muito bem a minha fama.

Protegê-la, na verdade, foi a única coisa que não fiz. Ao sentir seu corpo meus pensamentos deixaram de ser racionais. Foda-se a menina indefesa que parecia ser. Foda-se o que falariam sobre ela no dia seguinte – mais uma conquista do Rick. Foda-se tudo. Só queria continuar passeando as mãos por seu irresistível corpo, aproveitar tudo o que podia dela.

Cacete, a garota era mais do que linda.

Não sei como deixou que eu me aproximasse tanto. A maneira que dançava como se estivesse pedindo por mais. E eu queria dar a ela muito mais. Queria dar o meu tudo. Tenho certeza de que ela não se esqueceria no dia seguinte, por mais bêbada que estivesse.

Mas seria apenas uma noite. Como sempre. Uma noite sem esperanças, sem telefonemas, sem envolvimento. Apenas sexo e diversão. Existe coisa melhor?

Agora ela estava ali, aconchegada em meus braços com um sorriso muito

atraente no rosto. Daria meu carro para saber o que estava sonhando. Seria com algum garoto da faculdade ou algum namorado?

Só de pensar em alguém a tocando da maneira que fiz esta noite, meu sangue começava a ferver.

– O que acha que está fazendo, moleque? – Perguntou Fernando com uma voz autoritária, parado na porta da casa. Claro que meu plano não deu certo. Quando foi que as coisas funcionaram como planejado com ela?

Ele estava mais irritado do que na noite em que apareci aqui, mas isto já era esperado. Óbvio que não havia gostado de mim logo de cara. Que pai em sã consciência aprovaria um garoto todo tatuado aparecendo na casa da filha naquele horário? Quase não consegui falar com ela aquele dia. Hoje, talvez saísse sem vida daquela casa.

Tentei me acalmar e passar a mesma calma para ele, mas continuava me encarando, esperando por uma resposta.

– Ela bebeu demais. Tudo o que fiz foi trazê-la em segurança para casa. – Achei melhor deixar de fora a parte em que, se ela não tivesse fugido de mim, não era nesta casa que estaríamos chegando agora.

– E por que eu deveria acreditar em você? – Perguntou furioso.

– Por que uma pessoa traria a garota que quer sequestrar e abusar para a sua casa? Ela dormiu no meu carro, não posso fazer nada. – Falei frustrado.

A noite realmente não havia saído como o planejado. A intenção era ir para a mesma balada de sempre, ter a sorte de conhecer alguma garota nova, levá-la para casa e me divertir um pouco. Uma típica sexta-feira. Mas não, estava segurando uma garota bêbada e apagada enquanto o segurança dela pensava em mil e uma maneiras de me matar.

– Me dê ela. – Falou, esticando os braços.

Ela estava tão aconchegada em mim, com a mão em meu peito como se ali fosse o seu lugar que nem pensei em soltá-la. Não, senhor, isso não vai acontecer.

– Eu vou levar ela para o quarto. – Falei me aproximando da porta.

– Não, não vai não.

– Senhor, com todo o respeito, você não vai me fazer mudar de ideia. Passei a noite inteira cuidando para que nenhum idiota chegasse perto dessa garota, tive que obrigá-la a entrar no carro e ela ainda por cima dormiu. Deveria agradecer por ter feito tudo isso, caso contrário, talvez nunca mais a visse. – Falei, olhando-o nos olhos.

Fernando pareceu entender e, por um momento, me dirigiu um olhar carinhoso, de agradecimento. Melhor assim.

Não esperei por sua autorização, apenas atravessei a porta e subi as escadas,

onde imaginei que ficaria o quarto.

– Deixe-a na primeira porta à direita. – Gritou lá de baixo.

Entrei no quarto o mais silencioso que pude, mas precisei acender a luz para não trombar em nada. Isso revelou a decoração do ambiente que por sua vez não era nada parecida com o que eu esperava.

Pensei que encontraria um quarto rosa com um urso enorme no canto e uma cama de casal com aqueles mosquiteiros que só vi em filmes. Alguns pôsteres pelas paredes e muitas fotos de todas as suas saideiras. Mas não tinha nada disso.

O quarto era bege com um tom neutro, com apenas um guarda-roupa enorme branco que ocupava a parede inteira do cômodo e uma porta que deveria levar ao banheiro. A cama de casal não tinha um edredom fofinho nem nada, apenas mais uma cor neutra como se ela não soubesse qual é a sua cor favorita.

Havia um porta-retrato no criado-mudo com uma foto de um casal se abraçando. Eles pareciam apaixonados, como se estivessem em lua de mel. A mulher poderia ser a que estava em meu colo agora, mas com vinte anos a mais. Claro, este não era seu quarto e sim dos seus pais.

Mas eles não estavam aqui. O que havia acontecido com aquela garota?

Coloquei-a na cama gentilmente, pronto para me afastar, mas parei quando ouvi seu suspiro. Parecia... Quente. Estava corada, como se sonhasse com alguma coisa erótica. Sabia que não tinha nada de santa, mas vê-la daquele jeito, com um sorriso de lado no rosto... Cacete, já disse o quão linda ela era?

Não, linda não chegava nem aos seus pés.

Apoiei o corpo com os braços para não cair. Sim, havia bebido. Não tanto quanto ela, mas o suficiente para me desequilibrar de vez em quando. Se não tivesse bebido jamais teria chegado nela. No fundo, sabia que nunca deveria ter feito isso. Não estava certo.

Mas valeu a pena cada segundo.

Tirei uma mecha de cabelo que estava na frente dos seus olhos, tentando não acordá-la. Foi quando escutei.

– Ricardo. – Sussurrou, meio suspirando, meio... gemendo?

Meu nome em seus lábios, daquela maneira... Conseguia acabar comigo. Com toda a minha sanidade.

Voltei a ficar em pé, sentindo uma vontade enorme de despi-la e fazê-la suspirar meu nome novamente, dessa vez no mundo real e não em um sonho idiota. No entanto, somente o fato de estar sonhando comigo já me deixava... o que? Não, não me deixava nada.

Só deixava com um tesão enorme que não seria curado naquela cama.

Ela abriu os olhos e me encarou por um momento. Pensei que fosse fazer algo, dizer alguma coisa. Rezei para que agarrasse meu pescoço e não pensasse nas

consequências, assim como eu não pensaria. Mas não, apenas virou para o outro lado e voltou a dormir.

Caralho. A garota me deixou com uma ereção apenas por sussurrar meu nome e agora dormia profundamente.

Desci as escadas correndo. Fernando continuava na porta, esperando que eu fosse embora e provavelmente se perguntando o porquê de ter passado tanto tempo lá em cima.

– Obrigado por cuidar dela. – Falou, abrindo a porta da frente.

Assenti e fui embora. Se ele soubesse tudo o que eu queria fazer com a sua amada Paloma, jamais me agradeceria. Se visse metade das cenas que passaram pela minha cabeça envolvendo ela e aquela cama, eu não estaria vivo neste momento.

Mas continuava frustrado. Não conseguiria dormir agora, mesmo que já fosse quatro horas da manhã. Tinha duas opções: voltar para a boate ou ir para a praia pensar na vida.

Não, não iria para a praia. Não queria pensar na minha mãe, nem em como arruinei tudo. Não queria pensar em nada. Queria tirar todas as mulheres da mente. Minha mãe principalmente. E Paloma. Precisava esquecer seu corpo sedutor e a maneira como rebolou ao sentir que estava atrás dela. Precisava esquecer o modo como sussurrou o meu nome durante seu sonho.

Podia transar com qualquer uma; menos com a causadora de todo aquele desespero.

Foi exatamente isso que fiz. Voltei para a balada e, em menos de meia hora, saí com uma garota que parecia não lembrar nem o próprio nome. Melhor assim, não correria atrás depois.

Não a levei para casa. Algumas iam quando estava bêbado demais para me importar. Mas Miguel não merecia ouvir tudo o que fazia nas minhas noites. Então peguei o caminho para o motel mais próximo e estacionei, enquanto ela beijava meu pescoço, me atizando.

Demorou mais do que o normal para conseguir aliviar toda a tensão que sentia naquela noite. Podia ver que a garota estava cansada, muito bêbada, mas que não pararia até que eu quisesse. Foi então que tive a ideia mais estúpida e inconsciente da minha vida.

Enquanto sustentava meu peso com os braços para não esmagar a garota, imaginei que era Paloma ali, no seu lugar, gemendo palavras sem sentido e enlouquecendo comigo.

Era Paloma quem recebia todo aquele prazer.

O alívio veio mais rápido do que esperava e, antes mesmo de voltar para o quarto depois de jogar a camisinha no lixo, a garota já estava apagada. Aquela

que não era a Paloma, mas que só dessa maneira me fizera gozar.
Que porra estava acontecendo comigo?

Capítulo 12

Acordei sem saber onde estava.

Olhei para cima. Ok. Estava no meu quarto. Ao menos sabia alguma coisa... Mas, como havia chegado ali? Minha cabeça parecia prestes a explodir e as cortinas estavam mais uma vez abertas. O sol da manhã nunca feriu tanto meus olhos como agora.

A última coisa que lembrava era da balada... Não! Havia entrado no carro do Ricardo. Era isso. Ele me trouxe para casa. Algo me dava impressão de que também me colocou na cama, mas não sabia se estava misturando a realidade com os meus sonhos. Só esperava que não tivesse abusado de mim enquanto estava inconsciente.

Ótimo, passaria mais um dia na cama.

Virei para o lado, pronta para agarrar o travesseiro mais próximo, até ver Fernando sentado do meu lado, me encarando. Realmente me encarando. Sinto que nunca havia visto uma expressão tão brava em seu rosto.

Estava ferrada.

Não havia como fingir que continuava dormindo e esperar que fosse embora. Precisava aguentar o sermão que receberia dele. Não tinha escapatória.

Precisava lembrá-lo de que não tinha autoridade nenhuma para me deixar de castigo.

Sentei na cama, fazendo uma careta ao sentir o latejar na cabeça. O arrependimento de ter bebido tanto surgiu no mesmo instante. Valeu a pena enquanto durou, mas agora me sentia um lixo.

Fernando esticou um copo com água e um comprimido vermelho, sem deixar de me encarar. Peguei o comprimido da sua mão, virando o copo em seguida, surpreendendo-me com o quão seca minha boca estava.

– Obrigada. – Me sentia pior por ter saído sem avisar. Ele deve ter visto Ricardo entrando comigo, porque eu jamais conseguiria mostrar onde estava a chave ao garoto enquanto dormia. Deve ter aberto a porta.

Se estivesse certa, preferiria estar ferrada, pois a realidade era muito pior.

Não aguentava mais o silêncio do cômodo. Seu olhar machucava muito mais do que as duras palavras que ouviria cedo ou tarde.

– Quão encrencada estou? – Perguntei, querendo sair daquele clima tenso.

– Você tem noção do que poderia ter acontecido ontem à noite?

– Eu só... – Não me deixou completar.

– Se não fosse pelo seu amigo, você não estaria aqui.

– Ele não... – Tentei explicar que não era meu amigo, mas mais uma vez fui

cortada.

– Você estaria jogada, sem vida, em um beco qualquer. Violentada. Teria sorte se estivesse morta, porque nunca mais iria querer viver depois de ser abusada e molestada como muitas jovens estão sendo hoje em dia.

– Eu não... – Tentei falar mais alto, mas seu tom autoritário me interrompeu novamente.

– Quem morreu foi a sua mãe, não você! Não pode jogar fora sua vida assim, depois de tudo o que ela fez por você! Depois de tudo que ela te deu!

Ele ficou quieto de repente e não tentei mais me explicar. Era exatamente por isso que havia saído ontem à noite: para esquecer que a minha mãe se matou. Para esquecer tudo o que fez.

As lágrimas voltaram. Não sei como ainda era capaz de chorar depois de uma longa semana fazendo isso o tempo todo. Teria um limite, não? Uma hora as lágrimas precisavam ter um fim.

Senti a mão de Fernando no braço. Quando olhei para seu rosto, não parecia mais tão nervoso. Seu olhar dizia que me entendia completamente. Como poderia?

– Você não está indo para a faculdade. Tudo bem. Não tem problema. Jamais obrigaria você a assistir aulas como se nada tivesse acontecido. – Disse, acariciando meu braço.

– Não consigo fazer nada como se nada tivesse acontecido. – Admiti, sentindo falta da garota que era antes. A garota que se divertia a noite inteira, que tinha milhares de histórias para contar e que todos queriam ter como amiga.

Hoje, meu telefone sequer tocava.

– Você sofreu seu luto por apenas uma semana, Paloma, mas foi uma semana muito intensa. Não pode viver assim para sempre. Você precisa reagir.

Reagir. De que maneira? Por qual motivo?

– Sinto tanta falta dela! – Solucei. Era a primeira vez que dizia isso em voz alta. Quanto mais chorava, mais dor sentia. Pensei que admitir faria a dor diminuir um pouco, mas só aumentava. Admitir só tornou tudo mais real.

– Eu sei, criança. Também sinto falta dela. – Revelou, me puxando para si.

Sem perceber, estava deitada com a cabeça no seu colo, soluçando sem parar. Ele acariciava meu cabelo, tentando me acalmar, mas o buraco em meu peito não parava de aumentar.

Um minuto ou uma eternidade depois – cada segundo parecia durar para sempre – consegui me controlar. Fernando ainda acariciava meu cabelo, mas era como não soubesse o que fazer. Voltei a sentar na cama, enxugando os olhos. Estava envergonhada pelo escândalo.

– Desculpa. – Falei sem olhar para o seu rosto.

Não sei se ouviu, pois estava quieto e, quando olhei, parecia perdido em pensamentos. Pensei em me levantar, mas algo indicava que a conversa não havia acabado.

– Sua mãe foi uma mulher muito importante na minha vida. – Falou depois de um tempo, voltando a me olhar.

– Você a conhecia? Quero dizer... Intimamente? – Perguntei curiosa.

– Mais ou menos. Olívia foi a melhor patroa e amiga que um homem pode desejar ter. – Soava como se também sofresse.

Foi estranho descobrir que não era a única sofrendo por sua morte. No fundo, me sentia aliviada. Ela merecia que eu não fosse a única.

– Queria saber mais sobre ela.

Fernando me olhou como se não entendesse o que queria dizer.

– Você é a filha dela, deve conhecê-la melhor do qualquer um.

– Não... Nós não conversávamos muito. Eu apenas sabia de alguma maneira que a amava e que podia contar com ela para qualquer coisa. Mas nunca fomos de compartilhar segredos. – Admiti, chateada comigo mesma. Tinha sido uma porcaria de filha.

Naquela época pensava que tudo era perfeito. Mal sabia que estava enganada.

– Sua mãe sempre foi muito reservada. – Concordou.

– Mas você a conhecia.

– Sim, conhecia. Vivi com ela por mais de vinte anos, não tinha como não conhecer. Seus pais me contrataram assim que eles se mudaram para cá. Fui me aproximando da sua mãe com o passar do tempo.

– Fale-me dela. – Pedi, querendo saber tudo sobre a mulher que me criou.

– Em que parte do diário você está? – Perguntou, me surpreendendo.

– Você sabe sobre o diário?

– Eu a via escrevendo todos os dias, até que me contou que era um diário para você e me deixou ler algumas páginas. – Falou, olhando para baixo novamente.

– Eu... Só li o primeiro dia, quando ela estava comigo na barriga. Ainda não tive coragem de ler o resto. – Admiti, cada vez mais derrotada. Olhei em direção ao local onde havia jogado o diário na manhã anterior, mas não sabia onde estava.

De repente, Fernando abriu a gaveta do criado-mudo e retirou o caderno de couro que tanto me apeguei.

– Você deveria continuar lendo.

– Não quero me machucar. – Admiti, mas peguei o diário da sua mão.

– Você já está machucada, o diário não aumentará a ferida. Precisa conhecer a mulher que sua mãe era – pareceu perdido em pensamentos novamente. – Ela era incrível.

Ele não falava dela como um melhor amigo falaria.

– Você... Você a amava? – Perguntei, já sabendo a resposta.

– Sim, amava Olívia mais do que minha própria vida. – Falou depois de um tempo, suspirando.

Era capaz de sentir a sua dor. Podia sentir o nosso sofrimento sendo compartilhado. Acho que nunca fui tão próxima de um estranho.

– Vocês tiveram algo? – A curiosidade me matava. Minha mãe havia traído meu pai? Torcia para que a resposta fosse positiva.

Fernando riu, mas não era um riso de alegria. Era amargurado, derrotado.

– Não, criança. Jamais faria algo que prejudicasse o casamento dos seus pais. Tentei conquistá-la, mas seu pai era o amor da vida dela e nunca deixaria de ser.

Não há uma descrição para o que senti com a revelação. Queria ouvir que ela havia passado noites ao lado de Fernando, enquanto meu pai mentia que estava trabalhando. Queria ouvir que viveram um romance escondido e perfeito e que, por muitos anos, foram felizes juntos.

Queria ouvir que a verdade era que Fernando era meu verdadeiro pai e não aquele idiota que não foi capaz de passar nem um dia comigo após a morte da sua mulher.

– Ela sabia dos seus sentimentos? – Perguntei, deixando a decepção de lado.

Ele assentiu enquanto uma lágrima escapava de seus olhos.

– Não houve um dia da minha vida que não fiz questão de olhá-la com todo o meu amor. De implorá-la para me dar uma chance, mesmo sem falar nada. Ela sabia.

– Você poderia ter falado. Poderia ter se declarado com palavras.

– Ah, minha doce Paloma... – Suspirou. – Um olhar vale mais do que mil palavras. E o olhar que eu me dirigia à sua mãe valia o dobro disso.

– O que você teria feito se ela dissesse que sim? – Perguntei.

– Nunca pensei sobre isso. Desde o começo soube que estava me apaixonando pela pessoa errada. Sabia que ela jamais abandonaria seu pai para ficar comigo.

– Eu sinto muito. – Falei. E realmente sentia. Fernando merecia ter vivido aquele amor e minha mãe merecia ainda mais. Merecia receber carinho de quem realmente queria o seu bem.

– Não sinta, criança. Por um lado foi bom. Ela teve você.

– Mas ela morreu. Talvez se não tivesse negado... – Falei, sem conseguir concluir a frase.

Talvez tudo tivesse sido diferente se ela tivesse vivido um amor de verdade. Talvez o motivo de ter se matado era este: falta de amor. Enquanto nós dois vivíamos nossa vida, uma garota que só olhava para o próprio nariz e um homem que sofria calado, ela se matou por falta de amor.

Fernando ao menos demonstrava o que sentia com olhares... E eu, o que havia feito? Havia jogado palavras nervosas em sua direção cada vez que entrava no meu quarto sem ser chamada. Apontado o dedo na sua cara, culpando-a de não sair para nada. Só isso.

– Não foi culpa sua. – Falou, voltando à sua feição normal.

Não sabia de quem era a culpa. Não sabia de nada!

– Agora você precisa levantar dessa cama e voltar à sua vida normal. Ou, ao menos, voltar a viver. – Falou, fingindo um sorriso.

– Não quero a minha vida normal de volta. – Admiti, surpresa pela revelação.

Minha vida anterior era perfeita, por que não a queria de volta? Ah, sim, porque era uma mentira. Tudo não passava de uma mentira.

– Então seja diferente. Seja uma pessoa melhor. Mas levante-se, criança. Você ainda tem muito a viver.

Jamais imaginaria que o motorista principal da casa era também o melhor amigo da minha mãe e o único a conseguir me consolar em tempos como este.

– Você já perdeu alguém? – Perguntei.

– Acabei de perder a sua mãe.

– Mais alguém? – Não sei por que perguntei. Ela já não era suficiente?

– Meus pais morreram em um acidente quando tinha dez anos. Morei com a empregada por muitos, muitos anos, até vir morar com seus pais. – Admitiu.

Saber disso me fez perceber que ele não tinha ninguém. Estava sozinho, muito mais do que eu. E estava de pé, vivendo os dias normalmente, trancando sua dor em algum lugar secreto.

– Como você superou? – Ansiava por alguma dica, alguma esperança de que tudo ficaria bem.

– Um dia após o outro, criança. Não existe uma fórmula secreta. Você precisa viver a dor, mas precisa viver e não apenas existir. Um dia a dor será suportável e, no outro, se lembrará da sua mãe com carinho. A dor sempre estará presente, ela agora faz parte de você. Mas, quando menos esperar, ela será superada pela felicidade.

Felicidade. Conhecia a verdadeira felicidade? Não me lembrava.

– Demora muito? – Perguntei manhosa.

– Um dia após o outro. – Repetiu, sorrindo. – Não seja apressada. Tudo o que pode fazer agora é levantar, tomar um banho gelado e fazer algo que te faça bem. Nem que seja por pouco tempo.

– Tudo bem. – Falei, me levantando.

– Mas você está de castigo. – Falou, antes que conseguisse colocar os pés no chão.

– Como é? – Não havia ouvido direito. Como me mandava encontrar a

felicidade e me colocava de castigo em seguida?

– Pois é. Uma semana. Não quero você voltando depois da meia noite durante uma semana.

Ia começar a reclamar, falando o quão injusto aquilo era.

– E se der “piti” como dizem hoje em dia. – Disse, fazendo aspas com os dedos. – Serão duas.

Ótimo. Simplesmente ótimo.

Encarei Fernando, querendo que sentisse toda a minha raiva.

– Estou fazendo isso pelo seu próprio bem, criança. Não pense o contrário. – Disse me dando um beijo na testa e saindo do quarto como se nada tivesse acontecido.

Ele era apaixonado pela minha mãe. Eu estava de castigo. E ainda não eram nem dez horas da manhã. O que mais havia para acontecer naquele dia?

A cama parecia mais convidativa do que nunca, mas precisava resistir. Pensei nas palavras que acabei de ouvir. "Um dia após o outro". Vou começar este dia hoje. Quanto mais cedo começar, mais cedo esta dor irá embora.

E mais cedo poderei conhecer minha mãe de verdade. Talvez isto fosse o meu "um segundo de felicidade".

Capítulo 13

Desci do carro segurando o vestido contra o corpo para não levantar com o vento, peguei minha bolsa no banco e fechei a porta.

Ali era o último lugar que queria estar, mas precisava de respostas.

– Me liga quando quiser que te busque? – Perguntou Fernando de dentro do carro.

– Vou ver o que faço. – Falei, sem me importar. Tudo que importava era estar ali e a dor imensa que isso me causava.

Andei entre os túmulos observando os detalhes de cada um, tentando adiar ao máximo o momento em que encontraria o da minha mãe. Cada um era único. Muitos ostentavam com mármore e dizeres maravilhosos enquanto outros tinham apenas uma camada a mais de cimento.

Alguns eram pequenos, provavelmente de crianças. Imaginei a dor que os pais sentiram ao perder seus filhos tão jovens. Seria igual à dor de perder uma mãe? Talvez fosse, mas duvidava que houvessem encontrado o filho morto na banheira todo coberto de sangue, como encontrei minha mãe.

Esperava que eu fosse uma exceção. Que não fosse comum que as mães cometessem suicídio no aniversário de suas filhas.

Depois de caminhar o mais lentamente possível, cheguei aonde Fernando indicou que estava o túmulo de minha mãe. Este, por sua vez, era de mármore preto, muito chique, como tudo em minha vida. Havia uma pequena foto da minha mãe sorrindo. Seu sorriso era lindo! Por que nunca reparei nele?

Como gostaria de vê-la sorrindo mais uma vez...

Respirei fundo. Via a foto dela com meu pai todos os dias quando acordava, mas não era tão recente quanto esta. Estar aqui fazia a dor parecer muito maior. Tão perto do seu corpo, mas tão longe da sua alma... era como se voltasse no tempo, diretamente para a noite em que a encontrei morta.

Sentei no canto do túmulo, olhando ao redor para ver se havia alguém para me xingar. O cemitério estava vazio. Com certeza não estaria aqui se fosse de noite, mas ainda era duas horas da tarde e uma sensação estranha e inusitada de calma me inundava, como se houvesse alguém me dizendo que nada de ruim aconteceria comigo enquanto estivesse ali.

– Oi, mãe. – Comecei, olhando para a foto e imaginando que estava ali comigo. – Desculpa não ter vindo antes... espero que entenda.

Por mais esquisito que pareça para os outros, não me sentia nem um pouco estranha. Conseguia imaginar o sorriso da minha mãe ao me ouvir, dizendo: "tudo bem, Paloma. Eu te desculpo". Parecia que conversava com ela de verdade.

Tirei o diário da bolsa e o apoiei no colo, encarando-o.

– Encontrei isso dentro do seu travesseiro. – Continuei. – Você sabia que eu o encontraria lá, não sabia? – Perguntei, sabendo a resposta. – Tenho certeza que sim.

Suspirei. Não era nada fácil. Esperava que por alguma magia do além ela aparecesse ali, segurasse a minha mão e dissesse que estaria ao meu lado para sempre. Mas não, não estava mais ao meu lado, ela não apareceria ali. Eu estava completa e terrivelmente sozinha.

Engoli o choro e continuei o que fui fazer ali.

– Não consigo ler isto, mãe. Dói muito. – Falei, me esforçando para não chorar, mas já sentindo os olhos cheios de lágrimas.

Respirei fundo pela última vez. Contei até dez. Voltei a falar quando me senti mais estável.

– Vou tentar novamente. Espero que aqui, ao seu lado, não doa tanto. – Falei, abrindo o diário na página em que havia parado.

“Você nunca sabe a força que tem. Até que a sua única alternativa é ser forte.” – Johnny Depp.

Minha pequena Paloma,

Sabe o motivo de não ter te chamado de Paloma na primeira carta que escrevi aqui? Porque ainda não sabia que nome você teria. Estava esperando olhar em seus pequenos olhinhos para descobrir. E foi a melhor decisão que já tomei em toda a minha vida! Você me olhou com eles cheios de lágrimas, coberta de sangue, mas mais viva do que nunca e eu soube: Paloma. Sabe o que significa? Determinação. Firmeza. Perseverança.

Isso é tudo o que quero que você se torne, minha princesa. Quero que tenha muita determinação durante a sua vida, que corra atrás dos seus sonhos custe o que custar. Eu sei que, se realmente estiver lendo isso, tudo parecerá muito mais difícil, mas não quero que desista. Seja firme, corajosa, confie em si mesma.

Hoje você está com dois anos e anda pela casa como se fosse a dona de tudo. Quando vê algo que gosta em uma loja faz de tudo para que eu compre. Sim, você é determinada. Mas não quero que os obstáculos da vida tirem essa determinação de você. Não deixe que façam isso. Hoje você é apenas uma criança, não sabe muita coisa sobre a vida... Eu te olho e vejo a inocência em sua feição, queria que fosse assim para sempre! Mas sei que não vai ser.

Um dia a vida lhe dará uma pancada tão forte que te mudará para sempre.

Portanto te peço, meu amor. Seja forte. Acima de tudo, seja forte. Tenha um objetivo em mente e corra atrás dele. Eu não fiz isso, e me arrependo mais do

que pode imaginar. Tive tudo para ser uma escritora famosa, minha pequena. Muitas oportunidades surgiram, mas então seu pai também surgiu e... destruiu tudo. Ou melhorou tudo. Não sei dizer. Só sei que não corri atrás dos meus sonhos e, hoje, a única pessoa que ouve minhas histórias é você.

Por mais que eu ame te contar histórias, você ainda é muito nova para ouvir tudo o que tenho criado na mente. Quando estiver lendo isto, talvez não seja... talvez se pergunte o que quero dizer. Talvez saiba a resposta. A vida é difícil, minha linda. E quando você tem uma imaginação fértil, a vida se torna ainda mais difícil.

Não digo para não dar asas à sua imaginação, mas não deixe a ficção se infiltrar na vida real. Não deixe que alguns pensamentos te levem à loucura. Este é apenas mais um obstáculo da vida. Determinação, minha pequena. Não esqueça. Determinação.

Tenha a determinação que nunca tive.

Da sua mãe, que te ama a cada segundo mais, principalmente quando segura meu dedo com esta mãozinha minúscula e me olha com o olhar mais fofo que consegue fazer, implorando para ganhar alguma coisa que quer muito.

– Mãe... – Suspirei, deixando as lágrimas rolares quando terminei de ler seu texto.

O dia estava lindo, então por que tudo dentro de mim parecia tão obscuro?

– Vou ser determinada. – Falei, colocando uma firmeza que até então não sentia na voz. – Vou ser determinada por você.

Fechei o diário, colocando-o de volta na bolsa. Isso era tudo o que aguentaria por hoje. O texto só me fez sentir mais a sua falta e arrependimento por nunca ter prestado atenção no que falava. Se tivesse escutado mais talvez ela ainda estivesse aqui, do meu lado, me dizendo essas coisas em vez de escrever.

Enxuguei os olhos e voltei a olhar para o seu túmulo.

– Eu te amo, mãe. – Falei, contendo as lágrimas mais uma vez. Agora tinha uma força maior para conseguir isto. Ia conseguir. – Queria que estivesse aqui.

Dei as costas ao túmulo e saí do cemitério o mais rápido possível. O caminho que havia feito anteriormente em dez minutos foi feito em menos de dois. Precisava sair daquele lugar, seguir meu caminho... Mesmo sem saber por onde começar.

Do que, exatamente, eu precisava?

O toque do celular me tirou da divagação. Olhei para onde andava e vi a praia na minha frente. Sim, a praia era o caminho certo por hora. Ela conseguiria colocar meus pensamentos no lugar. Assim esperava.

– Alô? – Atendi sem olhar no visor, distraída demais com a beleza do mar.

– Paaaaaa, onde você está? – Gritou Lorel, sem nenhum ruído no fundo. Por que sempre gritava?

– Estou na praia. – Falei, colocando o celular um pouco afastado do ouvido, evitando uma futura surdez.

– Aaaaaah, que ótimo! – Sim, foi uma ótima ideia tirar o celular do ouvido. Parecia que estava no viva-voz. – Estou aqui também. Vamos nos encontrar!

– Eu... Não sei não, Lorel. Já estava indo para casa e... – Não consegui terminar a frase.

– Acabei de te encontrar! – Falou, desligando na minha cara.

Pois é, praia; não é hoje que cumprirá sua função.

Olhei na direção em que uma garota vestida apenas com um biquíni minúsculo e uma tanga transparente corria, cada vez mais perto. Lorel chegou até onde estava e me abraçou forte, como se nada tivesse acontecido, como se ainda fôssemos as mesmas amigas da semana passada. Claro, para ela nada havia mudado. Mal sabia o quão rápido meu mundo desabara.

– Menina, você não tem noção de como foi a minha noite! – Falou, enroscando o braço no meu e me levando até o quiosque mais perto, onde sentou em um banco, me fazendo sentar ao seu lado.

Só precisaria ouvir tudo o que tinha para falar – que geralmente durava de quatro a seis minutos – e acenar com a cabeça cada vez que me olhasse, esperando minha opinião. Depois disso estaria livre. Ela não perguntaria sobre a minha noite – nunca perguntava – e eu não precisaria contar sobre tudo o que aconteceu na minha vida. Ela não estava nem aí.

Melhor assim.

– Então, você não vai acreditar! A gente estava dançando, né? Aí chegou um cara muito gato do meu lado e começou a dançar comigo, você lembra? – Chegou o momento de acenar com a cabeça. Confesso que não estava prestando atenção no que falava, mas percebi pelo olhar que esperava alguma resposta.

Acenei como mandava o roteiro e voltei às minhas divagações. Seria isso que minha mãe quis dizer com "obstáculos"? Esperava que sim, pois, se fosse, estava muito bem preparada para ultrapassá-los. Era só voltar aqui amanhã ou quando sentisse vontade e poderia ficar sozinha. Só a praia e eu.

Lorel me lançou outro olhar de pergunta e acenei com a cabeça mais uma vez.

– Está me ouvindo? – Droga, não era uma pergunta tão simples.

– Desculpa, me distraí. O que estava dizendo? – Perguntei, tentando me concentrar no que dizia.

– Perguntei para onde você foi, porque depois que comecei a beijar aquele gatinho, não te encontrei mais. Mas não importa. Vou continuar. – Ótimo,

continue.

Olhei ao redor enquanto ouvia sua voz de fundo e percebi que estávamos no quiosque do Miguel. Ou melhor, do Ricardo. Onde ambos trabalhavam. Por que havíamos parado ali? O caminho estava completamente errado.

– E ele tinha uma tatuagem no ombro e pelo braço. Não lembro o que era, porque eu estava bêbada, é claro, mas ele era muito quente e... – Continuava falando do cara da noite passada. Tinha certeza que já havia passado mais de seis minutos.

Miguel não estava por perto. O quiosque estava muito cheio e várias mesas também se espalhavam pela praia, então ele deveria estar atendendo por lá. Queria muito encontrá-lo novamente, agradecer pelas palavras de apoio que disse no dia da carona... Havia dito que poderia contar com ele para o que precisasse, mas não tinha coragem de realmente fazer isso.

Não procurei por Ricardo. Não sei o que faria caso o encontrasse novamente. Desejei que tivesse tirado o dia de folga, assim nenhum inconveniente surgiria.

– E o sexo foi tão... indescritível. O melhor de todos! Ele sabia exatamente o que fazer com aquelas mãos grandes e aquela outra coisa grande. Meu Deus, você precisava estar lá! – Riu, enquanto me arrependia de ter voltado a prestar atenção bem naquela parte. – Na verdade, foi bom você não estar lá, assim ele pôde se dedicar inteiramente a mim. Foi tudo muito rápido, mas foi forte e... Oh! Teve uma hora que tudo se intensificou ainda mais, como se tivesse ficado louco... Foi... Oh! – Suspirou, corada ao se lembrar.

Mesmo sem ter feito algo, já sabia exatamente o que era transar, tudo por causa da incrível habilidade de descrever cenas da minha amiga. Ela não sabia que eu ainda era virgem. Na verdade, muitas vezes precisei mentir que já havia feito para que não ficasse falando sobre o quanto é bom por mais de meia hora, tentando me convencer de fazer logo.

De repente, avistei Ricardo andando em nossa direção. Ele olhava para o bloco de notas, mas, quando levantou a cabeça, seu olhar fixou no meu. Agora era eu quem estava corada.

Tudo o que senti na noite anterior voltou. Sua mão passeando pelo meu corpo, seu peito colado nas minhas costas, minhas pernas ao redor da sua cintura...

Não, isto foi no sonho. Mas foi um sonho tão bom que, por um momento, queria que realmente tivesse acontecido. Mas não contaria a ninguém.

Não, não podia desejar aquilo. Não podia sequer me aproximar daquele cara que já havia me machucado de diversas maneiras, mesmo sem me conhecer.

– É ele, é ele! – Ouvi Lorel sussurrar no meu ouvido, dando pulinhos na cadeira enquanto Ricardo se aproximava.

Sim, Lorel, ele é o Ricardo. Ricardo, esta é a Lorel.

Oh não!

Capítulo 14

Eles se conheciam. Pela cara de Lorel eles se conheciam muito bem.

Agora tudo fazia sentido. O “é ele” e o desespero dela ao vê-lo. Ele era o cara que havia lhe dado o melhor sexo da vida. Havia focado toda a atenção nela, com suas mãos grandes – que eu já conhecia – e a outra coisa grande.

Na noite passada ele me deixou em casa, na minha cama, para ir comer outra garota. E esta garota tinha que ser a Lorel. Graças a isso, sabia exatamente como era a experiência de transar com ele. Uma experiência que seria minha se não tivesse fugido de seus braços naquela noite.

Ricardo parou na frente da mesa e nos encarou.

– Então, como posso servi-las? – Sorriu. Aquele sorriso de lado que me fascinava tanto. Tinha vontade de pegar a primeira faca que surgisse na minha frente e cortar o maldito sorriso da sua cara.

Idiota. Sempre foi um idiota e mais uma vez eu tinha a prova disso.

– De diversas maneiras. – Lorel usava seu tom de paquera.

Fiquei quieta, apenas alternando meu olhar entre eles. Lorel parecia encantada, entusiasmada e um pouco excitada. Já Ricardo... não consegui decifrar sua expressão... Arrependimento? Jamais, Lorel era linda demais para se arrepender.

Talvez estivesse arrependido de ter ficado com ela, já que agora ela estava no seu pé. Certamente era o tipo de cara que ficava com uma garota diferente por noite. Sem repetições. Mas Lorel também era assim, então se dariam muito bem neste quesito.

– Vão fazer algum pedido? – Perguntou, ignorando o seu tom sugestivo.

– Você está no cardápio? Eu ia adorar uma segunda dose – Falou, se inclinando para frente, mostrando o seu melhor atrativo. Sim, a garota sabia conquistar.

Nunca a vi tão atirada... Pelo menos, não sem uma bebida no organismo. Ela havia bebido? Não, acredito que não. A única opção era estar realmente determinada. E isso significa que ele é tão bom quanto havia descrito.

Claro que ele sabia o que fazia, já que pegava uma por noite. Deveria ter muita experiência.

– Não, ainda não. – Respondeu, parecendo confuso. Talvez não se lembrasse dela. Isso seria muito engraçado. Agora ficaria até o final para saber o que aconteceria.

– Vocês também fazem serviço de entrega, né? – Perguntei, encarando-o. Queria saber se ao menos se lembrava de ter me deixado em casa.

E se algo tivesse acontecido entre nós e nenhum dos dois se lembrasse?

– Na verdade, não. – Falou, alargando um pouco mais o sorriso. – Só em casos especiais.

– E quando faz... o pedido chega sem nenhum estrago? – Perguntei, sabendo que entenderia o que queria dizer.

Ele entendeu. Pela cara que fez, entendeu. Mas não me daria o gosto da vitória.

– O pedido estará em boas mãos. – Piscou.

Em ótimas mãos, pensei comigo mesma. E odiei Ricardo um pouco mais por causa da piscada. Atrevido.

Era o tipo de cara que teria uma chance comigo em uma noite e seria ignorado nas seguintes. Alto, musculoso – mas não de um jeito exagerado – com olhos azuis irresistíveis e um sorriso marcante. O tipo de cara que eu aproveitaria durante a noite toda, beijaria cada canto do rosto, dançaria o máximo possível e esfregaria na cara das garotas invejosas.

Mas também era totalmente o cara que eu deveria me manter o mais distante possível. O que não ligaria no dia seguinte, muito menos na semana seguinte. Que apareceria muitas vezes na minha vida apenas para me magoar um pouco mais – porque isso é tudo o que fez até hoje. O cara que marcaria, mas me faria questionar se foi tudo um sonho ou se realmente aconteceu.

Não estava disposta a ser uma das suas conquistas noturnas. Por mais que parecesse valer a pena, sei que me arrependeria logo depois.

– Hum, ainda estamos falando dos pedidos? Por que eu definitivamente quero fazer o meu, se ele vier em boas mãos. – Interferiu Lorel, fazendo Ricardo voltar sua atenção para ela.

– É só pedir. – Falou, olhando para as mesas que enchiam cada vez mais.

– Você poderia me passar seu telefone. – Falou Lorel, mais direta do que nunca.

Ricardo parecia esperar por este pedido, pois sua resposta foi rápida e automática.

– Não tenho celular. – Falou, desviando o olhar para o bloco de notas. Reparei que olhava para todos os cantos, menos para a nossa mesa.

– Um telefone fixo? *Facebook*? E-mail? – Insistiu, me deixando envergonhada por ela. Se tivesse uma placa na testa dizendo: "Estou desesperada para fazer sexo com você novamente", estaria sendo menos óbvia.

– Nada. – Negou mais uma vez. Depois de muito tempo tive vontade de rir. Realmente tive. Nunca vi a Lorel ser dispensada assim, tão diretamente... Sentia pena, mas internamente, me senti vingada por todas as vezes que fui obrigada a ouvir sobre as suas noites infinitas. Obrigada, Ricardo, te devo uma!

Na verdade, se for contar todas as vezes que ele me fez chorar. Não, não devo

porra nenhuma.

Lorel voltou a ficar sem graça e o clima se tornou tenso. Ok. Agora chega de judiar da garota, né?

– Eu quero um suco de laranja. Com gelo, muito gelo e sem açúcar. – Pedi, observando enquanto anotava o meu pedido. Ao terminar, voltou sua atenção para Lorel, esperando que pedisse algo que não envolvesse seu corpo.

– Não vou querer nada. – Falou emburrada. – Não posso ficar. Foi mal, Pa, mas acabei de ver um gatinho e você sabe como é, né? A fila corre!

Com isso, se levantou da mesa, passou roçando em Ricardo e voltou para a praia em busca do tal "gatinho" que na minha opinião, era apenas uma invenção para se vingar do chute na bunda que acabou de levar. Quanta imaturidade, Lorel.

Do jeito que Ricardo parecia indiferente, seu plano não deu muito certo.

– Bela amiga que você tem. – Comentou, sentando-se onde ela estava.

– Você sabe melhor do que eu. – Reclamei.

Ele me olhou como se não entendesse o que eu quis dizer, mas não saiu do meu lado.

– Você não tem trabalho para fazer? – Perguntei, ocupando a mente com qualquer coisa que não fosse suas mãos passeando pelo meu corpo há menos de vinte quatro horas. Sem sucesso.

– Está me dispensando? – Perguntou sorrindo. Oh, aquele sorriso.

– Não tenho celular. – Falei com a voz mais grossa, tentando imitá-lo. Ele acabou rindo da minha imitação fracassada e não pude resistir a rir com ele.

Fazia tempo que não ria, mas durou pouco demais.

– Olho por olho, dente por dente, certo? – Perguntou, sorrindo.

– Depende; você tem algum amigo gostoso para ficarmos quites? – Perguntei.

O sorriso insistia em ficar em meu rosto. Era até estranho, depois de tanto tempo sem a sua presença.

– Não, não tenho. – Falou sério, indicando que a brincadeira havia acabado. Isso me fez rir mais ainda.

Agora estávamos quase quites.

– Ainda quero o suco, tá? Ou vou precisar reclamar com o gerente sobre o atendimento precário deste lugar? – Perguntei tão séria quanto ele.

Então ele se levantou e guardou o bloco de notas no bolso, parando mais uma vez na frente da mesa.

– O atendimento é sempre agradável, você só precisa merecer. – Falou.

Ok lembranças, fiquem longe de mim. Não quero lembrar o que aconteceu – ou o que não aconteceu – na noite passada.

Sentei de frente para o mar, observando-o. Talvez ainda pudesse ter o

momento que tanto ansiava...

O mar estava lindo, mas cheio. Isso me deixou irritada, de certa maneira. Eram tantas pessoas observando a mesma paisagem. Tantas pessoas estragando aquele momento, que não havia como me concentrar apenas nele. Não tinha como ignorar as crianças chorando na beira da água, carregadas pelos pais, implorando para ficarem mais um pouco. Impossível não notar os casais se beijando como se não houvesse amanhã, voltando rindo depois de serem derrubados por alguma onda traiçoeira. Tantas vidas diferentes, tantos sentimentos misturados...

Não, eu precisava vir quando não tivesse tanta gente. Quando pudesse olhar para o mar e sentir apenas nós dois. Sem interferências nem distrações.

– Você sumiu. – Miguel sentou-se ao meu lado, me assustando, com um sorriso no rosto. – Desculpa, tentei te chamar antes, mas parecia em outro mundo.

Sorri para ele, sentindo o carinho que havia sentido no carro quando disse que podia contar com ele para qualquer coisa.

– Muita coisa na mente. – Falei, voltando a olhar o mar, mas concentrando a atenção na minha vida, não na dos outros.

Eu poderia estar ferrada, na pior situação possível, mas não podia deixar de viver a vida por causa disso. As palavras da minha mãe ainda corriam pela minha mente. "Tenha um objetivo em mente e corra atrás dele". Meu objetivo era ser feliz. Era? Sim, claro que era. Queria chegar o mais perto possível da felicidade.

– Sempre temos. – Concordou, observando o mar comigo. – Você não está mais indo para a faculdade.

Olhei para ele. Estava afirmando, não perguntado. Sabia que havia algo de errado, mas era gentil demais para perguntar diretamente.

– Não sei se vou mais. – Falei, sem pensar muito sobre o assunto.

Não tinha parado para pensar nisso, só sabia que não queria mais frequentar as aulas. Não queria estudar cálculos e não seria uma empresária. Queria ser alguém diferente; alguém real, pois tudo o que era antes parecia superficial demais.

Entrei no curso por causa do meu pai. Estava na hora de tomar minhas próprias decisões.

– É. Você não combina com Exatas. – Concordou.

– Por que diz isso?

– Não sei. – Falou, dando de ombros. – Apenas sinto que não combina.

Sorri. Como ele poderia saber uma coisa que nem eu sabia, sendo que nem nos conhecíamos direito?

– E você, está firme lá? – Perguntei mais uma vez querendo saber se ele não era novo demais para estar na faculdade.

– Eu só faço uma aula lá porque meu tio é amigo do professor. Vou tentar entrar no ano que vem. – Falou, respondendo minhas dúvidas.

– Você não estuda?

– Preciso ajudar o Ricardo aqui. – Falou como se fosse simples. Ele precisava ajudar porque precisavam do dinheiro. Uma coisa que nunca precisei batalhar para ter.

– Entendi.

– E você, o que vai fazer agora que não vai mais para a faculdade? – Perguntou curioso. Será que ele era sempre assim?

– Não sei, Miguel. Não faço a menor ideia. – Suspirei, sendo o mais sincera possível. Não sabia o que faria com a minha vida a partir de hoje.

Tudo mudou há uma semana, mas só hoje resolvi que minha vida não se resumiria à cama e banheiro. Estava tudo tão fácil, mas precisava seguir os conselhos da minha mãe e fazer algo útil.

– Por que não arranja um trabalho? – Perguntou inocente.

Tive vontade de rir mais uma vez.

– Sou rica, Miguel – falei naturalmente. Todos sabiam disso. – Não preciso trabalhar.

Ele ficou pensativo por um tempo, mas logo falou o que tinha na mente.

– O dinheiro que você tem não é seu, é? – perguntou e, sem esperar pela resposta, continuou. – Imagino que não. Você deveria fazer algo para conquistar as suas próprias coisas.

Suas palavras me surpreenderam. Não havia pensado sobre isso... Mas ele tinha completa razão. Nada do que tinha era meu.

– O suco tão esperado para a cliente mais exigente do quiosque. – Interrompeu Ricardo, me impedindo de pensar mais sobre o que havia acabado de ouvir.

Virei no banquinho, de frente para a mesa e observei o suco com mais de cinco pedras de gelo boiando no copo. Ótimo.

– Obrigada. – Falei, experimentando-o.

– Miguel, precisamos de você nas mesas. – Falou, saindo sem olhar para mim. Miguel assentiu e se levantou, ajustando a camisa.

– Foi bom te ver novamente, Paloma. – Falou com um sorriso adorável no rosto.

– Digo o mesmo, Miguel. Vou tentar não sumir mais. – Sorri de volta, querendo cumprir o que havia dito.

Ele assentiu uma última vez e se foi.

É suco, somos apenas nós dessa vez. Observei as pedras de gelo boiando no

copo como se não decidissem se queriam ficar dentro da água ou não. Elas conseguiam o meio termo. Será que eu também conseguiria?

Eu sequer sabia quais eram as minhas opções. Não sabia o que queria para a vida ou o que faria com a mesma. Estava mais perdida do que nunca e desejei ter um muro para subir. Quando você está em cima do muro, tem dois lados para cair. Duas opções para seguir, logo ali, na sua frente, te esperando para tomar a decisão. No momento, me sentia enterrada junto com minha mãe e não tinha para onde ir; a saída não era visível.

Precisava achar uma lanterna e me virar no escuro. Encontrar a saída e chegar próxima ao muro. Isso era apenas o começo.

Capítulo 15

Consegui me virar por dois meses. Não vivi, mas pelo menos tentei com todas as minhas forças e foi mais do que vinha fazendo.

Durante esse tempo aprendi a comandar uma casa, mesmo que Fernando insistisse que não era minha obrigação. Como poderia não querer fazer aquilo? Amava mandar nas pessoas! Ele insistia que eu não deveria mandar os empregados fazer algo, e sim realizar a tarefa no lugar deles... No entanto, se fizesse isso, para que eles serviriam?

Quando não estava mandando alguém fazer algo, estava passeando pela praia... Descobri que o horário menos agitado por lá era depois das oito da noite, então nessa hora eu sempre estava sentada na areia contemplando o mar, perdida em pensamentos. Às vezes podia imaginar minha mãe, sentada ao meu lado com os cabelos ao vento e um sorriso alegre no rosto.

Li mais algumas páginas do diário, mas todas falavam sobre como eu precisava ser independente. Pensar com a minha própria mente e não com a dos meus pais... E sobre como deveria ter as minhas próprias coisas, minhas conquistas. Parecia até que o Miguel havia lido o diário na última vez em que conversamos.

A cada dia que passava sentia que estava mais longe do caminho certo. Comandava uma casa que não havia sido comprada com meu próprio dinheiro, comprava coisas com um cartão sem limites que era reiniciado a cada semana... mas não tinha nada meu. Olhei ao redor do quarto da minha mãe, ou melhor, do nosso quarto... Nada ali me pertencia.

Minha mente dizia "foda-se, dinheiro é dinheiro, não importa quem o ganhou. Se está em suas mãos, é seu", mas meu coração insistia "você deve encontrar o seu caminho. Seja independente". Por que não podia ser independente usando o dinheiro do meu pai? Nada me impedia disso... Na verdade, era muito mais fácil, já que não precisava me matar para trabalhar oito horas por dia e receber um salário que não pagaria nem a conta de luz da casa.

O dilema continuou. É isso que o tédio causa na vida das pessoas. Estou cada vez mais entediada dentro da casa... Sempre as mesmas coisas para fazer, as mesmas fotos da família perfeita que pensei que tinha. As lembranças surgiam e eu ansiava pelo cair da noite, onde me livrava de tudo e saía, sentia a brisa do mar no rosto, respirava o ar puro e verdadeiro; as únicas coisas verdadeiras na minha vida durante esses meses.

Até o dia em que cheguei a casa e encontrei um carro diferente estacionado na

garagem; o carro do meu pai.

Não sabia se entrava correndo e pulava nos seus braços ou se dava meia volta e fugia para qualquer outro lugar, o mais longe possível dele. Senti a sua falta... muito. Mas também descobri coisas horríveis sobre o seu passado. Não posso dizer o presente, pois ainda não cheguei nem na metade do diário da mamãe. Mas com certeza existem mais traições naquelas páginas.

Contudo, não tinha para onde ir. Queira ou não aquela era a minha casa. A única que poderia entrar com a minha própria chave, sentar na cama e tomar um copo d'água. Pois é, deveria ter comprado uma casa enquanto ele estava longe, assim teria um lugar para fugir.

Entrei silenciosamente, esperando que estivesse dormindo. Facilitaria muito a minha vida. Simplesmente deitaria na cama e acordaria bem cedo no outro dia, evitando o contato. Por sorte, ele não ficaria mais de dois dias aqui. Nunca ficava.

Minhas esperanças foram por água abaixo quando vi a luz da cozinha acesa e a imagem impecável do meu pai apoiado na porta, observando cada movimento meu, com um copo de uísque na mão. Precisava admitir que ele é lindo. Não é fácil achar uma pessoa que você odeia, linda. Mas ele era. Seus olhos, por mais que fossem castanhos, eram capazes de prender qualquer pessoa por vários segundos.

Ou talvez seja tudo apenas uma imagem. Ele é um ótimo empresário, deve ter treinado muito para isso, e agora usa o talento que adquiriu até em sua casa, com sua filha, onde na verdade deveria ser verdadeiro, real. Naquele momento, real era a última coisa que ele parecia.

– Você voltou. – Falei baixinho.

A insegurança tomou conta do meu corpo e odiava me sentir assim. Jamais fui insegura com algum homem, por que precisava ser justo com ele? Não, não deixaria sua presença ter esse efeito sobre mim.

Tentei reformular a frase.

– Por que você voltou? – Perguntei, colocando um pouco de firmeza na voz.

Isso, assim que se faz. Ele traiu a minha mãe, me machucou e me abandonou no momento em que mais precisei do seu carinho... Não merecia nem um pinga da saudade que senti durante esses meses.

– Voltei porque aqui é a minha casa. – Disse como se fosse a resposta mais simples do mundo.

Mas não era. Não era uma resposta simples e esta nunca fora a sua casa. No papel poderia ser... Mas uma casa é onde você dorme toda noite e passa os finais de semana, certo? Pois ele raramente fazia isso.

E esperei que nunca mais voltasse.

– Não é mais a sua casa. – Falei, confrontando-o.

– É e sempre vai ser. Vim para colocar as coisas em ordem.

– O que quer dizer com isso?

– Muitas coisas ficaram fora do lugar quando fui embora. – Falou misterioso mais uma vez.

– A única coisa fora do lugar aqui é você! – Falei, chegando mais perto de onde continuava parado, calmo como sempre. – Não te quero aqui, não te quero na minha vida.

– Com quem você pensa que está falando, mocinha?

– Com a pessoa que foi embora dois meses atrás. – Não sabia de onde surgia tanta coragem, mas falei tudo olhando no fundo dos seus olhos.

– Eu sou seu pai, não se esqueça disso. E você não decide se estarei ou não na sua vida. – Falou autoritário.

– Você não estava presente no momento em que mais precisei, por que quer estar agora? – Me sentia mais fraca a cada palavra que falava, sabendo que minhas forças estavam se esvaindo e que, em breve estaria aos seus pés, obedecendo as suas ordens. Sempre foi assim.

– Deixe de ser mimada. Estou aqui agora, é isso que importa. E você está destruindo a nossa imagem agindo desse jeito, saindo toda noite... As pessoas veem, as pessoas falam! – Falou, erguendo os braços, perdendo um pouco da compostura que sempre teve.

– Não me importo com o que elas falam! – Falei, jogando os braços para cima como ele. – É a minha vida, deixe que falem. Você não tem nada a ver com isso. Ele olhou além de mim, respirou fundo e retomou a calma.

– Você viveu por dois meses fazendo tudo o que quis. Está na hora de criar algum limite. – Falou, com a voz grossa, me dando mais medo do que se tivesse gritado.

– Tenho dezoito anos, não preciso obedecer as suas ordens. – Retruquei, ouvindo a voz falhar no meio da frase. Minha insegurança surgia novamente, e não demoraria muito para ele perceber isso. Se já não tivesse percebido.

– Você vive sob o meu teto, com o MEU dinheiro. – Disse ele, aproximando-se mais. – E, enquanto viver assim terá que seguir as minhas regras. Entendeu?

Senti uma lágrima caindo pelo rosto e não pensei em limpá-la. Apenas observei o homem que sempre me deu amor, carinho, presentes... O homem que, uma vez ou outra, deitou no sofá comigo e assistiu algum seriado bobo, agiu como um pai. O homem que, neste momento, eu nem pensaria em chamar de pai.

O homem que acabou de me ameaçar e me fazer perceber que sim, tinha total controle sobre mim. E eu não poderia fazer nada contra isso. Ainda não.

– Tudo bem. – Falei, derrotada, e dei as costas a ele. Subi as escadas e me enfiei no quarto que antes compartilhava com a minha mãe, trancando a porta rapidamente. Ele não dormiria ali. Podia tirar toda a liberdade que eu tinha, mas não tiraria aquele meu único canto de conforto na casa.

Peguei o diário da minha mãe. Não era uma boa hora para lê-lo, não com a visão tão embaçada pelas lágrimas e a ferida que havia começado o processo de cicatrização, exposta novamente, mas precisava senti-la ali, ouvir sua voz em minha mente e me acalmar.

Abri na página que havia parado e li o dia seguinte.

“Terás alegria ou terás poder, disse Deus; mas não terás ambos.” – Ralph Waldo Emerson.

Minha – não mais – criança, Paloma.

Hoje é seu aniversário de dez anos, e isto me fez perceber como o tempo passa rápido. Rápido demais para aproveitar os pequenos momentos da vida. Rápido demais para entender o significado de cada ato, cada palavra e cada sentimento das pessoas que amamos.

Não consigo mais te entender. Na verdade, acho que não conheço mais a filha que criei. Você sempre foi ambiciosa, teimosa... sempre pegou tudo de ruim que seu pai tem e colocou em sua personalidade. Por que, meu amor? Não sou um bom exemplo para você?

Neste momento você está na casa de uma amiga tendo uma festa cheia de palhaços e muito chique. Seu pai sugeriu isso para que ele pudesse conhecer mais gente, se relacionar com mais pessoas e, assim, ter mais influência sobre tudo. Mas você não sabia disso, não é? Imagino que não... Ele conseguiu te manipular para fazer essa festa, te fazendo esquecer o nosso plano original... Teríamos uma festa no abrigo para animais, onde tentaríamos tirar alguns animais daquele lugar e encontrar-lhes novos lares... Você se lembra?

Os palhaços e as comidas chiques – que depois iriam para o lixo – foram mais importantes. Foram "a escolha certa", como seu pai disse. E a nossa ideia ficou lá no fundo do baú, abandonada junto com aqueles pobres animais.

Espero que quando estiver lendo esta carta já tenha mudado. Já consiga pensar no mundo fora da cabeça do seu pai. Ele vive em um mundo paralelo, meu anjo. Ele procura pelo poder e fará de tudo para encontrá-lo. Quando digo tudo, quero dizer tudo mesmo. Qualquer coisa.

Ele te ama demais... Mas usará você da mesma maneira que me usou muitas vezes, apenas para conseguir o que quer. E você, como eu, cederá a ele, pois você também o ama demais.

Não deixe que ele tenha este poder sobre você, meu amor. Não deixe que ninguém tenha qualquer poder sobre você. Ouça o seu coração e apenas ele. Eu sei que você consegue ser forte o suficiente para isto.

Da sua mãe, que não foi forte o suficiente, mas sempre te amou e te colocou em primeiro lugar.

Oh mãe, como sabia que eu precisava ouvir exatamente isso?

Precisava de mudanças e a primeira primeira seria sair do comando dele. Dormiria e acordaria uma nova pessoa; alguém mais forte, pois precisava ser forte por mim e pela minha mãe. Devia isso a ela.

Meu pai não teria mais direitos sobre mim. Não sabia como faria isto, mas conseguiria. Não tinha mais uma família, e o faria perceber que ele também não. Sentirá o que sinto neste momento. Jamais estará sozinho, mas não terá mais a sua doce e sociável filha para apresentar ao mundo.

Realmente precisava de algumas mudanças.

Capítulo 16

Acordei determinada a dar um novo rumo à minha vida. O único problema era que não fazia a menor ideia de por onde começar.

Troquei de roupa, colocando pela primeira vez em dois meses um vestido florido – bem longe do preto que usava diariamente – peguei minha bolsa e saí de casa, feliz por não encontrar ninguém no caminho. O carro do meu pai não estava na garagem, mas tinha uma nota colada na porta da frente que dizia "Fui trabalhar. Volto de noite". Ele nunca foi de deixar bilhetes e nunca deu satisfações... Aposto que queria que eu soubesse que voltaria e não achasse que havia ido embora novamente.

E que ainda estava ali para mandar em mim.

– Bom dia, Paloma. – Cumprimentou Fernando, encostado no carro.

– Bom dia – respondi, sorrindo. – Me leva à praia?

– Novamente? – Perguntou – O que há de tão interessante por lá?

– O mar. – Suspirei ao responder.

– Tem certeza de que é só isso? – Perguntou, desconfiado.

Ricardo veio à mente no mesmo momento: o garoto que não via há dois meses. Muito tempo. Evitava passar perto do seu quiosque, mas não podia negar que sentia uma saudade estranha do seu sorriso de lado e de suas tatuagens...

– Sim, Fernando, é só isso. – Respondi brava comigo mesma por estar com o rosto vermelho e por sentir falta dele.

Ele não significava nada para mim. Por que sentia saudades?

Esperava que o mar fosse capaz de ajudar novamente. Pelo horário, a praia estaria lotada, ainda mais sendo sexta-feira. Mas não me importava. Neste momento isso tinha que servir.

– Como você está, criança? – Perguntou após alguns minutos de silêncio, dirigindo para a praia.

– Não sei Fernando. Não sei. – Respondi sincera.

Realmente não sabia como estava. Sabia que sentia uma raiva enorme do meu pai por ter voltado, da minha mãe por ter me abandonado e de mim mesma por ser insuficiente para tudo e todos... Por não ter uma vida própria e não conseguir ser independente.

Mas, fora a raiva, estava em uma eterna confusão.

– Não deixe que a volta do doutor Maurício te abale. – Falou, me olhando pelo retrovisor.

– Você também o conhecia mais profundamente? – Perguntei, lembrando a história dele com a minha mãe.

– Não, criança. Seu pai sempre foi muito fechado... Nossa relação é restrita ao

papel de motorista e patrão.

– Então como você sabe que a volta dele pode me abalar?

– Eu te conheço desde quando estava na barriga da sua mãe. Consigo ver em seus olhos que está perdida. – Falou, olhando em meus olhos pelo espelho. Parecia que conseguia ver a minha alma.

Suas palavras me surpreenderam mais uma vez e me reconfortaram. Ao menos alguém me conhecia. Realmente conhecia. Talvez me conhecesse melhor do que eu mesma!

– O que devo fazer então? – Perguntei, me aproximando do banco da frente, ansiosa por alguma dica, algum conselho...

– Isso só você saberá, criança. Espero que o mar te ajude. – Falou ao estacionar em frente à praia.

Suspirei. Ótimo, sem respostas. Teria que procurar por elas sozinha.

– Obrigada mesmo assim. – Falei emburrada.

– Não fique brava comigo. Você viveu a vida inteira atrás da opinião dos outros... Tá na hora de pensar com a própria cabeça. – Falou, sorrindo para mim.

Tentei retornar o sorriso, sem sucesso.

– Não sei se ela continua sã. – Respondi, saindo do carro.

Precisava de um começo. Um novo começo, uma nova esperança de que tudo daria certo... Não sabia o que fazer! Não sabia o que seria da minha vida.

Andei pela praia até sentir o suor escorrer pela testa. Estava calor e, mesmo com a água do mar batendo nos pés, não conseguia me refrescar. O mar não estava ajudando... Mais uma vez, muitas distrações.

Vi casais se beijando e pensei que talvez fosse melhor arranjar um namorado rico que pudesse me sustentar e me tirar daquela casa. Opção riscada. Se fizesse isso me tornaria exatamente o que não queria: a minha mãe.

Vi garotas correndo e pensei que poderia morar sozinha... Pegar meu cartão de crédito, comprar uma casa em outra cidade e sumir. Mas uma hora ou outra o dinheiro acabaria e duvidava que meu pai continuasse recarregando o cartão a cada semana. Não, ele me deserdaria no momento em que pisasse fora de casa.

Olhei para o mar e pensei em simplesmente desaparecer. Seria tão simples, tão fácil... doloroso, mas não duraria por muito tempo. E então encararia o desconhecido. O que estaria me esperando do outro lado? Minha mãe, de braços abertos, feliz pela decisão que tomei? Uma eternidade na escuridão de castigo pelo suicídio? Ou o vazio...? Poderia não haver nada. Poderia simplesmente ser o fim e pronto... Acabou.

Não estava pronta para dizer adeus a tudo. Ainda não. Esperava que nunca estivesse.

Olhei para os quiosques e vi que estava na reta do que o Miguel e o Ricardo

trabalhavam. Talvez pudessem me ajudar... Não, eles não. O Ricardo não faria nada além de me encarar com aquele sorriso conquistador e jogar indiretas. Já o Miguel poderia ser capaz de falar alguma coisa útil.

Andei pela areia até o quiosque e sentei na primeira mesa livre, o que foi um milagre. O local estava cheio e a praia estava lotada com as mesas, nenhuma desocupada. Eles estavam tendo um dia infernal.

Avistei Miguel no caixa e acenei, chamando a sua atenção. Fazia dois meses que não nos falávamos, não sabia o que esperar. Se ele havia ficado chateado depois de uma semana que desapareci... imagine depois de tanto tempo.

– Paloma, que surpresa maravilhosa! – Sorriu ao se aproximar, sentando-se ao meu lado. – Como você está?

Olhei para o seu rosto e senti um carinho enorme por aquele garoto... Admirava-o como... um irmão. Um irmão mais novo, daqueles carinhosos que quando estão com medo vão para a cama de sua irmã pedir ajuda. Mas no caso, quem sempre pedia ajuda era eu.

– Estou aqui, Miguel. – Sorri de volta – E você?

– Não aceito isso como resposta. – Falou, me encarando.

– Quem tá vivo sempre aparece, né? – Ricardo se aproximou, parecendo que ia se sentar, até ser chamado por outro funcionário. Então piscou para mim e saiu para servir as outras mesas.

Por mais rápido que tivesse passado, não pude deixar de reparar na blusa azul que usava. Ela lhe deu um tom maravilhoso aos olhos. Aquele garoto... Fiquei encarando por um tempo o local onde havia sumido entre as mesas, até que Miguel chamou a minha atenção.

– O que você tem feito? – Perguntou.

– Nada... – Suspirei, desanimada. – Estou perdida, Miguel. Por isso mesmo que vim aqui.

– O que precisar, Paloma. Estarei feliz em ajudar. – Sorriu amigável como sempre.

– Não sei o que preciso – Ri tristemente.

Era a minha realidade. Precisava de algo, mas não sabia exatamente do que.

– Quer me contar o que está acontecendo?

– Eu... Não quero te incomodar. – Falei, olhando para as mesas lotadas.

– Não será incômodo nenhum. – Ele sorriu me passando a dose extra de coragem que precisava para contar sobre o desastre que era a minha vida.

– É uma longa história. – Avisei.

– Estou ouvindo.

– Ok. Então... dois meses atrás... – Comecei, sem saber exatamente como começar.

– Quando você desapareceu novamente. – Disse, sorrindo.
– Mais precisamente uma semana antes disso. Quando parei de ir à faculdade.
– Falei

– Certo. – Falou, colocando a mão no rosto e focando toda a atenção em mim.
– Minha mãe morreu neste dia; no dia do meu aniversário. – Falei, respirando fundo para não começar a chorar. Miguel percebeu que eu estava me esforçando, pois não se intrometeu mais. Até agora não tinha contado para ninguém sobre isso. Todos com quem falava já sabiam. Ou seja, Fernando e meu pai.

– E meu pai foi embora no dia seguinte. – Continuei, um pouco mais calma, feliz por ter conseguido não derramar nenhuma lágrima. Mas isso não diminuía a dor que sentia por dentro. – Agora ele voltou.

Esperei que Miguel tivesse alguma reação além de ficar me encarando, mas nada aconteceu. Nenhum olhar de pena, nenhum abraço carinhoso, nenhum pedido por mais explicações...

– É isso. – Falei, deixando claro que isso era tudo.

– Sinto muito por sua mãe. – Foi a primeira coisa que disse.

– Eu também. – Concordei.

– Por que a volta do seu pai é uma coisa ruim? – Perguntou, envolvido na história.

– Porque ele é autoritário demais e quer me colocar debaixo das suas asas. Não quero isso. Não quero mais obedecê-lo. – Falei, expondo toda a frustração que senti quando vi seu carro na garagem.

– É só não obedecer.

Infelizmente, não era tão simples.

– Se fizer isso ele tira meu cartão de crédito. – Suspirei.

– Então comece a ganhar o seu próprio dinheiro. – mais uma vez, usava o tom de como se estivesse falando uma coisa muito óbvia que eu era a única a não enxergar.

O problema era que tinha pensado sobre isso a noite inteira. Queria ganhar meu próprio dinheiro, mas não sabia fazer nada. Se dar dicas de moda for considerada uma profissão, posso sair de casa hoje mesmo.

– Não é tão simples, Miguel. – Falei, apoiando a cabeça nas mãos.

Cada vez mais frustrada. Meu mundo não era trabalhar! Nasci para fazer uma faculdade e seguir os negócios da família... Como poderia seguir isso se não queria ver meu pai na frente?

– O que está acontecendo? – Perguntou Ricardo, ressurgindo do nada e sentando-se na minha frente. Não olhei para ele para descobrir isso, mas senti suas pernas trombando com as minhas quando sentou.

Por um momento pensei ter sentido uma eletricidade vibrando entre nós

quando isso aconteceu. E a noite da dança voltou com toda força à minha memória. Suas mãos, seu corpo, seu ritmo...

Ótimo, não poderia me sentir mais frustrada. Abaixei a cabeça, puxando de leve os meus cabelos.

– A Paloma precisa de um emprego. – Falou Miguel, como se eu não estivesse ali. E assim começaram a conversar como se eu realmente não estivesse sentada na mesma mesa.

– O que ela sabe fazer? – Perguntou Ricardo.

– Ela fez um semestre inteiro de cálculo e outras matérias que podem envolver matemática e administração... – Citou Miguel.

– Ela pode trabalhar em alguma empresa com a família. – Sugeriu.

– Não dá, ela precisa ficar longe do pai. – Respondeu Miguel.

– Pois é; todos precisamos. – Concordou Ricardo.

– Ela poderia trabalhar aqui, o tio falou que estava precisando de mais gente. – Sugeriu Miguel, entusiasmado.

– Será engraçado vê-la servindo uma mesa. – Zombou, rindo.

Para mim, foi o fim. Levantei a cabeça e encarei os dois que continuavam alienados na discussão.

– Escuta aqui vocês dois. – Falei, chamando a atenção deles. – Estou ouvindo tudo.

Olhei para Ricardo e aponteí um dedo na sua cara.

– Se quiser saber o que sei fazer, pergunte para mim. Se quiser saber por que preciso trabalhar, pergunte para mim! – Falei, levantando os braços. – E sim, eu saberia servir uma mesa. Sei fazer coisas que você nem imagina. – Terminei, transferindo toda a raiva para ele em apenas um olhar.

Mas, mais uma vez, o sorriso safado surgiu em seu rosto.

– Hum, eu poderia imaginar sim. – Disse, me encarando. Ótimo, a raiva não havia chegado até ele.

Bufei, voltando a atenção para Miguel, pedindo com o olhar que me tirasse daquela situação.

– Ela poderia tentar... – Falou Miguel, olhando para Ricardo novamente.

– Vou ver com o tio. – Respondeu Ricardo, levantando-se da mesa.

– Do que você está falando? – Perguntei, observando enquanto Ricardo sumia dentro do quiosque.

– Você precisa de um trabalho. Meu tio precisa de novos funcionários. Problema resolvido. – Falou, sorrindo novamente.

– Não, Miguel, eu não sei fazer isso... – Admiti.

– Mas você disse... – Pareceu um pouco decepcionado por um momento.

– Eu sei o que disse, mas nunca fiz isso! Nunca trabalhei, nunca lavei um

copo, nunca limpei uma mesa! – E toda frustração estava de volta.

– Sempre tem uma primeira vez para tudo, Paloma. – Respondeu, pegando a minha mão e fazendo com que olhasse para ele. – Você precisa tentar. É um começo... O salário não é grande coisa, mas dá para se virar.

– Eu não sei... – Respondi ainda confusa, mas começando a ver um ponto de luz no fim do túnel.

Com certeza não era a melhor ideia de todas. Na verdade, poderia ser considerada uma das piores... Eu, trabalhando em um quiosque, servindo mesas, ao lado do Ricardo? Não poderia ser pior. Não poderia ser melhor. Mas ao menos era um começo. Nunca saberia se não tentasse.

– Um mês. – Falou Ricardo, voltando para a mesa.

– O que? – Perguntei confusa.

– Você tem um mês para se adaptar. Se for bem, está contratada e recebe o salário do mês trabalhado. Se for mal, já era. Foi o que consegui.

Miguel pareceu feliz, só faltava dar pulos na cadeira, mas escondeu o sorriso quando viu meu olhar perdido.

– Paloma, vai dar tudo certo. É só um mês... Você pode tentar, não pode? – Perguntou, me olhando.

– Ela não vai sobreviver nem um dia por aqui. – Disse Ricardo, rindo.

Encarei-o com ódio. Raiva era um sentimento muito fraco perto do que tinha.

– Você que pensa. – Falei

– Eu duvido. – Retrucou, apoiando os braços na mesa e aproximando-se de mim.

– Quer apostar? – Desafiei, deixando o lado orgulhoso falar mais alto.

– O que você quiser, princesa. – Falou, piscando.

– Quem ganhar decide. Eu vou sobreviver ao mês inteiro. – Falei, esticando o braço, esperando que apertasse minha mão.

– Se sobreviver metade disso, já poderá ter o seu prêmio. – Falou, me encarando, e apertou a minha mão.

Mais uma vez aquele choque. A mão... a mesma que passeou pelo meu corpo... Que desejei que explorasse lugares inexplorados e que senti tanta falta.

Retirei a mão da dele o mais rápido que pude, expulsando aqueles pensamentos da mente.

– Combinado então. Quando começo?

– Amanhã, sete e meia da madrugada. – Falou ele ainda me olhando desafiador.

Nunca fui capaz de fugir de um desafio.

Levantei, me despedi do Miguel e encarei Ricardo novamente.

– Nos vemos amanhã então.

– Estarei ansioso por isso. – Piscou novamente. Urgh.

Um desafio sempre me atraiu. Sempre. Nunca neguei e também nunca perdi nenhum. Mas não sabia exatamente no que estava me metendo ao aceitar este. Só rezava para estar no caminho certo.

Capítulo 17

Bati no despertador pela terceira vez naquela manhã. Ou seria a quarta? Virei para o lado e voltei a dormir, irritada por ter sido acordada em plena madrugada. Foi quando olhei para a janela com as cortinas abertas e percebi que não era tão madrugada assim.

Putá que pariu, precisava ir trabalhar!

Nunca achei que pensaria nesta frase, mas precisava aceitar a minha nova realidade. Pulei da cama e fiz tudo correndo. O “correndo” demorou meia hora. Só para arrumar o cabelo foram dez minutos, e fiz apenas um rabo de cavalo, sem tempo de lavá-lo como havia planejado.

Por que desliguei o despertador?

Desci as escadas de shorts e blusa branca. Era o mais simples que já vesti em toda a minha vida, mas não ficaria procurando roupas e combinações no guarda-roupa enquanto o tempo passava mais depressa do que o normal. Olhei no relógio novamente. Estava uma hora atrasada!

Sentia que não duraria nem um dia naquele emprego. E o pior de tudo: perderia a aposta com Ricardo. Que ótimo.

Saí da casa e encontrei Fernando sentado no banco do motorista, me esperando.

– Bom dia, Paloma. – Disse, sorrindo.

– Bom dia, Fernando. Por favor, não respeite nenhum sinal vermelho. – Falei enquanto fazia a maquiagem no banco de trás, errando várias vezes por causa do movimento do carro.

– Posso ir rápido, mas não colocarei sua vida em risco. – Falou, parando no primeiro sinal que surgiu no caminho.

– Minha vida já está em risco! – Falei, me exaltando. Não queria nem saber o que seria o pedido de Ricardo caso ganhasse a aposta. Na verdade, nem tinha pensado no que eu pediria caso ganhasse. Ou melhor; quando ganhasse.

La garantir aquele emprego, mesmo depois de um deslize daqueles. Precisava demais daquilo.

– Respire, Paloma. Apenas respire. – Falou, sorrindo pelo retrovisor para mim.

– Não consigo! – Estava entrando em pânico.

– Sim, você consegue. Vai dar tudo certo.

Tentei fazer o que mandou. Respirei fundo. Uma, duas, três vezes. A maquiagem estava básica, mas pronta. Pelo menos não tinha mais cara de quem acabou de acordar. Coloquei os óculos de sol e esperei enquanto Fernando

estacionava na praia.

– Valeu, Fernando. Você acaba de salvar a minha vida. – Sorri, dando-lhe um beijo no rosto antes de sair do carro.

– Boa sorte no primeiro dia! – Gritou quando saí correndo para o quiosque.

O local já estava cheio.

Entrei sem saber o que fazer, com quem falar... até que avistei Miguel.

– Paloma! – Gritou sem se aproximar, indo para uma mesa ocupada por três garotas impacientes. – Tem um avental na dispensa para você. – Sorriu, voltando a atenção para as clientes.

Ok, então só precisaria pegar o avental e atender as mesas. Pelo visto ainda tinha uma chance.

Passei pelo caixa e entrei numa porta onde imaginei ser a dispensa. Sempre era, não? Pois estava certa! Havia muitos potes, molhos, refrigerantes... e pendurado em um cabide estava um avental vermelho, com um tubarão desenhado que imaginei ser o logo do quiosque.

Nunca vi Ricardo com aquilo. Ele deveria ser muito conhecido no local, por isso não usava. Miguel também não usava. Eu não queria usar, mas era o mínimo que podia fazer depois daquele atraso.

– Você está atrasada. – Sussurrou uma voz no meu ouvido, me deixando inteiramente arrepiada.

Senti seu corpo colado no meu da mesma maneira que fez na noite da boate. Mas dessa vez suas mãos não me tocavam. Talvez apenas tenha colado o corpo no meu por causa da falta de espaço da sala. Mas o que explicava o nariz descendo pelo meu pescoço como se apreciasse o que sentia?

Demorei um minuto a mais para ter a reação correta. Um minuto a mais para me deliciar com aquela sensação. Sua proximidade abalou a minha razão, mas não daria a ele tal poder.

Virei de frente para Ricardo, com o avental nas mãos, e senti sua respiração próxima demais. *Ele* estava próximo demais.

– Pelo visto ainda estou empregada. – Falei, subindo o olhar por seu corpo. Precisei erguer um pouco a cabeça por causa da sua altura, mas me arrependi no mesmo instante.

Seus olhos estavam intensos. Não encontrei o interruptor quando entrei, portanto a única luz que iluminava o ambiente era a que vinha da pequena janela do outro lado da sala, deixando um clima estranho no ar.

Seu cheiro continuava maravilhoso. Lembrava o mar, mas com um tom amadeirado misturado com algo particular. Um cheiro exclusivamente dele.

– Não acho que será por muito tempo. – Falou, sorrindo de lado, ainda próximo demais.

– Se você continuar me atrasando, não mesmo. – Falei, tentando mostrar um pouco de autoridade. Aquele sorriso me desestabilizava demais.

– Por que quer isso, Paloma? – Falou sério.

Ser sincera ou inventar uma desculpa qualquer para ir embora? Preferi arriscar a terceira opção: ser grossa.

– Não te interessa. – Falei, colocando a mão em seu peito para empurrá-lo, já que estava no meu caminho para a porta.

Sem sucesso.

– Sim, me interessa e muito. – Falou, se aproximando um pouco mais. – Tudo sobre você me interessa. – Perto demais, garoto. Perto demais.

Conquistador. Ótimo, que seja a primeira opção então.

– Quero ser independente. – Falei, esperando que se contentasse com a resposta.

– Todos querem. – Retrucou, querendo mais informações.

Olhei nos seus olhos e eles não estavam tão intensos como antes. Na verdade, estavam... mas continham certo quê de curiosidade, talvez até de preocupação. E foi isso que me fez desabafar.

– Preciso ter minha própria vida. Algo que seja meu, que não tenha sido comprado pelo dinheiro sujo do meu pai. Preciso me livrar dele e de toda a influência que tem sobre mim. Eu preciso... Só preciso aprender a me virar sozinha. – Terminei suspirando e olhei para baixo, envergonhada pela exposição.

Quando voltei a olhar para Ricardo, parecia surpreso. Mas novamente agradei por não haver nenhum sinal de pena em seu olhar.

– Ok, garota mimada, comece o trabalho então. – Falou, se afastando para abrir caminho até a porta. Quis xingá-lo pelo “mimada”, mas não tive tempo. – E não pense que vou pegar leve com você só por causa da história tocante.

Olhei para ele brava, e tudo o que fez foi piscar.

– Mais uma vez... Você está atrasada. – Falou, sorrindo.

– Dessa vez a culpa é sua. – Reclamei.

Coloquei o avental, que ficou bem estranho em mim e procurei por Miguel novamente.

– Ei, garota. – Chamou um homem atrás de mim. Ele era muito charmoso, mesmo sendo mais velho. Tinha os olhos do Ricardo... mas não tão atraentes. – Você é a garota nova, amiga dos meninos? – Perguntou, se aproximando.

– Sim, sou eu. – Falei, arrumando o avental.

– Sou Evandro, o tio deles e seu chefe temporário. Você sabia que está atrasada? – Perguntou, sem um aperto de mão, sem um 'seja bem vinda', sem nada... Apenas profissional.

– Desculpe-me, senhor. – Tentei causar uma boa impressão. – Não acontecerá

novamente.

– Assim espero. – Falou, me encarando de cima em baixo. Depois de uma análise completa, jogou um bloquinho de anotações e uma caneta para mim, e me esforcei para pegá-los. – Agora vá atender algumas mesas.

Fiquei parada na sua frente, confusa. Como assim? Não receberia nenhum treinamento?

Ele percebeu que continuei ali e me voltou a me encarar.

– Precisa de algo?

– Nunca fiz isso antes, senhor. Estava esperando por algumas dicas... – Falei, tentando colocar na voz a doçura que já conquistou muitas coisas.

Ele amoleceu o olhar. Pelo visto ainda conseguia usar minhas artimanhas.

– Procure pelo Ricardo, ele te dirá o que fazer.

Ótimo, era exatamente o que eu precisava. Olhei frustrada para ele, querendo teimar, mas sabendo que não daria certo.

– Ali está ele. – Falou, antes que eu tomasse coragem de falar algo. – Ricardo, vem aqui! – Gritou.

Ricardo se aproximou, com o andar que, até agora, não havia percebido o quão masculino era. Sensual.

– Fala tio. – Disse, parando do meu lado.

– Ela é responsabilidade sua. Ensine-a tudo o que sabe. – Disse, saindo sem esperar por minhas reclamações.

Ricardo parecia confuso. Até me olhar com uma nova determinação no olhar.

– Assim vai ser mais fácil ainda te fazer pular fora. – Disse, sorrindo.

Era exatamente o que precisava. Sabia que não fiz a escolha certa ao aceitar este emprego.

– Vem, siga-me e apenas observe. – Falou, saindo do meu lado e indo em direção às milhares de mesas espalhadas pela praia. De repente, Tirou a camisa e a enlaçou na bermuda, me dando uma visão muito privilegiada das suas costas e de uma parte até então desconhecida da sua tatuagem.

Fiz o que mandou e apenas observei enquanto atendia várias e várias mesas. Fingi que era um fantasma. Não falei com ninguém, não olhei para ninguém... Apenas me dediquei a aprender tudo o que conseguia em cada pedido diferente.

No entanto, suas costas definidas e as tatuagens diversificadas eram ótimas distrações.

– Está conseguindo pegar tudo? – Perguntou quando voltamos ao balcão.

Quis responder que não, que ainda não havia entendido todas as imagens da sua tatuagem, nem decorado todas as nuances das suas costas... Mas apenas acenei com a cabeça.

Meu bloco de anotações estava repleto de rabiscos e tentativas de escrever tudo o que estava acontecendo: o preço de cada coisa, a especialidade da casa, a maneira certa de cumprimentar os clientes...

Ricardo viu que eu encarava o bloquinho e o retirou da minha mão, lendo minhas anotações. Ou melhor, tentando. Nem eu conseguia entender direito o que havia escrito ali.

– Você não precisa anotar cada passo que damos. – disse, retirando a folha e rasgando-a em vários pedaços.

Fiquei boquiaberta com o seu ato. Passei a manhã inteira anotando coisas importantes naquele maldito papel, e ele o rasgou em menos de um segundo!

– Seu idiota! – Falei, um pouco mais alto do que desejava e levantei o braço para bater em seu peito.

Segurando meus braços, ele conseguiu impedir que me mexesse.

– Ouça o que digo. Você não vai ganhar nada com aquelas anotações. – Falou, segurando meus pulsos.

– Você só quer que eu desista logo! – Reclamei com os olhos molhados de raiva.

– Sim, eu quero para poder ganhar nossa aposta. – Sorriu de lado. – Mas estou sendo sincero com você. Aja por instinto, com naturalidade. Seja você. Ou um lado agradável seu... – Disse, sorrindo mais largamente.

Soltou meus pulsos quando percebeu que havia me acalmado. Ótimo, teria que ser eu. Se fosse assim, estaria sentada na beira do mar e sendo servida por eles, não aqui, lutando para servir todos os clientes. Belo conselho que havia me dado.

– Se você for superficial as pessoas não vão gostar de você.

– As pessoas não precisam gostar de mim. – Respondi emburrada. Já não bastava ter uma boa imagem para o meu pai, teria que fazer as pessoas gostarem de mim aqui também?

– Elas precisam estar satisfeitas com o seu atendimento. Seja simpática e natural, só isso.

Respirei fundo mais uma vez. Ser simpática até conseguia... Mas natural? Como poderia ser natural se estava completamente fora de tudo o que conhecia?

Ricardo reparou no meu olhar sem esperanças.

– É só o seu primeiro dia. Fica mais fácil com o tempo. – Falou, piscando.

– Por que está fazendo isso? – Perguntei antes que fosse embora.

– Isso o que?

– Me ajudando... Você quer ganhar a aposta, certo? Então por que está me ajudando para que eu dure mais aqui? – Perguntei confusa e desconfiada dos seus conselhos.

Sorriu para mim; aquele sorriso de lado que era capaz de me derreter.

– Vou ganhar a aposta, mas não preciso que você saia logo no primeiro dia para isto. Será divertido te ter por perto por algum tempo. – Disse, virando-se e partindo definitivamente, sem esperar por uma resposta.

Esses dias seriam qualquer coisa, menos divertidos.

Capítulo 18

A primeira semana foi a pior; não a pior da minha vida – nenhuma se compara àquela em que a minha mãe morreu – mas foi no limite do suportável. Ou seja, foi infernal. Não conseguia me adaptar a nada. O horário sempre torcia pelo meu fracasso e, quando conseguia acordar na hora certa, milhares de outros imprevistos surgiam.

Meu pai esteve presente apenas durante a noite e por poucas horas. No começo tentei chegar o mais tarde possível, sempre rezando para que já estivesse dormindo. No entanto, sempre estava sentado na sala com o copo de uísque na mão, me esperando apenas para mais um dos seus inúmeros discursos. Depois ele saía, e só o via na noite seguinte, quando a cena se repetia.

Ele insistia que estava na hora de eu acordar para a vida. Marcou uma psicóloga que subornei para dizer que fiquei lá durante uma hora inteira – quando, na verdade, passei pela praia com o atestado nas mãos, livre também do trabalho daquela tarde. Percebendo que não teve o efeito esperado – queria que eu mudasse da noite para o dia –, passou a tomar medidas drásticas. E por medidas drásticas me refiro a ele trancando a porta do lado de dentro uma vez, obrigando-me a pedir abrigo para o Fernando e, quando descobriu, ameaçou todos os funcionários da casa, querendo saber com quem eu havia dormido.

É claro que não soube a verdade. Ninguém naquela casa gostava dele, mesmo ele sendo quem pagava os salários.

Isso tudo foi dentro de casa. Fora, as coisas não estavam melhores. Não conseguia decidir se me trancava no quarto e suportava as palavras duras daquele que um dia eu amei, ou se saía de casa e aturava as provocações daquele que um dia me seduziu em uma balada, mas que já me machucou diversas vezes. No final, ir para o trabalho continuava sendo a melhor opção.

Miguel estava se tornando cada vez mais um perfeito companheiro. Sua namorada estava para vir, e ele não parava de falar sobre a garota. Por mais que pareça cansativo, amava ouvi-lo falando sobre como se conheceram, como foi o primeiro beijo e o tamanho da saudade que sentia dos abraços inesperados que trocavam. Podia viver o meu conto de fadas através da sua vida, já que demoraria muito para encontrar alguém que realizaria o meu. Não, não demoraria muito. Demoraria a vida inteira. Não queria encontrar ninguém.

O amor verdadeiro existe, mas nunca para ambos os lados. Os dois nunca amam igualmente. Aprendia isso a cada carta que lia da minha mãe. Ela amava meu pai, sempre amou, e acredito que sempre amará... mas eu era cega por este amor.

Neste momento, estava lendo mais uma das cartas que provavam que o amor nunca vale a pena.

“Cada qual sabe amar a seu modo; o modo, pouco importa; o essencial é que saiba amar.” – Machado de Assis.

Minha linda e adorável Paloma,

Você acabou de pegar no sono ao meu lado. Como sabia que eu precisava da sua presença? Foi como se tivesse te chamado em meus pensamentos e, de repente, lá estava você na frente da porta com o bichinho de pelúcia nos braços, implorando para deitar-se comigo. E é claro que deixei.

Você dorme como um anjo. Não consigo parar de te olhar... É impossível. Sua fisionomia lembra tanto o seu pai, e sinto uma falta enorme dele. Faz uma semana que ele não vem para casa. Sim, mais uma viagem de trabalho. Sei que está fazendo isso para o nosso bem, meu amor, mas é difícil ficar sem ele aqui, ainda mais quando estes pensamentos invadem minha mente.

Você deve se perguntar que pensamentos são estes... Respondo-te, minha pequena: são pensamentos que espero nunca chegarem perto da sua mente. Como sabe, perdi meus pais quando ainda era muito jovem. Não conheci minha mãe, e meu pai casou-se um ano após a sua morte – que foi durante o meu nascimento. Um ano! Como um amor pode ser substituído após um ano?

Um amor verdadeiro não pode ser substituído jamais, minha linda. Tenha sempre isso em mente. Nunca conheci minha mãe e é por isso que escrevo estas cartas a você... Não sei até quando estarei aqui. Tudo pode acontecer, não é mesmo? Não quero que viva sem saber quem sua mãe seria assim como eu. É uma sensação horrível! Imagine... Durante todos os dias das mães, na escolinha, a professora pedia para desenharmos nossos pais juntos. Da maneira como os víamos. Nunca me senti confortável para desenhar minha madrasta, e não sabia desenhar a minha mãe.

Uma coisa é você ter em mente a imagem de uma pessoa, outra coisa completamente diferente é você conhecer a pessoa por dentro. Já assistiu ao filme "O Amor é Cego"? É exatamente isso que quero dizer. As pessoas podem ser lindas por dentro, mas você nunca saberá se não as conhecer melhor. Se não dedicar um tempo da sua vida para conhecer alguém.

É maravilhoso conhecer alguém, meu amor! Quanto mais você convive com uma pessoa, mais você a conhece. Mas você é capaz de interpretar cada olhar, cada toque... Eu amo a maneira como conheço seu pai. A maneira como sei que teve um dia cansativo apenas pelo copo de uísque nas mãos. A maneira como percebo que precisa de mim apenas com um olhar e então já estou ao seu lado.

A maneira como pensa que eu não sei que está mentindo, mas, no fundo, sei de tudo.

Não, este é apenas meu lado sombrio falando mais alto. Seu pai jamais mentiria para mim, muito menos para você, pequena. Ele nos ama mais do que tudo. E agora, enquanto escrevo esta carta, ele está dormindo no hotel do outro lado do mundo, contando os segundos para voltar para casa. Para a nossa casa.

Para o lugar onde pertence. O lugar onde sempre volta. Agradeço por você não sentir tanta falta dele como eu sinto, pois assim não preciso te dar mais explicações. A única coisa que preciso falar é que seu pai voltará para a casa, meu amor. Sempre volta e sempre vai voltar. É só isso que importa.

Da sua mãe que te ama infinitamente e que espera que encontre um amor, assim como encontrei seu pai.

Não mãe. Espero jamais encontrar um amor como o meu pai. Durante esta noite, ele provavelmente estava na casa de alguma vagabunda, curtindo a semana enquanto minha mãe cuidava de tudo, fingindo que não sabia o que acontecia. No fundo ela sabia. Imagino que a dor era grande demais para admitir para si mesma.

Fecho o diário e vou para o banho. É mais um sábado, mais um dia cansativo de trabalho e mais um final de semana para aproveitar. Isso é tudo o que quero fazer: aproveitar. Durante a semana penso em tudo o que aconteceu nos últimos meses, em como as coisas mudaram e em como a saudade da minha mãe só cresce. Mas, aos finais de semana, quero esquecer. Esquecer sempre é melhor. Por mais que a dor seja pior no dia seguinte, os momentos de alívio valem a pena.

Passo mais uma tarde no quiosque. Posso dizer que faço tudo no automático. Os "olá, em que posso ajudar?" saem cada vez mais naturais. Não, não segui o conselho do Ricardo. Ser eu mesma? Não duraria nem meio dia se fizesse isso. Precisava ser a melhor imagem de mim. A imagem que todos queriam ver: a garota perfeita que só está trabalhando para conseguir uma grana extra. Era melhor deixar de lado toda a bagagem que levava comigo.

– Já está indo embora? – Perguntou Ricardo enquanto eu tirava o avental.

Estava divino, como sempre. Seu cabelo, curto e bagunçado para cima e parecia estar deixando a barba crescer. Não deveria fazer isso, mas do jeito que estava hoje, ainda muito irregular, só deixava o garoto atrevido ainda mais sexy.

– Já deu a minha hora. – Respondi, desviando o olhar.

– Vai sair hoje? – Perguntou, se aproximando.

– Vou. – Disse, secamente, e saí de perto. Toda vez que se aproximava, parava de pensar racionalmente.

– Aproveite a sua noite então. – Falou e, quando olhei, sorria de lado com os olhos em chamas.

Senti que só aproveitaria mesmo se ele estivesse lá e pudesse reviver a noite que tivemos. A noite que durou pouquíssimo e que já estava ficando nublada em minha mente. Talvez estivesse na hora de clarear um pouco os pensamentos, criar novas imagens, sensações...

Não. Essa hora jamais chegaria.

– Você também. – Falei, saindo o mais rápido do local e indo até onde Fernando me esperava.

Troquei de roupa no carro, evitando ir para casa àquela hora. Passei perfume e fiquei pronta para esquecer. Não iria com a Lorel. Na verdade, fazia um bom tempo que não nos víamos ou falávamos.

No fundo não sentia falta. No meu coração não havia mais espaço para o sentimento de saudade, além do que a minha mãe ocupava. E, esta noite, ia esquecer que ela estava neste espaço. Pretendia esquecer até que tinha um coração.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco copos. Depois, eu já estava na pista, rodeada por dois garotos, aproveitando ao máximo a minha noite. Os garotos eram fortes, tornando difícil a decisão de com quem ficar. Poderiam ser os dois? Se os homens faziam isso, por que as mulheres não podiam também?

Abracei-os pela cintura, um braço em cada um e me senti muito melhor. Sim, também podemos. Podemos qualquer coisa. Tenho o que quero, faço o que quero e fico com quem quero. Não há ninguém para me falar que não posso ficar com os dois ao mesmo tempo. Na verdade, até eles pareciam aceitar a condição.

Meia hora depois, não podia mais. Tudo girava, mas o efeito dos copos virados estava sumindo, dando lugar à dor de cabeça e à minha realidade. Não tinha tudo o que queria, não fazia o que queria e, no fundo, não ficava com quem queria, pois fazer isso só me machucaria mais.

Ótimo, agora comecei a pensar demais. Chega. Hora de ir para casa, deitar na cama e lamentar por ter bebido demais. Meia hora de esquecimento era tudo o que conseguiria. Não era o suficiente, mas continuava sendo melhor do que nada.

Pedi desculpas aos garotos, que pareceram frustrados, mas logo desviaram a atenção para duas meninas que se esfregavam na pista. Pelo menos teriam a noite que esperavam ter. Eu não. Não sei por que sempre esperava que a noite fosse diferente, que durasse mais... Nunca durava.

Dei o endereço de casa para o taxista, me negando a ligar para o Fernando. Não o incomodaria numa hora dessas, ainda mais em pleno sábado. Conseguia me virar sozinha. É tudo o que fiz neste último mês: estar sozinha. Fazer as

coisas sozinhas. Conversar sozinha. Chorar sozinha. Morar sozinha. Não, isso não era mais verdade. Infelizmente.

Cheguei a casa junto com o carro do meu pai. Teria que aguentar mais alguns minutos de seu sermão. De tanto passar por isso estava ficando prática em fingir que ouvia alguma coisa que falava. Era sempre a mesma coisa. Apenas precisava acenar, fazer cara de triste e, no final, soltar um "me desculpe". Pronto.

Estava prestes a abrir a porta do taxi quando ele desceu do carro e, logo após, uma loira muito magra, desceu atrás.

Sorriam com as mãos entrelaçadas. Ele fodidamente sorria. Não percebeu que eu estava ali, próxima demais, capaz de ouvir cada palavra suja que saía da sua boca e ver o sorriso sexy que a garota lhe lançava. Não percebeu nada ao seu redor, apenas entrou na casa, guiando a vagabunda e fechando a porta sem olhar para trás.

Ele esqueceu. Simplesmente esqueceu. Conseguiu partir para outra em pouco mais de um mês. E agora estava na casa que um dia dormiu com a minha mãe, com uma garota qualquer.

Provavelmente estava na cama que compartilhou com ela por tantos anos com aquela loira falsa. Como foi capaz?

Peguei o celular e mandei o motorista dar uma volta pela cidade. Jamais dormiria naquela casa, ouvindo os ruídos de traição que sempre existiram, mas que agora estavam evidentes demais para serem negados.

Não seria capaz de olhar na cara daquele que um dia disse que me amava. Que amava a minha mãe, milhares e milhares de vezes. Isso não é amor. "Um amor verdadeiro não pode ser substituído jamais". Jamais, pai, está entendendo? Jamais não significa quarenta dias. Não significa algumas lágrimas. Jamais dura para sempre.

A minha mãe o amou de uma maneira que jamais mereceu ter sido amado.

Olhei para o celular sem a menor ideia do que fazer, enquanto o motorista rodava pela cidade sem rumo. Enquanto meu pai se esquecia da mulher e desonrava sua imagem. Enquanto minha visão se tornava cada vez mais nublada com as lágrimas.

Enquanto só queria voltar a esquecer.

Capítulo 19

Ricardo

A noite havia sido satisfatória, porém repetitiva. Estava cansado das mesmas garotas superficiais, das mesmas palavras quentes sussurradas na cama e da mesma transa sem significado.

Não, não procurava alguém para "fazer amor". Aliás, que porra é essa? Enfim, o problema não era este. O problema era que não fazia ideia de qual era o problema.

Pensei que a noite, a qual imaginei ser Paloma no lugar da outra garota nunca mais se repetiria. A noite que uma menina insignificante ganhou uma nova fisionomia, me levando à loucura em poucos minutos, diferente do que acontecia com seu rosto e corpo normal. No entanto, nada saiu como planejado. Tentava evitar ao máximo pensar em Paloma e, com o tempo, ficava cada vez mais fácil. Ela havia sumido. Parecia até que estava tentando me ajudar a seguir em frente.

Tudo mudou no dia em que apareceu no quiosque, pronta para trabalhar por lá. No meu trabalho, o local onde passo a maior parte do dia. Já fazia uma semana que precisava olhar para o seu rosto, para o seu irresistível corpo e me segurar para não prensá-la na parede mais próxima e fazer tudo o que a minha imaginação – e meu amigo aqui de baixo – queriam. Foi então que precisei, mais uma vez, substituir o rosto das garotas pelo dela.

Isso estava se tornando uma tarefa cada vez mais difícil. Em que porra estava pensando quando fiz pela primeira vez?

Talvez estivesse pensando que jamais a veria novamente, que não teria problema nenhum fazer isso. Quem nunca se imaginou transando com a Pamela Anderson, ou com a Scarlett? Posso dizer que nunca me imaginei com nenhuma das duas e muito menos com outras famosas. A única capaz de entrar na minha mente desta maneira era a Paloma.

E a vi novamente. Por uma semana a vi todos os dias, por mais tempo do que poderia imaginar que veria. Quando soube que trabalharia ali meu primeiro pensamento foi "foda-se, não vai durar nem duas horas". Confesso que fiz de tudo para que não durasse mesmo. Mas a garota é forte, teimosa e já estava há uma semana, aguentando todas as reclamações dos clientes e suportando o calor infernal que é a praia quando não podemos entrar no mar.

Parecia cada vez mais distante da garota mimada que achei que fosse. E me sentia cada vez mais instigado em conhecê-la profundamente, no bom sentido e no melhor ainda.

No momento, com a bebida ainda no organismo, o sentido mais malicioso era

o que prevalecia.

Entrei em casa tentando fazer silêncio, pois sabia que era tarde demais. Ou cedo demais. Tanto faz. O fato é que Miguel com certeza estava dormindo e, mesmo que o chão parecesse um pouco fora de lugar, daria o meu melhor para não acordá-lo.

Fui direto para o meu quarto, sem olhar ao redor do pequeno apartamento, pronto para tirar a roupa e me jogar na cama. Dormir as quatro horas de sempre.

Acendi a luz do quarto e comecei a tirar a camisa, quando vi um volume estranho na cama. Não, não apenas um volume. Uma garota loira estava desmaiada na minha cama, com a cabeça virada para a parede, impossibilitando que visse seu rosto. Mas o cabelo e o corpo, um pouco à mostra demais por causa do vestido curto, eram inconfundíveis: Paloma estava deitada na minha cama.

A garota que há pouco tempo estava deitada em outra cama, gemendo meu nome, deitava na minha cama. A verdadeira garota.

Que porra estava acontecendo?

Olhei ao redor sem saber o que fazer. Podia acordá-la e perguntar o que estava fazendo àquela hora, deitada no último lugar que imaginei que estaria. Ou melhor, que realmente estaria... pois minha imaginação fértil já a havia colocado várias vezes naquele lugar. Mas não, não a acordaria. Ela que dormisse, já que estava ali.

Outra pessoa precisava ser acordada. O Miguel ia se ver comigo.

Saí do quarto em direção ao quarto do Miguel, quando vi a luz da sala acesa. Não estava acesa quando entrei, mas meu irmão agora ocupava o sofá como se estivesse ali o tempo todo.

Sabia o quão furioso eu estava.

– Posso explicar, Ricardo. – Falou assim que nossos olhos se encontraram; estavam vermelhos, indicando que havia chorado. Muitas coisas precisavam ser explicadas.

– É bom ter uma puta de uma explicação para isso! – Exclamei morrendo de vontade de socar algo. Qualquer coisa. Cruzei os braços para que não criassem vida própria e apoiei o corpo na parede, tonto por causa da bebida. Porcaria de bebida.

– Senta aqui, mano. – Falou, indo para o canto do sofá.

– Não vou me sentar, Miguel. Pare de enrolar e comece a explicar o motivo de ter uma garota na minha cama.

– Ela não tinha para onde ir. – Disse, abaixando o olhar.

– Foda-se! Você já arranjou um emprego para ela, agora vai trazê-la para casa?

– Não vai ficar por muito tempo. Senta aqui mano, me deixa explicar. – Pediu mais uma vez.

– Cacete Miguel! Já levei alguma garota para a sua cama? Fala, já fiz isso? Então porra, leve-a para a sua. Não quero chegar aqui em casa e encontrar suas paqueras dormindo no meu quarto!

– Não é nada disso que está pensando. – Continuava calmo. Tão diferente de mim...

– Puta merda, garoto! – Resmunguei, sem conseguir colocar os pensamentos em ordem.

– Me escuta só por um momento, Rick. Por favor.

Respirei fundo. Mais uma vez.

– Estou ouvindo. – Falei.

– Ela teve uma briga com o pai. Sua mãe não está mais aqui... Não tinha para onde ir... Ligou no meu celular chorando, perguntando se poderia dormir aqui só essa noite. Ela prometeu que seria apenas uma noite, mas não sei o que vai fazer depois disso. – Explicou me deixando mais confuso do que nunca.

– Uma simples briga é motivo para a mimadinha sair de casa?

– Você não entende. Não a conhece. Já te disse, ela passou por muita coisa. Está mudando.

Sim, realmente estava. Podia ver no modo como se portava no quiosque... Se comparasse o seu primeiro dia de trabalho com o de hoje podia ver claramente a diferença. Suas roupas, seu olhar, sua postura. Parecia cada vez mais decidida.

– Ela não tem nenhuma amiga? Por que justo aqui? Justo você? – Falei, sentindo o ciúme inusitado que odiava com todas minhas forças.

– Não sei. Não conversamos muito quando ela chegou aqui. Só disse que não sabia o que faria se eu não tivesse atendido ao telefone, e prometeu que não incomodaria. Queria dormir no sofá, mas não deixei. Achei que você chegaria mais tarde, então mandei que fosse para seu quarto.

Passei as duas mãos no cabelo, bagunçando-o, frustrado. A garota estava perdida e procurou meu irmão para isso. Queria ter sido eu a salvar a sua noite. Quem procurou ajuda.

Mas não, nunca seria o salvador de alguém.

– Ela não pode ficar aqui. – Falei, simplesmente.

Já era difícil conviver com a vontade que sentia dela no trabalho. Em casa, seria um inferno.

– Ela não tem para onde ir. – Insistiu.

– Não me importo. – Teimeei, sabendo que no fundo me importava sim, e muito. Mas não poderia. Não deveria.

– Mas Rick... – Começou.

Levantei novamente, bravo com Miguel por estar teimando e ainda mais comigo, por não conseguir me convencer de que mandá-la embora seria o certo a fazer.

– Não me importo, Miguel! Ela tem a casa dela, ela que vá viver sua vida. Não quero vê-la aqui amanhã. Foda-se para onde irá, mas aqui não fica. – Falei, erguendo o tom, querendo me convencer de que acreditava em tudo que estava falando.

Queria como o inferno que ela ficasse. Queria chegar todos os dias em casa e encontra-la dormindo na minha cama. Mas não podia querer nada disso.

Quando olhei novamente para Miguel, seus olhos estavam em alerta, olhando além de mim. E então a ficha caiu.

Havia fudido tudo mais uma vez.

Virei o corpo, sabendo o que me esperava, mas me surpreendendo da mesma maneira. Paloma parecia derrotada, destruída. Seus cabelos despenteados e a maquiagem espalhada pioravam a sua aparência. Mas o que machucou não foi isso, e sim ver o olhar de decepção em seu rosto mais uma vez.

Doeu muito mais do que a primeira vez. Mais até do que a segunda. Esta era a terceira? Ou já havíamos chegado na quarta?

Encarou por um tempo, baixando o olhar em seguida como se não aguentasse mais aquilo. Por um momento pareceu disposta a argumentar comigo, a ser a garota mimada e teimosa que eu tanto amava atormentar. Mas, meio segundo depois, se rendeu. Desistiu como se aquilo fosse um sacrifício muito grande.

– Não se preocupe, vou embora assim que o dia clarear. – Disse, baixo demais.

Não me importava em ser sua ruína, mas não deixaria que mais ninguém a ferisse tanto. Sabia que não era o culpado por aquela aparência e faria de tudo para descobrir o que aconteceu. A pessoa pagaria. Ah, porra, a pessoa que fez aquela garota chorar pagaria muito, muito caro.

Capítulo 20

Acordei confusa. A cama não tinha o mesmo cheiro de sempre, aquele que me transportava de volta para a minha antiga realidade. Este cheiro parecia me acalmar, pois lembrava o mar, a praia... definitivamente não estava na minha cama. Em um piscar de olhos, lembrei tudo o que havia acontecido e onde realmente estava: na cama do Ricardo.

Sentei, olhando ao redor. Não enxergava muito por causa da falta de luminosidade. A única luz vinha da lua que entrava pela janela aberta no outro canto do quarto. No breu, consegui identificar apenas o guarda-roupa marrom e a cômoda ao meu lado, com minha bolsa por cima.

Mais cedo na mesma noite, pensei milhares de vezes antes de ligar para o Miguel. Fiz o taxista dar várias voltas pelo centro e outras pela periferia da cidade. Queria ir para o cemitério, ficar ao lado da única pessoa que me amou um dia, mas não tive coragem. Não àquela hora da noite. Poderia ligar para o Fernando, mas o que faria além de me mandar de volta para casa? Ele morava perto demais da pessoa que nunca mais queria ver na frente.

Com isso, Miguel foi a única opção.

– Paloma? – Atendeu com a voz sonolenta. Havia olhado no celular antes de ligar e constatado que passara das três da manhã. É óbvio que ele estava dormindo.

– Oi Miguel. – Tentei esconder o choro na voz, sem sucesso.

– O que aconteceu? – Perguntou, preocupado como sempre.

– Muitas coisas. Preciso de um lugar para dormir. – Falei, não querendo pedir deliberadamente, mas sem outra saída.

– Vem para cá e a gente conversa. – Passou o endereço do seu apartamento, que repeti no mesmo instante para o taxista, temendo que a memória falhasse.

– Obrigada, Miguel. – Agradei antes de desligar.

O taxista pareceu feliz ao ter um destino em mãos, tanto que chegou ao local indicado em menos de dez minutos. Miguel estava na portaria me esperando.

Não tive coragem de lhe contar tudo. Era muita coisa, muita bagagem. Ele já sabia que minha mãe havia morrido, então era o suficiente, não? Apenas expliquei que meu pai estava ultrapassando os limites e ele pareceu entender perfeitamente. No mesmo momento me ofereceu um lugar para dormir e até para morar, mesmo que tivesse prometido a mim mesma que não ficaria ali por mais de uma noite.

Talvez duas. Não fazia a menor ideia de qual caminho seguiria. Não tinha com

quem contar e quem estava disposto a ajudar não merecia ter um fardo a mais na vida. Quando comecei a trabalhar, sabia que o objetivo era me virar sozinha, começar a juntar um dinheiro, me mudar e sair daquela casa. No entanto, nunca imaginei que a mudança aconteceria tão cedo.

Fiquei aliviada por não encontrar Ricardo no apartamento. Aliviada e irritada, de certo modo. Era ótimo ele não estar ali para fazer as suas gracinhas, ainda mais quando passaria a noite. Mas se não estava ali, estava em outro lugar e este tinha uma grande possibilidade de ser a cama de outra garota. Essa foi a parte que me deixou irritada. Muito irritada.

O local era menor do que imaginei que seria, mas não importava. Tudo o que precisava era de um teto. Poderia até dormir no chão se precisasse. Só não queria acabar deitada no banco de alguma praça ou na areia do mar novamente. Por isso, devia uma ao Miguel. Na verdade, lhe devia várias.

Aticei a audição e percebi o que havia me acordado: Ricardo estava na casa. E parecia furioso. Levantei da cama, ajeitando o vestido no corpo e abri a porta do quarto. O quarto que me recusei a dormir até o último segundo. No entanto, foi maravilhoso dormir com o seu cheiro ao meu redor, mesmo por poucas horas.

Tentei ouvir o que conversavam sem que percebessem a minha presença, e foi assim que Ricardo me machucou mais uma vez.

– Não quero vê-la aqui amanhã! Foda-se para onde irá, mas aqui não fica! – Não sei se havia falado algo antes, mas esta foi a frase que permaneceu no meu cérebro por mais tempo do que o necessário.

Miguel notou que eu estava ali ouvindo tudo e tentou avisar Ricardo com o olhar. Este não demorou a perceber que algo estava errado e se virou, olhando diretamente nos meus olhos.

No momento não pensei no quão ruim parecia estar. A raiva tomou conta do meu corpo. Ele havia me magoado mais uma vez e nem amigos éramos! Tudo o que fizemos foi trabalhar uma semana juntos e dançar magicamente na balada. Só. Coisas completamente insignificantes.

Não tinha o direito de me magoar novamente.

Mas aos poucos a raiva deu lugar à dor. Sabia que ele estava certo. Era o único que pensava racionalmente ali. Eu não poderia ficar ali, não seria justo com ninguém. Eles não mereciam dividir a casa com uma garota que passava a maior parte do tempo chorando.

Ricardo havia me machucado, mas suas palavras eram repletas de razão.

Engoli o choro uma vez mais, tentando me estabilizar, mas estava no limite do precipício. Não sabia por quanto tempo mais conseguiria aguentar. Apenas voltei o olhar para ele, dando o meu melhor para não desabar ali mesmo.

– Não se preocupe, vou embora assim que o dia clarear. – Falei com a voz

chorosa.

Encarei-o por mais um tempo e quando percebi que não falaria mais nada que pudesse me machucar, dei as costas e voltei para o seu quarto.

Fechei a porta atrás de mim, me jogando na cama. Era o último lugar que deveria estar, mas o único que estava disponível no momento. Em poucas horas teria que dar um rumo à minha vida, e não fazia a menor ideia de qual seria.

Sentei na cama e peguei o diário esperando que pudesse me dar algum sinal, alguma pista sobre o caminho certo.

“Não enlouqueça buscando a perfeição. Alguns defeitos são importantes.” – Paulo Coelho.

Minha geniosa Paloma,

Você completou quinze anos alguns meses atrás e já posso notar as mudanças em seu corpo. Minha menina cresceu, está quase me passando e sua personalidade também está mudando. Aos poucos tento ensiná-la que dinheiro não é tudo. Tento ensiná-la a ser humilde e a se importar com os outros... mas você só se importa com festas, milhares de amigos e roupas caras.

Nunca mais te vi com uma calça velha, uma roupa um pouco amassada ou com o cabelo fora do lugar. Nem mesmo nos dias que não sai de casa. Temo por você, meu amor. Temo, pois é exatamente isso que seu pai quer: uma filha para apresentar à sociedade. Espero que não esteja lendo isso cedo demais. Espero não estar manchando a imagem maravilhosa que tem do seu pai.

Ele também tem mudado. Não para mais em casa, suas desculpas estão cada vez piores, e não sei o que fazer para que tudo volte ao normal. Minha mente ansiosa diz que ele tem outra família e essa está exigindo mais atenção do que a nossa, mas sei que não é verdade. Quem desejaria outra família quando se tem uma filha tão perfeita como você?

Não importa. Não estou sentada na cama para escrever sobre ele, e sim sobre você. Tem algumas coisas que precisa ouvir, e acho que agora que já leu tudo o que escrevi antes dessa carta, finalmente absorverá as palavras que quero te dizer.

O fato é que você não é perfeita. Eu sei, dói saber disso, não dói? Mas ninguém é perfeito, minha pequena! Você é linda, ninguém pode negar. Seus cabelos loiros são brilhantes, seu corpo é esbelto mesmo sem se preocupar com isso. Tem uma beleza natural divina e pensa que sabe disso. Sim, pensa. Você acha que com maquiagens e roupas extravagantes está ficando mais bela, mas tudo o que faz é se esconder atrás delas. É triste ver o quão linda poderia ser se não fosse tão materialista.

A beleza não está na aparência, minha princesa, e sim na personalidade. Quando mais nova você era tão caridosa, tão amorosa... Hoje, parece cada vez mais chique e, ao mesmo tempo, mais ignorante. Não se importa com nada nem ninguém que não seja do seu interesse. E não tem noção do quanto dói ver essa mudança. Ver o que poderia ser, e o que está se tornando.

Digo isso para o seu bem, meu amor. Não digo para te mudar, a mudança já aconteceu. Essa não é sua essência, é apenas a influência do seu pai instalando-se em seu cérebro. Digo então para ser você mesma. Aquela que aproveitava os pequenos momentos da vida, que chorava ao ver um cachorro abandonado na rua e que conseguia sentir quando eu precisava de um pouco de carinho. Hoje, seus abraços são interesseiros, os cachorros são ignorados e os momentos... Imagino que nem se importe mais com eles.

Sei que é capaz de ser uma pessoa melhor, está no seu sangue. Não deixe que ninguém te mude. Espero que não seja tarde demais para reverter tais mudanças. Que ainda seja capaz de sorrir da maneira que sorria quando o cachorro de rua encontrava um novo lar. Há muito tempo não vejo esse sorriso em seu lindo rosto.

Além de tudo isso, eu te amo. Quero o melhor para você. E não, não me refiro às melhores roupas e móveis. Desejo-lhe os melhores sentimentos.

Da sua mãe que espera do fundo do coração que encontre o caminho de volta e a felicidade plena.

Sequei os olhos assim que terminei a leitura, sem saber se a carta me ajudou ou não. Jamais imaginei que era tão materialista assim, mas pensando bem, tudo fazia sentido. Desejei trocar aquele vestido caro assim que deitei na cama pela primeira vez, mas não troquei por não haver nenhuma roupa minha ali. Queria voltar para casa, principalmente porque meu guarda-roupa estava lá. Meu cartão ilimitado estava lá.

Porém, como minha mãe disse: precisava encontrar o caminho de volta. Não podia mais viver sobre influência do meu pai nem de ninguém. Precisava ser independente e parar de me importar com as coisas materiais.

Parecia fácil falar, mas não acreditava que conseguiria mudar tão cedo.

Depois de meia hora sentada, apenas encarando o quarto e o sol que nascia lá fora, decidi que estava na hora de levantar, me recompor e partir. Para onde? Não sei. Esta era uma questão que o diário não havia ajudado em nada. Teria que resolver sozinha. Sempre sozinha.

Saí do quarto e não encontrei ninguém na sala, então apenas fui para o banheiro, pequeno demais para ser confortável e me tranquei lá.

Olhei no espelho. Estava uma desgraça. Destruída, para ser mais sincera. Mas

decidida. Decidida a dar continuidade ao novo rumo que escolhi para a minha vida. A encontrar a felicidade. A seguir meu caminho, mesmo com todos os obstáculos. Era a única opção.

Saí do banho me sentindo um pouco menos derrotada. As imagens da noite anterior ainda passeavam pela minha mente. Meu pai e uma garota qualquer. Beijando. Entrando na casa da minha mãe, a mulher que não merecia ser substituída pela vagabunda de ontem.

Coloquei o vestido de volta, tentando ao máximo não me repudiar por isso. Se eu queria a mudança, precisava aceitá-la. E isso significava que não havia problema nenhum em colocar um vestido que cheirava à bebida, certo? Arrumei o cabelo em um rabo de cavalo e saí do banheiro, mais uma vez sem encontrar ninguém na sala.

Abri a porta do quarto de Ricardo para pegar a bolsa que havia deixado lá e quase gritei quando acendi a luz. Ele estava deitado na cama – na sua cama – com os braços apoiando a cabeça, completamente relaxado e com o olhar preso no meu.

Tomei coragem e entrei; ansiosa para dar um fim ao incômodo que estava sendo para os dois.

– Já estou saindo. – Falei, pegando a bolsa.

– Desculpa pelo o que disse antes. – Sentou na cama sem largar meu olhar por sequer um segundo.

– Você tinha razão.

– Não, não tinha. Fui um idiota.

Queria responder que isso era o que fazia de melhor. Mas precisava me lembrar de que continuava na sua casa, o mínimo que podia fazer era ser educada.

– O que aconteceu com você? – Seus olhos tornaram-se profundos, penetrantes.

Olhei para a minha roupa, me fazendo a mesma pergunta. O que havia acontecido comigo?

– Não tenho outra roupa. – Resmunguei.

– Está linda assim. – Piscou, sorrindo de lado. Oh porra! – Quero dizer, o que aconteceu com você ontem à noite?

Ponderei se contaria ou não a verdade. Não sei o que existe entre nós, mas algo me impediu de mudar de assunto. Algo desconhecido me fez sentar na sua frente e desabafar como nunca.

– Minha mãe morreu dois meses atrás, no dia do meu aniversário e encontrei seu corpo na banheira quando ninguém estava na casa. Um dia depois disso meu pai foi embora. Ele só... foi embora. – Falei, com as lágrimas rolando pelo rosto.

– E agora ele voltou para infernizar a minha vida.

Comecei a soluçar, até eu sentir o corpo dele colar ao meu. Puxou-me para o seu colo, rodeada por seus braços, com minha cabeça na curva do seu pescoço. As lágrimas não paravam de rolar e, mesmo sendo um momento inesperado não conseguia pensar na importância dele. Só sentia a dor da ferida que parecia jamais cicatrizar.

Ricardo fazia alguns barulhos com a boca como se ninasse um bebê.

– Estou sozinha. Não tenho para onde ir. – Falei, sem me importar com nada. O carinho que ele fazia no meu cabelo mostrava que estava ali e que prestava atenção em tudo.

– Não pretendia incomodar vocês, mas não sabia o que fazer. Sinto falta da minha mãe, sinto falta... Só queria que ela estivesse aqui.

As palavras pareciam não fazer mais sentido, mas continuei repetindo baixinho o quão sozinha estava. Não para mim ou para ele... apenas... aceitando a condição imposta pela vida.

– Você não está sozinha. – Falou, separando o corpo do meu. Com a mão no meu rosto, fez com nossos olhos se encontrassem e os seus estavam cheios de... Carinho? Podia ser qualquer coisa. Apenas me senti aliviada por não ser nada parecido com pena.

Tentei controlar o choro, respirando fundo algumas vezes. Não importava o que tinha falado... Não sabia a verdade. Estava mais sozinha do que nunca.

– Quem te machucou assim? – Perguntou, me deixando confusa.

A vida havia me deixado assim. O destino, talvez? Tudo. O acúmulo de tudo o que aconteceu. No entanto, decidi contar o ato final. A última camada da bola de neve que me atropelou.

– Eu cheguei em casa e meu pai estava entrando com outra garota. Na casa que comprou com a minha mãe, para ela. Onde morou por mais de dezoito anos com ela, somente com ela. Onde ela deveria morar até hoje. – Falei, controlando para não soluçar.

Ricardo pareceu petrificado por um momento, perdido em pensamentos. Sua mão continuava em meu rosto e pude finalmente aproveitar aquele toque. Aproveitar a situação inesperada que parecia cada vez mais estranha.

– Seu pai fez isso com você. – Falou. Não foi uma pergunta, muito menos uma afirmação... Parecia considerar o que havia acontecido.

Encarei-o, reparando enquanto mudava do choque para a raiva em poucos segundos. Então se levantou e saiu da cama, indo embora do quarto. Quando pensei que fecharia a porta atrás de si, virou para mim com fúria nos olhos e um carinho lindo na voz.

– Não saia daqui. Esteja aqui quando eu voltar. – Falou e, sem esperar por

uma resposta, foi embora de vez.

Capítulo 21

Passei meia hora só andando pela casa. Provavelmente dei mais de cinquenta voltas, já que era minúscula e parecia menor a cada passo que dava. Miguel não estava em lugar algum, e Ricardo não voltava nunca. Sentia-me cada vez mais encurralada, presa em um lugar onde não pertencia.

Não poderia sair de lá. E se algo acontecesse com o Ricardo? Ele pediu para que esperasse por ele. Se bem que aquilo poderia ser considerado uma ordem, não um pedido... De qualquer maneira, ficaria e esperaria por notícias.

Mais meia hora e nada.

Sentei no sofá, cansada de andar de um lado para o outro e de não ter nada para fazer. Poderia lavar a louça acumulada, mas nunca havia feito isso, não arriscaria quebrar algo por ali. Poderia dormir, mas sono era a última coisa que tinha. Quanto mais esperava, mais o silêncio tornava-se insuportável, e o tempo demorou para passar.

Pulei do sofá quando ouvi o som do meu celular tocando, alto demais para quem ficou meia hora em puro silêncio.

– Alô? – Atendi.

– Paloma? – Perguntou Fernando do outro lado da linha.

Fiquei aliviada por ouvir uma voz familiar. Amada, de certo modo. Sentia uma esperança extra de que tudo daria certo, de que nada havia acontecido...

– Oi Fernando. – Falei, voltando para o sofá que não parecia mais tão desconfortável.

– Onde você está? Por que não voltou para casa? – Perguntou, preocupado.

– Eu... – Ponderei se contaria ou não a verdade. – Não quero voltar para casa, Fernando. – Admiti.

– O que aconteceu, criança?

Ouvir o carinho em sua voz era tudo o que eu precisava para desabafar. Contei o que havia acontecido na noite anterior, mais uma vez sem conseguir segurar as lágrimas.

Fernando ouviu cada palavra, cada sentimento. Além das lágrimas, a dor de cabeça também estava presente. Havia se tornado uma nova constante na minha vida. A da ressaca misturada com a do choro. Tudo para tornar o meu interior mais insuportável.

– Vem para casa, vou cuidar de você. – Falou quando terminei de desabafar.

– Não posso, Fernando. Não quero vê-lo novamente. – Disse me referindo ao monstro que um dia chamei de pai. – Ele saberá onde estou se for morar com você.

– Então o que pretende fazer? – Ele pareceu entender meu desejo.

– Não faço a menor ideia. – Suspirei, xingando-me por ter passado uma hora sem fazer nada e não ter encontrado nenhuma solução para o meu mais novo problema.

– Você sabe que pode contar comigo para o que precisar, não sabe? – Perguntou, carinhosamente. Era como se estivesse ali me confortando.

– Eu sei, Fernando. Obrigada. – Agradei, sabendo que as palavras não chegavam nem perto do que merecia por tudo o que havia feito até hoje por mim.

– Quero o seu bem, menina.

Tentei engolir as lágrimas que ameaçavam cair. Desta vez eram lágrimas diferentes, de emoção. Tristes, em certa parte, mas a maior parte era de agradecimento.

– Vou ficar bem. – Falei, confortando a ele e a mim. Precisava acreditar nisso.

– Eu sei que vai.

Neste momento, outro telefone começou a tocar, e não fazia a menor ideia de onde vinha o barulho. Olhei ao redor da sala, identificando o telefone fixo e percebendo que estava apagado. O som não vinha dele.

– Fernando, eu preciso desligar. – Falei, me levantando para achar o responsável pelo som irritante.

– Mande notícias, ok? – Pediu antes de se despedir.

– Você também. – Me despedi.

Joguei o celular no sofá e corri para a cozinha, de onde parecia vir o som. E realmente era de lá. O interfone estava tocando e, por mais que tenha me sentido um tanto intrusa ao atendê-lo, não pude ignorá-lo.

– Alô? – Atendi confusa. Era assim que se atendia um interfone?

– Miguel? – Perguntou uma voz masculina.

– Ele não está.

– A senhora é do apartamento 102?

A pergunta me pegou desprevenida. Não fazia a menor ideia do número do apartamento, mas se o cara havia perguntado pelo Miguel, tinha que ter ligado no certo, né?

– Acho que sim.

– Vou precisar de uma ajuda aqui em baixo, senhora. – Falou, desligando na minha cara. Ouvi o som da chamada desligada, sem saber o que fazer.

Quem precisava da minha ajuda?

Abri a porta do apartamento que, maravilhosamente, estava destrancada e desci correndo as escadas. Não havia elevador no prédio, então tive que descer o mais depressa possível os lances que mesmo sabendo serem poucos, pareciam

infinitos. Meus pés descalços ficaram machucados, mas a ansiedade era maior do que qualquer dor.

Quando cheguei à portaria não encontrei ninguém. Ótimo, havia sido um trote. Eles realmente fazem isso nos prédios? Queria xingar o responsável por aquilo, fazê-lo pagar. Talvez o síndico... Ele poderia punir esses moleques que ficam infernizando a vida dos outros, não poderia?

Quando virei para subir as escadas notei um movimento no banco do outro lado do salão da entrada. Olhei atentamente e vi que havia duas figuras: um homem com uma blusa social e calça jeans, e um cara sem camisa, segurando algo vermelho na testa.

O cara sem camisa tinha a mesma tatuagem que Ricardo.

Corri até onde estavam, esperando pelo pior. Um pensamento pior que o outro. Agora entendia o que a minha mãe queria dizer quando se referia a ter uma mente de escritora e criativa. Mesmo não sendo uma, minha mente foi capaz de criar imagens horríveis. O que a dela havia criado?

Quanto mais me aproximava, mais captava alguns pedaços da conversa dos dois.

– Estou bem, Geraldo. Já disse que estou bem. – Falou, ainda escondendo o rosto com o pano vermelho, que percebi ser sua camisa repleta de sangue.

O porteiro ergueu a cabeça quando me viu aproximando e levantou, aliviado.

– Oh, que bom que a senhora apareceu. Ele apareceu assim, todo machucado.

Pelo visto não era a única pessoa desesperada ali.

– O que aconteceu? – Perguntei, querendo ver melhor o rosto que continuava escondido.

Ao ouvir minha voz, Ricardo levantou a cabeça, revelando um olho tornando-se roxo, uma boca cortada e o causador de tanto sangue na camisa: um corte que começava na sobrancelha e ia até a bochecha, desviando do outro olho que parecia um pouco melhor.

Levei uma mão à boca, chocada com a imagem, com vontade de chorar pela dor que deveria estar sentindo e, ao mesmo tempo, desejando matar o responsável por aquele dano. Mas naquele momento nada importava. Precisava se cuidar.

– Oh meu Deus! Você precisa ir para o hospital, Ricardo! – Falei com desespero, me aproximando.

– Não preciso de hospital nenhum. Só de alguns curativos. – Teimou.

– Curativos? Você está todo machucado, com um corte enorme! Como acha que um curativo pode resolver? – Minha voz tornava-se cada vez mais alta.

Ele levantou com um pouco de dificuldade e se aproximou de mim, olhando em meus olhos. Seu olho roxo começava a inchar e algo me dizia que ia ficar

muito pior do que já estava.

– Paloma, sei do que estou falando. Não preciso ir para porra nenhuma de hospital!

Olhei para o porteiro que segurava um telefone, preparado para ligar para a emergência, a polícia ou qualquer um que pudesse ajudar. Pois é, também me sentia assim, mas decidi confiar na palavra de Ricardo, por mais que parecesse loucura.

– Vamos subir então. – Falei, contra todos os instintos. Por mim, estaria deitado numa maca pronto para receber os devidos cuidados. Mas não, queria fazer tudo do seu jeito. Que seja.

Virei de costas esperando que me seguisse, mas assim que deu o primeiro passo uma careta de dor surgiu em seu rosto.

– Você não está em condições de andar. – Falei, encarando-o, querendo que aceitasse a bronca e fosse para o hospital.

– Só preciso de apoio. Vem cá. – Ele teimou mais uma vez, se aproximando e apoiando o braço no meu ombro.

Resmunguei por ter perdido a batalha. Ele conseguia ser mais teimoso que eu. Só queria vê-lo bem. O mais rápido possível. Ficar discutindo lá em baixo não ajudava em nada.

Passei o braço por sua cintura, evitando apertá-lo muito para não machucá-lo mais, e auxiliei a sua demorada subida até o terceiro andar, onde ficava o apartamento.

Abri a porta enquanto sustentava um pouco do seu peso e puxei uma cadeira da cozinha para perto assim que entramos. Ricardo sentou sem objetar. Apenas voltou a camisa manchada para o corte.

Fechei a porta e parei na sua frente. Retirei a camisa da sua mão, tentando controlar o desespero ao ver tanto sangue, lembrando-me da última vez que havia visto sangue... Da vez que mudou completamente a minha vida.

Coloquei estes pensamentos no fundo da mente e me concentrei em achar um jeito de ajudá-lo.

– Tem um kit de emergência na primeira porta do meu guarda-roupa. Tá dentro de uma caixa azul. – Falou, me olhando intensamente.

Certo, já era um começo. Corri para o quarto, abrindo todas as portas do guarda-roupa. Disse que estava na primeira, mas não falou qual era esta! Aquilo estava uma bagunça, com roupas jogadas, caixas empilhadas...

Abri a primeira que encontrei na frente e me arrependi no mesmo instante.

Era uma caixa cheia de camisinhas. Claro, a caixa era pequena demais para ter um kit de emergência, mas não pensei sobre aquilo antes de abri-la. Agora pensamentos maravilhosos e horríveis me invadiam.

Ricardo com outras mulheres na cama. Usando as camisinhas, uma por noite. O estoque era grande, deveria realmente precisar daquilo. Ricardo comigo na cama, fazendo um uso muito melhor delas. E, por fim, Ricardo sangrando na sala. Era aquele pensamento que precisava manter. Só aquele.

Guardei a caixa como se nunca a tivesse visto e voltei à procura. Encontrei outra e temi o seu conteúdo. E se tivesse coisa pior que as camisinhas? Receosa, abri a caixa. Nela estavam gases, álcool, remédios e outros líquidos que não fazia a menor ideia do que eram. Mas pelo menos não era nada pornográfico.

Voltei para a sala e encontrei o garoto na mesma posição: sentado na cadeira, sem camisa, olhando para o nada. Não parecia triste... Estranhamente, sua fisionomia beirava à vitória, por mais que os machucados dificultassem a leitura.

– Encontrei. – Falei, chamando a sua atenção. Deixei a caixa aberta na mesa ao lado de onde estava.

– Você não vai me ajudar? – Perguntou ao olhar a caixa abandonada.

– Por que você não faz isso? – Acredito que tinha uma prática muito maior nisso do que eu. Nunca me machuquei, nunca precisei sequer usar um curativo.

– Porque dói quando levanto o braço, e não consigo enxergar o local certo para limpar. Além do mais, vai ser bom ter você cuidando um pouco de mim. – Tentou piscar, sem sucesso. Ótimo, pelo menos os machucados serviram para algo.

– Não sei... – E se o machucasse mais?

– Vamos lá, não é tão difícil. – Pareceu perceber a indecisão em mim, mas insistiu do mesmo jeito.

– Tudo bem. Preciso que me guie.

Respirei fundo e peguei a gaze na caixa, espirrando o líquido como indicou para fazer.

– Vai arder? – Perguntei temerosa.

– Se arder será em mim. – Sorriu de lado. Droga, isso ele ainda conseguia fazer, e tão charmosamente como sempre.

Olhei para o seu rosto sem saber por onde começar. Estava repleto de sangue, mas já estava seco e a maioria vinha do machucado maior. Então começaria por este. Passei a gaze no corte tentando observar as suas reações, mas parecia não sentir nada.

Depois de alguns minutos em silêncio, apenas limpando-o, resolvi perguntar mais uma vez, temendo a resposta.

– O que aconteceu com você?

Quando me olhou, parecia perdido em pensamentos. Ele não ia responder, então segurei firme seu queixo, o lugar que tinha certeza de que não havia sido machucado, e fiz com que me escutasse.

– Ricardo, o que aconteceu? – Insisti.

Ele fez uma careta e virou o rosto. Pensei em segurá-lo mais uma vez, mas finalmente começou a falar.

– Você me contou sua história. Não poderia ficar sem fazer nada.

– O que quer dizer com isso?

– Continue seu trabalho que continuo a falar. – Ele sorriu e me entregou outro pedaço de gaze. Nem havia percebido que não estava mais o limpando.

Esperei por mais informações enquanto continuava “o meu trabalho”.

– Precisei fazer isso, Paloma. Não fique chateada comigo.

– Não ficarei. O que precisou fazer? – Me concentrei em passar a gaze em seu rosto.

– Promete?

– Prometo o que? – Perguntei confusa.

– Promete que não ficará zangada comigo?

O que teria feito para me deixar zangada?

– Prometo. – Respondi rápido, apenas para fazer com que falasse logo. No fundo, não podia prometer nada.

Ele suspirou antes de falar.

– Fui atrás dele. Fui atrás do seu pai.

– Você O QUE? – Gritei me afastando surpresa e, ao mesmo tempo, nervosa por seu ato tão irresponsável.

– Você prometeu. – Falou, me encarando.

– Mas... – Indignada, virei de costas para organizar meus pensamentos. Não ajudava nada olhá-lo tão destruído e saber que meu pai havia feito aquilo. Meu pai.

– Paloma. – Me chamou.

– Não estou zangada com você. – Falei sem virar para ele. – Minha fúria é com ele. Como pôde?

– Vem aqui, termina o que você estava fazendo que eu termino de te contar.

Virei de volta, sugando toda dor que provavelmente sentia. Queria que meu pai tivesse batido em mim, não nele.

Ricardo me encarou, indicando que não falaria mais se eu não voltasse ao trabalho. Bufei, andei até ele e tentei me concentrar em não machucá-lo enquanto passava o tecido no seu rosto. Agora tinha mais cuidado ainda, sabendo que estava assim por minha causa.

– Posso garantir que ele saiu muito pior. – Disse, sorrindo largamente. Era por isso que seu olhar tinha um traço de vitória. Ele estava feliz pelo que havia feito.

– Você é um idiota! – Falei, querendo bater nele.

– Não podia deixar que fizesse aquilo com você e saísse ileso, Paloma. –

Falou ele, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

– Então decidiu ir lá e arriscar a vida por causa disso?

Riu com desgosto.

– Não arrisquei a minha vida. Apenas ensinei uma lição a ele.

– E ganhou um olho roxo e uma cara ensanguentada. – Falei nervosa

– Por você, valeu a pena. – Respondeu, colocando a mão na minha cintura e me puxando para perto. Perto demais. Segurei em seus ombros para não cair no seu colo, surpresa com a aproximação.

Notei o fogo em seu olhar, e por pouco não o agarrei ali mesmo. Podia ver a grandeza do seu ato. Vingou-se por mim. Da maneira errada, completamente errada, mas mesmo assim. Havia se importado comigo.

– Ricardo, eu agradeço pelo que fez, mas não pode assumir os meus problemas. – Falei, olhando-o nos olhos, querendo que entendesse. – Meu pai é um problema que preciso resolver sozinha e não quero você envolvido nisso.

– Vai falar que não ficou toda caidinha pelo meu ato de heroísmo? – Disse, com um sorriso delicioso nos lábios.

Sorri com ele, mesmo sem querer, mas dei um tapa de leve em seu ombro.

– Estou falando sério. Não se meta nos meus problemas. – Falei um pouco mais séria.

– Não posso prometer nada. – Teimou, e mais uma vez soube que seria inútil teimar de volta.

– Você é muito irresponsável.

Ele colocou a mão em meus lábios, sinalizando para que ficasse quieta.

– E você tem muito trabalho para fazer. – Falou, fechando os olhos, indicando para que continuasse o que fazia antes de me intimidar.

Quando terminei o rosto, peguei sua mão, que também estava machucada, mas com sangue que não era seu. O sangue que corria em minhas veias. Suspirei, sem saber se seu ato me ajudou ou não naquela situação.

Ele me olhou intensamente enquanto passava a gaze em seus dedos, sentindo sua mão grande e máscula, a mesma que havia passeado pelo meu corpo milhares de anos atrás. Pelo menos era assim que parecia.

– Só para avisar, não estou fazendo isso como forma de agradecimento. – Disse, encarando-o. – Jamais vou agradecer por uma atitude tão estúpida.

Fez que sim com a cabeça, sem retirar os olhos de mim.

– Vou encontrar outras maneiras para você agradecer. – Sorriu novamente, me fazendo sacudir a cabeça e desviar o olhar. Estava começando a me acostumar com as provocações, mas isso não significava que não sentia um arrepio delicioso pelo corpo cada vez que saíam da sua boca.

Não deveria sentir nada.

Capítulo 22

Saí de perto dele antes que a eletricidade pulsando entre nós virasse algo mais sério. Nunca havia sentido aqueles arrepios pelo corpo, aquela necessidade intensa. Apenas o som da voz de Ricardo me causava sensações indescritíveis. Se ele era capaz disto com pequenos atos, o que aconteceria quando nossos lábios se encontrassem?

Não. Quando não; se. Se eles se encontrassem. E isso não aconteceria.

Ele levantou, desequilibrando-se novamente. No susto, voltei para onde estava e passei o braço por sua cintura, sustentando seu peso com o meu corpo – ou parte dele.

Não foi a melhor ideia que tive na vida. Ele aproveitou a aproximação, mantendo nossos corpos colados ao segurar na minha cintura. Aquele corpo... continuava sem blusa, já que estava cheia de sangue. Com a mão em seu peito, tentei afastá-lo, mas ela ficou lá por vontade própria, sem forças para empurrá-lo.

Subi o olhar até a sua boca com o corte vermelho no canto, mas convidativa como sempre. Minha intenção era olhar em seus olhos e criar coragem para sair de perto, mas não cheguei tão longe.

Ele também não se mexeu. Quando fez, foi para se aproximar ainda mais. Cada vez mais. Mais perto do que nunca... finalmente provaria seu beijo, descobriria o efeito que tem em mim.

Até que o barulho da chave sendo colocada na porta nos despertou. Foi como um alarme dizendo "o que pensa que está fazendo, Paloma?" diversas vezes. Dei um passo para trás, me afastando do seu corpo o mais rápido possível. Ele também parecia confuso, mas nem um pouco constrangido.

– Ei, você continua aqui! – Cumprimentou Miguel entrando na casa. – E que porcaria aconteceu com você? – Se dirigiu ao irmão.

– Andei salvando algumas vidas e destruindo outras... o de sempre. – Brincou Ricardo.

Miguel então olhou de mim para ele e percebeu que havia algo estranho entre nós. Abriu a boca para comentar, mas a garota atrás dele o interrompeu.

– É a primeira vez que vejo uma garota com mais de uma peça de roupa nessa casa. – Falou, ficando ao seu lado e me olhando dos pés à cabeça. – E também é a primeira vez que te vejo mais feio do que o normal. – Falou para o Ricardo.

A garota parecia ter seus dezesseis, dezessete anos, mas com uma atitude que lhe dava um ar de mais velha. Tinha os cabelos ruivos, não daquela maneira que dói a vista, mas tão atrevida quanto. Aproveitei que me secava e fiz o mesmo.

Afinal, ela parecia frequentar muito aquela casa.

Seus cabelos terminavam um pouco abaixo do ombro, onde começava o belo corpo. Sim, realmente pensei isso. Era difícil admirar o corpo de uma garota, ainda mais quando gostava tanto do meu. Sempre que olhava para elas, pensava: "sou melhor". Mas, com esta, fiquei indecisa sobre quem ganharia. Ela era... peculiar. Isso, peculiar era a palavra certa.

– Olha se não é o casal M&M! – Disse Ricardo sentando-se na cadeira.

– Você vai me contar que muro caiu em cima de você, por bem ou por mal. – Falou Miguel, voltando sua atenção para o irmão e me deixando com a garota desconhecida.

Ela não parecia nem um pouco desconfortável em me encarar. Na verdade, parecia querer me desvendar e não tinha vergonha nenhuma de ser descoberta durante essa investigação.

Ao contrário dela, me sentia mais constrangida a cada segundo que passava me encarando, com medo de que conseguisse desvendar os meus segredos, minhas bagagens... Ela não gostaria do que encontraria ali.

– Eu sou a Paloma e posso garantir que não tenho nada em comum com as outras garotas que mencionou. – Falei, esticando a mão em sua direção.

Não parei para pensar no que ela quis dizer com aquela frase. Na verdade, pensei por alguns segundos e a raiva que tomou conta do meu corpo fez com que deixasse isso para lá. Quantas garotas Ricardo havia levado para aquela casa? Quantas mais ele levaria para usar todas aquelas camisinhas guardadas em seu guarda-roupa?

Não me interessa. Podia ficar com quem quisesse, com quantas quisesse. Não tenho nada a ver com isso. Nada. E não tenho direito nenhum de ficar brava.

Com isso, voltei a olhar a garota que ainda me encarava, deixando minha mão estendida no ar. Parecia um tanto surpresa, e logo um sorriso surgiu em seu rosto. Veio para cima de mim e, quando achei que seria atacada por alguma namorada raivosa do garoto, senti seus braços me envolvendo em um abraço amigável.

Amigável? Acabei de conhecê-la e nem sabia o seu nome! Forcei os braços a correspondê-la, nem um pouco acostumados com carinhos inesperados. De qualquer maneira, o abraço não parecia falso, diferente do que acontecia quando as amigas de Lorel me conheciam e fingiam que eram minhas melhores amigas também.

– Oh, não acredito que você é a tão famosa Paloma! É maravilhoso finalmente conhecer a garota que tem participado de várias das nossas conversas. – Disse ao me soltar, olhando para os garotos que estavam lado a lado observando o que acontecia.

Encarei Miguel por um momento, querendo que entendesse a confusão que minha mente havia se tornado. Participando das conversas? Famosa? O que tinham falado sobre mim? O que aquela garota sabia? Ele apenas ergueu os ombros, sorrindo levemente como se pedisse desculpas. Ótimo, achei o culpado.

Mas, quando olhei para Ricardo, este desviou o olhar.

Não sabia quem realmente havia falado sobre mim para aquela menina, mas acreditava que os dois tinham culpa no cartório.

– Sim, acho que sou. – Falei me perguntando o que de tão interessante tinham para contar.

– Você não precisava comentar isso com ela, né? – Falou Miguel, próximo da garota, achando que só ela ouviria o comentário.

– Ah, deixa disso – respondeu, sorrindo. – Ficaria feliz em saber que as pessoas andam falando sobre mim por aí.

– O que vocês falaram de mim? – Perguntei, encarando os dois.

– Nada, Paloma. Eles não falaram nada. – Intrometeu-se Ricardo, me surpreendendo por estar tão perto. Quando olhei para o lado, lá estava ele apoiado na mesa. – E, já que não vão se apresentar, faço as honras. Este é o casal M&M. – Completou, apontando para Miguel, que deu risada, e para a garota, que mostrou a língua.

– Ah, você é a namorada do Miguel? Ele me falou muito sobre você também! – Sorri, me sentindo melhor por saber um pouco sobre a garota. Como pude não perceber? Eles chegaram juntos, trocavam olhares confidentes, sorriam um para o outro...

Estava no ar! Talvez por nunca sentir um amor tão forte não tenha sido capaz de identificar quando ele está por perto.

Mas logo após o meu comentário todos caíram na risada. Miguel olhou para a garota e riu, passando o braço por seu ombro. Ela olhou de volta e tirou o braço de perto, sem parar de rir. Ricardo ria como se apreciasse uma piada interna. Na verdade, todos tinham algo internamente, eu era a única sobrando e não fazia a menor ideia do porquê de tanta alegria.

– Não, não sou a namorada dele – disse, parando de rir aos poucos como se fosse uma tarefa muito difícil. – Ela continua no exterior, e eu continuo tendo que ouvir a cada minuto o quanto o apaixonadinho aqui sente falta dela. – Completou, cutucando Miguel.

Ok, não tinha experiência nenhuma nessas coisas.

– Então... – Falei sem paciência e um tanto curiosa para saber quem era a garota que parecia tão íntima da família. Uma irmã perdida?

– Eu sou a Marina, a melhor amiga – disse, sorrindo. – E digo isso para você saber que o cargo já está ocupado. – Piscou ao terminar de falar, tornando a frase

que poderia ser assustadora em uma frase quase amigável. Pude sentir a seriedade por trás do sorriso que dava.

– Eles são como almas gêmeas. – Sussurrou Ricardo, perto demais do meu ouvido, me causando mais arrepios.

Olhei para ele sem entender o que queria dizer, mas Miguel começou a falar.

– Marina cresceu com a gente – disse, sorrindo para ela e logo voltando sua atenção para mim. – Ela é como uma irmã para nós.

– Fale por você mesmo. – Disse Ricardo, cruzando os braços na frente do peito nu.

– Sou como uma irmã para Miguel, que é o bonzinho da família. – Manifestou-se. – Para Ricardo... Vamos dizer que sou seu carma. – Riu com ele encarando-a.

– Certo, as apresentações foram feitas. – Reclamou, colocando os braços de volta na mesa, usando para apoiar o corpo. – Vamos ver o que temos para hoje. – esticou o braço para Miguel, que lhe entregou uma caixa retangular.

– O que é isso? – Perguntei curiosa.

– Você verá, princesa. – Disse, abrindo a caixa em cima da mesa.

De repente, minúsculas peças de quebra-cabeça encheram-na. Quando deixou a caixa de lado, peguei para ver melhor. Eram mil e quinhentas peças! Impossível montar em menos de uma semana. Felizmente era um desenho muito bonito de uma paisagem, com um lago e o sol nascendo. Mas, mesmo assim, era pura loucura.

– Vocês realmente pretendem montar isso? – Perguntei, olhando para cada rosto em volta da mesa, ansiosos para começar.

– Sim, é a nossa diversão de todo domingo. Não vai dizer que não sabe montar um quebra-cabeça, né? – Riu Ricardo, debochando da minha cara.

– Na verdade, eu sei o que é diversão. – Retruquei.

– Talvez ela tenha razão... Por que não aproveitamos que estamos em número par e jogamos Truco? – Interrompeu Marina, pegando um baralho da bolsa.

Sim, Truco parecia muito mais divertido do que um monte de peças iguais.

Ricardo encarou o irmão, mas logo voltou sua atenção para mim.

– Os dois vão querer ficar juntos. É bom você saber jogar, garota, se não te tiro do meu time. – Falou, sério demais para um simples jogo.

– Se me tirar do time ficará sem parceiro. – Sorri.

– É melhor do que ter uma garota atrapalhando.

Bufei e o encarei.

– Vou te fazer engolir essas palavras.

Ele sorriu de lado, me olhando nos olhos.

– Era isso que eu queria ouvir. – Falou, revelando que disse tudo aquilo para

me deixar mais competitiva. O desgraçado já conhecia minha fixação pela vitória. – Estamos prontos, vocês já terminaram de namorar aí?

Miguel e Marina estavam em uma conversa cheia de risadas, mas encararam Ricardo ao ouvir o comentário. Estranhamente, não responderam nada sobre ele. Acho que já estavam acostumados com o jeito irritante do garoto.

– Arruma a mesa que vou fazer um suco, Ricardo. – Falou Marina, indo até a cozinha.

– Você tinha que ter dado a ideia depois de que espalhei tudo, não é? – Reclamou, começando a juntar as peças.

– Sempre tentando melhorar a sua vida, querido. – Respondeu, abrindo a geladeira.

– Não quero suco. Tem Vodka no armário e energético na geladeira. Faz algo que preste aí.

Fui para a cozinha, deixando Miguel ajudar Ricardo, e observei Marina pegar o que Ricardo pediu.

– Todo domingo é assim? – Perguntei, puxando conversa.

– Sim, terá que se acostumar com isso. – Respondeu, sorrindo.

– Não... eu não pretendo ficar.

Marina parou o que fazia e me olhou, parecendo me desvendar mais uma vez. Se fosse um cachorro estaria com a cabeça virada e as orelhas erguidas neste momento. Mas conseguia ser óbvia mesmo sem estes recursos.

– Você não pode ir embora. – Falou um pouco triste.

– Vocês encontram outra garota para jogar truco. – Sorri.

– Pouco me importo com isso. Estou falando sério... Não pode ir embora.

Foi então que percebi que Miguel havia contado tudo sobre mim. Sobre ontem à noite, sobre minha mãe e meu pai... Tudo. Não sabia se ficava brava com ele por compartilhar um segredo que não era seu, ou envergonhada pela garota saber demais sobre mim.

– Não posso ficar. – Falei, dando de ombros.

– Por que não?

Ri ironicamente. Estava mais do que óbvio o porquê de não poder continuar ali.

– A casa não é minha. Os garotos nem me conhecem direito. Não tenho como pagar pela moradia... Precisa de mais motivos? – Perguntei, olhando-a.

– Você está errada. E sim, precisa. Pensa nos motivos que tem para ficar. Verá que são bem maiores do que os que você acabou de citar. – Falou, voltando para a sala.

Quais motivos eu tinha para ficar? Além de não ter para onde ir, com quem contar e conversar? Além de estar completamente sozinha. Talvez ela estivesse

certa.

Sacudi a cabeça, querendo que com o movimento os pensamentos fossem embora. Não podia pensar assim, eu não podia ficar ali e pronto. Precisava parar de pensar só em mim mesma e considerar o quanto a vida deles mudaria se eu ficasse. Não mereciam essa mudança.

– Paloma, já vai desistir? – Chamou Miguel, me tirando dos devaneios.

Coloquei um sorriso falso no rosto e volvei para a mesa onde todos estavam sentados e Ricardo embaralhava as cartas. Sentei de frente para ele e tomei um gole da bebida que Marina havia preparado. Vodka. Esquecer... Não. Infelizmente, esta não era uma noite para ser esquecida.

– Estão prontos para perder? – Perguntou Marina, piscando para Miguel que sorriu de volta.

– Jamais, querida! Perder é com você. – Rebateu Ricardo encarando-a, e assim o jogo começou.

Confesso que até “o oito a dois” para nós estava confiante de que ganharíamos. Mas então o “casal M&M”, como Ricardo chamava, virou o jogo e foi com tudo. E com uma sincronia e conhecimento que me surpreenderam. Parecia que haviam ensaiado ou, ao menos, treinado muito. Miguel sabia quando a parceira tinha cartas boas nas mãos, mesmo que não tivesse lhe passado sinal nenhum. Eu sabia, pois ficava observando os dois o tempo todo.

Eles realmente se conheciam.

E, com isso, nossa derrota de doze a nove foi triste. Sim, triste porque Marina ficou rindo da cara de Ricardo que olhava para mim como se dissesse “o que você fez?”. Miguel tentou conter a amiga, mas ela parecia ser tão fanática pela vitória quanto eu. E sei que se tivesse ganhado estaria agindo da mesma maneira.

Dois copos de Vodka e duas vitórias depois, Marina e eu ansiávamos pela última partida, querendo descobrir se teríamos uma vitória – minha e do Ricardo, que parecia cada vez menos concentrado no jogo por causa da bebida – ou um empate. Qualquer coisa, para ela, seria melhor do que a nossa vitória. Mas antes de começar a partida Miguel levantou da mesa.

– Teremos que decidir isso no próximo domingo. Está tarde, amanhã temos que trabalhar. – Disse e constatei que tinha razão. O relógio marcava onze horas da noite. O tempo havia passado rápido demais.

– Mano, amanhã nós entramos à tarde, dá tempo de jogar mais uma, senta aí. – Reclamou Ricardo.

– O Miguel tem razão. Mais um copo disso aí e ele não conseguirá dirigir. É melhor terminar a noite por aqui. – Disse Marina, levantando-se junto.

Dirigir? Para onde Miguel iria?

Levantei com eles, sabendo que deveria ir embora, mas sem noção nenhuma

de para onde iria.

Acompanhei os dois até a porta com Ricardo atrás de mim se apoiando na parede.

– Foi ótimo te conhecer! – Disse Marina, me abraçando uma última vez. Dessa vez foi mais fácil erguer os braços e apertá-la de volta. – Não deixe que esses dois te deixem louca. – Riu.

E assim eles se foram. Miguel foi levar Marina até a sua casa, então estava mais uma vez sozinha com Ricardo. Era hora de ir embora.

– Onde pensa que vai? – Perguntou quando me virei para o quarto, pronta para pegar minhas coisas.

– Preciso ir embora também, está tarde. – Respondi.

– Não faça isso, Paloma. – Reclamou, parecendo cansado e ao mesmo tempo leve demais por causa da bebida.

– Preciso ir. – Repeti, tentando convencer a mim mesma também.

– Eu estive lá. Conheci aquele homem. Você não pode voltar para a casa dele.

– Falou determinado como se me desse uma ordem.

– Não vou para lá.

– Você não tem para onde ir!

Fiquei apenas encarando-o, brava por ter dito aquilo. Sabia muito bem que não tinha para onde ir e não precisava de ninguém jogando isso na minha cara. Ele percebeu a minha mágoa, pois se aproximou mais, passando a mão pelo meu cabelo.

– Fique aqui. Não vou deixar você ficar vagando na rua sem destino. – Disse, segurando uma mecha entre seus dedos.

Próximo demais.

– Ricardo... – Comecei a negar novamente.

– Não estou pedindo – interrompeu. – Estou implorando. Fique comigo esta noite, Paloma.

Ficar com ele esta noite? Estava maluco ou o quê?

– Não sou assim. – Falei brava.

– Não nesse sentido. Só durma aqui esta noite. Amanhã decidimos o que fazer.

– Sorriu sem se abalar.

Apenas uma noite. Só mais uma... Que mal teria?

– Tudo bem. – Cedi, suspirando.

– Que bom então. – Sorriu e se afastou. Havia usado minha fraqueza por sua presença para me convencer. Cretino.

Sentei no sofá, perdida em pensamentos enquanto ouvia Ricardo ligar e desligar o chuveiro.

Ele conseguia ser muito persuasivo quando queria. Era só isso que era:

persuasivo. Não era fofo, romântico e muito menos carinhoso. Só agia daquela maneira para conseguir o que desejava. Provavelmente agia assim com todas as garotas que levava para a cama, dando-lhes a melhor noite de transa para dispensá-las no dia seguinte.

Não havia transado com ele – e nem iria – e não havia recebido o carinho que parecia ser capaz de dar... mas eu sentia como se já estivesse presa. Ficava mal ao pensar que no dia seguinte, não estaria dormindo na mesma casa que ele. Agora o desespero de Lorel fazia sentido... Se ele era capaz de me deixar assim apenas com palavras sussurradas e toques inesperados – e inocentes -, na cama deveria ser perfeito e devastador. Destruidor.

Continuei sentada na sala, esperando pelo retorno de Miguel, esperando pelo sono que parecia longe demais... Esperando para saber aonde dormiria, quando ouvi Ricardo destrancar a porta do banheiro e parar ali, ao lado do sofá, com apenas uma toalha enrolada na cintura. O cabelo molhado pingava em seu corpo, tornando-o ainda mais irresistível.

– O que você está fazendo aí? – Perguntou confuso, mas sabendo a reação que sua visão de seminú causava em mim.

– E... Estou esperando o Miguel voltar – Gaguejei.

– Ele não vai voltar hoje. Vai dormir na casa da Marina. Vá para a cama. – Falou, indo para o quarto sem fechar a porta enquanto se trocava.

Fixei o olhar na TV, usando todas as forças para não olhar para trás, onde estava seu corpo nu, e então colocava a cueca... Podia imaginar tudo perfeitamente. E agora éramos apenas nós dois na casa, pelo resto da noite.

Teria que ser mais forte do que isso.

Capítulo 23

Ricardo

Acordei com gritos pela casa.

Não sabia se estava realmente acordado, pois não havia ninguém em casa que gritasse daquela maneira. Seria algum espírito? Algum ladrão que entrara no apartamento de cima, e uma garota gritando alto que daria para ouvir daqui?

Foi então que lembrei que sim, havia alguém em casa capaz de gritar daquele jeito. E os gritos vinham do quarto ao lado. O meu quarto. Onde Paloma dormia.

Foi um inferno para convencê-la a dormir na minha cama. Insisti, pois sabia que ela jamais conseguiria dormir no colchão do Miguel que é muito mais duro do que o meu – é assim que ele gosta. Uma parte de mim se sentia muito bem sabendo que ela dormia no meu travesseiro e que logo ele teria o seu cheiro. O seu maravilhoso cheiro.

Levantei o mais rápido que pude quando percebi que algo estava acontecendo. Ela gritava e, quando silenciava, dava alguns gemidos de dor. Não me importei por estar usando apenas uma cueca. Não me importei em bater na porta ao encontrá-la fechada. Não me importei com nada. Só queria tirá-la daquele sofrimento.

Quando entrei, ela estava se remexendo na cama, com o edredom amassado nas mãos e o rosto coberto de suor. Sonhava, e posso apostar que não era um sonho bom.

Andei até onde estava e ajoelhei ao lado da cama.

– Paloma, acorde. – Sussurrei, temendo que acordasse assustada caso falasse muito alto.

Passei uma mão por seu cabelo colado na testa pelo suor e tentei mais uma vez acordá-la.

– Vamos, linda, acorde. – Falei um pouco mais alto, mas ela continuou a ganir.

Nunca havia passado por isso quando tinha pesadelos. Miguel me acordava de qualquer jeito e então o pesadelo ficava na minha mente pelo resto do dia. Não ajudava em nada. Seria muito mais fácil se ele apenas deixasse o sonho chegar ao fim. Mas, neste momento, não suportaria vê-la nem mais um segundo com aquela dor.

Quando virou para o lado da parede, não pensei duas vezes antes de subir na cama. Deitei ao seu lado, colando nossos corpos.

Ok Ricardo, é hora de confortar a garota. Não de ter uma porra de uma ereção.

Na verdade a ereção havia aparecido no momento em que a vi sentada na sala, perdida em pensamentos, e percebi que ficaríamos sozinhos durante a noite

inteira. O banho gelado não resolveu muita coisa. Era a primeira vez que tinha uma ereção apenas por olhar para uma garota, e aquela tinha durado mais do que imaginei que fosse capaz. Agora estava voltando com tudo.

Acaricieei seu ombro, passando a mão levemente por todo o braço até a sua cintura, sem saber a forma correta de confortá-la. Aos poucos foi parando de se mexer, os ruídos diminuíram e pareceu voltar ao sono tranquilo. Sem pesadelos e nem dores.

Não pude deixar de notar o quão macia sua pele era. Poderia acariciá-la para sempre. Este pensamento me surpreendeu... Nunca fui de apenas deitar com uma garota. Na verdade, depois que tudo mudou sempre saí da cama antes que surgisse algum envolvimento. Não gostava de ficar trocando carícias, “apenas namorando”. Mas com aquela garota não queria parar de fazer isto.

A cama era de casal, mas seu corpo estava colado no meu como se não houvesse mais espaço. Ou o meu estava colado no dela, já que ela estava inconsciente. De qualquer maneira, não sairia dali tão cedo. Não arriscaria que tivesse outro pesadelo, então apenas me aconcheguei mais, amaldiçoando a ereção inconveniente e tentei dormir um pouco. Afinal, já era cedo. Nunca conseguia dormir muito durante a noite, então acordaria antes dela e fingiria que nada aconteceu.

Passei o braço por sua cintura, estranhando o quão confortável estava e dormi sentindo seu delicioso aroma.

Acordei novamente com a luz do sol entrando pela janela. Uma luz forte que transmitia todo o calor para dentro do quarto. Uma luz que com certeza não era vista durante o amanhecer.

Olhei para o lado e encontrei Paloma adormecida, completamente enroscada em mim. Sua cabeça relaxava no meu ombro, uma de suas pernas estava sobre a minha com a coxa perto demais da ereção matinal.

Que porra de ereção matinal que nada, a garota estava com a coxa nua quase no meu colo, e eu queria culpar a vontade de fazer xixi?

Tinha duas opções: levantar o mais silenciosamente possível e rezar para que não acordasse ou acordá-la e encarar sua fúria. Passei a mão livre por sua coxa, acariciando-a levemente e subi até seu rosto, escolhendo a segunda opção. Não tenho medo de garotas mimadas.

Aos poucos ela foi despertando e percebi o exato momento em que notou a situação ao seu redor. Quando me olhou pela primeira vez havia ternura em seu olhar. Um sorriso começou a surgir em seu rosto e posso jurar que se aconchegou mais em mim. Então, em um piscar de olhos seu sorriso sumiu e a ternura foi substituída por surpresa. Confusão. E finalmente a raiva. Muita raiva.

Ela usou a mão em meu peito para me empurrar, o que fez apenas com que seu corpo fosse para trás. Não era gordo, mas tinha meus músculos. Ou ela que era magra demais... Não, era perfeita. Ou melhor: tinha o corpo perfeito. A personalidade? Vou apenas dizer que não existe garota perfeita.

– O que pensa que está fazendo? – Gritou a voz rouca por ter acabado de acordar, enquanto se afastava de mim. – Seu abusado, pensa que pode me usar enquanto durmo? Canalha!

A cada palavra que dizia sua voz ficava mais alta e o olhar parecia cada vez mais desesperado.

– Paloma, calma. – Falei, ouvindo minha voz também mais grossa, mas tentando suavizá-la o máximo possível.

– Calma o cacete, saia já daqui! – Gritou sem me escutar, erguendo o edredom até o pescoço.

Como se não tivesse sentido aquele corpo há poucos minutos. Como se não tivesse deliciado cada uma das suas curvas durante a noite. Tive vontade de rir da sua vergonha, mas me segurei para não causar mais confusão.

Só não podia me levantar ainda. Caso contrário, a cena só ficaria mais constrangedora. Outra coisa já estava em pé.

Olhei para ela, ignorando o cabelo despenteado e a marca do travesseiro em seu rosto. Foquei seus olhos, tentando acalmá-la.

– Paloma, me escuta – falei, segurando suas mãos que voltaram a avançar em mim. – Para, caralho! Dá para me escutar por um segundo? – Aumentei o tom de voz, bravo por ser tão mimada.

Ela me encarou com muito ódio. Pelo menos havia parado de se mexer.

– Ótimo, assim está melhor. – Falei, respirando fundo. – Você teve um pesadelo. Acordei com seus gritos e vim aqui para te acalmar.

– Isso não explica nada!

– Pare de ser mimada. – Xinguei soltando suas mãos. – Fiquei apenas para que não tivesse mais pesadelos. Não precisa agradecer.

Pelo visto toda frustração por não saciar minha vontade do seu corpo estava sendo convertida em ódio.

– Estou tendo um pesadelo agora, está feliz? – Falou, cobrindo o rosto com as mãos.

– É, posso dizer que também estou em um pesadelo e é dos piores. Foi horrível dormir com você. – Falei, sem paciência.

Levantei da cama sem me importar que visse a minha cueca ou a ereção. Saí do quarto pisando firme enquanto ela continuava com o rosto coberto.

Parei na porta e, antes de sair, me virei de volta.

– E você ronca. – Falei, segurando a risada ao ver sua cara de surpresa.

Sem esperar por uma resposta, voltei para o quarto do Miguel para me arrumar. A porra da garota era uma ingrata, isso sim. Havia passado a noite inteira ao seu lado, preocupado, e era assim que me retribuía? Sem nem um beijo de bom dia? Sem nem um sexo de agradecimento?

É, até poderia viver sem o primeiro. O segundo teria que arranjar em outro lugar. Por mais que fosse evidente a atração que sentia por ela, era mais evidente ainda que nós não poderíamos transar. Meu cérebro estava ciente disso, ele só se esqueceu de avisar o outro participante da equação.

Ouvi Paloma abrir a porta do quarto e fechar a porta do banheiro com tudo como se aquilo fosse me atingir de alguma maneira. A garota era um inferno em pessoa, mas seu olhar de indignação era lindo. Irritá-la era cem vezes melhor do que magoá-la e eu queria fazer isso com mais frequência.

Acima de tudo, queria que continuasse dormindo na minha cama. De preferência comigo nela.

Só podia ser algo primitivo. Este negócio de ser dono de alguém, de saber que a pessoa está ali sob o seu teto. Era da natureza humana se sentir assim, certo? O coração não estava envolvido nisso. Era pura ciência. Não tinha vontade de sair arrastando-a pelo cabelo, mas não seria ruim mostrar para todos que ela tem um dono e que este sou eu.

O que, infelizmente, não é verdade. Foda-se a ciência e a história. Não queria ser dono de ninguém nem ser obrigado a cuidar de alguém. Afinal, para cuidar é preciso se importar, não? Não me importava com mais nada. Da última vez que me importei tudo mudou. Arruinei tudo e nunca mais correria este risco.

De todo modo, convenceria Paloma a continuar em casa. Seria bom para que visse quem realmente sou. Acabaria se afastando, não me olharia mais da maneira que olhou ontem como se quisesse ser beijada. E porra, foi por pouco. Foi por muito pouco.

Por mais que sentisse uma atração enorme por ela, teria que superar. Passaria essa atração para outra pessoa, ou outras. Talvez duas garotas fossem capazes de me fazer esquecê-la, desejá-la menos. Não era má ideia.

Faria qualquer coisa para tirá-la da cabeça.

Capítulo 24

Nunca me senti tão frustrada em toda a minha vida.

Havia dormido com apenas uma blusa que encontrei do Ricardo e a minha calcinha. Precisava urgentemente de roupas novas, já que só tinha o vestido preto da noite anterior. Não foi de todo mal dormir com uma blusa que já esteve naquele corpo sedutor... Poderia até adotá-la como meu novo pijama. Mas, quando a vesti, jamais imaginei que acordaria com seu dono enroscado em mim.

O calor do quarto me despertou. Meu corpo suado, a pele grudando na dele e... na dele? Havia um corpo ao meu lado, ou melhor, embaixo de mim. Minha perna estava em cima da sua coxa e podia sentir o tecido da cueca com o joelho.

Antes de abrir os olhos aproveitei um pouco mais o carinho que recebia. Já sabia que o corpo pertencia ao Ricardo e que a mão subindo até o meu rosto era a mesma que eu havia curado mais cedo. A mesma capaz de me arrepiar com apenas um toque.

Não sabia se estava realmente acordada. Sabe quando você sonha com algo e acorda no meio do sonho achando que foi tudo real? Que aconteceu de verdade? Como quando acordava depois de sonhar que estava tomando sorvete e sentia o gelado na boca. Era assim que me sentia agora. Sentia as carícias dele, sua respiração próxima e seu peito nu.

Mas quando estamos em um sonho, abrimos os olhos e percebemos que nada foi real. Não foi isso que aconteceu. Abri calmamente e, de certa maneira, me senti feliz por ele continuar ali. Não era um sonho, realmente havia dormido com ele usando apenas uma cueca. Estava ali me encarando como se fosse sua inspiração. Ou seu desejo.

Foi então que percebi que ele estava ali. Tipo, de verdade.

Tentei me livrar o mais rápido possível do seu corpo quente. Era isto que me causava tanto calor! Isto e o sol entrando pela janela. Aproveitei a mão em seu peito para empurrá-lo, o que só fez com que fosse jogada para trás. Não consegui movê-lo, mas pelo menos consegui a distância que precisava.

Este era o motivo da minha frustração. Enquanto tomava banho, com raiva por ter sido abusada daquela maneira, não conseguia pensar em outra forma de descrever o que sentia. Frustração por não ter acordado no momento em que se deitou na cama. Por não lembrar o sonho que falou que estava tendo. Por não aproveitar as horas em que ficamos juntos na mesma cama e, acima de tudo, por querer ter aproveitado.

Nunca estive na cama com outro garoto. Não sabia se me sentiria daquela maneira com todos, mas quando senti seu corpo no meu soube que poderia ficar

assim para sempre. E ele era o último garoto com quem deveria me deitar na mesma cama.

Saí do banheiro com a toalha enrolada no corpo. Não queria colocar o mesmo vestido da festa para ir trabalhar, mas não poderia sair de casa vestindo apenas a toalha. Teria que arranjar um jeito.

Entrei no quarto do Ricardo e o encontrei de volta à cama, da mesma maneira que estava da outra vez: os braços acima da cabeça, os olhos azuis colados em mim e o sorriso safado no rosto. O sorriso que se tornou ainda mais obsceno ao ver como eu estava vestida.

Parei na porta segurando firme a toalha para que nenhum acidente acontecesse.

– O que está fazendo aqui? – Perguntei, sem ânimo para iniciar mais uma briga.

– É o meu quarto – Respondeu, sorrindo largamente.

– Preciso me trocar. – Falei, indicando a porta e saindo da frente para que pudesse sair.

Ele não moveu um dedo sequer. Apenas me olhou de cima em baixo, capturando tudo que a pequena toalha deixava de fora.

– Sinta-se à vontade. – Falou, sem sair do lugar.

Estava de brincadeira comigo, né?

– Você não vai ficar aqui enquanto eu me troco!

– Me obrigue – Falou, piscando.

Não era obrigada a aguentar aquilo. Saí bufando do quarto, direto para o do Miguel, torcendo para ele não ter chegado.

Quando entrei, o quarto estava escuro. Ótimo. Acendi a luz e notei que o quarto dele era muito parecido com o do irmão, apenas a cama diferenciava os dois cômodos. Esta era de solteiro e não havia um cara atraente e atrevido em cima. Muito melhor.

Sentei na cama sem saber o que faria. Colocar o vestido estava fora de cogitação. Colocar uma roupa dos garotos também não daria. Não com o corpo forte que tinham... A calça não pararia em mim nem com um cinto.

Então lembrei o tutorial que vi no Youtube alguns anos atrás quando estava cansada das roupas de sempre e as lojas não traziam nenhuma novidade. Tudo o que precisava era de uma camisa social masculina e teria o vestido perfeito!

Levantei com esperança de sair decente da casa e abri o guarda-roupa à procura da blusa perfeita. Dez minutos depois, as esperanças escorriam por mim assim como os últimos pingos do cabelo lavado. Miguel não tinha nenhuma blusa que não fosse de bandas, seriados, jogos. Nada social. Nem próximo do social. Nada para salvar a minha vida.

Ótimo, só tinha uma opção e envolvia pedir um favor ao Ricardo.

Ontem foi maravilhoso ao seu lado. Parecia outro cara... desde o momento em que chegou em casa e mandou que cuidasse dele até o jogo de truco, onde rimos e trocamos olhares confidentes. Transformou-se em um cara agradável, fácil de lidar. Hoje era completamente o oposto.

Rezando para que não soltasse nada obsceno ou tocasse no assunto da nossa noite juntos, saí do quarto e abri a porta do dele, sem esperar por um convite. Não era assim que ele fazia?

Continuava deitado na cama como alguns minutos atrás. Quando me viu um sorriso triunfal surgiu em seu rosto como se já soubesse que ia voltar pedindo ajuda. Idiota.

Engoli o orgulho e fiz a melhor cara de carente que conseguia.

– Preciso de uma blusa sua. – Falei, esperando que minha expressão o deixasse com compaixão.

– Gostou de dormir com a outra? – Seu sorriso se alargou.

– Odiei. – Resmunguei, mentindo. Havia amado.

– Tenho certeza que sim. – Ironizou.

– Vai me emprestar uma blusa ou não?

– O que fará com ela? – Perguntou, já sabendo a resposta, pois a maldita toalha continuava enrolada em meu corpo.

– O que quer que eu diga? – Perguntei, suspirando.

– Se prometer que não fará nenhuma macumba com ela, eu posso pensar em te emprestar.

– Pelo visto não preciso de macumba nenhuma para fazer você dormir comigo. – Soltei.

Ele sorriu largamente como se concordasse comigo e levantou para pegar a blusa. Ótimo.

– Que blusa precisa?

– Alguma social de manga longa. – Falei, tentando ver as opções através do seu ombro, mas seu corpo impedia que visse mais do que o começo dos cabides.

Ele estendeu uma camisa social branca de manga longa, da maneira que tinha imaginado. Peguei da sua mão, evitando que pensasse melhor ou resolvesse fazer mais alguma gracinha. Estava para sair do quarto quando fiz uma das piores perguntas da minha vida.

– Ricardo... – Comecei, sem saber como perguntar, mas querendo saber a resposta. Resolvi ser direta. – Aconteceu algo entre nós esta noite?

Ele pareceu surpreso, até dar risada. Riu de uma maneira que se estivéssemos dentro de um desenho animado estaria jogado no chão enquanto chacoalhava os braços.

Não devia ter perguntado nada. Deveria ter mantido a maldita curiosidade comigo, deixado que me seguisse para o resto da vida ou ido até um ginecologista e pedido para ver se meu hímen continuava intacto. Qualquer coisa era melhor do que ouvi-lo rindo de mim.

Muito tempo depois, se acalmou e chegou mais perto. Perto demais, garoto. Perto demais. Dei um passo para trás, mas trombei com a lateral da porta. Se tivesse dado um passo para o lado poderia sair correndo, mas agora estava com o corpo contra a parede e o dele se aproximava cada vez mais.

Seus olhos queimavam os meus. Não havia um sinal da diversão que estava vivendo alguns segundos atrás. De repente até o ar do ambiente pareceu mudar, tornando-se mais pesado, mais... sensual. Infelizmente, sensual era a palavra certa.

Quando estava a menos de um centímetro, Ricardo segurou na minha nuca, prendendo algumas mechas do cabelo entre os seus dedos e fez com que erguesse a cabeça para olhá-lo. Meu corpo já estava completamente arrepiado e mais uma vez implorava por mais. Apenas mais.

– Minha doce e mimada Paloma... – Falou, sorrindo de lado.

Não consegui me mover. Nem para mais perto, nem mais longe. Havia me prendido com o olhar e ali permaneceria até o feitiço ser quebrado. No momento, não desejava estar em outro lugar que não fosse com sua mão puxando levemente meu cabelo daquela maneira tão experiente. Parecia que estava tocando minhas outras partes, quando tudo o que fazia era segurar a minha nuca.

– Se tivéssemos transado, você jamais se esqueceria. – Continuou com a voz rouca. Com a boca no meu pescoço, fez o trajeto do ombro até a minha orelha com os lábios. Apenas os seus lábios e eu já estava suspirando.

– Jamais esqueceria a melhor noite da sua vida. – Completou, puxando levemente o lóbulo da minha orelha, o que me fez erguer a mão para que se aproximasse ainda mais. Para que me desse mais.

Mas saiu do meu alcance antes que pudesse tocá-lo. Abri os olhos, que até então não tinha percebido que estavam fechados, e o encontrei há mais de meio metro de distância. O sorriso em seu rosto indicava que estava satisfeito por saber do que era capaz de causar em mim... E apenas continuei encostada na parede com a respiração irregular.

– Então a resposta é que não, não transamos. – Falou, aproximando-se mais uma vez, mas passou reto pela porta e entrou no banheiro sem olhar para trás.

Ele conseguiu me deixar suspirando com apenas alguns sussurros e toques inocentes. Ok, de inocente aqueles toques não tinham nada. Mas esse efeito não era novidade, era? Meu corpo estava mais do que ciente da atração que sentia

por ele.

Era tudo uma questão de saber fazer. E o desgraçado sabia melhor do que qualquer um, enquanto eu era apenas uma boba que nunca transou.

Irritada, tranquei a porta do quarto e coloquei sua blusa no corpo. Não queria colocar a mesma calcinha, então fuzei nas suas gavetas e coloquei uma cueca, também branca. Não me importei nem um pouco com o que ele acharia disso.

Meia hora depois estava pronta. O vestido ficou como me lembrava, e não estava curto demais para trabalhar. Já apareci por lá com roupas menores. Sentei na sala e esperei por Ricardo com a bolsa na mão, pronta para o trabalho e, de lá, seguiria o meu rumo.

– Vamos, estamos atrasados. – Saiu do quarto depressa, o cabelo ainda molhado do banho.

– Estou pronta faz tempo. – Me defendi.

– É, mas se arrumou no meu quarto, onde estavam as minhas roupas... – Falou.

– Poderia ter se trocado antes, quando insisti em ficar no quarto que eu queria me trocar. – Disse, indignada.

– E eu sabia que você demoraria tanto para criar essa roupa aí? – Falou, apontando para a sua camisa enrolada no meu corpo.

– Não demorei por causa disso. Demorei porque precisava encontrar essa outra peça – falei, erguendo o vestido e mostrando a cueca que usava. – Até que deu certo. – Sorri, observando sua reação.

E esta foi fantástica. Melhor do que esperava. Seus olhos se arregalaram ao ver que estava com a sua roupa íntima, e outra coisa também aumentou. É claro que reparei em tudo.

– Você está fudendo comigo, garota. – Suspirou.

Queria responder que não, que ele que deveria fazer isso... Mas não podia.

– Não estávamos atrasados? – Perguntei, inocentemente.

– Cacete.

Saiu bufando pela porta do apartamento e o segui, aguardando enquanto trancava tudo.

– E o Miguel, não vai com a gente? – perguntei enquanto seguíamos para a praia no seu carro.

– Não, ele vai direto da casa da Marina. – Respondeu frustrado. Ainda?

Droga! Eu precisava me sentir tão mal por deixá-lo frustrado?

– Me desculpe. – Falei a contragosto, sentindo que era a coisa certa.

– Pelo que está se desculpando? – Perguntou, me olhando de lado.

– Por ter te provocado daquele jeito.

O sorriso que tanto amava surgiu em seu rosto novamente.

– Você me provoca sem nem perceber, Paloma.

Fiquei vermelha com o seu comentário e preferi deixar o assunto de lado.

– Não precisa se desculpar por isso. – Acrescentou.

No fundo, esperava mais do que isso. Queria que tivesse olhado nos meus olhos e pedido desculpas também, por ser tão... tão ele. Ou que, pelo menos, aceitasse as minhas desculpas. Mas não, ele tinha que ignorar.

Decidida a deixar o assunto de lado, olhei para o trajeto que estava fazendo. Não estávamos indo em direção à praia...

– Onde está me levando? – Perguntei, vendo as casas ficarem cada vez mais chiques, reconhecendo o caminho que seguíamos.

– Estamos chegando. – Respondeu.

Quando percebi o que fazia, não consegui conter a minha surpresa. E indignação.

– Você está me levando para casa! Por que está fazendo isso? Ricardo, eu não quero ir para casa – Ficava mais desesperada quanto mais se aproximava do portão de casa. O portão que não queria ver nunca mais. – Pare o carro! Pare a droga do carro! – Gritei.

Cada vez mais perto. Mais perto.

Sabia que havia sido ingrata e mal agradecida quando fiquei na sua casa, mas jamais esperei que se vingasse daquela maneira! Jogando-me nas mãos do inimigo como se fosse uma das garotas que ele nem ligava no dia seguinte.

– Não consigo acreditar nisso! Pare este carro, não quero entrar lá. Não quero ver ele. Ricardo me escuta! Não pode fazer isso comigo. Não é justo! – Gritei com lágrimas nos olhos, enquanto o carro era estacionado na frente da porta de casa.

Ele finalmente me deu atenção e quando olhei, parecia chocado. Até um pouco desesperado, mas não tanto quanto eu. Quanto mais pensava que teria que viver novamente sob o mesmo teto que aquele homem, mais queria abrir a porta e sair correndo sem me importar com nada. Só queria estar longe dali.

– Calma, calma, Paloma. Calma! – Falou, segurando meu queixo, fazendo com que olhasse nos seus olhos.

Não queria que me olhasse daquela maneira que parecia enxergar minha alma. Não queria que lesse meus pensamentos; afinal eles eram escuros demais para deixar alguém entrar. Levantei a cabeça sem conseguir lutar contra sua mão, mas mantive os olhos fechados, as lágrimas caindo sem parar.

– Cacete! Você nunca me deixa explicar! – Falou desesperado. – Paloma, deixe as suas fantasias de lado por um segundo e escute a verdade. Pare de imaginar o pior!

Respirei fundo, tentando fazer o que mandou. Sem sucesso. Não tinha como

pensar em outra coisa. Deveria me achar burra demais se achava que não descobriria o motivo de estarmos ali no instante que visse a casa.

– Não vou te deixar aí, ok? Dá para parar de chorar? Não sei o que fazer quando chora assim! – Parecia estar no limite e nunca o vi dessa maneira. Quando abri os olhos, parecia perdido em pensamentos com uma feição de súplica que me fez manter os olhos abertos e ouvir o que tinha para falar.

Ao perceber que eu finalmente prestava atenção, virou-se para mim, olhando nos meus olhos como se quisesse que absorvesse cada palavra dita.

– Não vou te deixar aí. Não sei que monstro você pensa que sou, mas jamais te deixaria na mesma casa que este homem. Estamos aqui para pegar suas coisas. Só isso, está entendendo? – Esperou que eu assentisse; o que foi difícil já que mantinha a pressão no meu queixo. – Nós vamos entrar em sua casa, pegar algumas roupas e o que mais você precisar e sair. Tá bom?

Dessa vez foi mais fácil respirar fundo e me acalmar. Ricardo esperou pacientemente enquanto secava as lágrimas e absorvia a nova realidade: não estava sendo abandonada. Na verdade, tudo o que fazia era me ajudar mais uma vez. E mais uma vez estraguei tudo com o meu jeito desesperado.

– Está melhor? – Perguntou.

– Sim, estou. Desculpe. – Falei, envergonhada.

– Não precisa se desculpar. – Disse, abrindo a porta do carro e se apressando para abrir a minha.

Enquanto saía do carro, observando cada detalhe da casa onde morei a maior parte da vida, Ricardo manteve a porta aberta.

– Você deveria saber que não vou deixar que saia tão cedo de casa. – Disse, sorrindo de lado.

No fundo, estava feliz com a notícia. A última coisa que queria era sair da sua casa.

Capítulo 25

Agradei internamente pela casa estar vazia. Era de se esperar... Meu pai nunca estava presente, muito menos numa segunda-feira às duas horas da tarde. Poderíamos ficar ali o dia inteiro e ele nem saberia. Mas por via das dúvidas, apressei Ricardo para que parasse de observar cada foto que encontrava nos cômodos e fosse comigo até o meu antigo quarto.

Não queria abrir a porta. E se algo estivesse fora do lugar? E se meu pai tivesse destruído as minhas coisas e feito um quarto novo para sua outra família? Respirei fundo e toquei a maçaneta com a mão tremendo, desejando que estivesse tudo como havia deixado.

– Está tudo bem? – perguntou, se aproximando por trás e colocando a mão sobre a minha.

Olhei para ele e seus olhos diziam que compreendia o que acontecia dentro de mim. Duvido, mas era bom saber que conhecia ao menos um pouco da minha vida. Do meu mundo.

– Sim.

Abri a porta de uma vez, ansiosa para ter a resposta. Odiava quando a garota dos filmes de suspense demorava uma vida para descer a escada, enrolando ao máximo, sendo que no final encararia o perigo de qualquer maneira. Evitar o inevitável. Não adiantava, então simplesmente abri a porta e esperei pelo pior.

O quarto estava intocável. Suspirei de alívio e percebi que havia exagerado. Ele não seria capaz de trazer outras pessoas para morar ali, seria? No entanto, também achei que não seria capaz de dormir com outra mulher na mesma cama que dormiu com mamãe por tantos anos, e em pouco mais de um mês depois da sua morte lá estava ele. Depois disso podia esperar qualquer coisa.

Comecei a arrumar a mala enquanto Ricardo analisava meu quarto com uma atenção exagerada. O quarto que, tardiamente, percebi ser infantil demais. Alguns bichos de pelúcia estavam espalhados pela cama, o edredom era cor de rosa e florido e havia um pôster do meu amor, Adam Levine. Havia me esquecido completamente deste pôster, mas com Ricardo ali parecia que tinha um pisca alerta ao seu redor, dizendo "veja, ela ainda não saiu da adolescência!".

Rezei para que ele não visse o pisca alerta.

– Bonito quarto. – Comentou ironicamente.

Virei para ele e o encarei, notando o sorriso de “adoro te irritar” presente no rosto. Era o terceiro sorriso diferente que identificava... Quantos mais existiam?

– Não durmo aqui desde a morte da minha mãe.

– Eu sei. Não foi aqui que te coloquei na noite em que dormiu no meu carro. –

Falou, sentando-se na cama, que se tornou um pouco menos feminina com a figura máscula em cima.

– Foi você que me deixou na cama aquele dia? – Perguntei me distraindo da tarefa de separar as coisas para prestar atenção em sua resposta.

Tinha uma vaga lembrança daquela noite. O que mais me marcou foi a nossa dança, aquela que não deveria ter existido, mas que foi a melhor que já tive. Lembro também que sonhei que nos beijávamos na parede da boate, mas de repente tudo ficou muito confuso, e só.

– Quem mais teria sido? – Perguntou sorrindo de lado. – Foi uma ótima noite.

Ótimo, ele também se lembrou da dança. Esta deveria ser uma memória proibida; daquelas que o cérebro decide bloquear para nos proteger. Se bem que se pudesse escolher alguma lembrança para esquecer, esta não seria a primeira opção.

– Você arranhou encrenca com o Fernando.

– Valeu a pena. – Respondeu, piscando.

Então lembrei mais uma coisa: como terminou sua noite. Os relatos da Lorel sobre como ele foi forte e atencioso, como lhe deu o melhor sexo da vida. Desgraçado.

Com raiva, voltei a fazer minha mala, socando as roupas sem me importar se estavam dobradas ou não. No entanto, não consegui manter a boca fechada.

– Sim, a noite deve ter valido a pena mesmo, pelo fim que teve... – Comentei, sem olhar para ele.

Até que seu corpo surgiu atrás do meu novamente. Aquele corpo alto e musculoso pressionou contra o meu, me encurralando. Nenhum lugar para fugir. Estava tornando-se um costume me prender assim, mas não posso dizer que não adorava.

Senti sua mão em meu cabelo, tirando-o do pescoço, onde logo estaria a sua boca, mas sem me tocar, mas tão próxima que os pelos da minha perna se arrepiaram. Imaginava o caminho que traçaria até o meu ouvido, me deixando cada vez mais arrepiada. Não me movi. Não tive reações.

O corpo ganhou do cérebro. Tudo o que eu queria era aproveitar a sensação de tê-lo tão próximo assim.

Mas sua boca não fez o que imaginei. Apenas passou o nariz pelo meu pescoço como se sentisse meu cheiro e disse com a voz rouca:

– Valeu a pena porque te ouvi sussurrando o meu nome. – Falou, e tive uma leve sensação da mão na minha cintura, mas só conseguia aproveitar sua boca tão próxima do meu pescoço. Tão próxima. Mas nunca próxima o suficiente.

Então o cérebro voltou a funcionar e tentei entender o que dissera. Não havia sussurrado seu nome. Jamais faria isso! Apenas em sonhos, mas isto ele jamais

saberia. Ou ele...

Oh não. Eu deveria saber. Quando tinha cinco anos minha mãe disse que sabia quando eu mentia para ela, porque sempre lhe contava. Foi então que descobri um dos meus piores defeitos: eu falo enquanto durmo.

Naquela noite havia sonhado que estávamos nos beijando. Que seu corpo pressionava o meu contra a parede, cada vez mais perto, enquanto gemia em seu ouvido. Lembro que sussurrei seu nome... Foi então que tudo ficou confuso e o sonho acabou. Merda, não tinha sido apenas no sonho!

No fundo, estava grata por ser só isso que saiu da minha boca. Poderia ter sido muito pior, não?

– Não sei do que você está falando. – Falei, me virando de frente para o seu corpo.

Não deveria ter feito isso. Agora sua boca estava próxima demais da minha. Próxima demais...

– Eu sei que sabe... Vai me contar o que estava sonhando? – Perguntou, alternando o olhar entre a minha boca e os meus olhos.

– Não lembro – menti. – Provavelmente sonhava que estava te matando ou algo do tipo. – Falei, fechando os olhos para sair do seu feitiço. Impossível.

– Não minta para si mesma, Paloma.

– Não estou mentindo. – Minha frase saiu com um tom de “Por favor, pare com essa tortura”.

– Será que sonhava comigo fazendo isso? – Perguntou, descendo a boca até o meu ombro e traçando um caminho até o meu ouvido, mordendo-o levemente.

– Não. – Sussurrei, sem forças.

– E isso? – Passou a mão na minha coxa descoberta, erguendo o vestido improvisado. Tenho certeza de que ele conseguiu sentir o quanto arrepiada me deixou.

– Também não. – Queria resistir, mas a cada toque me sentia mais na beira do precipício.

– Talvez isso então? – Depositou beijos na minha clavícula, passando perto demais da minha boca. Perto demais.

Fiz que não com a cabeça, sabendo que se falasse algo não sairia como o esperado.

– Com alguma coisa você sonhou... Terei que testar tudo para descobrir?

– Não vai descobrir.

Se continuasse não demoraria muito para saber que estou mentindo...

– Não sabe quão enganada está... – Sussurrou e, quando abri os olhos tudo o que vi foi desejo nos seus, que estavam mais escuros do que o comum.

Não deveria ter aberto a porra dos olhos.

– Você não saiu da minha mente, Paloma. A noite inteira, só queria ouvir meu nome nos seus lábios novamente. – Falou, olhando para eles como se estivesse prestes a devorá-los.

Devore-os, Ricardo. Faça como se não houvesse amanhã.

Parecia que havia escutado meus pensamentos, pois se aproximou ainda mais de mim, com a boca a milímetros da minha. Podia prever seu gosto, sua textura... Podia sentir minhas pernas ficando bambas pelo beijo que me daria.

Até que a porta da entrada foi aberta, nos despertando no transe.

– Se for ele... – Falou, afastando-se sem concluir a frase.

– Precisamos ir embora. – O desespero tomava conta do meu corpo. Não queria ver meu pai novamente.

Queria estar beijando Ricardo.

Não. Ver meu pai era mais saudável... O que tinha na cabeça quando quase deixei que me beijasse?

Descemos as escadas, ele segurando a mala enquanto eu pegava todos os porta-retratos que encontrava da minha mãe pelo caminho. Não deixaria que meu pai desonrasse-os também.

Ao chegarmos ao último degrau, Ricardo pegou a minha mão, surpreendendo-me. Foi então que vi o motivo daquele ato, parado na minha frente, parecendo pronto para mais uma briga.

Meu pai deu alguns passos na minha direção, mancando. Um dos seus braços estava enfaixado na frente do corpo e seu rosto estava mil vezes pior do que o do Ricardo. Precisava agradecer o garoto pelo ótimo trabalho que fez.

Seus olhos transmitiam todas as broncas, lições de vida, castigos... Tudo que me livrei naqueles dois dias. E posso dizer que doeu da mesma maneira que se fossem palavras saindo por sua boca.

Então seu olhar mudou de mim para Ricardo, que permanecia ao meu lado pronto para me proteger a qualquer momento. Sua mão apertava a minha, tensa. Olhei para o seu rosto, procurando algum sinal de que sairia do controle, mas estava estático, sem expressão. Sua boca estava menos vermelha, mas o corte ainda era evidente e o da testa continuava com um esparadrapo. Preferiria que meu pai tivesse visto-o inteiro, não com as consequências do que aconteceu ontem. Entretanto, era bom ver quem claramente venceu.

– O que vocês estão fazendo aqui? – Perguntou bravo.

– Vim pegar minhas coisas, já estou indo embora. – Falei, querendo que saísse da frente.

– Para onde pensa que vai, mocinha?

– Não te interessa. – Respondi, sentindo Ricardo apertar minha mão como se aprovasse a resposta.

– Você é minha filha, é claro que interessa. Daqui você não sai. Já teve seus dias de diversão com esse pirralho aí! – Disse, indicando Ricardo que pareceu ainda mais tenso.

Coloquei uma mão em seu peito, sem olhar para o seu rosto, tentando evitar que algo ruim acontecesse. Teria que lidar sozinha com o meu pai dessa vez.

– Me espera lá fora – sussurrei para ele.

– Não vou te deixar sozinha.

– Estou te pedindo, Ricardo. – Falei, olhando em seus olhos. – Preciso disso.

– Promete que grita se precisar de algo?

– Prometo.

Relutante, Ricardo me deu um beijo na testa e saiu da casa, lançando uma última encarada para o meu pai antes de fechar a porta com tudo.

Quando saiu, andei até onde meu pai estava. Ele era mais alto, porém não muito. Não o bastante para me amedrontar. Nada mais nele me dava medo. Já havia dado... mas hoje só sentia nojo e estava na hora de dizer tudo o que sentia.

– Eu sou sua filha biológica, apenas isso. Este fato te deu poder sobre mim até os meus dezoito anos. No dia em que minha mãe morreu você perdeu completamente este controle. – Falei sem desviar o olhar do seu.

Ainda não havia terminado.

– No dia em que a mulher que tanto dizia te amar morreu, você perdeu sua filha também. No momento em que decidiu virar as costas e partir para a "viagem de trabalho" – Fiz aspas com os dedos no ar. – perdeu a sua família, ou o que restou dela.

Ele pareceu querer se expressar, mas ergui o dedo até o seu rosto e continuei.

– Você não manda em mim. Se quiser ir embora, eu vou. E é exatamente isso que estou fazendo. Pouco me importa o que você pensa. Você perdeu o direito de saber qualquer coisa sobre mim no dia em que colocou outra mulher na cama da mamãe. – Falei, sentindo as lágrimas de raiva invadindo meus olhos. Mas ao mesmo tempo me sentia cada vez mais forte. – Você não vai mais ouvir falar de mim. Nunca mais. Invente a história que quiser para a sociedade, não ligo. Diga que morri. Diga que fui viajar. Qualquer coisa!

Respirei fundo, segurando as lágrimas, e coloquei mais segurança na minha voz.

– Mas você saberá a verdade. Saberá que te deixei porque não aguentava mais viver ao lado de alguém tão infiel, tão desgraçado. Que te deixei para ficar com um cara mil vezes melhor, que me conhece há pouquíssimo tempo e que não tem o meu sangue, mas mesmo assim meu sentimento por ele é maior do que por você. Saberá que foi você quem me fez ir embora. É sua culpa que a família perfeita tenha desmoronado. É sua culpa que esteja indo embora para nunca mais

voltar, sem me importar com o que está ficando para trás. E, se a mamãe está morta, isso também é sua culpa. – Terminei, sem deixar de encará-lo.

Pela primeira vez na vida vi um sinal de dor em seus olhos. Durou um milésimo de segundo, mas estive ali, me deixando muito satisfeita. Meu trabalho estava cumprido.

Andei até a porta sabendo que não me impediria mais. Sem sair do lugar, virou para continuar me olhando, dessa vez sem expressão. Não conseguia saber o que passava em seus pensamentos... Era muito bom em esconder isso. Não queria me dar o gostinho da vitória, mas mal sabia que já havia saboreado.

Antes de sair olhei mais uma vez para o interior da casa e todos os móveis caríssimos.

– Quando morrer, o dinheiro não será enterrado com seu corpo. – Falei com a voz mais calma. – Apodrecerá sozinho sabendo que foi abandonado por todos que te amaram um dia. Morrerá sem conhecer a verdadeira felicidade. E eu estarei presente neste dia, apenas para saborear o momento. Sua ruína. Não pense que tardará a chegar. – Terminei, fechando a porta em seguida.

Joguei a chave o mais longe que pude, em direção ao parque que havia do lado da casa. Se tivesse sorte algum animal apareceria e sumiria com ela. Se tivesse muita sorte um ladrão a encontraria e seria muito feliz. Acredito que o ladrão mereça tudo isso mais do que o homem lá dentro neste momento.

Ricardo estava apoiado no carro observando a cena, quando me aproximei dele.

Havia um sorriso diferente de todos que conhecia em seu rosto, mas não consegui decifrá-lo. Quando cheguei mais perto, sentindo minha força e coragem diluírem, tudo o que fez foi me olhar.

– Você foi brilhante. – Falou, olhando nos meus olhos.

– Você ouviu alguma coisa? – Perguntei, envergonhada.

Não respondeu, mas se tivesse, a resposta seria “e acha que não deu para ouvir toda a gritaria?”. Seus olhos diziam exatamente isso.

Foi então que entendi o seu sorriso: orgulho. Ele estava orgulhoso de mim. Ninguém nunca sentiu orgulho de mim assim. E ele, que mal me conhecia, estava com um sorriso enorme no rosto como se eu fosse a sua heroína. Definitivamente amava aquele sorriso tanto quanto amava os outros que conhecia.

– Obrigada. – Falei, sorrindo timidamente, o que era raro para mim.

Um garoto me deixando tímida. Outra coisa que nunca havia acontecido.

– Cheia de surpresas, não? – Falou como se lesse os meus pensamentos. Parecia perdido nos próprios, mas a frase se encaixou tão perfeitamente que me surpreendeu.

– Sim, a vida é uma caixinha de surpresas. – Respondi, sorrindo, sabendo que dali em diante as coisas só melhorariam.

Eu havia colocado um ponto final numa história que implorava por ele há muito tempo. Uma nova história começava, e algo me dizia que as surpresas não terminariam por ali.

Capítulo 26

Os dias passaram mais depressa do que pensei que seria possível.

Ricardo continuava o mesmo garoto atrevido e garanhão de sempre. A cada momento estava conversando com uma menina diferente e posso jurar que o vi pegando vários telefones. Por qual outro motivo teria o celular em mãos enquanto atendia as mesas?

Queria poder dizer que não me importava, mas não seria verdade. Não deveria me importar. Ele que tivesse os seus encontros, se é assim que chamava aquelas noites quentes. Conhecesse quem quisesse, ficasse com quem bem entendesse e largasse do meu pé. No entanto, não queria que largasse do meu pé.

Minha vontade era de colocar o pé na frente das garotas que apareciam por lá apenas para paquerá-lo, fazendo-as passar um vexame enorme e nunca mais voltarem. Mas também morria de vontade de chegar nelas e avisar que não deveriam se aproximar. Que ele era aproveitador, metido e que duraria apenas uma noite. Jamais ligaria no dia seguinte, nem na semana seguinte ou sei lá quando.

Mas teria que deixar de fora a parte que, da sua maneira, se importava. Cuidava de quem precisava. Que era lindo de camisa e muito mais sem ela... E, é claro, jamais mencionaria saber que a noite ao seu lado seria inesquecível, mesmo nunca tendo vivenciado essa experiência. Ainda.

Ainda? Não existe ainda. As vadiazinhas que descobrissem isso, pois não quero saber se é verdade ou não. Não quero saber nada além do que já sei. A cada dia que passava ao seu lado, conhecia um pouco melhor seu jeito duro e irresistível. Ricardo faz de tudo para me irritar quando está de bom humor, e ainda mais quando eu não estou. Ele olha ternamente quando percebe que estou machucada, é um cara preocupado com o irmão mais do que qualquer coisa no mundo... e sorri. Ele simplesmente sorri. É neste instante que meu mundo desaba.

Eu estava há uma semana dormindo na sua cama. Nos primeiros dias ele dormiu na sala, mas ouvia seus passos pela casa durante a noite inteira, o que me impedia de dormir também. Não queria atrapalhá-lo, mesmo sabendo que já fazia. E sempre que tocava no assunto de ir embora, de deixá-lo em paz, dizia que não me deixaria ir. Não queria obedecê-lo, mas a maneira como falava... Fazia com que eu ficasse quieta e aceitasse a sua maravilhosa decisão.

Na terceira noite que deitei na cama, ouvindo os mesmos sons que ouvia toda noite – TV ligada, TV desligada; Banheiro; TV Ligada... – me surpreendi

quando surgiu um barulho inédito: a porta do quarto sendo aberta. Virada para a parede não conseguia enxergar o que estava acontecendo, mas não me mexi. Fingi que dormia como um anjo enquanto sentia seu olhar em mim.

Agradei por estar com o edredom cobrindo a metade de baixo do corpo. A de cima estava com a sua blusa que havia definitivamente virado meu pijama. Não sei se conseguiria dormir sem aquele tecido macio me envolvendo.

Subitamente, o edredom se moveu e um peso extra foi adicionado à cama. Ele estava se deitando comigo. Ou, melhor dizendo, havia pirado de vez! Se viesse com a desculpa de que gritei em meus sonhos novamente, ia se arrepen...

Perdi completamente a linha de raciocínio quando senti seu corpo me encovando, sua mão na minha cintura roçando levemente até me abraçar por trás. Tudo o que queria era virar para trás e aproveitar o momento. Sentir melhor o seu corpo que provavelmente estava coberto apenas com uma cueca Boxer.

Oh Deus, onde estavam as minhas forças quando mais precisava delas?

A tentativa de fingir que dormia foi por água abaixo. Meu corpo tornou-se rígido pelo contato inesperado, por mais que a sensação fosse divina. O que mais ele seria capaz de fazer? Ou melhor... Que intenções tinha ao deitar-se comigo?

– Sei que está acordada. – Sussurrou com a voz lindamente rouca. Conseguiu imaginar seus olhos tornando-se mais profundos, mais sedutores. Mesmo que já soubesse, queria continuar fingindo. Só assim poderia me fazer de besta no dia seguinte e falar que não sabia de nada.

Ricardo então desceu a mão da minha cintura para a coxa, deixando-a ali por um momento e fazendo o caminho de volta em seguida. Repetiu o movimento algumas vezes, me deixando louca com o seu toque. Havia sentido quão arrepiada me deixara... Impossível não sentir. De qualquer maneira só queria continuar fingindo que não estava ali. Assim, a culpa será completamente dele na manhã seguinte.

– Não consigo dormir fora da minha cama, então vai ter que dividi-la comigo.
– Sussurrou mais uma vez, tirando meu cabelo do rosto e deixando o meu pescoço livre.

Livre para passear com a sua boca. Mais uma vez apenas a boca. Sem dentes, sem línguas, sem beijos... Apenas aqueles lábios macios, capazes de me deixar ainda mais arrepiada. Ainda mais ansiosa para o que viria em seguida.

Foi difícil conter o suspiro.

– Mas não sei se a cama é o verdadeiro motivo de ter ficado acordado todas as noites. – Disse tão próximo do meu ouvido que consegui ouvir a sua respiração.
– Acho que o problema é o corpo que tem ocupado o meu lugar nesses dias.

Ele esperava por uma reação. Qualquer reação. Se me virasse e o chutasse da cama, sairia com um sorriso safado no rosto, gabando-se por ter me prendido por

tanto tempo. Se me aconchegasse mais nele, sentindo melhor aquele volume na minha coxa, ele não pensaria duas vezes antes de ir mais fundo. Não hesitaria em me prender de vez.

De qualquer maneira, era eu quem sairia perdendo. Perderia ele se seguisse a primeira opção e perderia minha virgindade se seguisse a segunda. No momento, não queria nenhuma das duas coisas, então apenas me fingi de morta. Sim, morta, pois ninguém conseguiria dormir ouvindo uma voz tão sensual falar aquelas coisas.

– Se não me quiser aqui é só falar, Paloma. – Sussurrou, e foi mais difícil ainda conter o suspiro. Nunca haviam pronunciado o meu nome de maneira tão sexy, tão desejosa... Chegava a ser vulgar o modo como dizia um simples nome.

Tudo o que precisava fazer era falar. Um simples "não" bastaria. Ele entenderia e sairia do quarto, mas eu não queria que ele saísse. Este nunca pareceu tão confortável como estava naquele momento. Nunca havia me sentido tão em casa quanto me sentia com seus braços ao meu redor.

A indecisão ficou e quando percebi, já era tarde demais para voltar atrás.

– Que bom que não quer que eu vá. – Falou, beijando meu pescoço e se aconchegando melhor na cama. – Eu sei que desejou isso todas as noites.

Sim, Ricardo, havia desejado seu corpo mais do que apenas nessas noites.

Perdi um bom tempo sentindo cada pedaço das nossas peles que se encontravam. Quando percebi, sua respiração tornara-se regular, calma. Já estava dormindo. Tomei a melhor decisão, certo? Ele dormiu com o corpo colado ao meu... Mas pelo menos dormiu. Era melhor do que se tivesse ido embora.

Esta foi uma das noites mais calmas – e perfeitas – da minha vida.

No dia seguinte fingimos que nada havia acontecido. Quando acordei, ele não estava mais no quarto. O que me deixou aliviada e irritada ao mesmo tempo. Evitou a conversa constrangedora que teríamos quando despertássemos juntos... Mas me fez sentir como uma das suas garotas, aquelas que não mereciam uma ligação no dia seguinte. No meu caso, não merecia um bom dia na cama.

Isso se repetiu pelas próximas noites. Ele simplesmente entrava no quarto quando ficava tarde, garantindo que Miguel estivesse dormindo – pois sabia que eu nunca estava – e deitava na cama, puxando o meu corpo para si. Não falava nada... Apenas me dava um beijo no ombro ou no cabelo e relaxava enquanto me abraçava. No dia seguinte nada havia acontecido.

Tinha me acostumado tão bem com seu corpo na cama que só conseguia pegar no sono quando ouvia a sua respiração pesada atrás de mim. Não sabia o que faria quando tivesse que ir embora.

Ou melhor, quando chegasse à noite de hoje. A noite de sábado, mais conhecida como a noite das suas conquistas. Ontem Miguel dormiu com Marina,

então ele ficou em casa, preocupado que algo acontecesse comigo – por mais que insistisse no fato de que sabia me virar sozinha.

Tenho certeza que ele só ficou porque Miguel pediu, já que permaneceu emburrado o tempo inteiro e não deitou na cama comigo. Esperei por horas e ele simplesmente não apareceu. Era por isso que hoje estava com uma olheira enorme na cara.

No entanto, sabia que esta noite não seria igual. Miguel me avisara sobre algumas noites serem complicadas... E, por complicadas, entendi perfeitamente que Ricardo trazia as suas conquistas para casa. Para a sua cama. A cama onde dormimos juntos por três noites seguidas.

Tentei não pensar muito no assunto. Não foi tão difícil já que me concentrei em limpar a casa. Ou, melhor, não quebra-la. Lavar a louça estava se tornando uma tarefa não tão impossível, mas guardar os copos ainda era arriscado demais para fazer sem cem por cento de concentração. Por mais que odiasse as tarefas domésticas, me serviam como uma ótima distração.

Só parei quando o relógio marcou seis horas. Miguel estava na sala assistindo TV enquanto Ricardo continuava trancado no quarto.

– Tem certeza que não quer vir dormir com a gente? – Perguntou pela milésima vez. Ia dormir de novo na casa da amiga e insistiu que eu não ficasse sozinha aquela noite.

Por que ninguém entendia que eu já sabia me virar sozinha?

– Tenho. – Falei, indo para o banheiro. – Deixe de tanta preocupação.

– Não tem como não me preocupar. – Falou, levantando-se do sofá e andando até onde eu estava.

– Eu sei, garoto. – Falei, sorrindo. – Mas é besteira.

– Não diga que é besteira.

– Você está sendo paranoico, isso sim.

– Paloma, você não sabe o que é isso... As coisas podem ficar bem feias por aqui. – Falou, indicando a porta do quarto do Ricardo, que não estava muito longe de onde conversávamos.

Sorri para ele tentando confortá-lo e, ao mesmo tempo, querendo que toda aquela confiança de que daria tudo certo servisse para mim também.

– Miguel, você se lembra da segunda vez em que nos vimos? – Perguntei.

– Na aula de Integral? – Perguntou confuso.

É claro que havia me visto primeiro. Naquela época não sabia quão bem um garoto excluído na sala poderia me fazer. Que idiota que era.

– Não... A segunda vez que eu te vi. – Disse, rindo.

Ele sabia que não o notava antes de tudo acontecer, mas também sabia que muitas coisas haviam mudado.

– Sim, estava bêbada e desmaiada na praia.

– Exatamente. Sabe por quê? – Perguntei, esperando que percebesse onde eu queria chegar.

– Porque sua mãe havia morrido? – Perguntou confuso, mas cauteloso com a resposta.

Ignorei a dor que surgiu no peito ao ouvir a sua frase. A dor estava sempre presente, mas em alguns momentos era mais fácil ignorá-la do que outros.

– Também. – Respondi. – Mas o fato é que aquela não foi a primeira vez que bebi a noite inteira. Eu saía todo fim de semana, cada dia com um garoto diferente... Conheço a realidade do seu irmão e posso garantir que não há nada nela que me surpreenda.

– Eu não... Só não consigo te imaginar assim, Paloma. – Falou, preocupado da mesma maneira. Meu doce e amável Miguel.

– Isso é porque você vê o bem em todo mundo. – Sorri. – Não sou a garota meiga que pensa que sou.

– Sim, você é. – Afirmou com tanta certeza que até senti um pouco que sim, era. – Vejo você como realmente é e tenho medo que os acontecimentos nessa casa te corrompam.

Ri ao ouvir a sua frase, mas não deixei de abraçá-lo, tamanha a preocupação que sentia em seu olhar.

– Não vai acontecer nada, Miguel. Não serei corrompida.

Ele me abraçou de volta, mas logo se afastou para me olhar nos olhos.

– Promete que me liga se precisar de algo? Qualquer coisa?

– Prometo. – Sorri, confortando-o.

– Melhor assim. – Disse, voltando para o sofá.

Quando estava prestes a abrir a porta do banheiro e tomar o tão esperado banho, chamou a minha atenção novamente.

– Por que deixou de sair nos finais de semana? – Perguntou.

Nunca havia me perguntado isso. Na verdade, só não havia saído neste fim de semana, mas não tinha a menor vontade disso. Elaborei uma resposta curta e mentirosa e, antes que pudesse soltá-la, seu celular tocou.

– A Marina está aqui. – Falou, levantando-se. – Você prometeu, hein? – Falou, antes de sair.

Assenti, assistindo enquanto saía pela porta em poucos segundos.

Durante o banho a resposta verdadeira chegou até mim: não saía mais porque não queria esquecer. No começo ia para as baladas com Lorel para encontrar algo que não sabia o que era... E nem sabia que procurava. Algum vazio dentro de mim que nunca era preenchido, mas era tão superficial que não percebia isso. Era feliz e pronto.

Depois da morte da minha mãe, só saía para beber e para esquecer toda a dor que havia dentro de mim. Esquecer que perdi a mãe, o pai, a família inteira. Esquecer que estava sozinha e que, na verdade, sempre estive. Esquecer que desperdicei a vida inteira olhando apenas para o meu nariz enquanto a minha mãe sofria calada até não aguentar mais.

Hoje fico em casa porque não quero esquecer. Quero ter consciência de quem fui e quem eu sou. Saber o que realmente importa. Não quero esquecer meus erros e pecados... eles precisam ser lembrados para que sejam sentidos e concertados. No fundo, sei que mereço sentir a dor todos os dias, mas também sei que preciso superá-la. E esquecer não é o melhor caminho.

O vazio ainda existe. A sensação de que algo está faltando... Só não o sinto quando Ricardo está por perto. Quando passa os braços ao meu redor na cama ou sorri para mim. Qualquer sorriso... até aquele silencioso. Aquele que não chega até a sua boca, mas que é transmitido pelo olhar, dizendo que tudo vai ficar bem. Ele faz com que me esqueça do vazio... Tampá-lo? Não. Esquecê-lo e, neste caso, o esquecimento é a única coisa viável.

Ainda no banho, escuto Ricardo bater na porta duas vezes antes de abri-la.

– Idiota! – Grito, tampando o máximo que posso do corpo com as mãos, mesmo sabendo que o Box é fosco e que tudo o que vê é a minha silhueta.

– Vai ficar aí o dia inteiro? – Perguntou ríspido.

– Já estou saindo. – Respondi, irritada pelo seu tom de voz e atrevimento.

– É. Eu também. – Falou e fechou a porta novamente.

Fechei o chuveiro e no mesmo momento outra porta foi fechada. Ele se foi. Esta é a melhor parte. Agora só me resta rezar e esperar ele não trazer nenhuma garota para casa. Por mais que diga a mim mesma que estou preparada, sei que não é verdade. Sei que jamais estarei.

Capítulo 27

Ricardo

Mais uma típica noite de sábado. Beber, conquistar, beber mais um pouco, ir para casa e fuder alguma garota que passaria a não ter mais importância no momento em que saísse da cama. Então viria a encrenca, quando a garota não se toca que está na hora de ir embora e tenho que ser direto demais. Eu evitava levar essas garotas para casa, mas algumas vezes o efeito da bebida era tão forte que não raciocinava direito. Quando via já estava na cama, tarde demais para colocar as roupas e ir para algum motel barato.

Esta era a rotina, a minha essência, mas algo parecia diferente naquela noite. Algo pareceu estranho no momento em que fechei a porta do apartamento, deixando Paloma no banheiro. Sozinha e nua. Tive que sair o mais rápido possível para não fazer alguma besteira ali.

Já havia perdido muito por sua causa. Fiquei em casa ontem e, enquanto Miguel dormia na casa da Marina, fiquei a noite inteira o amaldiçoando por ter me prendido ali. Então enlouqueceria se não saísse hoje.

Paloma estava acabando com a minha sanidade e destruindo todos os meus pensamentos racionais. Sabia que não deveria me aproximar e que não era certo me envolver com ela, mas esta missão tornava-se cada vez mais difícil. Se ao menos cooperasse com a distância, me xingando ou simplesmente me ignorando... Mas não, quando me olhava com aqueles olhos manhosos... não tinha como dizer não.

Estava cada vez mais linda. E, com isso, mais desejável. Era difícil me enfiar no edredom com ela e não fazer nada, mesmo sabendo que sempre estava acordada. Na verdade, saber disso só tornava tudo mais difícil, pois mostrava que ela queria aquilo tanto quanto eu. A garota que já me negou tanto, hoje me espera acordada para poder dormir.

E ela sabe que sei quando está acordada.

Enquanto dirijo pelas ruas a única imagem que me vem em mente é a garota mimada sentada no sofá da sala, assistindo a um filme e pensando sobre a vida. Ela sempre pensava demais nas coisas, mesmo que não fizesse sentido. Em muitos momentos a via olhando para a TV sem realmente assisti-la... Era a sua maneira de disfarçar a dor. Quem a via pela primeira vez, achava que o programa estava muito interessante, mas não eu, que já encarei muitos jornalistas sem realmente prestar atenção nas notícias trágicas que anunciavam. Afinal, já tinha a minha própria vida trágica.

São os momentos que Paloma sorri que mais fixam na minha memória. Seu

sorriso trás o meu à tona, mesmo agora quando não passa de uma lembrança. Seu sorriso, tão raro e simples, é capaz de fazer com que queira voltar correndo para casa somente para vê-lo uma vez mais. A garota sabe sorrir... O que não sabe, no entanto, é fingir um sorriso. Só a vi sorrir verdadeiramente duas vezes: uma enquanto jogávamos truco em casa, onde estava tão descontraída, tão livre que nem parecia que estava sozinha no mundo. E a segunda quando fomos à casa do seu pai. Ao sair, sorriu para mim como se tivesse tirado um peso das costas, e nunca senti tanto orgulho de alguém como senti dela naquela tarde.

Era tão parecida com o Miguel. Agora; antes não. Antes estava sempre saindo, bebendo, reclamando de tudo... Hoje, uma semana depois, posso ver claramente a mudança em seus atos; Ela não reclama mais quando mando nela durante o trabalho, simplesmente coloca um sorriso no rosto e sai para atender os clientes e nem toca no assunto da vida miserável que tem. É por isso que digo que se parece com Miguel... Está sendo forte sozinha, assim como ele sempre foi, encarando a vida com a cabeça erguida.

Gostaria de ser como eles. Mas não, preciso de um refúgio. Que, no caso, são as garotas. O sexo, a bebida, a diversão... nem que dure apenas alguns segundos.

Mas porra, aquela noite estava estranha pra cacete!

Parei o carro na esquina da boate onde marquei de encontrar a garota daquela noite. Era toda charmosa e atrevida, com um corpo exuberante... Poderia até ser modelo. Mas não tinha os cabelos loiros e macios, as mãos delicadas e inexperientes e, principalmente, o olhar que Paloma usava quando me olhava. Ela me olhava como se soubesse o que se passava na minha mente, como se houvesse uma conexão entre nós.

Em menos de dez minutos estava estacionando o carro na frente do prédio. Foda-se, não ia sair com uma garota qualquer enquanto Paloma ficava sozinha em casa. Estava obrigando-a a ficar ali, era meu dever tomar conta dela. Acima disso... era tudo o que eu queria fazer.

Mandeí uma mensagem para a garota da boate antes de descer do carro: "Não poderei ir. Marcamos outro dia. Divirta-se.". Não me sentia nem um pouco mal por deixá-la na mão, pois sabia que encontraria outro acompanhante assim que recebesse a mensagem – se já não tivesse encontrado. A única coisa que importava era a menina que dormia na minha cama todas as noites.

Abri a porta do apartamento e coloquei as chaves em cima do balcão da cozinha após trancá-la. Quando olhei para o sofá, Paloma estava exatamente onde imaginei que estaria. Na TV passava algum programa sobre culinária que com certeza não era assistido. Havia tomado a decisão certa ao voltar.

As coisas pareciam de volta ao normal.

Paloma me encarou com um misto de surpresa e esperança, sem sair do lugar.

Apenas colocou a TV no mudo e permaneceu me olhando.

– O que aconteceu? – Perguntou.

– Nada...

– Mas... E a sua noite? – Seu olhar estava cada vez mais confuso.

– Minha noite está começando agora. – Sorri de lado, me aproximando do sofá.

Quando Paloma se moveu rapidamente, percebi que usava apenas a minha blusa. Era estranho, mas ficava muito mais irresistível com ela do que com qualquer outra roupa que já usara. No entanto, era a primeira vez que o edredom não cobria as suas pernas, que a luz estava clara o suficiente para poder apreciar suas coxas nuas.

– Não pensei que voltaria tão cedo. – Falou, desculpando-se por estar confortável.

Sentei ao seu lado sem deixar de olhá-la nos olhos. Se olhasse para seu corpo o volume crescente em minha calça ficaria ainda mais evidente. Isso me fez pensar se havia mesmo tomado a decisão certa. Ali não teria minha satisfação.

Coloquei uma mão na sua perna, um pouco acima do joelho, onde sabia que não se incomodaria. No escuro podia sentir seu corpo inteiro, mas no claro as coisas eram bem mais complicadas.

Ao tocá-la percebi que sim, teria a satisfação. Mas diferente, e com certeza melhor do que todas que tinha nos finais de semana.

– Quais eram os seus planos para a noite? – Perguntei, desviando o olhar da sua coxa arrepiada para os seus olhos castanhos claros.

Ela pareceu sem graça por um momento, mas não bateu na minha mão. Não fez nenhum movimento que indicasse que eu deveria sair dali.

– Eu... Não tinha nada planejado. Só ia assistir a uns filmes. – Falou, olhando para a TV e percebendo que não passava filme nenhum. É, garota, te peguei.

– Então vamos fazer nada juntos. – Falei, sorrindo.

Havia muita coisa que queria fazer com ela e 'nada' não estava na lista.

– Por que voltou tão cedo? – Perguntou, desviando o olhar e também o assunto, constrangida. Tímida... Ficava ainda mais linda quando estava tímida.

– Não tinha nada de interessante lá fora, sabe como é... – Falei, tirando a mão da sua coxa para que pudesse ficar mais à vontade, e me encostei melhor no sofá.

– E assistir filme em um sábado à noite é mais interessante do que qualquer coisa que havia lá fora? – Perguntou me encarando.

– Depende muito.

Ela riu ironicamente.

– Não depende não. Lá fora você estaria com alguma garota bonita, dançando

e curtindo a vida. Aqui, vai ver um filme sem graça e dormir. Não tem muito para depender.

– Aí que você se engana. Lá fora corria o risco de entrar em um lugar cheio de mulheres feias, com bebida gelada em falta e um calor do cacete. – Teimei.

– Não sei se te avisaram, mas também estamos com bebida gelada em falta. Na verdade, nem quente temos. – Deu de ombros, achando estar certa.

– Pelo menos aqui sabia que encontraria uma mulher linda à minha espera. – Falei, jogando o meu charme.

Ela riu mais ainda. Só esse som já declarava a vitória da noite.

– À sua espera? Francamente, Ricardo... – Falou, sorrindo.

– Vai falar que não estava? – Perguntei, me aproximando enquanto ela ia mais para o canto do sofá.

– Não, não estava. – Seu rosto começava a ficar vermelho. Oh, Paloma, como não sabe mentir...

– Tudo bem então. Volte a assistir o programa de culinária, tenho certeza que estava muito interessante. – Ironizei.

Paloma alternou o olhar entre a TV e o controle, até que começou a procurar outros canais, sabendo que já havia percebido o seu desinteresse por aquele.

– Que filme nós vamos assistir? – Perguntei roçando dedos em seu braço levemente, até sentir seus pelos arrepiarem com o meu toque.

Era tão receptiva. Cada toque, cada sussurro... Podia sentir cada reação que causava em seu corpo e amava aquilo. Porra! Eu amava a maneira como era inocente e ao mesmo tempo sedutora.

– Tem certeza que não quer voltar para a balada? – Perguntou, jogando o controle no sofá depois de rodar todos os canais. Não sei se estava brava por não encontrar nada de bom passando ou por causa da minha atitude.

Se fosse a segunda opção, ficaria mais brava ainda.

– Certeza absoluta. – Falei, virando de frente para ela.

– Acho que a minha noite terminou mais cedo hoje então. – Falou, pronta para se levantar do sofá.

Segurei na sua cintura, impedindo que se levantasse. Não, a noite ainda não havia terminado. Havia muita coisa que queria fazer com ela... Muita coisa para uma noite só.

Por mais que quisesse pensar racionalmente, sua presença não me permitia. Só por saber que suas coxas estavam nuas, apenas aguardando pelo meu toque, o corpo já mandava o cérebro se ferrar e tomava conta da situação.

– Por que acha que a noite já acabou? – Perguntei, encarando sua boca tão convidativa.

– Porque estou com sono. – Teimou, fechando os olhos. Sabia que quando

fechava os olhos estava lutando com todas as suas forças. Estava resistindo ao máximo. Por que resiste tanto, garota?

– Eu sei que não está. – Segurei na curva do seu pescoço, fazendo com que olhasse para mim. Tudo o que precisava era abrir os olhos.

– Você não sabe de nada, Ricardo.

– Então me fala. O que, exatamente, eu não sei? – Perguntei, roçando os lábios no seu queixo. Tão próximo daquela boca... Que gosto teria? Não via a hora de descobrir.

Esperei por sua resposta que não chegou nunca. Ela então abriu os olhos e mostrou todo desejo que sentia, com as pupilas dilatadas e a boca entreaberta. Sua respiração estava irregular com apenas um toque... O que aconteceria quando fôssemos para a cama?

Mais uma coisa que não via a hora de descobrir.

– Posso garantir que sei algumas coisas... – Falei, sem desconectar nossos olhos.

– O que? – Perguntou, mais sussurrando do que realmente falando. Sua voz teve uma conexão direta com meu amigo lá de baixo, chamando-o para a brincadeira.

– Sei como te tocar. Sei que adora quando faço isso. – Falei, mordendo sua orelha de leve. – E isso. – Depositei alguns beijos no seu pescoço. – Ou até isso. – Empurrei-a para trás e deitei meu corpo por cima do seu, mantendo-a presa no sofá enquanto movia meus lábios pelo seu ombro descoberto.

Ela não parou de suspirar em momento algum.

– Ricardo... Não. – Implorou.

– Não o que? – Perguntei, possuído pelo desejo de beijar o seu corpo inteiro.

– Não faz isso. – Sussurrou. Sua voz dizia não, mas todo o seu ser dizia “continue. Não pare nunca mais.”.

– Não resista, Paloma. Não precisa mais resistir. – Falei, olhando em seus olhos com a mão vagando por seu corpo. Sua cintura, suas pernas... Minha perdição.

– Sim, preciso. Você não está pensando direito. – Falou entre suspiros. Sabia que não estava... Mas pouco me importava.

– É você quem está pensando demais. – Teimeei, voltando a boca para o seu ouvido. – Se entregue a este sentimento. Pelo menos uma vez... Pare de pensar demais e só aproveite o momento. – Sussurrei com a voz rouca.

Quando voltei a olhá-la toda a dúvida havia sumido. Agora parecia dizer que sim, aceitava todo prazer que estava pronto para lhe dar.

Não hesitaria nem mais um segundo.

Aproximei o rosto do seu, pronto para beijar-lhe. Ansioso para finalmente

sentir a textura da sua boca. Nada me impediria de aproveitar cada pedaço do seu maravilhoso corpo.

Até que escutei a porta sendo destrancada e percebi o quão enganado estava.

Soltei seu corpo e sentei no sofá novamente, deixando-a livre para se arrumar. Por que diabos havia alguém abrindo a porta? Paloma me encarou assustada, ainda com a respiração irregular, tentando arrumar a sua blusa amassada. Ou melhor, a minha blusa amassada.

Miguel abriu a porta da sala e arregalou os olhos ao encontrar a cena na sua frente: Paloma sentada em um canto do sofá, passando desesperadamente os dedos pelo cabelo e eu sentado no outro canto, esperando que a ereção fosse embora logo. Que porra.

– Por que sinto que interrompi algo? – Perguntou sem nos cumprimentar.

Tinha que ser o destino lutando contra aquilo, não? Essa foi a segunda vez que nos interrompiam nesta situação. Alguém muito importante lá em cima não queria que ficássemos juntos. E este alguém estava certo. Seria estupidez seguir em frente com aquilo.

– Aconteceu algo com a Marina? – Perguntei, desejando parar de pensar na burrada que quase aconteceu naquela sala.

– Não, ela está bem. Só fiquei preocupado com a Paloma. – Admitiu.

– Por quê?

– Porque pensei que passaria a noite sozinha aqui. – Falou, mas eu sabia a verdade. Estava com medo que trouxesse alguma das minhas conquistas para casa com ela aqui.

Isso poderia ter acontecido se não tivesse voltado antes de beber alguma coisa.

– Ela está bem. – Falei, olhando para a garota encolhida no sofá sem saber o que passava em sua mente.

Quando percebeu que esperávamos alguma reação, olhou para Miguel e sorriu.

– Estou bem. – Falou com o sorriso mais falso que poderia existir no rosto.

– E você, o que está fazendo em casa? – perguntou Miguel, desconfiado.

– Estava com dor de cabeça. Você sabe como é... Bebidas, música alta... – Falei me levantando do sofá. Ele não poderia descobrir o que estava para acontecer ali quando chegou.

– Sei como é. – A desconfiança permanecia na sua voz.

– Vou dormir. – Falei, andando em direção ao quarto. Até perceber que não dormia mais naquele quarto... Ao menos era isso que Miguel achava. – Combinamos de revezar o quarto, né? – Perguntei à Paloma, rezando para que entendesse a situação.

– Claro... Hoje é a sua noite. – Falou para o meu alívio.

– Boa noite então. – Entrei no quarto e fechei a porta atrás de mim, podendo finalmente respirar fundo.

Que porra estava acontecendo?

Sentei na cama, passando as mãos pelo cabelo e apoiando o cotovelo no joelho. Há cinco minutos estava por cima de uma garota maravilhosa, prestes a beijá-la, e agora me sentia o pior cara do mundo. No que estava pensando? Não podia fazer aquilo. Não podia ficar com ela.

Aquilo jamais poderia se repetir.

Ao menos a cena serviu para me fazer perceber que tudo estava errado. Não deveria estar dormindo abraçado no seu corpo todas as noites. Não deveria me aproximar tanto assim... Todas as provocações, insinuações... Estava tudo errado.

Jurei que nunca mais me importaria com garota alguma. Tinha muito a perder para colocar tudo em risco mais uma vez.

Só que, neste momento, estava perdendo ela. Sei que nunca a tive de verdade... Mas, cacete, pensar que não dormiria mais protegendo o seu corpo com o braço era horrível, mas inevitável. Só precisava fazer mais uma coisa antes de perdê-la para sempre. Só mais uma coisa para poder fingir que nada aconteceu e tentar seguir a vida como antes: sem me apegar, sem me importar e sem ferrar com tudo.

Quando ouvi a porta do quarto do Miguel fechar, abri a do meu e saí sem prestar atenção no que havia pelo caminho. Minhas forças estavam concentradas em Paloma levantando-se do sofá, surpresa, tentando disfarçar enquanto enxugava o rosto. Não se moveu quando me aproximei. Nem quando cheguei ao limite, sentindo mais uma vez seu corpo colar no meu. Não teve nenhuma reação quando segurei a lateral do seu rosto com uma mão e passei a outra por sua cintura, impedindo que se afastasse.

Poderia se afastar depois. Agora ela seria minha. Pela primeira e última vez, como deveria ser.

Paloma olhou nos meus olhos quando aproximei a boca da sua e pude notar a transformação em seu olhar. De assustado para o entendimento e, logo após, a aceitação. Sabia o que estava acontecendo e também queria isso.

Sem pensar duas vezes, coleí nossas bocas, apertando ainda mais seu corpo no meu. No primeiro instante seus lábios ficaram tensos, amedrontados... Mas aos poucos relaxaram, deixando que guiasse o beijo, que a invadissem e provasse o seu sabor da maneira que quis fazer desde o dia em que veio morar naquela casa.

Ela então passou os braços pelo meu pescoço, entregando-se ainda mais ao momento. Não estava apenas deixando que a possuísse... Ela estava me possuindo de volta, deixando sua marca e colocando qualquer outro beijo aos seus pés. Era viciante. Nossas línguas se entrelaçando, seu corpo cada vez mais

colado no meu, mas nunca perto o suficiente...

A garota sabia beijar. E tinha acabado de transformar minha vida em um inferno, pois nenhum outro beijo seria suficiente. Não quando havia provado o melhor.

Passei minha mão por suas costas até a barra da camiseta que usava, erguendo-a levemente para poder sentir sua pele. Só queria aprofundar aquele beijo. Queria deitá-la na cama e fazer com que não saísse mais. Com que jamais me esquecesse.

Mas quando eu estava pronto para levantar de vez a sua blusa, Paloma parou de me beijar, parecendo constrangida ao me olhar novamente. Seus olhos estavam escuros e sabia que desejava aquilo tanto quanto eu. Sua respiração estava tão descontrolada quanto a minha, mas mesmo com o desejo no ar parecia cada vez mais distante.

Deixei que se afastasse, dando o espaço que precisava. Cedo demais, havia chegado a hora de fingir que nada tinha acontecido. Muito, muito cedo.

Paloma sentou no sofá e voltou a me olhar, controlando a respiração. Ela conseguiu esconder tudo o que sentia e isto deixou-me furioso. Estava devastado pelo beijo e ainda mais por saber que não poderia beijá-la novamente, e ela simplesmente não sentia nada?

Sabia que no fundo, estava tão mexida quanto eu.

– Isso não poderá se repetir. – Falei, tentando normalizar a respiração.

– Finalmente você falou algo que faz sentido. – Ironizou, sem me olhar.

– Estou falando sério. Não apenas isso... Mas tudo isso. Não podemos ficar juntos.

– Tudo bem, Ricardo, já entendi essa parte. – Falou frustrada.

– Tudo bem então?

– Claro, por que não estaria? – Nunca a vi tão indiferente.

Vou falar porque não estaria... Porque foi o melhor beijo da minha vida, e olha que já fiz isso muitas vezes. Porque tudo o que queria fazer era segurá-la nos braços para sempre. Porque me importava demais para deixá-la partir... Só por causa disso.

Mas se para ela estava tudo bem, para mim estava melhor ainda.

– Que bom então. – Voltei para o quarto sem olhar para trás e fechei a porta depois de entrar.

A verdade é que não estava nada bem. Doía. Doía saber que não sentiria mais o seu corpo todas as noites, que teria que voltar para a rotina de dormir apenas quatro horas por noite por causa dos pesadelos que não surgiam quando ela estava por perto. Doía ainda mais saber que neste momento ela estava no cômodo mais próximo de mim, mas parecia mais distante do que nunca. E

deveria estar sentindo essa dor. Não queria que sentisse dor nenhuma.

Eu tinha fudido tudo. Havia ignorado todos os sinais, todos os sentimentos e fingido que estava tudo bem. Havia fingido que não sentia nada quando na verdade, o sentimento só aumentava, e o beijo foi a gota d'água.

Não era Paloma quem não se importava. Eu que me importava demais. Havia me apaixonado quando jurei que nunca mais sentiria isso. Estava perdido. E fudidamente apaixonado.

Capítulo 28

– Está na hora de me contar o que anda acontecendo entre você e o meu irmão.
– Exigiu Miguel depois de me puxar pelo braço até uma das mesas do quiosque, sentando-se o mais perto possível de mim para impedir que escapasse novamente.

Consegui fugir desse assunto por quase uma semana. Não que estivesse contando, mas fazia exatos cinco dias que havia provado o melhor beijo da minha vida. Cinco dias que não conseguia dormir mais do que duas horas por noite, que não sonhava com outra coisa além daqueles lábios maravilhosos e, principalmente, que vinha falhando na tentativa de esquecer tudo isso.

Miguel percebeu logo no dia seguinte, quando acordou e não encontrou ninguém em casa. Ricardo tomou seu café logo cedo e saiu sem falar nada, sem nem sequer olhar para mim. Com isso a casa tornou-se grande demais – e ao mesmo tempo sufocante – para ser confortável. Corri para a praia na primeira oportunidade que tive, e foi lá, ou melhor, aqui que passei o dia inteiro. Todos já estavam na cama quando voltei, mesmo que suspeitasse que Miguel tivesse me esperado acordado.

– Não tem nada acontecendo. – Tentei disfarçar novamente.

Havia muitos motivos para não querer tocar no assunto com ele: 1) era do irmão dele que estávamos falando... Não podia simplesmente falar "seu irmão é um canalha, sem coração, que entrou na minha vida apenas para deixá-la mais confusa"; 2) doía pensar no assunto. Não mais do que doía pensar em tudo o que aconteceu nesses meses... Mas de qualquer jeito queria escapar de tudo que causava dor; 3) Ricardo não queria que Miguel se envolvesse. Escondeu o assunto do irmão de todas as maneiras... Não estragaria o seu esforço.

Sim, queria ter alguém para desabafar. Alguém para contar todos os meus sentimentos, que me ouvisse e me desse uma chacoalhada, dizendo "você está fora de si, Paloma". Queria muito, mas Miguel não poderia ser aquela pessoa, certo?

Quando olhei novamente para ele percebi que estava errada. Por que não? O Ricardo que se ferrasse... Era o mínimo que merecia depois de acabar com a minha vida. E então todas as alternativas foram esquecidas, substituídas pela necessidade de botar tudo para fora.

– Tudo bem. Está acontecendo tudo. – Suspirei. Pela cara de surpresa que Miguel fez, não foi a melhor maneira de começar a história.

– Sabia que estava certo. – Falou vitorioso. – Vamos lá, especifique. – completou, sem esconder a ansiedade para mais informações, mas mostrando

que estava ali para me ouvir.

Não me segurava mais na mesa. Deve ter percebido que era exatamente ali que queria estar naquele momento. O quiosque estava quase vazio, prestes a fechar, mas nós dois que fecharíamos, então não teria problema ficar um pouco a mais. Poderia contar tudo.

– Lembra quando você falou que aquela noite poderia me machucar? – Perguntei, achando um caminho para começar. – Que deveria ter saído com você... Que algumas noites eram intensas por lá?

– Realmente atrapahei algo naquela noite, né? – Perguntou, já sabendo onde eu queria chegar.

– Não exatamente... – Comoalaria que logo quando entrou no quarto seu irmão me beijou até me deixar sem ar?

– O que aconteceu?

– Ele... Nós... Nós nos beijamos. – Enrolei para falar, tímida.

Miguel ficou em silêncio por alguns minutos, perdido em pensamentos, o que me deu a oportunidade de relembrar o desastre daquela noite.

Deveria ter ido dormir assim que saí do banho, ou ao menos quando vi Ricardo chegando a casa. Deveria ter sido mais forte, afastá-lo com mais convicção... Por que sou tão fraca quando se trata dele? Por que a emoção sempre ganha da razão?

Nossa relação passou de muito carnal – porém escondida – para platônica. Na verdade não acho que "platônica" seja uma boa definição... O que somos ainda não há uma palavra que defina. Trocamos um "bom dia" todas as manhãs, apenas isso. Sinto seu olhar em mim enquanto tomo o café e não nego que o observo várias vezes quando sei que está distraído... E então, nós saíamos; os três juntos, sempre.

Ele não precisa mais me guiar no trabalho, então são raras as vezes que trocamos algumas palavras durante a tarde. Foco em atender os clientes e dar o meu melhor para deixar todos satisfeitos, e ele... Ele foca em pegar telefones. Vi tirar o celular do bolso inúmeras vezes em apenas um dia, com aquele sorriso safado no rosto, prometendo dar a qualquer garota uma noite inesquecível. E tudo o que podia fazer era observar.

Observar enquanto colecionava números, nomes, endereços... Observar enquanto distribuía cantadas baratas e sedutoras há poucos metros de mim, sem se importar com o que existiu entre nós. Observar enquanto meu coração se quebrava um pouco mais cada vez que ouvia o "vou te ligar, então" para uma garota diferente. É como se após ouvir essa frase fosse capaz de ouvir o trincar de um copo de vidro. Este era o barulho que meu coração fazia quando era quebrado. E, mais uma vez, não havia nada a ser feito.

– Agora tudo faz sentido. – Falou, me fazendo pular da cadeira. Tinha esquecido a realidade.

– O que faz sentido? – Perguntei voltando ao assunto.

– Vocês dois. Eu sabia que algo estava errado... Estavam dormindo juntos todas as noites, mas fingiam que nada acontecia. Trocavam olhares quando pensavam que ninguém olhava... E então, domingo passado tudo mudou, não é mesmo? Ele conseguiu estragar tudo. – Agora Miguel parecia falar consigo mesmo, diminuindo o tom de voz.

– Você sabia esse tempo todo? – Perguntei surpresa. Tomamos cuidado durante as noites, sempre esperando uma meia hora depois de Miguel pegar no sono... Aparentemente não havia adiantado.

– Era óbvio demais. – Falou sem se importar. – E agora vocês tentam fingir que nada mudou, mas nem olhar nos olhos um do outro; vocês conseguem. Não dormem mais. Não brigam! – Completou entusiasmado por tudo estar se encaixando.

Mas na minha mente as coisas só pioravam. Estávamos sendo óbvios demais. Ou melhor, eu não consegui controlar meus sentimentos. Meus estúpidos sentimentos por um garoto que só se aproveitou de mim.

Deveria ter o deixado tirar a minha roupa naquela noite. Era isso o que ele queria, não era? O que sempre quis... Por mais que o beijo tenha parecido especial na hora, cada vez que pensava melhor no assunto percebia que foi especial apenas para mim. E havia sido especial porque sentia algo por ele. Algo que ele jamais seria capaz de sentir de volta.

Algo que precisava parar de sentir o mais rápido possível.

– O que importa é que acabou. – Falei, misturando os pensamentos com as últimas palavras de Miguel.

– Não, não acabou. – Falou, me olhando nos olhos. – Está apenas começando.

– O que quer dizer com isso?

– Vocês estão apaixonados. – Deu de ombros, sem me deixar dizer algo. – Esconder já sabe que não dá certo... Pelo visto negar também não. Só há mais uma coisa a ser tentada...

Miguel me olhou como se eu soubesse o que precisava fazer, mas não tinha a mínima ideia. A única coisa que pensava em fazer era me afastar cada vez mais.

Resolveu se esclarecer ao perceber minha feição confusa.

– Vocês precisam ficar juntos logo! – Disse, empolgado novamente. – Nunca pensei que apoiaria o meu irmão com alguma garota, ainda mais uma garota que eu me importo... Mas não há outra saída.

Eu ri. Dolorosamente, mas ri. Miguel conseguiu falar a coisa mais absurda que já ouvi em toda a minha vida.

– Você não entende. – Falei, parando de rir aos poucos. – Não é tão simples.

– O que é complicado então? – Perguntou.

– Não posso me envolver... Muito menos com alguém que... – Ponderei se deveria falar o que sentia ou não. Ele me olhou com seu olhar de "estou aqui por você" e foi o que me fez terminar a frase. – Alguém que foi capaz de quebrar o meu coração com um simples beijo. – Que de simples não teve nada.

– Você só está assim porque não estão juntos. – Falou sem entender o que passava dentro de mim.

– Você conhece o seu irmão, Miguel. – Falei, percebendo que a conversa não levava a lugar algum. – Realmente acha que ele é capaz de ter um relacionamento sério com alguém?

Mais uma vez, pareceu pensativo. Durou pouco, mas quando voltou a me olhar não tinha mais empolgação em sua feição. Tudo o que pude encontrar foi decepção.

Ele parecia desejar, tanto quanto eu, que o irmão fosse diferente.

– Ele nunca tentou. Não depois... – Começou, mas parou no meio da frase, perdido em pensamentos de novo.

– Depois do que? – Perguntei curiosa.

Até que Ricardo nos surpreendeu, voltando da praia.

– Já passou da hora de fechar, vão ficar fofocando até que horas? – Perguntou de mal humor.

Eu me levantei no mesmo instante, pronta para ir a qualquer lugar que não fosse perto dele. Onde não corresse o risco de olhar em seus olhos e sentir mais um pedaço do meu coração se derretendo. Se fosse para sofrer, sofreria por algo que realmente valesse a pena.

E tinha em mãos, ou mais especificamente na bolsa, este algo.

– Já estou de saída. Não esperem por mim... Não sei que horas chego. – Falei, acenando com a cabeça para Miguel. – Depois continuamos a nossa conversa. – Intimidei louca para saber o que havia acontecido com Ricardo. Depois?

Dei as costas e saí andando pela praia, sentindo o olhar de Ricardo queimando em mim. Só queria andar, achar um lugar tranquilo e ler mais um pedaço do diário da minha mãe.

Nenhum dos dois impediu que eu partisse. Miguel sabia que eu era capaz de me virar sozinha. Ricardo com certeza não se importava o suficiente. Na verdade, não se importava nem um pouco.

Depois de vinte minutos de caminhada consegui sentar em um lugar mais iluminado e perfeitamente vazio. O sol já havia dado lugar à escuridão que, diferente de outros momentos, me acolhia da maneira que precisava. Era a hora perfeita.

Abri o diário na página que havia parado duas noites atrás e comecei a ler mais um dia da sua vida.

"Guardar ressentimento é como tomar veneno e esperar que a outra pessoa morra." – William Shakespeare.

Minha amorosa e piedosa Paloma,

Esta será uma carta diferente... Não vou falar de mim. Nem de você. O nosso assunto de hoje é o seu pai e o seu jeito rancoroso. Sabe quando alguém te nega uma bala num dia qualquer e então você passa a negar bala para esta pessoa todas as vezes que ela pede? Este é o seu pai. Não, conseguia ser pior... Ele era aquele que depois de ouvir o único "não" comprava balas todos os dias, jogando na cara da sociedade que pode ter qualquer bala que quiser e não divide com ninguém. Nunca.

Eis o que aconteceu... Meu pai, seu avô, morreu no dia do aniversário do seu pai. Ou melhor, na noite. Foi uma noite muito agitada, todo mundo estava no hospital, exceto o seu pai. Eu estava do lado do meu pai, segurando a sua mão o mais firme que conseguia, querendo que aquele aperto prendesse-o na terra com a gente. Mas não apertei forte o suficiente e às duas horas da manhã ele se foi. Nós sabíamos que isso aconteceria cedo ou tarde... Mas a morte de uma pessoa nunca é menos dolorosa, não importa se é iminente ou não.

Como deve estar raciocinando, passei a noite com o meu pai e longe do seu. Fora de casa. Ele ficou em casa, deitado na cama, me esperando para dormir. Eu o deixei sozinho em pleno aniversário. Nesta época você ainda não existia... Nós havíamos acabado de nos casar. E nunca mais ele esqueceu isso. Hoje é mais um de seus aniversários, e desde aquele dia ele nunca passa essa data ao meu lado.

Saiu há horas, e já é madrugada... Sei que não vai voltar. Sei que não quer voltar e que jamais me perdoará por isso. Entendo a parte dele... Mas ele nunca tentou entender a minha. Esta é uma das datas mais difíceis para mim, pois foi quando perdi o meu pai. É sempre no mesmo dia do ano que fico a noite inteira lembrando cada vez que ele me levou para pescar, para tomar sorvete, para ver os animais que criava... E em nenhuma dessas noites tive alguém do meu lado para dizer que tudo ficaria bem.

Você deve estar se perguntando o motivo de te contar essa história... Acredite, não foi apenas para tirar um peso das costas – na verdade o peso só aumenta. Estou escrevendo isso para que não cometa o mesmo erro que seu pai está cometendo a cada ano – e continuará assim. São duas coisas que você precisa pegar deste sofrimento, meu amor, e a primeira delas é aprender a perdoar.

Não vale a pena guardar rancor por algo, sabia? Porque não sei o que seu pai sente sobre isso, mas eu não sinto nada. Mil pensamentos passam por minha mente nesta data e nenhum é de arrependimento da escolha que fiz. Se pudesse faria novamente sem pensar duas vezes. Não acredito que seu pai sofra com este rancor porque ele não é capaz de sofrer. Mas você é, e estou falando isso para o seu bem. Pequena, quando você não perdoa alguém, uma mancha negra surge em seu coração. E esta mancha negra é capaz de quebrar o mesmo se a pessoa que você guarda rancor morrer... Ela vai morrer e tudo o que conseguirá pensar é "ela morreu sem o meu perdão".

Eu vou morrer e seu pai ainda não terá me perdoado. Espero que ele pense, durante cada dia solitário, pelo resto da sua vida, em como errou ao fazer isso. E saiba que uma vez morta não tem mais como perdoar esta pessoa. A chance evapora. É enterrada junto com o corpo.

A segunda coisa que eu preciso que entenda é que nunca é apenas o seu lado. Mais um erro do seu pai... Ele sai sem dar explicações, talvez para sentir a dor, mas nunca pensa na minha. Nunca pensa no que aconteceu comigo na mesma noite. A única coisa que consegue pensar é que o deixei sozinho na noite do seu aniversário. Ele esquece que tive os meus motivos para isso.

Portanto sempre tente entender o próximo. Se alguém fizer algo que não te agrade, não desconte na hora... Tente entender o motivo dessa pessoa. A sua dor pode ser grande, mas a dor dos outros pode ser três vezes maior. E você nunca saberá se não tentar entendê-la.

Espero do fundo do coração que o meu sofrimento esteja servindo para alguma coisa. Espero que as minhas cartas estejam conseguindo chegar até o seu doce interior, e que jamais seja capaz de fazer o que seu pai faz comigo. Porque sim, ele parece perfeito... Mas está longe disso. Na verdade, todos nós estamos. E a imperfeição, algumas vezes, leva à destruição.

Da sua mãe que chora cada vez que escreve uma palavra a mais nestes papéis, mas que espera que as lágrimas não sejam em vão. Sei que não serão.

Oh mãe...

Minhas lágrimas caíam em cima do diário onde antes estavam as suas. Tudo o que o meu pai a fizera passar... E, em certa parte eu. Se não tivesse me tornado tão parecida com ele, ela jamais precisaria sofrer escrevendo as cartas. Se não tivesse ignorado tudo o que falou, tudo o que tentou me ensinar...

Se apenas tivesse aberto meus olhos um pouco antes.

Voltei para o apartamento, andando calmamente com as palavras da minha mãe circulando na mente. "Sempre tente entender o próximo". Entendia... Estava no caminho certo, não estava? Entendia que meu pai era um canalha e que

Ricardo não queria estar com uma menina só. Talvez sejam parecidos... Talvez sintam essa necessidade de estar com pessoas diferentes, vivendo experiências diferentes a cada momento. Entendo tudo isso.

E entendo que preciso me afastar dos dois antes que acabe da mesma maneira que a pessoa que mais me amou no mundo.

Capítulo 29

Ricardo

Cinco anos atrás

Aquele era para ser o melhor dia da minha vida. Sim, o melhor. No entanto, foi o dia em que aprendi que nada acontece do jeito que desejamos. E muito menos como esperamos.

Depois de duas semanas treinando a música que tocaria para a Raissa em nosso primeiro aniversário de namoro, havia finalmente chegado o grande dia. Ou melhor, a grande noite. Estava tudo pronto. Já tinha decorado a música e os acordes no violão, treinado a voz da mesma maneira que via os cantores fazendo antes dos shows – o que me fez parecer estúpido, mas era por uma boa causa – e comprado a nossa aliança de namoro. É claro que não daria apenas uma música numa data tão especial.

Agora só precisava aguentar aquelas últimas duas horas de aula para finalmente ir para casa, trocar de roupa e procurá-la. A ansiedade corroía-me por dentro, o que fazia com que o tempo passasse cada vez mais devagar. Lento... Mais lento a cada segundo. Como era possível?

Quatro séculos depois tocou o sinal para a última aula. Ou, ao menos, foi assim que pareceu. O segundo colegial era um saco, não aguentava mais estudar para provas e mais provas e não sair daquilo. Para piorar, sabia que veria a mesma matéria no ano que vem. O que fazia ali? Poderia estar passando o tempo com a minha namorada.

No ano passado consegui aguentar o colegial porque tinha Raissa ao meu lado. Mas ela está dois anos na minha frente e neste ano entrou em uma faculdade integral. Ou seja: encontros só durante a noite. Não via a hora de sair logo dessa droga de colégio para poder vê-la novamente todos os dias.

Cheguei a casa apressado, mesmo sabendo que teria a tarde toda pela frente. Não havíamos marcado de nos ver, mas tinha certeza que ela não marcou nada na esperança de que eu marcasse. Estava me testando para saber se me lembraria da data de hoje. Neste momento, deveria estar me xingando de todos os nomes possíveis, porque achava que não havia lembrado. Mas é óbvio que eu havia. Jamais esqueceria o dia em que nos conhecemos, a trombada que demos na escola no primeiro dia de aula, e como tudo mudou desde então.

Jamais esqueceria o meu – o nosso – primeiro beijo. O nosso primeiro encontro. A nossa primeira dança... E hoje era mais um dia para entrar para a memória: a nossa primeira vez. Tornaria tudo especial. Mesmo sabendo que ela era mais experiente – claro, já havia namorado outros garotos antes. Faria com

que fosse o melhor, para que ela jamais quisesse estar com outro.

E como faria isso? Com o meu amor por ela. Este é tão grande que será capaz de eternizar a nossa noite.

– Olá meu filho, chegou cedo a casa! – Exclamou Andressa, minha mãe.

Estava com luvas amarelas e um avental branco repleto de espuma. Seus cabelos morenos eram escondidos pela touca, mas alguns fios rebeldes conseguiram a liberdade. Mesmo assim, sem maquiagem e molhada, conseguia ser a mulher mais linda que já conheci. E tudo o que consegui puxar dela foram os olhos azuis.

– É. Eu corri. – Falei, aproximando-me para abraçá-la.

Ela hesitou por um momento, temendo me sujar, mas não me importei. Envolvi os braços na sua cintura e senti a camisa ficar cada vez mais molhada. Teria que tomar banho de qualquer jeito, não fazia questão. Ela me apertou contra o seu corpo e, como sempre fazia e me deu um beijo quente na testa. A testa que antes tinha que se abaixar para beijar, mas hoje estava prestes a ficar nas pontas dos pés.

– Algum compromisso para hoje? – Perguntou após me soltar.

– Raissa e eu estamos comemorando um ano de namoro! – Falei sem conseguir esconder o entusiasmo na voz.

– Ah, então era por isso que tive que aguentar as suas cantorias esse tempo todo? – Brincou, me deixando sem graça. Não sabia como faria para cantar para a Raissa hoje, mas teria que arranjar coragem em algum lugar.

– Ei, maninho, você tá meio molhado. – Brincou Miguel, surgindo do quarto, ainda com o pijama no corpo.

– E você está atrasado. – Falei, rindo.

Ele mostrou a língua para mim e se jogou no sofá da sala, pegando o controle do videogame e perdendo-se em outro mundo. O moleque estava conseguindo zerar um jogo por semana, e virava um inútil da vida. Como queria ser ele...

– Ele estava com dor de cabeça hoje de manhã... – Explicou minha mãe, se sentindo mal por seu filho estar doente.

– Sim, ele teve dor de cabeça durante a semana inteira. – Ironizei.

– Não seja birrento. Ele tem apenas quatorze anos, precisa se divertir.

– Tenho dezesseis, e aí? Qual a diferença?

– A diferença é que você já está em outro tipo de diversão. – Riu, bagunçando meu cabelo.

Sim, estava. E esta noite evoluiria ainda mais.

– Preciso me apressar. – Falei, olhando para o relógio da sala.

– Ok, meu filho. Fique lindo para a sua namorada. – Disse com um sorriso no rosto. – Eu te amo.

– Eu também te amo, mãe. – Falei, me soltando dela e indo para o banheiro, sem querer me atrasar um segundo sequer.

Naquele momento não percebi que ela nunca falava que me amava. Demonstrava o tempo inteiro, mas não era de falar. Não percebi que tinha lágrimas em seus olhos. E, acima de tudo, não captei tudo o que aquele "eu te amo" significou. Deveria ter captado.

Quatro horas depois, estava pronto. Já havia tocado a música mais três vezes, tentando mudar alguns acordes para a minha voz parecer mais natural, mas nada adiantava. I'm Yours, do Jason Mraz, já estava gravada em minha mente, e daria o meu melhor para cantá-la – mesmo sabendo que jamais chegaria aos pés dele. O que importava eram as palavras. Queria que ela soubesse que sou inteiramente dela. Cada pequeno pedacinho do meu corpo, da minha alma, pertence a ela.

O nosso começo não foi fácil. Com dois anos de diferença, os meus quinze anos pesaram muito para a aceitação da escola. Namoramos escondido por alguns meses, com ela vindo em casa e eu indo à sua. Apenas isso. Na escola parecíamos melhores amigos. Aos poucos ela pareceu não se importar mais com o que os outros pensavam, e resolveu me assumir como seu namorado.

Sim, posso me considerar um cara sortudo. Estou com dezesseis anos e já namoro a mulher da minha vida. A garota com quem quero me casar, ter dois filhos e três cachorros. Aquela que faz meu coração bater mais rápido – figurativamente, porque nunca percebi nenhuma alteração nele enquanto estava ao seu lado. Mas me deixava assim... Todo bobo e clichê. Romântico e apaixonado. E por ela era capaz de falar as maiores idiotices do mundo.

Raissa morava sozinha há pouco tempo, o que facilitava bastante os nossos encontros. Com o violão pendurado no ombro e um buquê de rosas da mão, abri a porta da sua casa, já sabendo que estaria aberta – era descuidada demais para se preocupar com isso. A caixinha com nossas alianças pesava dois quilos no meu bolso e a cada passo que dava em direção ao seu quarto minha ansiedade aumentava. Sim, agora podia sentir o coração batendo mais rápido.

A casa estava toda escura e silenciosa. Será que ela não estava? Não era possível, pois ela havia me falado que passaria a noite inteira estudando para uma prova. E eu disse que não iria vê-la para não interrompê-la, como já fiz milhares de vezes. Mas hoje era um dia especial e merecia uma surpresa inusitada.

Quando me aproximei do seu quarto, comecei a ouvir algumas batidas na parede. O que estava acontecendo? Ela... Alguém invadiu a casa? Olhei ao redor e não encontrei nenhum sinal de arrombamentos ou furtos... Tudo estava no lugar. Mas, mesmo assim, o barulho continuava.

Curioso e preocupado, não pensei duas vezes antes de correr até a porta e abri-

la, temendo o pior. Queria salvá-la se algo de ruim estivesse acontecendo. Queria ser o seu protetor, seu guardião. Podia imaginar mil cenas horríveis que encontraria naquele quarto fechado: o ladrão com a faca beirando o seu estômago; o estuprador prendendo suas mãos; algum bêbado querendo seu dinheiro...

Mas o que encontrei foi completamente diferente disso.

Nada poderia ter me preparado para a cena que acontecia na minha frente. Nem se alguém contasse ou mostrasse fotos... Jamais seria capaz de acreditar sem ver com os próprios olhos. E, mesmo assim, parecia irreal demais.

Raissa, a dona do meu coração, estava sentada na cama em cima de um corpo que ainda não tinha tido coragem de olhar. Seus cabelos estavam bagunçados, suas bochechas coradas e seus seios estavam de fora. Os seios, a única parte que havia me deixado tocar, estavam livres de uma maneira que nunca havia visto.

Não desprendi o olhar do dela. Não queria saber quem era o canalha que fazia aquilo com a minha namorada e, acima de tudo tinha esperanças de encontrar um pingo de arrependimento na sua expressão. No entanto, nada apareceu. Tudo o que consegui captar foi raiva.

Deixei o buquê no chão e saí do quarto, da casa. Não queria vê-la nunca mais, pois sabia que sempre que visse aqueles olhos verdes inocentes, lembraria que não eram tão inocentes assim. Lembraria que eram capazes de queimar, mas que nunca queimaram por mim.

Corri sem direção e tudo o que via eram borrões vermelhos. As lágrimas me cegavam e a raiva estava cada vez maior. Não sabia qual sentimento prevalecia: a dor ou a raiva. Por fim, deixei a dor ganhar. Deixei que entrasse no meu coração e o destruísse ainda mais.

Quando vi, estava sentado na areia de frente para o mar. Estava escuro, mas não era tão tarde assim. Nove horas no máximo. Não me importava. Nada mais importava. Tinha deixado meu coração naquela cama com a garota que pensei que seria para sempre, mas que mostrou ser uma completa vadia. Sim, vadia. Não tinha costume de falar palavrões, mas porra! Não havia outra palavra para descrever o que aquela menina era.

Mentiu para mim. Disse que era virgem, que não podia fazer nada porque queria que sua primeira vez fosse especial. Ela me traiu. Ou melhor, me traiu na noite do nosso aniversário de namoro. No fundo, nunca dera a mínima para este relacionamento. Enquanto me entregava cada vez mais ao amor que sentia, ela transava com outros caras pelas minhas costas. Enquanto pensava que tinha encontrado a mulher perfeita, ela sorria por ter encontrado o idiota perfeito.

Levantei a cabeça do meio das pernas quando ouvi passos na minha frente. Não sabia que horas era e não me importei em saber. Uma mulher andava em

direção ao mar, cada vez mais perto e distante demais de mim. Será que também havia sofrido uma decepção amorosa? Duvido que esteja sentindo tanta dor quanto eu.

Mas até que o mar não era uma má ideia... Fiquei olhando atentamente enquanto a mulher tinha as pernas cobertas pelo mar, e então as coxas, a cintura... Foi quando percebi: conhecia aquela mulher. Ela usava o mesmo vestido florido que dormia todas as noites e tinha os cabelos soltos da mesma cor que as mechas que havia visto mais cedo e estava cada vez mais distante.

Tomado pela dor existente em meu coração, só consegui me levantar e observar enquanto minha mãe entrava no mar, com ele já batendo em suas costas. As coisas não estavam calmas hoje, não era um bom dia para tomar um banho de mar... Ainda mais numa hora dessas. O que ela estava fazendo? Onde estava Miguel e meu pai?

Continuei observando-a, esperando que desse apenas um mergulho e saísse da água, para que eu pudesse deitar em seu ombro e chorar ainda mais. Ela me entenderia... Sempre me entendeu. Sempre me apoiou quando quis alguma coisa, mesmo quando esta coisa pareceu absurda. Ela me amava acima de tudo e, neste momento, precisava sentir um pouco deste amor.

Mas o mergulho demorou demais. Ela simplesmente afundou e não voltou mais... Comecei a procurar pela superfície, achando que havia nadado um pouco para os lados, mas não encontrei nada. Nem parecia que tinha entrado no mar poucos minutos atrás. Parecia que nada daquilo havia acontecido. Era como se ela nem existisse...

Eu deveria ter percebido mais cedo. Deveria ter sido menos egoísta e prestado atenção no que acontecia ao meu redor. Se tivesse feito isso, ela teria sobrevivido. Ela sequer teria tentado se matar.

Entretanto, quando tive seu corpo em meus braços, era tarde demais. Sua pele estava pálida e gelada, e tudo o que pude fazer foi gritar. Aos poucos vi algumas pessoas se aproximando, barulhos irritantes ao redor, mas nada conseguia prender mais a minha atenção do que o corpo da minha mãe esticado na areia, sem vida.

Joguei meu corpo por cima do dela, desejando que ela me levasse junto para onde quer que tivesse ido. Desejando que estivesse aqui para dizer que nada mudaria e que ficaria tudo bem, que ainda receberia seus abraços toda manhã... Mas não. Nada disso aconteceu. Ela continuou ali, sem respirar, sem se mexer, sem poder me dar o amor que precisava.

E era tudo culpa minha. O amor acabou em meu mundo porque não soube cuidar bem dele. Minha mãe se matou porque não consegui salvá-la. Meu irmão teria um futuro de merda porque não pude amadurecer quando foi necessário. A

minha vida havia acabado. A vida da minha mãe havia acabado.
E era tudo culpa minha.

Capítulo 30

Acordei decidida a continuar ignorando tudo o que havia acontecido entre Ricardo e eu. Eu estava preparada para agir como se mal nos conhecêssemos como venho fazendo há quase uma semana. No entanto, minha coragem foi por água abaixo assim que o encontrei na cozinha, ao lado de vários ingredientes para o café da manhã, com um olhar desolado. No mesmo momento me lembrei daqueles cachorrinhos abandonados que encontrava na rua e morria de vontade de levar para casa. O único problema é que este já tinha uma casa, uma família, alguém que se importasse com ele, e mesmo assim mantinha aquele olhar.

Algo parecia errado, fora do lugar. O ambiente estava tenebroso, com um ar fúnebre e lastimável. Não conseguia entender o que colocou aquele olhar doloroso em sua feição. E, acima de tudo, queria que saísse logo de lá.

Andei até a cozinha pisando o mais firme que podia, esperando que com isso ele percebesse a minha presença e fingisse estar bem, que tentasse ficar bem ou, ao menos, fizesse algum comentário malvado. Mas não, não houve nenhuma reação. Parecia que estava perdido em outro mundo, um mundo muito doloroso.

Procurei sinais do Miguel pela casa, mas não parecia estar ali. Ótimo, as coisas realmente estavam estranhas.

– Bom dia. – cumprimentei calmamente.

Ricardo finalmente olhou para mim com um vazio profundo em seus olhos sedutores, e pude perceber o momento em que notou que eu estava ali. Ou talvez que ele estava ali. Seus olhos mudaram do vazio para a dor e da dor para a ignorância. Depois de tanto me olhar – uma coisa que senti muita falta, pois evitávamos ao máximo este contato – simplesmente virou as costas e saiu da casa, deixando a porta encostada.

Ok, então eu mereço um olhar digno, mas não um "bom dia"?

Quando descí, seu carro não estava mais na garagem do prédio, então a única coisa que podia fazer era ir andando para o quiosque. Não, não era tão longe assim, mas não custava nada ele ter me esperado, né? O que havia acontecido?

Pelo caminho e durante o dia inteiro no trabalho tentei me convencer de que era uma coisa pessoal, que não tinha nada a ver comigo e que logo passaria. Sua vida não era da minha conta. Mas cada vez que olhava na sua direção, pegava-o olhando para o mar com a mesma expressão distante de manhã. Era tudo o que precisava para voltar a me preocupar.

A única mudança no humor fúnebre do dia foi quando uma garota vestida com nada mais do que um biquíni minúsculo chegou para falar com ele. Nada que já não tivesse acostumada... Mas esta chamou a minha atenção. Não por estar dando em cima dele, mas por ele não estar correspondendo.

Parecia desesperado. Olhava para todos os lados, menos em sua direção. A garota não desistiu, continuou a tocá-lo de maneira inapropriada e um tanto íntima, enquanto ele tirava a mão de si sempre que conseguia.

Foi então que resolvi interferir.

– Ei amor, precisa de alguma coisa? – Cheguei ao seu lado, passando a mão pela sua cintura e colando na lateral do seu corpo.

Ricardo me olhou surpreso, mas não demorou a me abraçar de volta e depositar um beijo na minha testa.

– Que bom que você chegou. – Sorriu falsamente. – Esta é uma velha amiga, Raissa. Raissa, essa é a minha... Namorada, Paloma.

Velha amiga? Desde quando ele tinha amigas? No entanto, não foi isso que ficou gravado na minha mente, mas sim a palavra “namorada”. Sua namorada. Precisei me concentrar muito para não esquecer que tudo não passava de uma encenação.

– Velha amiga? – Sorri amargamente para ela. – Não ouvi nada sobre você.

– Pois é... O Ricardo tem a mania de surpreender as pessoas. – Retrucou sem desviar os olhos dos dele.

– Apreendi com a melhor. – Falou, encarando-a.

O que estava acontecendo ali?

– Concordo completamente com você, Raiana. – Errei seu nome de propósito.

– Ele tem esse dom. – Falei, olhando para ele o mais apaixonadamente que eu pude, o que não foi nem um pouco difícil.

Ricardo retribuiu o olhar e, por um momento esqueci que estávamos em público. Esqueci que havia uma garota atrevida e muito vadia nos encarando... Esqueci até que estava brava com ele. Tudo o que importava era o seu dizendo “você também me surpreende demais, meu amor”. Ok, a parte do “meu amor” foi meu cérebro idiota que inventou.

– Bom, não quero atrapalhar o casal... Na verdade, nem sabia que estava namorando, Ricardo. – Intrometeu-se, me despertando. Vadia; era apelido para o que ela era.

– Estou, Raissa. E dessa vez com a pessoa certa. – Falou, sem tirar os olhos de mim.

Oi? O que aquilo queria dizer?

Tive vontade de rir quando olhei para ela. Seu rosto mostrava nada menos do que pura indignação. Pois é, garota, ele tem dona... Pelo menos durante esses poucos minutos.

– Felicidades ao casal então. – Falou me dirigindo um olhar de puro ódio e virou-se para ir embora.

Assim que estava longe o suficiente para não nos enxergar mais, Ricardo me

soltou e mudou completamente o olhar. A distância havia voltado.

– Não precisava fazer isso. – Falou indiferente.

– Parecia que você estava em apuros... De nada por isso. – Respondi brava.

– Sei me virar sozinho, Paloma. – Reclamou.

– Urgh. Você é impossível! – Resmunguei, jogando os braços para o ar e indo; arrependida de tê-lo ajudado.

Assim que eu era retribuída. Que seja então. Cuide da sua vida que eu cuidarei da minha... E não me procure quando precisar de alguém para fingir ser a sua namorada. Deveria ter várias outras opções.

Sabe quando você discute com alguém e horas depois, não para de pensar em coisas que poderia ter falado durante a briga? Pois é, pensei em milhares de respostas maravilhosas que poderia ter dado... E me arrependi de não ter feito. Por que elas não surgiram na hora certa?

Resumindo: o dia demorou mais do que nunca para passar. Não conseguia atender os clientes, prestar atenção no Ricardo e nem tentar entender o que havia acontecido ao mesmo tempo. Com isso, falhava nas três funções.

– Paloma, eu posso te ajudar em alguma coisa? – Perguntou Evandro quando percebeu que parei ao seu lado sem saber o que dizer.

– Po... Pode, na verdade, pode sim. – Comecei, deixando a vergonha de lado. Era raro nos falarmos e por ser meu chefe ainda me sentia muito intimidada com a sua presença. – Gostaria de saber do Miguel.

Este não havia aparecido no trabalho hoje. Mais um motivo para ficar preocupada.

– Ele não veio hoje, né? – Perguntou, olhando em volta por um momento, já sabendo a resposta.

– Não, senhor. – Respondi.

Ele então suspirou e, com pesar na voz, respondeu sem olhar na minha direção.

– Ele deve estar dando uma volta. – Falou, tentando parecer casual, mas falhando claramente.

– Como assim? Está sumido desde manhã... O senhor não está preocupado? – Pude ouvir minha voz se elevando e tentei controlar o desespero, me lembrando com quem falava. Não poderia descontar toda frustração no meu chefe.

– Não, não estou, e você também não deveria estar. – Disse, finalmente olhando para mim, apenas para me dirigir um olhar duro, indicando que a nossa conversa acabava ali.

Saí de perto mais frustrada do que antes. Ótimo, um de seus sobrinhos está desaparecido e o outro está agindo como idiota. Ele não dá a mínima.

Teria que resolver tudo sozinha. Ou melhor, matar a curiosidade sozinha. E

como havia aprendido em uma das aulas de economia da faculdade: sempre que tiver muitos problemas, comece pelo mais fácil de ser resolvido. O mais fácil no caso, era o Miguel. Lidar com ele sempre fora mais fácil.

Talvez o ano na faculdade não tenha sido em vão.

Sem saber onde ele se escondeu, tudo o que eu podia fazer era mandar uma mensagem. Por um momento me amaldiçoei por não ter pensado nisso antes. Eu, que era tão ligada no celular e estava sempre conversando com muita gente por ele, agora nem me lembrava de sua existência. Ficava a tarde inteira dentro da bolsa, trancado na dispensa. Só servia para me acordar de manhã.

Imagino que seja por isso que a bateria está durando tanto.

Fiquei na dispensa para não levar xingos por usar o celular quando deveria estar trabalhando e o procurei na bolsa. Não foi tão difícil achar, pois assim que abri a mesma ele começou a tocar.

Desesperada, peguei o mais rápido que pude enquanto ainda tocava, torcendo para ser Miguel ligando para dizer que estava tudo bem e que não precisava me preocupar com ele. Mas ao olhar no visor, encontrei um lembrete do calendário que dizia "Hoje faz quinze dias que você está trabalhando no quiosque! Parabéns, você ganhou a aposta!". Sim, escrevi o lembrete sabendo que aguentaria os quinze dias, mas imaginei que me sentiria muito realizada quando o lesse, e não da maneira que me sinto: decepcionada.

Ok, então ele não ligou, não mandou mensagem, nem sequer um sinal de fumaça... O que poderia fazer para encontrá-lo?

Selecionei seu número e liguei, rezando para não cair direto na caixa postal. Não caiu! No entanto, depois de infinitos toques a voz ridícula da secretária eletrônica atendeu, mandando deixar um recado.

– Miguel, onde você está? Não tenho notícias desde cedo e seu irmão também não está normal. Parece que acordei em um universo paralelo. O que aconteceu? Vocês não podem me deixar nessa agonia para sempre! Preciso que me dê um sinal de vida, nem que seja um "oi". Tanto faz. Só prove que não foi sequestrado e ficarei aliviada. É, acho que é isso. Não pense que ficará tudo bem quando você aparecer novamente, porque terá vingança. Trate de aparecer! – Terminei, clicando furiosamente no botão de desligar.

Minha intenção era deixar apenas um: "Estou preocupada, mande notícias", mas a emoção tomou conta de mim e acabei falando mais do que deveria. Mais do que ele merecia ouvir. Mas se isso fizesse com que respondesse, já sairia no lucro.

Coloquei o celular no bolso do avental e saí do depósito, pronta para a segunda pessoa que estava me deixando frustrada – e, de certa forma, muito magoada – neste dia tão esquisito.

Com o escasso movimento do quiosque, não foi difícil perceber que Ricardo não estava mais por ali. O relógio marcava seis horas e os funcionários encarregados de fechá-lo já faziam o trabalho. Acredito que se tivesse ficado dez minutos a mais na dispensa teria que passar a noite por ali.

– Ei, você – chamei a atenção de um dos funcionários novos que não consegui lembrar o nome. – Onde está o Ricardo?

Ele olhou para mim assustado por estar sendo questionado, mas não respondeu. Apenas indicou a praia com a cabeça e voltou à sua função. Quando olhei para onde havia apontado, vi uma figura sentada na areia, longe demais para ser percebida ao entardecer, mas não tão longe para não reconhecer que a tal figura era quem procurava.

– Obrigada. – Agradei, deixando meu avental em cima de uma das mesas.

Estava na hora de engolir mais uma vez o orgulho.

Andei calmamente até ele, repassando na mente o que falaria. Na verdade, procurei assuntos para abordar durante o caminho inteiro e, quando cheguei, continuava sem ideias. O que se fala para alguém que te beija inesperadamente e então passa a te ignorar por uma semana? E fala que não precisa da sua ajuda, mas você sabe claramente que não é verdade?

Já estava próxima demais para fingir que não estive ali, então mandei tudo à merda e sentei ao seu lado, abraçando as pernas da mesma maneira que ele. Analisei sua feição em busca de alguma mudança, mas não encontrei nada. O mesmo olhar doloroso, a mesma expressão vazia como se não estivesse realmente ali.

Isso estava me matando... Vê-lo tão desolado e não ser capaz de fazer nada. Queria puxar a sua cabeça para o meu colo e acariciá-lo até que surgisse um sorriso naqueles lábios tão deliciosos. Qualquer sorriso. Podia ser o safado, o feliz, o orgulhoso... Qualquer um seria melhor do que aquela dor tocável ao seu redor.

– O que você quer? – Perguntou, mostrando que reparara na minha presença, mas não queria companhia.

Seu tom não foi ríspido. Nem para isso parecia ter forças... Tudo nele demonstrava dor. Ombros caídos, lábios franzidos e a voz. Se tivesse sido idiota teria me levantado e ido embora. Mas não, enquanto suas palavras pediam para que me afastasse, seu tom suplicava por socorro. E, infelizmente, me importava o suficiente para não ser capaz de ouvir apenas as suas palavras.

– Eu quero saber o que está acontecendo. – Falei, usando o tom mais calmo e doce que consegui.

– Não está acontecendo nada.

– Ok, isso eu já sei que é mentira.

Fiquei esperando que dissesse mais alguma coisa, mas permaneceu encarando o mar, sem sinal de que falaria comigo. Pois é, também não dei sinal de que iria para casa.

– Paloma, eu quero ficar sozinho. – Disse calmamente como se tentasse explicar um assunto sério para uma criança.

– E eu quero te ajudar, seja lá o que esteja acontecendo! – Retruquei, deixando as emoções tomarem conta de mim.

– Não há nada que você possa fazer, ok? – Disse um pouco mais duro, no limite.

– Você não me deixa tentar! – O meu limite já havia sido atingido. – Escuta, foi mal se me intrometi em um assunto que não deveria mais cedo... Mas sei que este não é o problema. Quero saber o que está te incomodando desde manhã.

– Só preciso ficar sozinho, Paloma. É pedir demais?

– Estou aqui, engolindo o orgulho e ouvindo você me machucar cada vez mais, então aproveite isso. Não há nada, realmente nada, que eu possa fazer para te melhorar?

– Na verdade, tem uma coisa que pode fazer. Sabe o que é? – Finalmente olhou para mim e, enquanto sua voz transmitia fúria, seu olhar mantinha a dor. – Pode me deixar em paz. Pode pegar as chaves de casa e ir embora. É tudo o que você pode fazer.

Ficamos nos encarando por alguns segundos. Ele tentando fazer com que a dureza das suas palavras chegasse até o seu olhar e eu procurando outra saída.

No fundo sabia que ele estava certo. Se não queria se abrir comigo, o que mais eu poderia fazer? E, para piorar, meu orgulho começava a se manifestar, exigindo que parasse de correr atrás de quem não me queria.

– Que seja então. – Falei, levantando. Ele voltou a olhar para o mar, enquanto saí sem olhar para trás, sem dar a chance de me arrepender.

Em menos de quinze minutos de caminhada estava na frente do prédio, com a lua brilhando no céu e o coração nas mãos. O apartamento continuava do mesmo jeito de quando saí logo cedo, sem sinais do Miguel. Também não havia ligado, o que parecia cada vez mais estranho.

O pior de tudo era a vontade que tinha de voltar para a praia e carregar Ricardo até aqui. Mesmo sabendo que conseguia cuidar de si mesmo, me arrepiava só de pensar nas coisas que poderiam acontecer com ele daquela maneira. Tão devastado.

E não pude fazer nada.

Tentei de todas as maneiras distrair-me e fazer o tempo passar mais rápido. Tomei banho, fiz o jantar – que ficou intocável em cima da mesa –, arrumei a sala, organizei as roupas de Ricardo, passei pano no chão... Até que não tinha

mais forças para fazer nada e a preocupação continuava tomando conta do meu corpo. O relógio marcava uma da manhã, e nenhum sinal dos dois.

A porta da sala se abriu no exato momento em que levantei do sofá para ir dormir. Tinha desistido de esperar por notícias e cansado de imaginar milhares de situações em que poderiam ter se metido. Mas então Ricardo entrou pela porta, seguido por Miguel, que passou por mim sem olhar para trás, com a cabeça abaixada e foi direto para o quarto, trancando-se.

A cena parecia irreal. Por um momento pensei que havia pegado no sono e tudo não passava de um sonho. Mas devido aos momentos inesperados que já tinha vivido era capaz de diferenciar o sonho da realidade; e aquele momento estava realmente acontecendo.

Ricardo trancou a porta do apartamento e sentou no sofá, deliberadamente ignorando a minha presença. Não, não fugiria de mim novamente.

– Tá legal, você não vai me falar o que tá rolando, eu já entendi. – Falei, sentando ao seu lado, o que fez com que me olhasse. – Não vou falar que não estou curiosa, porque estou e ainda vou fazer de tudo para descobrir o que há de errado com vocês dois.

– Eu só quero dormir. – Me interrompeu, arrumando o travesseiro que estava pronto para a noite que alternávamos quem dormia no sofá.

A cada palavra que dirigia com dor para mim, uma ferida no meu coração era aberta. Não tinha sido capaz de confessar até agora, mas fora ele quem curara um pedaço do mesmo. Ele e seus carinhos durante a noite, seus olhares doces, seus sorrisos sinceros e aquele beijo inesquecível que conseguiu fazer com que a dor fosse mais suportável. Mas também era ele quem estava retirando tudo isso, transferindo a sua dor para mim.

Só queria vê-lo bem novamente e me sentia inútil por não conseguir.

Entretanto, continuava com uma parte antiga de mim que sabia que sempre conseguia o que queria. E, se desejava vê-lo sorrir, assim seria. Custe o que custasse. Iria tirar uma parte da sua dor da mesma maneira que ele havia tirado uma parte da minha.

– Hoje faz quinze dias que estou trabalhando no quiosque. – Falei, voltando a olhar para ele, que já estava com a cabeça apoiada no travesseiro e os olhos fechados.

– E? – Perguntou tão baixo que não sei dizer se ouvi aquilo mesmo, ou se foi imaginação.

– E... Eu ganhei a aposta. – Concluí como se fosse uma notícia qualquer. Em outro dia teria pulado na sua frente e jogado na sua cara de todas as maneiras possíveis que eu tinha ganhado, e ele perdido. Mas hoje não era o dia para isso.

– Parabéns. – Ironizou, sem abrir os olhos.

– Quero o meu prêmio hoje. – Disse, com um plano tomando forma. O melhor plano de todos e, de certa forma, o mais egoísta também.

– Paloma, quantas vezes eu preciso pedir para me deixar em paz? – Suspirou, cansado.

Não se abale Paloma. Ele não quis dizer isso. Tentei me convencer de que era apenas a mágoa tomando conta do seu ser... Precisava ser forte para deixá-lo bem.

– Quero que durma comigo hoje. – Soltei antes que o orgulho falasse mais alto novamente e me fizesse ir para a cama sem mudar nada. Não, não era mais capaz de não me importar com ele e seus sentimentos.

Ao ouvir a frase seus olhos se abriram, surpresos. Fiquei aliviada por não ver raiva, muito menos dor, pela primeira vez no dia naqueles olhos tão lindos.

– Você não está falando sério. – Disse surpreso, começando a acreditar que era tudo uma pegadinha.

Mas não era. Realmente queria ter o seu corpo colado no meu naquela noite.

– Eu estou. Só dormir. Só... Só quero que venha para a cama comigo e me abraçe, da mesma maneira que fazia alguns dias atrás. – Falei, olhando-o nos olhos.

– Não vou fazer isso. – Falou, desconfiado.

– Você não pode negar. Eu ganhei a aposta, me deve isso. – Falei orgulhosa por ser tão firme naquela decisão. Não teria outra situação melhor para usar o prêmio.

Ricardo bufou e se levantou, andando até o quarto.

– Já que é assim, vamos acabar logo com isso.

Não sei definir o que senti ao ouvir a sua frase. Em certa parte me senti vitoriosa por conseguir convencê-lo a fazer o que queria. Mas em outra parte muito grande me senti rejeitada, pois parecia que ele não queria aquilo de jeito nenhum. Parecia que dormir comigo era um sacrifício que estava fazendo.

Mas no momento acreditava que este sacrifício era o que o ajudaria a acordar melhor no dia seguinte.

Segui-o até o quarto e fechei a porta após entrar, com a luz apagada. A lua iluminava o quarto e tudo o que conseguia discernir era o corpo musculoso na cama, exatamente onde eu queria. Não hesitei em deitar ao seu lado, evitando encostar nossos corpos de início.

– Por que você quer isso? – Perguntou ele. Então pude sentir seu olhar se aprofundando em mim.

– Porque eu preciso. – Admiti. Agora mais corajosa por saber que não conseguia ver muito de mim também.

Ficamos alguns minutos em silêncio, apenas analisando nossas silhuetas. Com

o tempo minha visão se adaptou melhor à escuridão e seu rosto ficou mais fácil de ser admirado. Ele também me encarava, mas era impossível decifrar seu olhar. Queria ser capaz de ler seus pensamentos, sentir sua alma... Mas, no momento, já ficaria feliz se conseguisse deixá-lo melhor.

– Se vamos fazer isso, precisamos fazer direito. – Falou, segurando na minha cintura e me puxando para o seu corpo.

Foi então que a realidade caiu sobre mim. Estávamos na cama mais uma vez. Sozinhos, no escuro e sem ninguém para nos julgar. Sua mão na minha cintura ficou cada vez mais evidente, causando alguns choques elétricos pelo meu corpo e fazendo com que as lembranças das nossas noites viessem à mente.

Não sabia que havia sentido tanta falta daquilo.

Ergui a mão até o seu rosto, acariciando-o levemente, indo em direção à sua boca. Passei o dedão por ela, sentindo-a, desejando-a mais do que nunca. Agora que sabia seu gosto e não tinha como não querer prová-lo novamente. Nossos corpos já estavam colados, seria fácil demais levantar um pouco mais o rosto e juntar nossos lábios.

Estava pronta para agir, até lembrar que isso não deveria acontecer. Se acontecesse, ele se afastaria novamente, e então tudo seria à toa. Precisava me contentar com o toque das suas mãos vagando pelo meu corpo, apreciando-o da mesma maneira que havia sonhado na noite anterior. Precisava me sentir bem por, no fundo, saber que ainda me desejava da mesma maneira que eu.

Não, não era da mesma maneira. Enquanto me virava de costas e colava ainda mais seu extenso corpo no meu, passando os lábios pelo meu pescoço e causando os tão esperados arrepios, percebi. Enquanto sentia sua mão acariciando minha coxa e parando na cintura, deixando-me presa, resolvi aceitar a realidade. E, quando ouvi sua respiração tornar-se mais pesada indicando que dormia, não tive mais dúvidas.

Estava perdidamente apaixonada. Eu, que nunca soube o que era o amor de verdade, agora sabia menos ainda. Não conseguia definir o que me fizera sentir aquilo... Mas a necessidade que sentia de cuidar dele o tempo todo, a saudade que senti do seu corpo colado no meu todas as noites, a alegria que tomava conta de mim toda vez que via seu sorriso e o alívio que agora habitava meu coração por saber que havia conseguido fazer algo para melhorá-lo, só podia indicar isso. Nada mais conseguia ser tão forte do que o que sentia por ele, e agora que percebi o sentimento só parecia aumentar.

Havia apenas um problema naquela situação: o sentimento não era recíproco. Ricardo não era de ficar com uma garota só. Sabia disso desde o momento em que nos conhecemos na praia, e mesmo assim entreguei o meu coração em suas mãos.

O fato de nunca ter me apaixonado antes remetia no fato de nunca ter que esquecer alguém antes. Teria que esquecê-lo, me desapegar... Mas não fazia a menor ideia de como. E, no momento, o que mais queria era me apegar ainda mais. Juntar nossos corpos de uma maneira que nada seria capaz de separar. Por hora, teria que ser suficiente.

Capítulo 31

Acordei com o corpo quente de Ricardo enrolado no meu. E quando digo enrolado, quero dizer que seus braços enroscavam na minha cintura como se eu fosse a única boia em um oceano infinito. A única capaz de salvá-lo ou talvez a única que desejava naquele momento. Na verdade só me abraçava como se não quisesse soltar nunca, mas as outras suposições vieram apenas da esperança de que ele tivesse mudado em apenas uma noite.

Sua cabeça repousava no meu peito, ficando tão próximo que era possível sentir o movimento da sua respiração. Inspira, expira. Inspira, expira. Calmamente, profundamente de tal maneira que tirou toda coragem de acordá-lo para poder sair da cama. Isso ou o fato de senti-lo próximo agora que entendia a complexidade dos meus sentimentos por ele. Mais uma vez: como deixei isso acontecer?

Todos os tipos de pensamentos passavam por minha mente enquanto eu encarava o teto do quarto, que precisava urgentemente de uma nova pintura. As pequenas rachaduras começavam a aparecer e acredito que uma tinta branca seria capaz de cobrir aquilo. Nunca precisei saber disso, não seria agora que tentaria aprender alguma coisa. Só procurava meios de me distrair, já que voltar a dormir parecia impossível e pensar no que aconteceria quando ele acordasse me aterrorizava.

Nunca acordei antes dele... Isso deve ser um bom sinal, não? Se acordasse nervoso e saísse sem falar nada, provavelmente acabaria passando a tarde trancada no quarto, abraçada com o edredom e me odiando por ter deixado aquilo ir tão longe. Por outro lado, se acordasse e fosse para cima de mim todo amoroso e charmoso – como sempre – não conseguiria resistir e o momento seria perfeito. Mas só estaríamos adiando o "depois".

Porque não importa quando virá esse "depois", pois não consigo imaginar um final feliz com ele.

Interrompi os milhares de pensamentos ao sentir a sua respiração alterar. Ele havia acordado. Saber disso me deixou paralisada, ansiosa para o que aconteceria em seguida.

Logo após, levantou a cabeça, sem soltar a minha cintura e olhou diretamente para os meus olhos.

Foi como se tirasse um peso das costas ou do pulmão. Expirei todo ar que prendia, sem realmente prestar atenção nisso. Tudo o que conseguia notar era o olhar carinhoso que estava sendo dirigido a mim – e somente a mim. Seus olhos azuis estavam mais claros do que nunca, mas não menos intensos.

Nunca vi aquele olhar em sua feição. Na verdade, não conseguia colocar as lembranças em ordem para saber se já havia visto ou não, mas tenho certeza que não esqueceria caso tivesse. Nossos olhares prenderam-se como se conversássemos por telepatia. "Eu te amo", eu diria. "Eu sei", ele responderia. E então: "Eu te amo mais". Um sorriso seria trocado com formato de imagem, ao tempo em que todos de fora só veriam dois estranhos se encarando.

Seria um mundo perfeito. Um mundo onde ninguém saberia de nós, e poderíamos nos falar a todo segundo e nos amar o tempo todo... Mas, mais uma vez, é tudo criação da minha mente. Ele estava me encarando intensamente, com um significado por trás do olhar... Mas este significado jamais seria uma declaração. Provavelmente seria um "eu quero te comer" ou algo do tipo.

Custava a acreditar nisso. Parecia ser um momento tão perfeito, tão "Não-Ricardo." Mas exatamente por isso sabia que estava deixando meus sentimentos expostos demais, a esperança evidente. Talvez só estivesse me olhando daquela maneira por ter notado o que se passava pela minha mente e tenha ficado com pena. "Oh, pobre garota, se apaixonou por um rapaz impossível de se ter um relacionamento sério".

Quebrei o nosso olhar, voltando a encarar o teto do quarto com a intenção de sair daquele momento que beirava o constrangedor. Ainda assim, podia sentir seus olhos perfurando o meu rosto da mesma maneira que suas mãos pareciam queimar a minha cintura, mostrando que permaneciam ali. Como ele não havia percebido? Conseguia sentir cada pequena parte do meu corpo próxima a ele, cada mínimo nervo que emitia um choque pelo simples contato de pele. Enquanto ele parecia não sentir nada.

Sabia que ele não era capaz de sentir nada.

– Você nunca acorda tão tarde. – Falei, procurando distrações dos pensamentos insanos.

– Há tempos não dormia tão bem. – Admitiu, com a voz rouca por ter acabado de acordar.

– Pois é.

Não sabia o que dizer. "Eu nunca dormi tão bem na minha vida" seria a verdade, mas idiotice falar isso. O melhor que podia fazer era ser indiferente como sempre. Por que com ele era tão difícil?

– Então, você ganhou a aposta. – Disse, puxando o braço que estava atrás da minha cintura para poder apoiar a cabeça.

Voltei a olhar para ele, reparando o quão próximo estava... Não. Pela última vez, não.

– Sim, ganhei. – Falei vitoriosamente. – Não acreditou que eu ganharia?

– Na verdade, sabia que iria. Só esperava que o seu pedido fosse um pouco

melhor do que este... – Disse, usando a mão para traçar pequenos círculos pela minha barriga. Pequenos círculos que me arrepiavam mais do que imaginei ser possível.

– Sei o que você está fazendo. – Falei, encarando-o.

– O que? Isso? – Perguntou, olhando para os trajetos dos seus dedos.

– Não, não estou falando disso. – Segurei sua mão para que parasse com aquilo, querendo focar no que importava. – Estou falando da sua distração.

– Não sei o que você quer dizer.

– Sim, sabe muito bem o que quero dizer. Está usando o seu charme para me fazer com que eu me esqueça de ontem.

Ele dirigiu o melhor sorriso sedutor para mim, aproximando seu rosto do meu.

– E está funcionando? – Sussurrou.

– N... Não. Não está. – Falei, amaldiçoando a voz por ter falhado.

Ricardo riu, sabendo exatamente o efeito que seus toques, suas palavras e até seus olhares tinham sobre mim.

– Que bom que não está.

– Ricardo, eu estou falando sério. – Falei, colocando a mão no seu peito para me afastar do seu jeito conquistador. Precisava ficar longe se quisesse alguma resposta do que aconteceu ontem.

Ele percebeu que eu queria um espaço, mas relutou em me dar. Até que se afastou levemente, descolando o corpo do meu, mas segurou minha mão em seu peito, impedindo que perdêssemos o contato completamente. E, neste momento, tive uma vontade enorme de agradecê-lo por isto.

– Então fale sério.

– Você precisa me contar o que houve ontem... Estava tão... Tão devastado – Ricardo olhou nos meus olhos quando ouviu a palavra, mas isso não impediu que outras saíssem da minha boca. – Não estava sendo você mesmo. Entendo que estamos nos evitando... Mas ontem não tinha a ver com a gente, tinha a ver com você, e quero saber o que te feriu tanto. Quero fazer alguma coisa.

Precisava realmente aprender a fechar a boca na hora certa. Ricardo me olhava com uma ternura estranha como se não soubesse o que falar. Ótimo, eu falava demais e ele não tinha o que falar. Muito justo.

– Você já fez. – Falou com a voz mais doce que já ouvi.

Ficamos nos encarando por mais tempo do que o normal. Na verdade, nos encarar parecia ser o objetivo do dia, pois era o que mais fazíamos. Não tinha a menor ideia de como sair daquela situação, do que falar... Dessa vez quem estava sem palavras era eu.

– Valeu por ter me obrigado a dormir com você ontem à noite.

Ricardo colocou tanto sentimento no agradecimento que não pude deixar de

ficar comovida. Parecia que eu havia feito algo bom ao pedir aquilo. Ou, como disse: obrigá-lo. Só não sabia o porquê dele precisar tanto...

– Eu... – Comecei a falar, mas parei ao ver seus olhos mais uma vez. Eles estavam ao mesmo tempo tristes e carinhosos. Era incrível a maneira como conseguia se expressar com um olhar, ou como eu era capaz de entender cada sentimento ao ver aquele azul mudando de cor.

Soltei minha mão da dele e a levei até o seu rosto, acariciando-o. Por mais que tenha feito isso ontem à noite, agora era diferente. Queria confortá-lo, mas acima de tudo, queria entendê-lo. Conhecê-lo.

– O que aconteceu com você? – Perguntei, sentindo a minha dor misturando-se com a dele, pairando no ar ao nosso redor como uma única bolha, somente nossa.

Pensei que não contaria nada de novo. Pensei que ficaria na curiosidade e sofreria mais um dia sem saber o motivo de estar sofrendo. Mas então ele começou a falar e não parou mais.

Contou. Contou tudo. Contou sobre a garota que conheci ontem, Raissa, e revelou que foi a sua primeira e única namorada. Mais um motivo para odiá-la.

Contou sobre a sua vida com a mãe e o irmão e como tudo era perfeito. Como só queria sair do colegial para ficar logo com ela. A garota que jurava ser para o resto da vida. Por mais egoísta que pareça, queria que ele parasse de falar. Por um momento me arrependi de ter sido tão curiosa. Poderia ouvir de tudo... Menos sobre o amor dele por outra pessoa. O amor que hoje não é capaz de sentir por ninguém.

Mas quando estava chegando ao limite de romantismo do dia, a história mudou. Sua expressão também havia mudado. O que parecia dor, agora parecia agonia misturada com arrependimento e saudade. Então começou a contar sobre a traição, o momento que percebeu que ela não sentia o mesmo e esqueceu todo o resto. E aí a sua mãe morreu bem na sua frente.

Após terminar a história, Ricardo ficou repetindo que era tudo sua culpa. Depois de ouvir três vezes a frase que mais parecia uma súplica por ajuda, virei a me aproximar e envolvi seu pescoço da melhor maneira que pude na posição que estávamos e o apertei contra mim.

– Não é culpa sua. – Falei, sabendo exatamente o que ele sentia.

– Você não sabe o que está dizendo. – Falou com dor na voz, me surpreendendo por não ter um traço de choro na mesma.

Olhei em seus olhos, sem me afastar do seu corpo.

– Você sabe a minha história. Sabe que sei exatamente o que está sentindo. No dia em que minha mãe morreu... – Falei, engolindo o caroço que se instalava na garganta toda vez que começava a falar ou pensar sobre isso. – Eu não me

importei. Não falei com ela e não sei qual foi a última conversa que tivemos. Ela estava péssima e eu vivia sob o mesmo teto e não sabia de nada. Não percebia nada.

Ricardo me olhou, compreendendo o que eu queria dizer.

– Não foi culpa sua. – Falou, passando a mão pelo meu rosto.

Fechei os olhos por um momento, agradecida pelo carinho tão raro.

– Assim como não foi culpa sua.

Quando abri os olhos, ele me encarava como se fosse o objeto mais raro e caro do mundo. Havia um brilho diferente em seu olhar e, mesmo com a bolha de dor ainda ao nosso redor, podia sentir um pinga de esperança se instalando nele.

Aproximei o rosto do dele, querendo absorver sua dor e superar aquele momento. Quebrar a bolha e aproveitar a cama ao nosso dispor. Seu olhar admirado causara essa vontade louca de beijá-lo, de tê-lo para mim e, principalmente, de mostrar que não estava mais sozinho.

Mas quando estávamos próximos demais, Ricardo colocou a mão no meu rosto, impedindo que avançasse um centímetro sequer. Abri os olhos, surpresa, tentando decifrar o que acontecia. Ele, parando? É mais raro do que receber algum amor em seus atos.

– Nós não podemos. – Falou, fechando os olhos como se usasse todas as forças para dizer isso.

Então a realidade caiu sobre mim. Nada havia mudado, ele ainda não podia se relacionar com ninguém e, mesmo que agora soubesse o motivo para esta precaução, sua decepção não se tornava mais fraca.

– Não desse jeito. Quero fazer direito com você. Eu... Não quero estragar tudo novamente. – Falou me tirando dos pensamentos obscuros e me surpreendendo mais uma vez em questão de segundos.

– O que quer dizer com isso? – Perguntei confusa com a mudança repentina de sentimentos.

– O que acha de dar uma volta na praia amanhã à noite? – perguntou, sorrindo de lado.

Com isso, a bolha se rompeu. Todo sofrimento, dor, arrependimento e agonia ficaram exatamente onde deveriam estar: no passado. Um novo ar nos rondava... Um ar de esperança. Ou, ao menos, era assim que me sentia.

– Está me convidando para um encontro? – Retruquei, encarando-o.

– Só se você aceitar. Se não, podemos sair como amigos. O Miguel e a Marina fazem isso sempre.

– Eles não são um bom exemplo de amigos. – Ri.

– Não mesmo. Mas e aí, topa? – Perguntou, sorrindo mais amplamente. O sorriso de felicidade. Que falta fizera...

– Pode ser. – Sorri, tentando usar as mesmas palavras indelicadas que ele, como se não fosse nada importante, embora nossos sorrisos dissessem outra coisa.

E agora sabia que não era apenas uma criação da minha mente. O sorriso estampado em seu rosto não poderia significar nada além de pura e completa alegria. E se ele estava feliz em sair comigo, eu estava duplamente feliz por ir neste encontro.

Talvez não fosse tão sem sentimentos assim...

Capítulo 32

Não estava fácil a ansiedade do primeiro encontro com Ricardo. Já havíamos dançado, dormido, nos beijado... Mas nunca tivemos um verdadeiro encontro. Algo me dizia que este seria especial e rezava para não me decepcionar com uma realidade diferente.

O relógio não funcionava em meu favor. Quanto mais chegava a hora de ir para casa e me arrumar, mais o ponteiro menor regredia, impedindo que o maior fizesse seu caminho corretamente e tudo ficava exageradamente lento. Tudo! Parecia que os funcionários faziam de tudo para me atrasar, para que nada desse certo... Os pedidos não ficavam prontos nunca, os clientes demoravam uma vida para decidir o que queriam e os outros empregados pareciam estar em uma competição com tartarugas. E perdiam feio.

A única coisa que me acalmava era olhar na direção de Ricardo e vê-lo tão sorridente e natural. Completamente o contrário do que via dois dias atrás, e diferente também da semana em que não nos falamos: não o vi pegando no celular em nenhum momento. Nenhum número novo, nenhum encontro marcado. Deveria estar dizendo para todas que já tinha um compromisso esta noite: e, acreditem ou não, dessa vez era comigo.

– Paloma, seu celular tá tocando. – Chamou uma das empregadas do quiosque, segurando o meu celular na mão.

Corri até ela, que não fez nada para encurtar o caminho. Como disse... Lerdos demais. Ou eu que estava eufórica? Não importa. Atendi sem nem ao menos ver quem era.

– Sim?

– Paloma?

– Fernando? – Olhei para a tela do celular, confirmando o número. – Fernando! Como você está?

– Estou bem, criança. E você, como está? – Perguntou interessado.

– Estou melhorando, Fernando. – Suspirei. Lembrar tudo o que havia acontecido era a última coisa que queria neste dia. Ou melhor, nesta noite.

– Fico feliz em ouvir isso. Está trabalhando?

– Estou. Na verdade, não deveria nem estar usando o celular. – Ri, procurando meu chefe ao redor, mas não vi sinais dele.

– Desculpe menina, não quero te prejudicar. Serei breve.

– Tudo bem, Fernando, não tem importância. – Falei, querendo que tivéssemos mais tempo para conversar. Não sabia que sentia tanta falta dele assim.

– Te liguei apenas para avisar que estou de mudança.
– Mudança? Como assim? – Perguntei surpresa.
– Seu pai está um pouco... Fora dos limites. Não é o caso. O fato é que consegui uma casinha numa cidade há cinco horas daqui, ainda no litoral. Vou para lá essa semana.

Levei alguns segundos para processar todas as informações.

– Com quem você vai morar? – Perguntei preocupada que fosse sozinho.
– Esperava que você fosse comigo. – Respondeu, usando um tom que dizia "mas é você quem decide".

– Eu... – Por um momento quis aceitar. Afinal, era tudo o que queria, não? Uma casa, morando praticamente sozinha, sem ser um problema para ninguém... Poderia arranjar um emprego nesse novo lugar e começar uma nova vida. Deixar o passado para trás e, acima de tudo, ficar o mais longe possível do meu pai.

Mas então meus olhos cruzaram com os de Ricardo e ele sorriu para mim. O sorriso sincero e preocupado, nada parecido com o sorriso safado que me queria apenas na cama. Se decidisse ir embora e deixar o passado aqui, estaria deixando-o também. Uma dor estranha invadia meu peito só de pensar nessa situação.

Não apenas ele, mas Miguel também. Miguel, meu pequeno irmão.

– Não posso, Fernando. – Respondi, aliviada pela escolha. – Tenho uma vida aqui e gosto muito dela.

– Não tem problema, criança. É bom que saber que está encontrando o seu caminho – pude ouvir um sorriso em sua voz. – Mas saiba que o convite será sempre válido. Estarei distante, mas sempre que precisar pode contar comigo.

– Obrigada. – Respondi, enquanto secava as lágrimas que ameaçavam escorrer pelo rosto. – Você também pode contar comigo, sabe disso, não?

– Eu sei... Eu sei.

– Sinto sua falta. – Falei manhosa.

– Em breve nos encontraremos, menina. Te cuida, tá? E dê um abraço no Ricardo por mim.

– Darei. – Sorri, olhando para Ricardo. Daria muitos abraços nele.

– Preciso ir agora e imagino que você também. Mandarei notícias. – Falou, se despedindo.

– Estarei esperando. – Foi a melhor despedida que encontrei. Percebi que nunca precisei me despedir de alguém e realmente não gostava de fazer isso.

Mas fora a melhor decisão que já tomei. Tive mais certeza ainda quando vi Ricardo se aproximando com os olhos presos em mim e sua habitual combinação de bermuda e camiseta que ficava mais perfeita nele do que um terno ficaria em um modelo profissional.

– Aconteceu alguma coisa? – Perguntou, reparando nos meus olhos inchados.

– Não, não aconteceu nada. Não se preocupe. – Sorri, confortando-o.

Ele me encarou por um momento, decidindo-se se acreditava ou não nas minhas palavras, mas por fim pareceu convencido de que eram sinceras.

– Tudo certo para hoje à noite? – Perguntou, sorrindo de lado.

– Acho que sim. – Respondi, olhando para sua boca que ficava ainda mais irresistível com aquele sorriso. A boca que não havia me deixado beijar no dia anterior, mas que não escaparia esta noite.

– Você pode ir para casa. Te pego lá as oito.

– Estou dispensada?

– Apenas para ficar ainda mais linda para mim. – Piscou, sorrindo.

– Então é por um bom motivo. – Sorri de volta. – Você não vai se trocar lá? – Perguntei surpresa.

– Não, tenho umas coisas para fazer antes. – Falou, mas quando percebeu o olhar de preocupação no meu rosto, completou: – Estarei lá as oito em ponto. Não se atrase.

Então, me dando um beijo próximo demais da boca para ser considerado na bochecha, mas longe demais para ser considerado um selinho, saiu, me deixando ainda mais confusa.

Coisas para fazer? Que coisas teria para fazer na noite que sairia comigo? Antes das oito seria muito cedo para pegar alguma puta, certo? Esperava que sim, afinal ele não seria capaz de tal coisa.

Não importava o que faria. O importante é que eu tinha exatas duas horas e quarenta e dois minutos para ir para o apartamento, tomar um banho, secar o cabelo, me trocar, passar uma maquiagem, arrumar a bolsa e checar tudo... Ok, agora já era duas horas e quarenta minutos. Se eu ficasse planejando o que ia fazer, jamais ficaria pronta a tempo.

Corri como nunca na vida. O caminho que demorava vinte minutos foi feito em doze. E, mesmo assim, sentia que não daria tempo. Simplesmente não daria tempo! Por que o relógio resolveu voltar funcionar normalmente justo agora?

Tomei banho em dez minutos. Sequei o cabelo, mais dez minutos. Comecei a alisá-lo e percebi que tinha pouco mais de uma hora e meia para fazer milhares de coisas ainda. Foi então que resolvi não olhar mais para o relógio. Foda-se a hora. Ficaria pronta a hora que quisesse e, se chegasse antes, ele que me esperasse. Afinal, era um charme chegar atrasada, não?

Nunca fiquei tão ansiosa para sair com alguém. Sim, já havia saído com muitos garotos... Mas todos eram completamente desconhecidos. Paqueras de uma noite ou duas e nunca duravam. Seus nomes eram esquecidos na semana seguinte. Com Ricardo era diferente, pois eu me importava com ele. E, se algo

desse errado, teria que conviver com ele por muito tempo ainda.

Mas faria com que nada desse errado.

Escolhi o vestido que havia comprado duas semanas atrás, esperando por uma ocasião especial – que finalmente chegou – e o deixei em cima da cama. Seria realmente apropriado? Sua cor vermelha era vibrante, da mesma cor do vestido que usei quando dancei com Ricardo naquela noite... Talvez isso me desse alguma vantagem. Mesmo assim, as rendas o cobriam inteiramente, fazendo com que o que poderia ser um vestido para usar no dia a dia, se tornasse um vestido de festas.

E se parecesse arrumada ou exagerada demais?

Coloquei a peça no corpo e imediatamente senti um alívio por vestir algo de valor. Estava acostumada a usar roupas caras, chiques, mas nos últimos meses tudo o que tinha usado eram shorts e calças jeans combinados com blusinhas normais. Era bom voltar à minha antiga realidade, por mais que não sentisse aquela necessidade de estar sempre bem vestida.

Ao me olhar no espelho, fiquei mais confusa, pois notei que as mangas longas do vestido faziam com que ele ficasse mais sofisticado... Por outro lado, ia até pouco antes da metade da coxa, deixando-a quase inteiramente de fora, o que com certeza dava um ar leve ao visual. Mesmo assim não me sentia convencida de que estava casual, o suficiente para não parecer desesperada.

Só faltava resolver isso. Estava tudo pronto: maquiagem, cabelo, bolsa e sapato... Foi então que olhei para o lado e encontrei meu par de chinelos favoritos: e eram vermelhos! Ao tirar as sapatilhas – que de fato era uma péssima escolha, pois encheriam de areia – e colocar os chinelos, me senti outra pessoa. Muito melhor. Metade de cima: arrasando. Metade de baixo: casual.

Como é que dizem hoje em dia? Ah sim... Sexy sem ser vulgar. Sentia que isso me definia completamente.

Com um tempo perfeito, a campainha tocou. Saí do quarto junto com Miguel, que paralisou quando me viu. E olhou para a porta e em seguida para mim novamente. Aos poucos um sorriso foi surgindo em seu rosto, até que parecia ir de orelha a orelha.

– Sabia que vocês dois se acertariam. – Falou enquanto sorria e andava em direção à porta.

– Nós estamos saindo como amigos. – Falei antes que abrisse a porta.

– Sim, claro. Nada mais do que amigos. – Ironizou.

Pensei em uma resposta digna para silenciá-lo, mas todos os pensamentos fugiram quando a porta foi aberta e Ricardo deu um passo à frente segurando uma única rosa vermelha, completamente irreconhecível, mas mais sexy do que nunca.

Jamais pensei que veria Ricardo com roupa social. Pois agora meus sonhos mais intensos tornavam-se realidade: na minha frente estava uma versão elegante e, ao mesmo tempo despojada do garoto que era dono do meu coração. Seu peito estava coberto por uma camisa social branca, daquelas que nos fazem imaginar como ficaria depois de ser atingida por um balde de água... Para completar usava uma calça social preta, ainda com a marca de ferro no meio como se tivesse sido passada agora mesmo.

Eu me arrependi de ter tirado a sapatilha, pois agora não parecia desesperada, mas sim uma mulher qualquer que não sabia se vestir. No entanto a sensação durou pouquíssimo, pois meus olhos continuaram a trajetória pelo corpo delicioso do homem que era só meu naquela noite, e encontraram os seus pés. Seus pés, livres e bem feitos.

Ricardo também usava um chinelo, muito parecido com o meu, mas preto. Segurei a risada ao constatar isso, mas quando voltei a olhar em seus olhos, percebi que também havia notado a semelhança e encontrava-se na mesma situação: querendo rir, mas evitando magoar o outro.

– Vocês vão sair ou vão ficar aqui se encarando? – Interrompeu Miguel com um sorriso na voz.

– Vamos sair. – Respondeu, sem tirar os olhos de mim.

Ele parecia me comer com o olhar, tão intenso que estava. E este conseguiu se intensificar mais ao se aproximar de mim, ao me entregar a rosa.

– Você está espetacular! – Elogiou com a voz rouca, enquanto eu pegava a rosa da sua mão.

Tudo o que queria era tirá-lo daquela blusa e jogá-lo na cama, de onde não sairíamos por muitas horas. Sua expressão dizia que pensava a mesma coisa, e foi difícil dar às costas ao quarto e ir embora. Mesmo assim, sabia que aquela noite seria a minha ruína. Uma ruína perfeita e inesquecível, e estava pronta para me jogar de cabeça na mesma.

Capítulo 33

Ricardo

Venho preparando o encontro desde o momento em que ouvi o "sim" disfarçado no "pode ser" de Paloma. No começo tinha muitas ideias, mas não sabia como elaborá-las. Precisava fazer algo digno da garota. Algo que ficasse em sua mente para sempre, fazendo com que quando a perguntassem "Qual foi o melhor encontro da sua vida?" se lembrasse de mim. Ah, e como lembraria.

Mas o que estaria na altura da garota que sempre teve tudo o que quis?

Então uma frase que minha mãe vivia dizendo surgiu na minha cabeça: "Simplicidade é tudo, meu filho. Se puder escolher entre o detalhado e o simples, fique com o simples. Este abrirá mais portas.". Descobriria essa noite se ela tinha ou não razão. Paloma nunca teve o simples e sim o melhor de tudo. Talvez o simples seja o que realmente precisa.

E qualquer coisa que ela precisar quero ser capaz dar para ela.

Estava tudo pronto quando saí do quiosque, dez pras oito. Eu, que tinha mandado a garota não atrasar, acabei perdendo noção da hora. Mas era impossível não me atrasar com tantas dúvidas. Social ou simples? Simples, minha mãe dissera. Mas e se misturasse os dois? Pois ela era assim: uma mistura do que fora – rica, chique e mesquinha – com o que se tornara – humilde, carinhosa e, incrivelmente, simples. Pois então que seja: uma mistura dos dois.

Fiquei ridículo com os chinelos, mas era a única parte de mim que parecia natural. Que poderiam falar "isso o Ricardo usaria". Porque o resto estava exagerado demais.

Mas tudo para a garota que havia me tirado dos pesadelos noturnos. Tudo para aquela que se importava comigo e insistia em me conhecer, mesmo depois de tantas respostas negativas. Aquela que me fez acreditar que posso não ter sido o culpado pela morte da minha mãe. Só por isso ela já merecia o mundo.

Foi pensando nisso que não resisti e parei no caminho para comprar uma rosa. Uma já era o suficiente. Nada, seria simples demais, mas um buquê seria exagerado. Esta noite estava sendo baseada na mistura dos dois. Na mistura de nós dois: o garoto simples e a garota mimada.

Toquei a campainha do apartamento e respirei fundo, ajeitando a gola da camisa. Por um momento me questionei o que fazia ali. Minha intenção não era jamais me apegar? Jamais deixar que alguém me distraísse novamente? Se fosse assim, por que fazia exatamente o contrário?

Todas as perguntas foram respondidas quando vi a garota mais linda parada na minha frente. Seu vestido vermelho era indescritível. Delicioso. A mistura da

menina inocente usando mangas longas, com a menina safada que havia dentro dela, com o comprimento beirando ao indecente – e muito sexy – da peça. Isso fazia com que muitas cenas inadequadas surgissem em minha mente.

Também fez com que percebesse o motivo de estar fazendo aquilo. Não havia mais como fugir. A garota me tinha na palma da mão, e tudo o que podia fazer era trazê-la para a minha também. E depois do seu ato maravilhoso no dia anterior, não precisava ter mais nenhuma dúvida: ela não seria a destruição. Poderia ser a minha salvação.

Só precisava fazer com que fosse minha.

Aproximei para entregar a rosa, mas no ato, consegui sentir melhor o seu perfume, o que fez com que meu cérebro desligasse por um momento, deixando apenas o corpo e o coração em ação. Tudo o que queria era levá-la para aquele quarto, perto demais para ser verdade e trancá-la por dois dias ou mais. Dar a opção de ser minha por vontade própria e obrigá-la, caso negasse. Só queria tirar aquele vestido e esquecer o mundo lá fora.

Mas meu querido irmão precisava nos atrapalhar, fazendo com que o cérebro voltasse a funcionar, não é? De qualquer modo tinha que agradecer ao pirralho, pois um segundo a mais com aqueles pensamentos e toda a noite estaria perdida. Toda preparação seria em vão.

– Está pronta? – Perguntei, voltando ao plano inicial: levá-la para a cama. Não, porra, este não. O plano ideal: fazer com que se apaixonasse por mim.

– Sim, estou pronta. – Disse como se estivesse se referindo não apenas ao encontro, mas a todas as dúvidas que existiam entre nós. Parecia estar pronta para o que desse e viesse.

E o brilho em seu olhar mostrava que ela estava pronta para mim.

Oh, garota.

– Então vamos logo. – Falei, tirando os pensamentos impróprios da mente e acenando para Miguel antes de sair.

– Você está muito elegante. – Falou quando liguei o carro, e eu podia sentir seu olhar me perfurando.

– Precisava chegar aos seus pés. – Respondi, olhando-a brevemente antes de voltar minha atenção para a rua.

Minha visão periférica captava as suas coxas e somente elas. Nuas, implorando para serem tocadas. Beijadas. Não posso fazer isso... Mas não consegui resistir a esticar a mão e senti-la, tentando parecer que apenas descansava a mão na sua coxa.

Paloma não reclamou, o que me deixou aliviado. Precisava controlar a vontade que sentia dela, mas seria muito mais fácil se tivesse vindo com uma roupa de freira, completamente coberta. Ou, pensando melhor, não seria. Posso

imaginar o quão quente seria tirá-la daquela roupa, revelando o que ficou escondido por tanto tempo.

Ótimo, estávamos em nosso primeiro encontro, sem nenhuma indicação de haver algo mais do que beijos, e eu já estava duro.

Fiz o caminho mais longo até a praia, pensando em coisas aleatórias e torcendo para que Paloma não percebesse o efeito que tinha sobre mim. Ela deveria perceber em algum momento, mas não neste. Caso contrário, acharia que a noite fora planejada apenas para comê-la e não para amá-la mais tarde, da maneira certa.

– Você está estranho. – Falou, interrompendo o silêncio do ambiente.

– Como assim?

– Não sei... Está quieto, não está fazendo insinuações idiotas nem tentando outras coisas...

– E você quer que eu faça isso?

– Talvez... – Falou, ficando vermelha. Mas logo se corrigiu. – Não é isso. É que é estranho.

Estacionei o carro na frente da praia e desci, indo até a sua porta e abrindo-a antes que tivesse a oportunidade de fazer isso sozinha.

– Mude a palavra estranho para diferente. Ou melhor, especial. – Falei ao vê-la saindo do carro. Estávamos próximos demais para evitar que minha voz saísse em um sussurro. – Esta noite será especial.

Aproveitei a nossa proximidade para acariciar seu rosto, mantendo a mão na curva do seu pescoço, esperando pela sua reação. Sempre tão receptiva, não demorou a fechar os olhos e apoiar a cabeça na minha mão.

Era como se implorasse para beijá-la. E porra, como queria beijar aquela boca doce e viciante. Desde o primeiro e último beijo, venho sonhando com a segunda dose. Mas não, ainda não era a hora.

Afastei o rosto do seu, recebendo um olhar surpreso e decepcionado. Não está ajudando, garota. Não está ajudando.

Segurei sua mão e a levei para caminhar pela praia, entrelaçando nossos dedos aos poucos, me adaptando à sensação. Há cinco anos não entrelaçava meus dedos aos de alguém e esperava que parecesse estranho. Inadequado. Mas tudo o que senti foi o choque que sempre me atingia quando nos encostávamos. E quanto mais nós andávamos, mais certo parecia. Não queria soltá-la nunca mais.

– Conte algo sobre você que eu ainda não saiba. – Pedi enquanto caminhávamos.

– O que é isso? Está tentando puxar assunto? – Perguntou, rindo.

– Não, só quero te conhecer melhor. Vamos lá, não estrague a brincadeira.

– Ok. Vou pensar. – Falou com o olhar perdido.

Depois de um tempo pensando, finalmente respondeu:

– Não tenho nenhuma cicatriz no corpo.

Olhei para o seu rosto, incrédulo, mas tudo que encontrei foi pura verdade.

– Espero ter a chance de conferir isso. – Falei, não perdendo a oportunidade de deixá-la corada. E funcionou.

– Talvez. – Sussurrou, falando consigo mesma. – Sua vez.

O que falar? Hm... “Nunca me senti tão atraído por alguém como me sinto por você” seria verdade, mas a faria virar as costas e ir embora, tenho certeza. “Estou apaixonado por você” seria pior ainda. Por mais que tentasse, nenhum pensamento que não envolvesse ela e o amor ou ela e uma cama passou pela minha mente.

– Nunca quis tanto estar em um encontro com uma garota, como com você, hoje. – Admiti por fim, esperando que não parecesse clichê, grudento ou apaixonado demais.

Paloma sorriu por um momento, mas ficou em silêncio, guardando seus pensamentos. E então voltamos a caminhar em silêncio.

– Nós só vamos ficar aqui, caminhando? – Perguntou depois de um tempo, com um tom irônico na voz.

Ri enquanto acariciava sua mão levemente.

– Tem algum outro compromisso? – Perguntei, rindo.

– Na verdade tenho sim, um encontro com um cara charmoso, interessante e atrevido. – Falou, me encarando.

– Cara de sorte.

– Ah, vai se danar, Ricardo! – Falou sorrindo enquanto me dava um tapa no braço.

Parei na sua frente, interrompendo a caminhada.

– Relaxa aí, garota. – Falei. – Desculpa se ainda não te joguei na areia e te fiz minha aqui na frente de todos. – Seu olhar tornou-se intenso enquanto ouvia a frase. – Estou deixando o melhor para o final.

– Não... Não... – Falou, sem conseguir completar sua frase.

– Não é isso que você quer? – Sorri, piscando. – Ou não é isso que queria dizer? Pois bem. Desculpa se o encontro está sendo entediante... Mas pensei que por algumas horas poderia me dedicar inteiramente a te conhecer, a ser gentil... – Tirei uma mecha de cabelo do seu rosto. – Porque mais tarde te conhecerei de outra maneira. E não pretendo ser gentil.

Paloma me olhou com surpresa e excitação. Não deveria ter falado aquilo? Fora longe demais? No entanto, seu olhar de “quero você” só fez com que quisesse falar muito mais... Apenas para ver aquele desejo em seu olhar novamente.

– Também quero te conhecer. – Sussurrou sua doce voz. – Não está entediante... Está perfeito. – Sorriu.

– Olhe para cima.

Paloma olhou para o céu estrelado, procurando algo que achava que deveria estar ali.

– Não, Paloma, não para o céu. – Ri, acompanhando o seu olhar. – Para a sua esquerda.

– Uau. – Agora havia finalmente olhado para o lugar certo.

Quando coloquei as luzes no quiosque, ele não pareceu tão bonito, pois ainda estava claro. Agora de noite, era como se fosse o único ponto de luz no meio da escuridão infinita. E o melhor de tudo era que; ao fechar a tenda que agora possibilitava ver as luzes de onde nós estávamos, aquele lugar seria só nosso. Nossa luz particular.

– Você fez isso? – Perguntou enquanto andávamos até o quiosque.

– Sim, não achava que eu era capaz? – Perguntei, imitando a sua pergunta sobre o emprego.

– Não, na verdade, não. – Ela riu, entrando no quiosque e observando cada canto iluminado com velas. Agradei aos céus por não estar ventando.

Enquanto se distraía com a decoração, fechei a tenda, tornando o ambiente muito mais íntimo e particular. De fora tudo o que veriam seriam as tendas fechadas, como se não tivesse ninguém dentro. Estávamos invisíveis e completamente sozinhos.

Este pensamento criou milhares de cenas impróprias na minha mente.

– Disse que estava perfeito? Errei. Agora sim está perfeito. – Falou, aproximando-se da única mesa que havia no local.

Puxei uma das cadeiras para que sentasse.

– Você é exigente. – Sorri. – Sente-se, vou servi-la esta noite. – Empurrei a cadeira após sentar.

Paloma riu. Era uma risada tão pura e sincera que foi dos meus ouvidos direto para o meu coração. Queria ouvir aquele som o tempo todo.

– Ok então. – Falou, com vestígios do sorriso na voz.

Fui até a cozinha e voltei com o vinho que havia separado, já aberto. As taças estavam na mesa ao lado de mais duas velas, prontas para serem servidas. Não havia um detalhe que não fora pensado e planejado.

Servi nossas taças e puxei a minha cadeira para o seu lado, querendo ficar o mais próximo possível da garota que seria minha pelo resto da noite e, se tivesse sorte, por muito mais tempo.

– Já disse que você está linda demais? – Perguntei sorrindo de lado, sem desviar os olhos dos castanhos que me encaravam com tanta adoração.

– Acho que não. – Brincou, sorrindo de volta.

Peguei sua mão, sentindo a maciez da pele e a levei até a boca, depositando um beijo na mesma. Queria sentir toda a sua pele, não apenas a da sua mão. Queria tê-la sob mim, somente para mim, para poder apreciar e beijar o seu corpo inteiro. Mas isso teria que bastar por hora.

– Então direi, quantas vezes forem necessárias. – Falei, sem desgrudar a boca da sua pele, percebendo quão arrepiada havia ficado.

Oh, minha doce e receptiva Paloma.

Querendo que aquele arrepio durasse, aproximei o rosto do seu pescoço, colocando seu cabelo para trás da orelha e deposei alguns beijos, sentindo mais uma vez seu irresistível perfume.

– Vai com calma. – Sussurrou como se fizesse um esforço enorme para dizer aquelas palavras.

Eu me afastei, olhando em seus olhos, agora muito mais profundos do que antes. Ela sentia, só não queria se entregar. Por que resistir tanto, Paloma? Se me deseja tanto quanto eu, por que se esquivar o tempo todo?

O problema era que eu sabia que havia uma atração entre nós. Sabia que ela me desejava. Mas também sabia que estava apaixonado por ela, ao tempo que não fazia a menor noção do que ela sentia. Fazer com que me desejasse era a parte fácil... Mas como atingir o seu coração?

– Desculpa. – Falei sorrindo novamente, querendo que visse que estava realmente arrependido. Bom, não cem por cento... Mas uma parte de mim queria ter mais controle ao seu redor.

– Não tem problema. – Sorriu como se admitisse que ela também era culpada. E nem sabia quão culpada era!

Dei-lhe o espaço necessário. Teria que aproveitar agora, pois mais tarde não teria espaço nenhum. Por mais que pedisse para ir com calma, para parar, para não fazer nada...

Não sairia deste encontro sem o seu gosto na minha boca mais uma vez.

Capítulo 34

Umas cinco taças de vinho depois, nós já havíamos conversado sobre tudo: seus animais de infância, minhas músicas preferidas, o amor do irmão pela melhor amiga e sobre os filmes que ainda não assistimos... Tudo menos os assuntos dolorosos. Aquela noite seria aproveitada da melhor maneira, e isso incluía deixar de lado tudo o que havia acontecido de ruim nas nossas vidas. Pelo menos por uma noite.

– Acho que está na hora da sobremesa. – Falou ele, levantando-se e começando a recolher os pratos que usamos no jantar.

– Vou te ajudar. – Levantei e peguei os talheres que sobraram na mesa.

– Não precisa fazer isso, você deveria estar lá sentada na mesa, me esperando.

– Reclamou quando me viu entrando na cozinha atrás dele.

– Pare de besteira, quero ajudar. – Retruquei, deixando os talheres na pia. Devo ter soltado no lugar errado, pois fizeram um barulho absurdo ao caírem.

Ricardo se abaixou para pegar os talheres que foram parar no chão, olhando para mim de lado.

– Sem mais bebidas para você. Pensei que fosse mais forte do que isso, Paloma. – Brincou.

Fiquei encarando-o enquanto se levantava do chão. Eu, bêbada? Tomando apenas vinho? Jamais. Precisava de muito mais para me deixar mal.

– Tá, o que tem de sobremesa? – Perguntei, deixando a discussão para mais tarde.

– Pegue os pratos naquele armário que vou pegar a sobremesa que tanto deseja. – Falou, piscando com um sorriso sacana.

Andei até o armário onde havia apontado e tive que me inclinar para alcançar a porta. Estava muito no alto e, enquanto erguia os braços, podia sentir o vestido subindo junto, chegando perto demais do limite. Perto demais.

E então surgiu um corpo colado no meu. Onde antes só havia ar gelado, agora estava uma calça social roçando em mim. Ricardo aproximou a boca da minha orelha, me deixando completamente arrepiada e mordeu levemente.

– Acho que mudei de ideia sobre a sobremesa. – Sussurrou sensualmente, me tirando suspiros.

Ele entendeu o barulho como se estivesse concordando com o que dizia e fez com que virasse de frente para o seu corpo, sem desgrudá-lo no meu.

– Esperei a noite inteira por esta sobremesa. – Falou com os olhos em um tom de azul escuro, fixados nos meus.

Não soube o que responder. Não havia nada para fazer além de concordar, afinal, havia esperado a noite inteira por aquilo também.

Ele me encarava como se esperasse uma resposta, uma confirmação ou talvez até uma permissão. O que poderia fazer além de puxá-lo pelo pescoço e beijá-lo da maneira que desejei fazer desde quando nosso primeiro beijo foi interrompido?

Nossas bocas finalmente se uniram. Seu gosto estava mais magnífico do que me lembrava, com um toque do vinho que bebemos durante a noite, deixando o gosto ainda mais irresistível. Ricardo não hesitou em momento algum. Dei a ele o que procurava: a confirmação de que também queria aquilo. Precisava daquilo. E agora, ele pegava o que queria de mim.

Com as mãos em seu cabelo, apreciei a maciez ao mesmo tempo em que o puxava entre os dedos. Todos os meus sentidos estavam aguçados. Olfato: o perfume incrível que usava, misturado com o seu cheiro masculino natural, capaz de deixar qualquer mulher aos seus pés. Paladar: o sabor do beijo, enquanto nossas línguas se entrelaçavam em uma dança eterna. Visão: mesmo com os olhos fechados, podia ver todas as cenas que envolviam Ricardo, eu e um lugar isolado. Audição: a cada gemido gutural que saía da sua garganta, meu corpo se arrepiava mais e eu queria fazê-lo gemer o meu nome.

E o mais forte de todos: o tato. Suas mãos passeavam pelo meu corpo, apreciando cada pequena curva, até que pararam na cintura e me ergueram levemente, fazendo com que sentasse no balcão atrás de mim. A altura ideal para tê-lo entre as pernas, ainda mais próximo, ainda mais desejável.

E então lembrei que eu estava usando um vestido. No momento, este se encontrava enrolado na minha cintura, deixando a calcinha vermelha de fora. Mas não foi isso que me fez perceber, e sim o prazer que surgiu quando Ricardo se aproximou mais, roçando a ereção aonde deveria haver uma calça jeans ou algum tecido a mais para me proteger. No entanto, todos eram finos demais e o atrito gerado por eles fez com que um gemido beirando ao constrangedor saísse da minha boca.

Isso só fez com que se aproximasse mais de mim, sem interromper o beijo – mesmo estando os dois sem fôlego – e pressionasse nossos sexos. Um ato tão inesperado e desconhecido que gerava choques elétricos por todo o meu corpo. Impossível segurar os gemidos, agora cada vez mais altos.

Até que sua mão desceu da minha cintura para a beirada da calcinha. Ele ia fazer aquilo. Ia tocar lá, onde nenhum outro havia tocado. Onde guardei para alguém especial, para um lugar especial... Não o balcão de um quiosque, certo?

Nenhuma bebida seria capaz de fazer com que eu deixasse aquilo acontecer.

Segurei sua mão gentilmente, colocando-a de volta na minha cintura. Ele parou de me beijar alguns minutos depois e me olhou profundamente nos olhos, procurando respostas para o que havia acabado de fazer.

Já eu, procurei em seu olhar algum traço de decepção. Não queria decepcioná-lo de jeito nenhum, mas ele estava ultrapassando os limites. Não faria aquilo ali... Com ele, tudo bem. Mas não ali.

Ele parecia excitado como eu, mas uma ruga de preocupação se formava em sua testa.

Ficamos nos encarando, tentando entender um ao outro, enquanto nossas respirações voltavam ao normal. Não se afastou, pelo menos não fisicamente. Já emocionalmente, o clima havia ido embora. A chama havia se apagado, e estávamos, mais uma vez, como apenas amigos.

– O que foi? – Perguntou, acariciando meu rosto corado pela cena de poucos segundos atrás.

– Eu... Não posso. – Falei, abaixando o olhar do dele.

Meu rosto então foi erguido por sua mão em meu queixo, me obrigando a olhar em seus olhos.

– Fale a verdade. Sei que você quer isso. Está nos seus olhos e, há pouco tempo, em seus gemidos. – Sorriu de lado, do jeito mais safado que já vi em seu rosto. – Por que nega tanto?

– Não é isso... Eu quero. – Falei, confirmando o que ele já sabia.

– Mas...? – Perguntou, se aproximando ainda mais, e pude notar que ainda estava excitado. Mais uma vez, ele roçou a sua vontade em mim, e fechei os olhos para aproveitar a sensação que durou pouco demais.

Quando voltei a olhá-lo, seus olhos estavam quentes, queimando de desejo. Imagino que os meus não estavam tão diferentes.

– Me fala porque não posso te dar prazer, Paloma. – Sussurrou com a voz rouca em meu ouvido.

Queria falar que sim, podia me dar todo prazer do mundo. Podia me dar prazer para sempre. Mas precisava me controlar para não estragar um dos momentos mais importantes da minha vida.

Ponderei entre falar a verdade ou não. Eu não poderia contar o real motivo. Certo? Ele riria, provavelmente não acreditaria e eu seria ignorada no exato segundo que contasse o motivo de não ceder a ele.

– Eu quero você. Quero sentir o seu gosto e sentir como é estar dentro de você. Quero fazer com que se lembre dessa noite para sempre. – Continuou ele a sussurrar, movendo as mãos pelo meu corpo.

Oh Ricardo! Se deixasse você fazer tudo isso, lembraria para sempre, mas também me arrependeria por todo este tempo.

– Me deixa te arruinar para os outros homens. Quero torná-la minha. – A sua voz estava ainda mais rouca, aproximando a boca do meu decote.

Eu não aguentaria a provocação dele por muito tempo.

– Eu sou virgem. – Soltei sem pensar.

Estava no limite, se não falasse logo, deixaria que fizesse tudo aquilo e amaria cada segundo. Precisava fazê-lo parar e a primeira coisa que veio foi minha confissão. Só deveria ter pensado duas vezes antes de falar.

Ricardo parou o que fazia em um piscar de olhos e se afastou de mim com o olhar perdido. O olhar que continuava em chamas, mas que não pensava mais em mim. O que estaria acontecendo em sua mente? Havia se arrependido, é claro.

Nenhum homem quer tirar a virgindade de uma mulher porque sabe que a terá em seu pé pelo resto da vida – ou quase isso. Se Ricardo queria apenas uma noite comigo, nunca seria capaz de fazer isso porque eu me tornaria um problema a mais para ele.

Enquanto me queria por apenas uma noite, eu queria que me abraçasse por todas.

– Deveria ter falado antes. Desculpa.

Poderia ter evitado tudo isso, não? Talvez até mesmo as provocações e insinuações. Talvez até a paixão que sinto por ele fosse evitada se tivesse falado antes.

Ele então pareceu voltar à realidade e me olhou com o único olhar que não queria encontrar em seu rosto naquela noite: decepcionado. Não tinha lhe dado o que queria e agora estava magoado comigo. Não deveria me sentir mal com isso, eu sei... Mas não pude evitar.

Passou as mãos pelo cabelo, bagunçando-o, enquanto soltava um suspiro frustrado. Ótimo. Causei mais alguma coisa? Qualquer coisa menos satisfação, certo? Até eu estaria brava se estivesse em seu lugar.

Alguns minutos depois, ele voltou a se aproximar, puxando a minha mão para que descesse do balcão. O vestido já estava no lugar e meu rosto provavelmente estava da mesma cor que o tecido.

– Me desculpa. – Falou, olhando intensamente para mim, mas com a decepção ainda evidente em sua feição. – Eu sou um idiota.

– Do que você está falando? – Perguntei surpresa com suas palavras. Esperava ouvir tudo, menos aquilo. Todos os tipos de xingamentos, menos um pedido de desculpas.

– Como fui capaz? Como pude não perceber? – Perguntou perdido em pensamentos. Não sabia se esperava que eu respondesse ou não... Afinal, nada fazia sentido.

– Ricardo, para. – Segurei seu braço, retomando a sua atenção. – Do que você tá falando?

– Você não percebe? – Perguntou, indignado. – Eu quase te comi agora há

pouco! Você teria a sua primeira vez em cima de um balcão em um quiosque! E se fosse pensar em todas as vezes que quis fazer isso com você, em todos os lugares e posições indecentes que passaram pela minha mente...

Ricardo parecia cada vez mais frustrado e ainda assim, nada fazia sentido. Estava se sentindo culpado por me desejar? Era isso mesmo? Nem um pouquinho de raiva por eu não ter falado antes ou por não deixar com que fizesse o que queria?

– Tá, mas você não fez nada disso. – Interrompi suas divagações sobre as mil e uma coisas que queria fazer. – Eu não deixei.

Quando me olhou, não parecia nem um pouco o Ricardo que conhecia. O pegador que tinha transado com a Lorel e que ficava com uma garota diferente a cada final de semana e não ligava no dia seguinte. Que estava sempre em busca da satisfação, usando as mulheres como bem entendia. E, como Lorel dissera... Que sabia dar prazer.

Este novo Ricardo parecia ser o cara que pedia a garota em namoro para os pais, para só então iniciar as etapas da conquista: primeiro os peitos. Depois a bunda... Um lugar por semana. E um mês de pegação depois, o sexo tão esperado. Cuidadoso e calmo, sempre preocupado com o bem estar da amada. Sinceramente? Não queria que ele fosse assim. Não quero as etapas, muito menos o sexo calmo.

Eu quero ele do jeito intenso e irresponsável que sempre foi e o jeito que me deixou completamente apaixonada.

Eu estava louca de vontade para conhecer melhor o seu lado pegador.

– Mas eu quero. – Falei.

– O que você quer? – Perguntou surpreso.

– Quero você, Ricardo. Quero que faça tudo o que não deixei fazer até agora. Quero que me você beije, me morda, me possua... – Não pude terminar a frase.

– Você não sabe o que está falando.

– Sim, eu sei. Quero tudo isso com você.

– Eu... Eu não posso Paloma. Não posso fazer isso com você. – Falou mais frustrado ainda.

Então toda a minha confiança foi por água abaixo. Ele não queria tirar a minha virgindade. Era exatamente o que tinha pensado mais cedo. Ele me desejava, mas apenas por uma noite.

– Já entendi. – Falei, sem olhá-lo nos olhos. Inesperadamente, meus olhos se encheram de lágrimas, e lutei para contê-las.

– Eu sou um fudido do caralho! – Exclamou após perceber o meu estado.

De repente, meu corpo não estava mais no chão. Ricardo me ergueu e mais uma vez me colocou sentada no balcão como estávamos poucos minutos atrás.

Parecia uma vida! Então abriu as minhas pernas, se posicionando entre elas e ficando o mais próximo possível de mim. Suas mãos nos dois lados do meu rosto fizeram com que nossos olhares se reencontrassem.

– Você não entende. Eu quero fazer isso com você. Não deveria, mas quero. Quero mais ainda agora, sabendo que nunca fez isso. Quero te tocar, sabendo que ninguém mais tocou... Quero ouvir você gemer o meu nome sabendo que nenhum outro nome saiu da sua boca da mesma maneira. – Falou, me olhando intensamente, enquanto uma das suas mãos descia pelo meu ombro.

Quanto mais falava, mais frustrado parecia, e mais excitada eu ficava. Queria que fizesse tudo aquilo. Queria que fosse o primeiro e único.

– Então Faça... – Não pude completar minha frase, mais uma vez.

– Mas não posso. Por mais que queira que você seja só minha, não posso. Não conseguiria ser gentil com você da maneira que merece. Eu arruinaria tudo, como quase fiz agora a pouco. Não consigo me controlar ao seu redor, Paloma. – Meu nome na sua boca nunca pareceu tão sensual. – E isso irá machucá-la.

– Não me importo.

– Mas eu sim. Jamais me perdoaria se te machucasse. – Seu olhar continha excitação e um pouco de paixão. Muito mais irresistível.

– Você não vai me machucar. Eu quero fazer isso com você. Não quero que seja com outra pessoa. – Falei, acariciando seu rosto, sentindo um alívio no ar.

Ele não estava se afastando por não querer um encosto em sua vida. Estava se afastando pelo meu bem. Mal sabia que a única coisa que me faria bem agora seria uma noite ao seu lado e da maneira certa.

– Você não está raciocinando direito.

Foi a minha vez de segurar o seu queixo e fazer com que olhasse para mim.

– Quero ter a minha primeira vez com você. Quero que seja o único a me tocar. Quero me lembrar para sempre da noite maravilhosa que sei que você é capaz de me dar. Quero que me coma com força, com carinho e de todas as outras maneiras que souber fazer isso. Quero te dar tudo de mim e receber tudo de você em troca.

Quero que você seja meu. Deixei esta parte de fora. Seus olhos transpareciam surpresa demais para apenas uma noite.

– Você é perfeita demais para ser verdade. – Falou, colando a boca na minha.

Ricardo me beijou como nunca havia beijado antes – com o mesmo fogo de sempre, mas em um ritmo diferente. Era como se saboreasse toda a minha boca, sem pressa para acabar e como se aquilo fosse a única coisa importante no mundo. Não fui capaz de não beijá-lo da mesma maneira que era beijada.

Ele já havia me estragado para todos os homens. Ninguém seria capaz de me beijar daquela maneira e de me arrepiar com apenas um toque.

– Você tem certeza disso? – Perguntou entre o beijo.

Fiz que sim com a cabeça sem interromper o beijo. Ricardo abriu os olhos no mesmo instante em que abri os meus, pedindo por uma confirmação verdadeira, ainda sem acreditar que fosse capaz de querer aquilo.

– Mas não aqui. Vou fazer com que seja especial. – Sussurrou após soltar meus lábios e me dar dois selinhos demorados, me puxando para o chão como se nada tivesse acontecido.

– Enquanto isso, o que faremos? – Perguntei ansiosa para saber quando seria a nossa noite especial. Onde seria e como seria... Queria todos os detalhes!

– Enquanto isso, podemos continuar assim. – Respondeu, sorrindo de lado e aproximando mais uma vez a boca da minha.

Passei os braços pelo seu pescoço e, antes que nossas bocas se encontrassem, sussurrei:

– Não seria uma má ideia. – Sorri com ele, iniciando mais um beijo inesquecível.

Poderia ficar ali a noite inteira. A semana inteira. A vida inteira. Era difícil revelar, mas a verdade era que queria ficar com Ricardo para sempre.

Capítulo 35

Ricardo

Depois de uma semana dormindo ao lado da Paloma todos os dias, não aguentava mais as suas provocações.

A garota sabia o que queria e estava disposta a tentar de tudo para conseguir. A única coisa que ela não entendia era que eu não sabia como lhe dar aquilo. Precisava ser especial, perfeito, delicado e inesquecível. Tudo o que eu não conseguia ser. Com isso, só restava resistir.

Mas o meu limite já havia sido ultrapassado há muito tempo e quanto mais resistia, mais a vontade crescia, junto com a frustração de não poder fazer nada.

O certo seria voltar a dormir longe do seu corpo para poder planejar a nossa noite especial. Mas era impossível. Todas as noites ela me dava um beijo de boa noite e pedia para que ficasse ali, dizendo que só assim dormiria bem... E eu ficava porque entendia completamente o que queria dizer. Nenhuma noite era comparável com as que nós passávamos juntos.

Tudo seria perfeito se eu fizesse o tipo romântico.

– O que nós estamos fazendo? – Perguntou Paloma na manhã de segunda-feira após se espreguiçar no meu colo.

– Agora? Nós estamos deitados, xingando o universo por termos que levantar da cama e ir trabalhar. – Brinquei, apertando-a em mim.

Até que se afastou e sentou na cama, me encarando com milhares de perguntas.

– Não, não é isso. Quero dizer... O que está acontecendo entre nós?

– Nós... – Queria dizer que estávamos namorando, mas era cedo e arriscado demais. – Estamos curtindo.

Paloma me encarou como se tivesse falado o maior absurdo do mundo.

– Curtindo? Eu não acredito que essa é a sua resposta! – Falou, indignada.

– O que quer que eu diga?

– Sei lá, Ricardo. Só não quero que durma na minha cama todas as noites e acorde dizendo que estamos “curtindo”. – Fez aspas no ar, ironizando a palavra.

Levantei atrás dela, que já estava na porta do quarto.

– Estou dormindo na minha cama todas as noites porque você me chama. – Falei, indignado. – Onde pensa que vai?

– Então não vou te chamar mais! – Me encarou. – Vou para qualquer lugar longe de você, seu idiota. – Cuspiu as palavras em mim.

Imediatamente, eu a impedi que abrisse a porta e a empurrei contra ela, prendendo-a com o meu corpo. Amava senti-la assim indefesa, mas tão feroz. A

garota mimada sem escapatória.

– Você não vai fugir de mim.

– Me solta! Vai aproveitar a SUA cama! – Gritou.

– Paloma, me ouve. – Pedi calmamente, enquanto ela perdia cada vez mais o controle.

– Não vou te ouvir porcaria nenhuma. Você não presta! Quer tirar a minha virgindade, mas ainda não fez nada. Dorme comigo todas as noites, mas não fala sobre isso com ninguém. Age como se nada acontecesse. Só pensa em você e... – Tampei a sua boca com a mão, impedindo que continuasse falando besteiras.

– Ah, você vai me ouvir. Por bem ou por mal.

Foi assim que começou a me bater. Queria ter mais braços para poder contê-la, pois sua fúria só aumentava. Até que tive a melhor ideia de todas.

Empurrei o seu corpo de volta para a cama, tomando cuidado para não machucá-la, mas evitando que saísse do meu controle. Peguei na gaveta da escrivaninha um lenço vermelho que a vi usando na semana passada e preendi seus braços com ele. Juntos, sem ter como se soltar.

Deitada de barriga para cima, com os braços amarrados para o alto, foi a melhor visão que tive em toda a minha vida. Poderia admirá-la para sempre.

– Que porra você pensa que está fazendo? – Perguntou quando soltei a sua boca.

– Estou fazendo com que me escute.

– Não vem com essa de Sr. Grey para cima de mim, porque não vai funcionar. Me solta, Ricardo.

– Não vou te soltar até que fique quieta. E não preciso encarnar algum personagem para possuí-la, já deveria saber disso... – Pisquei, sorrindo de lado.

– Você não presta. – Resmungou.

Tão linda...

– Ainda não escuto o silêncio, Paloma.

Ela estava louca para falar alguma coisa. Louca. Seu olhar implorava que a deixasse falar... Ou que a pegasse de vez. Preferia a segunda opção.

– Melhor assim. – Falei quando conseguiu ficar quieta.

Aproximei meu corpo do seu, apoiando o peso nos braços e dei-lhe um selinho. Pretendia dar outro, até sentir a sua mordida.

– Você mandou que te ouvisse, não que te beijasse.

– Tudo bem, desculpe-me. É que alguém acordou irresistível hoje... – Sorri, mordendo o seu lábio de volta.

Ela ficou me encarando, tentando fazer cara de brava, mas a doçura era evidente em seu olhar. Oh, Paloma, como consegue ser tão contraditória?

– Ok, em primeiro lugar... Não venha descontar sua TPM em mim. O Miguel

está aqui para isso. – Falei, sorrindo.

– De TPM tá a sua... – Beijeí sua boca novamente.

– Shiii, minha vez de falar. – Sorri. – Em segundo lugar... Essa cama não é mais minha; é nossa. Não consigo imaginá-la sem o seu corpo nela e não quero mais dormir aqui sem você.

Finalmente um sorriso surgiu em seu rosto.

– E ainda faremos muitas coisas nela... – Pisquei.

– O romantismo durou pouco. – Reclamou.

– Oh, Paloma, você não falou isso... – Brinquei, ameaçando-a. – Você sabe que não sou de romances...

– Você é sim, só não percebeu ainda.

Eu era? Com ela, era. Toda noite que deitava ao seu lado imaginava fazendo aquilo para sempre. Não queria pensar no dia que deitaria na cama e não encontraria o seu corpo... Ou no dia que acordaria e não admiraria seu sono profundo, sua beleza eterna. Se isso não era romantismo, o que mais seria?

– Tudo bem. Em terceiro lugar... Não sabia que você queria ser vista comigo.

– Por que não iria querer? – Perguntou triste.

Suspirei. Havia tantos motivos para não querer ser vista com o cara que dormia cada noite com uma... Não queria que ninguém pensasse que ela era apenas mais uma. Paloma era única.

– Pare de se rebaixar, Ricardo. Você está inventando tudo, isso sim. Não quer ser visto com alguém? Não quer perder a fama de pegador? Que seja, mas não pense que... – Beijeí a sua maravilhosa boca novamente, calando-a.

Dessa vez, não funcionou. Assim que libertei sua boca, voltou a falar coisas horríveis. Aquela não era ela... Mas teria que me acostumar com seus dias complicados. Só não sabia que mulher mudava tanto assim quando entrava na TPM!

– Quer namorar comigo, Paloma? – Perguntei no meio do seu discurso. Ela ficou quieta assim que terminei a frase, finalmente.

Encaramos um ao outro por um momento. Ela, não acreditando que havia escutado direito. Eu, surpreso por ter falado aquilo em voz alta. Pedir alguém em namoro era tão... Clichê. Mas havia sonhado com aquele pedido várias vezes durante a semana e desejava poder falar para todos que ela era minha. Minha namorada, minha amada.

– Repete. – Pediu ela, surpresa.

– Está falando sério? – Ri.

– Repete Ricardo. – A raiva ainda estava no seu tom.

– Quer namorar comigo? – Pedi, distribuindo alguns beijos pelo seu rosto.

– Pensei que não tivesse ouvido direito. – Suspirou.

– É a sua vez de falar alguma coisa... – Sorri, voltando a olhá-la.

E se recusasse meu pedido? O que aconteceria?

– Agora quer que eu fale, né? – Riu.

– Sim, Paloma, responda logo. – Sorri, usando o seu tom raivoso.

– Eu quero. É claro que quero. – Sorriu. – Mas você precisa me soltar.

Olhei para suas mãos amarradas. Ah, tantas coisas que poderia fazer com seu corpo rendido daquele jeito...

– Não sei se quero te soltar... – Sorri de lado, encarando-a.

– Ricardo, para com isso! – Resmungou.

– Tudo bem, tudo bem! – Rendi, levantando para soltar as suas mãos. – Já vi que não posso mexer com você quando estiver nesses dias.

– Não estou em dia nenhum, seu idiota. – Falou, me empurrando para a cama assim que teve as mãos livres, e sentando-se em cima de mim.

Não sei qual posição gostei mais: seu corpo todo amarrado ou assim, tão dominante e atrevida. Tudo fazia com que a desejasse ainda mais.

Vê-la assim, montada em mim com um desejo evidente no olhar, me enlouqueceu. Por pouco não troquei nossas posições e a possuí ali mesmo. Foi por muito, muito pouco. Mas, felizmente uma pequena parte do meu cérebro ainda funcionava.

– Isso quer dizer que já podemos transar, namorado? – Falou, mordendo levemente a minha orelha.

Não provoque, garota... Não provoque.

– Ainda não. – Falei, usando todas as forças ainda existentes. Não eram suficientes. – A hora certa ainda não chegou.

– Não precisamos de hora certa. – Resmungou.

– Na verdade, precisamos. – Falei, acariciando o seu rosto levemente. – Porque se fosse fazer tudo o que tenho vontade com você neste momento, nunca mais olharia na minha cara.

Era a mais pura verdade. Poderia imaginar mais de mil cenas eróticas envolvendo nós dois. Na cama, no chuveiro, na cozinha, no carro... Todas fortes demais para uma garota que tinha aparência de durona, mas por dentro era a coisa mais delicada que já havia conhecido.

Não seria capaz de machucá-la.

– Você não está falando sério... Eu sei como é o seu sexo e tenho certeza que não fugiria após isso acontecer. – Falou, usando a voz mais sensual que já ouvi. A garota sabia como conseguir o que queria.

– Eu quero que após ter um orgasmo comigo, você não pense em ter com mais ninguém. – Falei, imaginando seu rosto corado, sua respiração ofegante, seus gemidos insistentes... Nada disso ajudava a me manter controlado.

– Então vamos fazer isso. – Pediu, puxando levemente meu cabelo.

Mais uma vez, ultrapassando o meu limite.

– Tudo na hora certa, Paloma. Tudo na hora certa. – Expliquei, enquanto tirava-a do meu colo e levantava da cama, deixando-a sozinha para tomar um banho gelado. Muito gelado.

Minha namorada estava na cama, implorando por sexo, enquanto eu negava com todas as forças e tentava relaxar no banho. Que porra havia de errado comigo?

A próxima semana se passou assim: provocações seguidas de banhos frustrantes. Meu corpo parecia estar criando resistência à água gelada, pois logo quando voltava para o quarto e a encontrava com apenas a minha blusa e uma calcinha cada vez menor, ficava duro novamente.

Sabia que precisava fazer algo sobre isso, e logo. O mais rápido possível. Se passasse mais uma noite encoxando-a, faria algo que me arrependeria pelo resto da vida e faria me odiar por este mesmo tempo.

-

Acordei com a sensação de estar sendo observado.

Quando consegui prestar atenção nos meus sentidos, percebi que Paloma traçava os contornos das minhas tatuagens no braço com seu dedo fino e delicado. Mesmo sem abrir os olhos sabia que olhava atentamente para as mesmas.

– Está gostando do que vê? – Perguntei, sorrindo de lado.

– Não sabia que estava acordado. – Falou surpresa.

– Agora estou – Me virei para ela.

Sua boca estava tão macia como sempre. Jamais me cansaria daquilo.

Depois de um tempo nos beijando, voltamos à posição inicial, comigo olhando para ela de lado, enquanto observava os desenhos com um brilho de curiosidade no olhar.

– Pode perguntar. – Falei, reconhecendo aquele olhar em seu rosto.

– Elas são tão lindas... – Comentou, sem parar os movimentos dos dedos. – Têm um significado?

– Sim, elas têm. – Suspirei, deixando de olhá-la para me concentrar nas rachaduras do teto.

– Fale mais. – Pediu, docemente. O tom que sempre usava quando queria alguma coisa.

Era incrível como conseguia desvendá-la. Ela estava mais aberta, como se quisesse se entregar para mim. E eu queria, ah, como queria que fosse só minha para sempre.

– Ricardo? – Perguntou. Então percebi que ela esperava por explicações.

– Ok... A primeira que fiz foi um coração com um nome dentro. – Comecei, tentando me lembrar da ordem cronológica de todas.

– Não consigo ver essa. – Disse, segurando meu braço para ver melhor. Ela jamais encontraria.

– Me deixa terminar. – Reclamei, enquanto olhava em seus olhos para que entendesse que tudo seria explicado. Quando assentiu, voltei a olhar o teto, me concentrando nos desenhos. – Depois fiz a rosa branca em homenagem à minha mãe. Ela amava rosas e... Eu queria algo no meu corpo que lembrasse ela. E que havia morrido por...

– Não foi por sua causa. – Me interrompeu mais uma vez, movendo a mão do meu braço para o meu rosto.

– Ainda é difícil acreditar nisso. – Falei, sem saber se havia falado realmente. Como poderia acreditar o contrário? Que ela não havia morrido por minha culpa? Não sei como, mas estava começando a acreditar... Talvez, apenas talvez...

– Continue. – Pediu me tirando das divagações novamente.

Respirei fundo, feliz em focar outra coisa que não fosse o momento mais terrível da minha vida.

– Depois fiz os símbolos em japonês. Eles querem dizer "irmão de sangue", e foram feitos em homenagem ao Miguel.

– Não faz sentido.

– Posso falar? – Perguntei, sorrindo para ela.

– Pode, mas quero saber mais! Não faz sentido colocar uma frase tão fria... – Explicou-se, parecendo indignada.

Eu respirei fundo antes de revelar mais um segredo do meu passado.

– Miguel não é meu irmão biológico. Pelo menos, não por inteiro. Minha mãe o teve fora do casamento. – Expliquei, lembrando uma história que há muito tempo não era contada. – Escrevi isso porque para mim, ele é como um irmão de sangue, mesmo não sendo. Agora faz sentido?

Paloma me encarava de boca aberta, sem esconder a surpresa.

– Ele sabe disso?

– Sim, ele sabe.

– Uau! – Exclamou, olhando para o nada.

– Agora posso continuar? – Perguntei, acariciando o seu rosto para fazê-la voltar à realidade.

– Depende... Tem mais alguma história chocante?

– O pássaro é em homenagem ao meu pai. É para me lembrar de que ele foi embora... Voou para longe quando nós mais precisávamos dele. – Continuei, sabendo que ela ainda queria saber os significados das tatuagens.

Pude sentir a compreensão nos olhos da garota. Ela sabia o que eu sentia, pois havia passado pela mesma coisa. A diferença é que não tinha um irmão mais novo para criar.

– Ele te dá notícias? – Perguntou.

– Ele deposita uma quantia exagerada de dinheiro na nossa conta a cada mês. Mas não quero isso, então está tudo intocável.

Senti a mão de Paloma no meu rosto mais uma vez, acariciando levemente. Seus olhos pareciam querer dizer algo, mas a boca não se movia. Dessa vez, não conseguia fazer a menor ideia do que pretendia falar.

– O que mais? – Perguntou, interrompendo nossa conexão e voltando a olhar para o meu braço.

– O que falta? – Perguntei, conturbado.

– A caveira.

– A caveira. – Suspirei, imitando-a.

– E o coração... – Comentou, esperando por explicações. Sempre tão ansiosa!

– O coração foi coberto pela caveira. – Falei, por fim. – Ele tinha o nome da Raissa dentro, e não poderia me arrepender mais de ter tatuado isso.

Paloma pareceu pensativa por um momento e temi que tivesse ferido os seus sentimentos ao mencionar uma ex, mas ela logo se recuperou.

– E por que uma caveira? – Perguntou.

– Porque a caveira simboliza a morte. A morte cobrindo o amor... O amor sendo extinto do meu coração. Foi o fim para mim. E... Ela está com rachaduras para simbolizar que não tem reparo. Que meu coração se foi e se quebrou. É permanente.

Doeu falar isso, mas acima de tudo, pareceu estranho. A explicação para a tatuagem vinha à minha mente toda vez que olhava no espelho e sempre pareceu a melhor explicação. A mais pura verdade.

Por que agora parecia não fazer sentido?

– Posso dizer o que eu acho? – Perguntou ela. Entretanto, eu já sabia que falaria de qualquer maneira.

– O que você acha? – Perguntei ironicamente.

Paloma não riu e nem olhou mais para o meu braço. Concentrou-se em meus olhos e moveu a mão até o meu coração que batia acelerado toda vez que sentia o seu toque.

– Eu acho que você está errado. – Começou séria. – Acho que as rachaduras representam o amor vencendo a morte. O amor sendo capaz de superar a morte. Tão forte que a caveira não aguentou e rachou. Mas não foi forte o suficiente para quebrá-la completamente. Você precisa de um amor mais forte.

– É uma boa teoria... Mas você está esquecendo o fato de que eu não acredito

nessas coisas. – Falei como teria falado algumas semanas atrás.

– Tem certeza disso? – Perguntou enquanto me puxava para cima dela.

Sempre que tive uma mulher embaixo de mim, fazia a garota gemer alguns segundos depois. Mas desta vez foi diferente. Tudo o que consegui fazer foi encarar Paloma e amá-la ainda mais.

Seus olhos estavam tão intensos que era impossível desviar o olhar.

– Você acredita nisso? Acredita que o amor seja capaz de superar a morte? – Perguntei confuso pelos sentimentos em conflito.

– Eu... Eu acho que sim. – Respondeu parecendo insegura do que disse.

– Seja sincera.

– Tem amor que é forte o suficiente para curar qualquer ferida. – Falou, passando as mãos pelo meu rosto em um carinho que eu queria sentir para sempre.

– Mas, e quando a pessoa não é capaz de amar? – Perguntei, buscando respostas em seu olhar.

– Quando a pessoa não é capaz de amar, ela não é capaz de viver.

– Você está viva? – Perguntei desesperado por uma resposta.

– Você está?

– Com você, eu estou. – Revelei sem nem pensar duas vezes. Nenhuma frase pareceu tão verdadeira como esta.

Paloma me olhou com brilho nos olhos e enfim respondeu com a voz mais doce que já ouvi.

– Eu também estou.

Estávamos vivos, juntos. Isso era tudo o que importava.

Como um sentimento era capaz de evoluir em tão pouco tempo? Como um coração era capaz de ser restaurado com pequenos gestos, os quais passariam despercebidos por outras pessoas? A maneira como ela procurava por mim no quiosque, por exemplo: sorrindo de pura felicidade ao me encontrar. O jeito como suspirava cada vez que ouvia algo triste sobre mim, como se sentisse minha dor. E o modo como me tocava, arrastando sua mão pelo meu peito como se tivesse restaurando tudo o que um dia fora quebrado.

Não poderia imaginar um mundo mais perfeito... Uma droga que estava prestes a ser destruída.

Capítulo 36

Estava vivendo os melhores dias da minha vida ao lado de Ricardo. Jamais imaginei que poderia ser tão feliz... Ainda mais depois de tudo que já aconteceu.

Mas com ele era assim: se não estávamos rindo, estávamos nos amando. Não, não da maneira tradicional, sem roupa e tudo mais... Ainda não chegamos neste ponto. Nosso modo de amar era diferente. Ele me olhava e tudo desaparecia como num passe de mágica. E então caíamos em nosso mundo particular, onde nada mais importava. Se pudesse ficaria lá para sempre.

Ele ainda não havia falado as três palavrinhas importantes... Mas havia demonstrado de todas as maneiras possíveis. No primeiro mês aquilo me frustrara. E se estivesse comigo apenas por diversão e não sentisse nada? Ficaria destruída. Mas então percebi que ele sentia e muito. Não mais do que eu... Mas o suficiente para me fazer feliz. Para tampar aquele buraco no meu peito.

Ricardo não havia apenas me concertado, mas me reconstruído. Era uma nova mulher por sua causa.

Estávamos prestes a completar três meses juntos. Três meses! Jamais estive em um relacionamento por mais de uma semana e o nosso já durava tudo isto. E o melhor: ele não me pressionava para transar. Fazia muitas provocações, é claro... Só de vê-lo com aquele sorriso de lado já tinha vontade de trancá-lo no quarto mais próximo. No entanto, ele sabia que eu ainda não estava pronta. Não sei bem o motivo... Mas não estava. Queria que fosse perfeito, sabia que seria... Mas meus medos eram grandes demais para arriscar.

– Não sei por que me trouxe junto... Tenho certeza que você conhece o Ricardo melhor do que eu. – Falou Marina, piscando.

Nossa caminhada pelo shopping já durava mais de duas horas, em busca do presente perfeito de três meses de namoro... E nada. Ou era muito caro, ou muito feio, ou não era a cara dele. Que ótimo!

– Não do jeito que você está pensando. – Falei, encarando-a. – Precisava de uma segunda opinião...

– Que nada, só queria alguém para fazer compras com você. Sabe que aqui não é muito a minha praia, não sabe?

– Sim, percebe-se. – Falei, apontando para a roupa que usava: short e regata no fim da tarde em um shopping... Imagino que nunca tenha pisado ali. – Mas também não é mais a minha.

Lembro os dias em que fugia para lá apenas para esfriar a cabeça e gastar um pouco. O pouco que hoje considerava dinheiro pra caramba. Mas agora, tudo que queria era ir para a praia descansar. Sair desse lugar lotado de gente sem conteúdo. O que havia acontecido comigo?

– Ainda bem que não te conheci quando era diferente. Teria te odiado. – Riu.

– Acho que eu também me odiaria. – Ri junto.

Marina havia se tornado uma das minhas melhores amigas. Passávamos todos os domingos juntas, conversando sobre tudo e nada ao mesmo tempo. Claro, os meninos também estavam presentes, o que nos impedia de conversar assuntos mais íntimos. Mesmo assim a nossa ligação só aumentava.

– Por que não compra lingerie para ele? – Perguntou quando passamos na frente de uma loja de peças íntimas.

– Não sei... Não é bem um presente que se dá na frente de todo mundo.

– Mas não precisa, garota! Se vista bem amanhã e faça uma surpresa para ele no meio da noite... Tenho certeza que não decepcionará. – Falou, me olhando de cima a baixo.

– Se você não fosse tão apaixonada pelo Miguel, pensaria que é lésbica. – Ri, recebendo um tapa no braço.

– Miguel é o meu melhor amigo. Não sei por que vocês insistem em confundir as coisas. – Resmungou, me puxando para dentro da loja. – Vem, vamos comprar logo essa droga de lingerie.

Ótimo, este seria o presente então. Pensando bem... Não seria tão ruim. Tenho certeza que Ricardo amaria... Mas eu estava pronta para o que aconteceria depois que desse o presente?

– Não confundimos nada, vocês que não assumem logo... Por que nunca te vi com nenhum garoto além dele? – Perguntei curiosa.

– Porque não sou de levar meninos na casa do meu melhor amigo. E... Eles sempre desistem quando descobrem da sua existência.

– Oi? – Acho que não ouvi direito.

– Pois é. O Miguel é... Intimidante. – Falou, pensando na palavra. – Um ou dois dias depois de apresentá-lo a algum namorado, este simplesmente some. É como se tivessem medo dele...

– Miguel? Intimidante? Acho que não estamos falando da mesma pessoa. – O Miguel é um doce de pessoa. Impossível.

– Você não o conhece tão bem quanto eu. – Falou, encerrando o assunto e saindo de perto para ver outras peças.

Pelo visto, não mesmo. Mas de uma coisa eu sabia: aqueles dois eram inseparáveis... E não era só amizade.

Por fim, comprei a lingerie e Marina me deu uma carona até em casa, já que ainda não tinha o meu próprio carro – e muito menos sabia dirigir.

– Não quer ficar até a chuva passar? – Perguntei antes de sair do carro, olhando o céu que mostrava que a garoa era apenas o começo.

– Não, minha casa não é tão longe. Esta chuva não vai passar tão cedo. Vou

passar no quiosque para pegar o Miguel e vou direto para casa.

– Ele vai dormir com você? – Perguntei, ansiando por mais uma noite sozinha com Ricardo. Eram as melhores.

– Sim, minha colega de quarto está com um namorado novo, e continuo detestando tempestades. – Falou, olhando com raiva para o céu.

– Por detestar, você quer dizer morrer de medo, não? – Ri.

– Exatamente. Agora vai lá porque o tempo só vai piorar.

– Obrigada por ter ido comigo hoje. – Sorri, me despedindo. Peguei a sacola de compras e desci do carro.

Antes de chegar à portaria, Marina gritou:

– Lembre-se: o presente é para amanhã, não para hoje! – Riu ela, saindo sem me dar a oportunidade de me defender.

Não sabia nem se conseguiria usar aquilo amanhã... Quem dirá hoje!

Ao entrar no apartamento, me surpreendi com a completa escuridão. Não era nem seis horas da tarde. Estava escuro e Ricardo ainda demoraria a chegar. Droga, por que o escuro me aterrorizava tanto? Por que parecia haver diversos monstros escondidos, somente esperando o momento certo para me atacar?

Precisava me distrair. A primeira coisa que vi foi a sacola de roupas íntimas. Não custava nada experimentar o que comprei, certo? Afinal, nem havia provado na loja, com vergonha da Marina... Sozinha em casa me sentiria melhor pelo menos e saberia se teria coragem de mostrar para ele amanhã.

Animada com a ideia, corri para o quarto com a sacola nas mãos, louca para saber como a camisola ficaria no corpo. Urgh, camisola era um nome tão feio para uma peça tão delicada... Mas quando perguntei para a moça como aquilo se chamava, ela falou algum outro nome em inglês que fugiu da minha mente poucos segundos depois. Que seja camisola então.

A peça era curtíssima – não cobria sequer a curva da minha bunda – mas muito elegante. Vermelha, com rendas na parte superior e transparente abaixo dos seios. Simplesmente perfeita e, quando olhei no espelho, me senti a mulher mais sexy do mundo. Estava pronta para desfilarmos na *Victoria's Secret*.

E foi esse pensamento que me fez colocar um salto alto da mesma cor e sair desfilando pela casa com o tecido fino e a calcinha que não escondia nada. Havia depilado as pernas mais cedo, o que me fez sentir ainda melhor. O que Ricardo acharia disso?

Nunca me senti tão bem comigo mesma. Tão... Sensual. No entanto, não teria coragem de colocar aquela roupa e sair desfilando para ele, com seus olhos presos no meu corpo. Só de imaginar já começava a ficar da cor da camisola. O que faria amanhã?

Parei na sala e apaguei a luz, deixando apenas a do quarto para iluminar o

caminho. O ambiente ficou com um ar muito mais erótico. Como podia sentir isso apenas com uma roupa? Ou melhor... O que ele sentiria quando me visse assim?

Não demoraria a descobrir.

Foi neste momento que Ricardo abriu a porta da frente e acendeu a luz mais rápido do que o normal. Não ouvi a chave sendo enfiada na fechadura por causa dos trovões cada vez mais intensos. Como pude não ouvir?

Tudo se moveu em câmera lenta. Ricardo acendendo a luz e levantando a cabeça. Seu corpo longe do meu, mas não longe o suficiente para não reparar que estava ali. Sua cabeça erguendo na expectativa e o olhar alterando-se para a surpresa. Não havia mais o que fazer. Estava presa em seu olhar, sem conseguir mover um músculo sequer enquanto era analisada – e desejada pra cacete – da cabeça aos pés.

Ele fechou a porta com a perna, sem se importar em trancá-la e sem tirar os olhos de mim. No entanto, o barulho me despertou do transe e finalmente consegui me cobrir – ou ao menos tentar – com os braços. Ele já estava se aproximando, cada vez mais próximo... E eu quase nua. Nua!

– Eu... Eu posso explicar. – Falei, me encolhendo, querendo desaparecer.

– Por que está se escondendo, Paloma? – Perguntou com a voz grossa.

– Você não deveria me ver assim.

– Quem deveria, então? – Usava um tom desconfiado, mas não menos desejoso.

– Não quis dizer isso. Você, é claro. Mas não agora. Não hoje. – Meu rosto estava em chamas. Por que ele havia chegado mais cedo?

– Você está magnífica. – Falou, puxando a minha mão para que parasse de esconder o corpo. Oh não, não poderia me mostrar assim.

– Pare com isso. – Pedi sem olhar para ele.

– Vamos lá, me deixa te ver, Paloma. – Meu nome nunca soou tão sexy em seus lábios.

Quando olhei em seus olhos novamente, percebi que estava perdida. Simplesmente perdida. O azul era tão profundo que me passou todo o desejo que sentia, e de repente queria que fizesse qualquer coisa que tivesse vontade. Qualquer coisa. Queria saciar o seu desejo. O meu desejo.

Abaixei os braços devagar, me deixando levar pelo seu olhar, tentando não ligar por estar quase nua na sua frente. Depois de observar o meu corpo pelo tempo que pareceu uma eternidade, Ricardo segurou na minha mão e me fez girar, parando de costas para ele. E então veio o suspiro.

– Não, magnífica não descreve. Você quer me destruir. – Falou, suspirando em suas pausas. Colou o corpo no meu, passando os lábios pelo meu ombro até

minha orelha em um carinho tão conhecido, mas tão diferente. Nunca pareceu tão erótico.

– Não era para você ver isso hoje. – Repeti sussurrando.

– Quando era para eu ver?

– Amanhã. Era... um presente. – Falei, sentindo o rosto queimar novamente.

Enquanto falava, suas mãos não paravam de subir e descer pelo meu corpo, acariciando e apertando todos os lugares possíveis.

– Vamos fingir que já é amanhã então. – Sussurrou, puxando minha orelha de leve.

De repente, me virou para si e atacou a minha boca com fúria e desejo inesperados. Não hesitei em retribuir, entrelaçando os dedos no seu cabelo e aproveitando ao máximo o beijo inédito. Ele nunca havia sido tão sem controle comigo...

Quando vi, minhas pernas estavam na sua cintura enquanto me carregava em direção ao quarto. Sem tirar a boca de mim, Ricardo distribuiu beijos e mordidas por todo o meu pescoço, indo até o ombro e me deixando mais arrepiada do que nunca.

Tive o corpo largado na cama e ele voltou a me observar. Com o desejo no olhar, sorriu de lado e sentou próximo aos meus pés, tirando um salto por vez, sem deixar de me olhar um segundo. Como poderia haver tanto desejo em sua feição? Tenho certeza que o olhava da mesma maneira.

Aos poucos foi subindo pelo meu corpo, beijando cada pedaço de pele das pernas nuas. Quanto mais subia, mais arrepiada eu ficava e mais desejo sentia. Continuava longe... Nunca próximo o suficiente. Não via a hora que o sentisse próximo o bastante.

Quando ficou completamente sobre mim, voltei a entrelaçar as pernas na sua cintura e suspirei ao sentir seu volume mostrando o quanto me queria. Se não fosse por isso, seu olhar cumpriria a tarefa, com a pupila dilatada e o desejo evidente.

Foi então que a realidade caiu sobre mim.

O que estava fazendo? Estava prestes a perder a virgindade? Estava pronta para aquilo? Não, não estava há algumas horas... Não era possível estar agora. E se doesse? E se ele sumisse no dia seguinte? E se alguma coisa desse errado? E se...?

Ricardo parou de me beijar e ficou me encarando, olhando no fundo dos meus olhos. Tirou uma mecha do meu cabelo que caía pelo meu rosto e sorriu de lado... O sorriso safado misturado com o apaixonado. Nunca havia visto este em seu rosto. Definitivamente era o meu preferido.

– Eu te amo, Paloma. – Falou alguns segundos depois, sem tirar os olhos de

mim.

Era a resposta que procurava. Ao ouvi-lo falar as três palavras perfeitas soube que sim, estava pronta. Mais do que pronta. E sabia que nada daria errado... Seria tudo tão perfeito quanto sonhei, ou até mais. Tudo se tornava perfeito quando estava ao seu lado.

– Eu também te amo, Ricardo. – Respondi, sorrindo amplamente. O mesmo sorriso surgiu em seu rosto.

Foi a minha vez de atacá-lo. Puxei sua boca para mim novamente, querendo demonstrar o que havia acabado de falar. Oh, e como o amava! Amava mais do que a minha própria vida... Saber disso me fez suspirar e, mais uma vez, sentir a mulher mais feliz do mundo.

Ricardo então desceu a boca pelo meu corpo, apreciando cada pedaço do mesmo, e me fazendo levantar para tirar a camisola. Ao ficar completamente nua na frente dele, seu olhar mudou de “estou te desejando, mulher” para “estou te desejando pra caralho, mulher”. Se o anterior já me fazia suspirar, este então...

Aproveitei que estávamos ajoelhados na cama e comecei a desabotoar sua calça, na expectativa. Ricardo percebeu que eu estava nervosa, ansiosa, receosa e tudo mais... E não me apressou em nenhum momento. Quando consegui abrir o único botão da calça e abaixar o zíper, ele saiu da cama e a tirou, ficando apenas com a cueca boxer. Mesmo vendo-o todos os dias dessa maneira, aquela foi a mais sedutora de todas.

Como desejava aquele homem!

Depois de me deixar encará-lo por alguns segundos, ele tirou a cueca e me deu uma visão melhor: finalmente estava nu. A primeira vez que via um homem nu na vida, e este tinha que ser um deus grego. Não havia perfeição maior que aquela...!

– Gosta do que vê? – Perguntou ele, metido como sempre.

Gostar era pouco... Mas não queria apenas observá-lo. Queria descobrir quais sensações aquele corpo seria capaz de me proporcionar.

– Volta aqui logo. – Pedi, sorrindo.

– Como desejar. – Sussurrou, deitando por cima de mim.

Não existem palavras para descrever a sensação maravilhosa que era ter a sua pele contra a minha, sem nada nos atrapalhando e sem nenhum tecido nos interrompendo. Livres, sozinhos e unidos. Nosso mundo particular virando realidade.

– Eu quero te amar de todas as maneiras possíveis, Paloma. Quero sentir seu gosto, te conhecer dos pés à cabeça e te dar orgasmos antes mesmo de te comer. Mas agora, tudo o que preciso é estar dentro de você. – Suspirou, com o membro próximo demais de mim.

– Eu também, Ricardo. Preciso que faça isso. – Pedi, suspirando com ele.
– Tem certeza?
– Nunca tive tanta certeza em toda a minha vida. – Falei, olhando em seus olhos.

– Que bom. Vou fazer com que não se arrependa. – Sorriu de lado.

Tão metido e tão sedutor ao mesmo tempo. Descontraído em um momento tão sério... Aquele era o homem que decidi amar. Não, não decidi, mas meu coração escolheu por mim. E foi a melhor escolha de todas.

Senti seu membro entrando aos poucos, junto com uma dor inesperada que só aumentava. Quando percebeu que eu estava com dor, Ricardo parou de se mover, me olhando preocupado.

– Não, não pare! – Pedi, sem olhar para ele.

– Paloma... – Sua voz mostrava que sentia a minha dor. E que não queria que eu a sentisse.

– Não para, Ricardo. – Falei olhando em seus olhos, mostrando que queria aquilo.

Já havia lido sobre isso: doía pra caramba. Mas no final, valia a pena cada segundo. No fundo já estava valendo só por tê-lo dentro de mim, me amando cada vez mais. Suportaria o triplo da dor para senti-lo tão próximo.

Aos poucos a dor foi substituída por um prazer inacreditável. Quanto mais ele se movia, mais meu corpo se arrepiava e meus, nossos gemidos escapavam por nossos lábios. Só de ouvi-lo gemer já sentia um prazer enorme. Quando percebeu que a dor havia sumido, Ricardo olhou em meus olhos e mostrou quem realmente era. Seus movimentos aumentaram, tornaram-se mais fortes... Ao mesmo tempo em que nossos gemidos ficavam mais altos.

Enquanto a chuva ficava cada vez mais violenta lá fora, a cama batia na parede, nossos corpos suavam e uma sensação maravilhosa surgia dentro de mim. Aos poucos, essa sensação foi tomando conta de cada nervo, de cada membro, até que se espalhou pelo corpo inteiro.

– Ricardo. – Gemi seu nome ao sentir o orgasmo tão desejado por todas as mulheres. Temia não sentir em minha primeira vez... Mas seria impossível com ele agindo daquela forma. Agora entendia porque era um assunto tão polêmico... era maravilhoso e indescritível.

– Paloma. – Ele gemeu de volta, continuando os movimentos dentro de mim por mais alguns segundos cada vez mais intensos. Enquanto aproveitava os arrepios que ainda circulavam pelo meu corpo.

Até que desabou em mim, suspirando alto e parando aos poucos.

Quando recuperou o fôlego, saiu de cima de mim e deitou ao meu lado. No mesmo instante me puxou para o seu peito, onde deitei a cabeça e amei o carinho

que recebi no cabelo. Assim passamos vários segundos... Aproveitando o silêncio e não fazendo a menor ideia de como escapar dele.

– Me desculpa. – Falou, por fim.

Apoiei o cotovelo na cama para poder olhar em seus olhos e não encontrei o arrependimento presente na sua voz. Tudo o que havia ali era carinho... Carinho e satisfação.

– Pelo que?

– Por ter sido tão bruto com você. – Falou, acariciando o meu cabelo.

Sorri para ele.

– Não, não desculpo. Você não pode se desculpar por ter me dado a melhor primeira vez de todas.

– Bom... Não tem como existir uma vez melhor, certo? É a única. – Riu.

– Tenho certeza que todas as outras vezes também serão únicas. – Sorri, dando-lhe um selinho. – E as melhores.

– Serão as melhores porque jamais deixarei que outro faça isso. – Falou, me olhando intensamente.

– Não é justo, afinal você já teve outras... – Brinquei.

– Nenhuma delas chega aos seus pés, Paloma. – Continuou sério.

Depois de tantas, como poderia falar que eu era a melhor? Não era possível... No entanto, eu sabia que jamais haverá um homem que não seja ele na minha cama.

– Não quero mais ninguém, Ricardo. Só você. – Falei, adquirindo a sua seriedade.

– Melhor assim, porque você é minha. Jamais deixarei que você seja de mais alguém, garota. – Sorriu.

Sem ter o que falar, eu beijei a sua boca tão sedutora. Um beijo calmo e apaixonado, diferente do que estávamos compartilhando alguns minutos atrás, mas tão perfeito quanto.

– Por que veio para casa mais cedo? – Perguntei quando voltamos a nos olhar.

– Fiquei preocupado com você... A chuva estava piorando e eu não queria que ficasse sozinha com um tempo desses.

Sua resposta tão simples me deixou ainda mais apaixonada.

– Eu te amo. – Falei sorrindo.

– Eu também te amo. – Suspirou ele, demonstrando as palavras em apenas um olhar.

– Eu sei. – Sorri, piscando.

– Não sei se sabe mesmo... – Falou, movendo-se para cima de mim novamente. – Acho que preciso demonstrar mais uma vez.

– Só mais uma vez não será suficiente... – Admirei seu olhar profundo.

– Não? Quantas então? – Perguntou, sorrindo.

– Acho que não sairemos mais dessa cama. – Sorri com ele. Até que ele começou a beijar meu pescoço e perdi a noção de onde terminava a brincadeira e começava a realidade. Tudo indicava que não sairíamos dali tão cedo.

Queria viver naquele paraíso para sempre. A vida era perfeita demais para ser verdade...

Capítulo 37

Por mais que o tempo com Ricardo tivesse me curado, ainda havia uma última coisa que eu precisava fazer para me sentir cem por cento feliz. Completa. Precisava de um final e de algumas respostas.

Era por isso que encarava depois de tanto tempo o túmulo da minha mãe, com o diário cada vez mais pesado na mão como se mostrasse que estava ali. Que precisava ser lido.

O amor que sentia por Ricardo era o sentimento mais forte que já existiu em meu coração. Mas nem o sentimento mais forte do mundo seria capaz de me fazer esquecer tudo o que havia acontecido. E, mais ainda, tudo o que eu ainda não sabia.

Estava na hora de ler o diário inteiro. De dar um ponto final naquela história e seguir em frente.

Respirei fundo, abrindo o diário calmamente querendo adiar aquele momento, até que encarava a página que havia parado. Acomodei-me perto do túmulo e comecei a ler.

“É importante ter tempo para dizer às pessoas que você ama, o quanto você as ama, enquanto elas podem ouvir” – Greys Anatomy

Minha linda e crescida Paloma,

Queria que você não tivesse que ler isto. Ah, como queria. Mas comecei a carta tentando me convencer de que você está crescida e já tem maturidade – e força – o suficiente para aguentar tudo o que tenho para falar. No entanto, você sempre será a minha menininha.

Como foi o seu trajeto até aqui? Dolorido? Recompensador? Espero que tenha sido valioso. Tudo o que mais tenho feito nesses dias é ler e reler o que escrevi para você e espero do fundo do coração que tenha compensado. Que toda dor que te causei até agora tenha sido por uma causa maior. Porque só assim serei perdoada pela dor que causarei nesta carta.

Hoje é o seu aniversário de dezoito anos. Dezoito, meu amor. Ainda não consegui te dar parabéns, pois são apenas duas horas da manhã, mas a primeira coisa que farei ao ouvir você acordar será te dar um grande abraço por ter chegado a este ponto. Se não te dei esse abraço que estou prometendo, quero dizer que eu pensei melhor e decidi que seria melhor para nós duas. Você pode me perdoar, não pode?

Seu pai e eu brigamos mais uma vez esta noite. Você ouviu, sei que ouviu... Mas não sei se ainda se importa com isso. No começo você ficava toda chateada

e assim que ouvia seu pai bater a porta da frente vinha correndo para o meu quarto procurando conforto – e me dando todo conforto que eu precisava. Hoje você se trancou no seu quarto e não saiu mais. Deve ter dormido, e agradeço por isso. Não queria que me visse neste estado.

Preciso te contar tudo. Tudo. E vou começar do começo, mais uma vez.

Todas as vezes que seu pai saía de casa e passava semanas fora, ele ia para a casa de outra mulher. Na época, pensava que ele se hospedava em algum hotel ou na casa de algum amigo... Mas agora sei a verdade. Sempre houve outra. Eu sei o nome dela, o endereço... E amanhã, amanhã mesmo, irei conhecê-la. A mulher que me substituiu durante todos esses anos. Dói tanto pensar nisso... Mas será que dói nela também? Como uma mulher se sente ao ver que é "a outra", "o estepe" na vida de um homem?

Dói pensar em como ela se sente, em tudo o que seu pai já fez com ela e em como está doendo... Tudo me causa dor, meu amor. Não há mais um momento de felicidade na minha vida. Nenhuma luz no fim do túnel. Nem mais um pingo de esperança... Tudo o que conheço é a dor. A dor de acordar e não encontrar o homem da minha vida na cama. A dor de perceber que estou fazendo um péssimo trabalho com você, e que está cada vez mais parecida com ele. A dor de passar a tarde inteira enrolada no edredom sem nada para pensar, além da dor que estou causando às pessoas que amo.

Neste momento estou causando dor em você, não é? Pois só de pensar que um dia estará lendo e sentindo tudo isso, já me causa mais sofrimento. A mim e ao novo habitante do meu corpo que não merece sentir nada disso, que não merece nascer nesta realidade. Se não fui capaz de criar você, como criarei outra criança?

Eis a causa da briga com seu pai hoje. Ele teve um ataque maior do que quando fiquei grávida de você. Tentou me matar mais uma vez. E, dessa vez, não pensei que foi apenas coincidência. "coincidentemente a faca saiu da mão dele e foi até a minha barriga, errando por pouco, mas causando um corte na lateral da minha cintura". "coincidentemente ele ficou mais bravo após ver que havia errado e me deu um tapa no rosto". Não tem como ser "sem querer".

Ele tentou matar mais um filho nosso.

Agora estou com uma atadura na cintura e com o rosto latejando. Não quero que me veja assim mais tarde. Não quero que me veja assim nunca.

Mas isso não justifica, eu sei.

Nada justifica o que farei. Você jamais poderá pensar "minha mãe se matou por causa disso". São diversas coisas unidas... Muitos ressentimentos guardados, muita mágoa e mais uma vez, muita dor. Virou tudo uma bola de neve... Se ao menos tivesse me livrado de tudo quando tive oportunidade, não

teria que tomar uma decisão tão drástica hoje.

Se você leu tudo o que escrevi até aqui, sabe do que estou falando. Na verdade, escrevi metade de tudo o que já senti neste diário. Duplique o que leu até agora... Assim fica perto de imaginar a dor que sinto neste momento.

Mas por mais que existam milhares de motivos para cometer este ato, apenas um me convenceu de que é a coisa certa a ser feita: a falta de esperança. Eu, que sempre acreditei no melhor das pessoas, sempre busquei o amor eterno e nunca deixei de lutar pelo seu pai... Perdi as esperanças. Não acredito mais em amor eterno: acredito em amor momentâneo. O melhor das pessoas pode facilmente ser revertido em interesse.

E seu pai... Bem, ele mostrou que não merece tudo o que já fiz por ele. Portanto, não estou fazendo isso por ele. Estou fazendo isso para o seu bem. Sim, o seu bem... Consegue acreditar? Imagino que não. Não só o seu, mas também desta criança que está sendo formada no meu útero. Lembra quando disse que ela não merecia nascer em uma realidade assim? Pois bem. É um dos motivos.

E você, minha linda, não merece ver a sua mãe perdendo as esperanças porque você conhece o meu lado bom... Que sorri por qualquer coisa, que canta qualquer música e que está disposta a fazer de tudo. Você não conhece o que estou me tornando. Não quero que abra a porta do quarto e me encontre jogada na cama, sem vontade de levantar e com os olhos inchados de tanto chorar... E então, no dia seguinte, encontre a mesma cena. Isso se repetirá para sempre.

Você é a única que ainda me dá esperanças. Mas não para mim... Eu não tenho mais conserto, mas para si mesma, Paloma. Eu espero que você tenha um futuro brilhante, um marido que a ame acima de tudo e que esteja ali para você sempre que precisar, um cachorro que fique feliz ao te ver em casa e muitos filhos. Espero que saiba criar seus filhos melhor do que eu. E eu espero que tudo o que escrevi até agora sirva para alguma coisa.

Queria poder rasgar essa página. Fingir que nunca comecei a escrevê-la. Seria muito mais fácil. Mas então você nunca saberia o motivo da sua mãe ter se matado. Agora você sabe um pouco mais sobre isso, não? No momento, deve estar me odiando. Eu te entendo. Eu também me odeio.

Eu me odeio por ser fraca demais, por não aguentar isso, por não ficar ao seu lado quando mais precisará, por não ser capaz de falar tudo isso cara a cara não suportar mais a dor, por não querer viver essa vida, por ser tão egoísta e por tantos motivos... Poderia ficar citando-os para sempre, mas você tem os seus próprios motivos para me odiar, não precisa de mais, certo?

Então, esta é a minha última carta para você.

Você jamais deverá se culpar pela minha morte, está entendendo? A culpada

de tudo sou eu, apenas eu. Se você for culpada de alguma coisa é por me fazer aguentar por mais tempo. Sem você teria feito isso muito antes. Talvez teria sido até melhor, com menos sofrimento... Mas não me arrependo de nem um segundo que vivi a mais por você. Só espero que entenda que agora não dá mais.

Chega uma hora que as nossas forças se esvaem. E nessas horas, a única coisa capaz de te levantar é a esperança. Como eu posso superar se não tenho mais nenhuma? Por isso, preciso que me prometa uma coisa: que você nunca deixará de ter esperanças, não importa quão ruim sua vida esteja. Prometa que sempre olhará para frente, seguindo a sua vida da melhor maneira possível e superando cada obstáculo.

Porque a vida não é um conto de fadas, meu amor. Não é pura felicidade. Você vai chorar e muito. Vai sofrer, odiar. E se perguntar "por que justo eu?" milhares de vezes. Mas então haverá um momento que irá rir e tudo terá valido a pena.

A vida é feita de momentos felizes. Nenhum momento é eterno, mas tendo-os em sua vida, poderá dizer que está vivendo e deverá continuar.

Quero que ame muito e com todo o seu coração. O entregue para alguém em quem confie e que saiba cuidar bem dele. Eu entreguei o meu para a pessoa errada... Não cometa o mesmo erro. Quero que sonhe muito, que imagine um futuro perfeito e lute com todas as forças para alcançá-lo. Mas, quando alcançá-lo, não pare de sonhar. Seja capaz de imaginar um futuro ainda melhor. Faça isso sempre.

Por fim, quero que seja capaz de perdoar. Não guarde ressentimentos e não seja rancorosa. Espero que um dia você volte a me amar, a pensar o melhor de mim e entenda que só fiz isso porque era a única solução. Rezo para que seja capaz de me perdoar um dia, minha Paloma.

Não há mais nada nesse mundo para mim, mas você ainda tem uma vida inteira pela frente. Aproveite-a da melhor maneira possível.

Da sua mãe que te amou mais do que tudo neste mundo, e agora está em algum lugar olhando por você e desejando o seu bem. Da sua mãe que transferiu toda a força para você, orando para que valesse a pena.

Nada na minha frente fazia sentido. Procurei mais páginas, mas todas estavam em branco. Todas! O diário era tão grande, mas ela não havia escrito nem na metade dele. Não estava preparada para uma despedida. Só queria ler mais um dia normal e mais um ensinamento. Só isso, cacete!

Joguei o diário dentro da bolsa com toda força que podia, desejando estar em um lugar fechado para jogá-lo na parede. Minha visão estava embaçada pelas lágrimas, mas meu coração era tomado pela raiva. Ódio. O mais puro e

verdadeiro ódio. Como ela foi capaz de fazer isso comigo? Como pôde não ser forte o suficiente?

O caminho inteiro de volta para casa foi um borrão. Precisava me acalmar, mas respirar fundo não funcionava. Faltava ar nos meus pulmões e, em alguns momentos, sentia como se estivesse tendo um ataque cardíaco. Minha mãe se justificava que havia feito tudo por mim, mas nunca pedi nada disso! Não queria que se ela matasse para me dar um futuro melhor. Poderia muito bem viver do jeito que estava, se isso implicasse que ela estaria ao meu lado.

Sem forças, parti em busca da única pessoa capaz de me curar, de tirar um pouco daquela dor avassaladora em meu peito e da raiva que parecia crescer cada vez mais: Ricardo. Precisava do seu abraço, ver o seu sorriso e sentir os seus lábios. Precisava de qualquer coisa que viesse dele.

Entrei em casa com lágrimas escorrendo pelo rosto, sem me importar em secá-las, pois logo estariam ali novamente. Procurei por Ricardo em todos os cantos e consegui encontrá-lo sentado na cama com a cabeça apoiada nas mãos.

– Você está aqui. – Falei, ouvindo o choro na voz, mas aliviada por tê-lo encontrado. Agora tudo ficaria bem.

Fui direto para os seus braços, enquanto levantava a cabeça para me olhar, surpreso.

– Eu... Eu preciso de você. – Chorei ainda mais ao sentar no seu colo e envolver o seu pescoço com os braços. Sentir o seu corpo fez um pouco do ódio se dissipar, mas a dor continuava presente em meu coração.

Entretanto, algo parecia errado. Ele não falou nada, nenhuma palavra de consolo... E não moveu os braços. Somente eu o abraçava. Nenhuma reação da sua parte.

– O que está acontecendo? – Perguntei confusa, enquanto me afastava sem sair do seu colo.

O olhar que recebi foi o mais vazio que já vi no rosto do homem que mais amava neste mundo.

E, de repente, a dor se multiplicou. Mesmo sem entender o que havia acontecido para deixá-lo assim, uma coisa havia captado: eu era o problema.

– Você precisa ir embora. – Falou duramente, me empurrando para sair do seu colo.

Fiquei em pé na sua frente, procurando traços em seu olhar a fim de descobrir o que tinha acontecido. Os olhos que sempre transmitiram tanto amor e compaixão, agora não passavam nada. Simplesmente nada; eles estavam vazios.

– O que quer dizer com isso? – Perguntei, aguentando a dor para entender o que estava acontecendo.

– Quero dizer exatamente o que disse. Tá na hora de você ir embora.

– Co... Como assim? – Gaguejei, desacreditando.

– Sua mala está pronta. – Falou ele, desviando o olhar do meu.

Indignada, me aproximei mais uma vez, segurando seu rosto para que olhasse em meus olhos. Pensei ter visto um traço de dor em seu olhar, mas este durou muito pouco para ser verdade. Só poderia ser meu cérebro brincando comigo, pois não havia nada ali. Nada.

Era como se não se importasse com nada.

– Como assim, Ricardo? Você não pode fazer isso!

– Você é idiota, garota? Estou te mandando embora. Agora. – Não olhou mais nos meus olhos.

– Eu não vou embora. Nós estamos juntos! Você precisa falar o que aconteceu! – Engoli o meu orgulho e tentei manter a calma.

– A casa é minha e quero que vá embora.

Fui para trás como se tivesse levado um tapa na cara com as suas palavras. Tudo parecia tão surreal. Ele então se levantou e foi para a sala, andando como se nada estivesse acontecendo, como se não estivesse sentindo a maior dor que já senti na minha vida.

– Você está terminando comigo? – Perguntei com as lágrimas voltando a escorrer.

– Entenda como quiser.

– Não pode terminar comigo assim! – Me humilhei, sem me importar com isso. Eu só queria o seu abraço... Só queria o meu Ricardo de volta. – Eu sabia que isso ia acontecer assim que transássemos. Era tudo o que você queria, não era? Só queria me levar para a cama.

Ele não respondeu. Continuou de cabeça baixa, o que me deixou mais revoltada ainda.

– Conseguiu o que queria, agora já pode se livrar da garotinha mimada. Só pensa em você e nas suas conquistas. Agora parte para outro desafio, outra garota que não quer te dar. Quer saber? Foda-se, Ricardo. Está me ouvindo? Foda-se! – Gritei tão alto que até o porteiro deve ter escutado, mas eu não me importava.

Ao ouvir meu palavrão, ele se virou para mim e agora havia um sentimento em seus olhos: ódio. Preferia quando estavam vazios.

– Não deveria ter acontecido nada entre nós. Você já causou muitos danos nesta casa. Prometi que não me distrairia novamente e eu não vou fazer.

Coloquei a mão no peito, esperando que o gesto amenizasse um pouco a dor que as suas palavras causavam em mim. Enquanto eu imaginava um futuro eterno para nós, ele me via como uma diversão?

Humilhada, destruída e furiosa, peguei a mala de mão que estava em cima do

sofá e fui até a porta, parando uma última vez antes de ir embora. Antes de partir para nunca mais olhar em seu rosto novamente.

Minha mãe havia entregado o coração para o homem errado. Eu também. Ela não encontrou outra solução a não ser se matar... Eu encontraria? Ou seria tarde demais para mim também?

Observei o homem que havia me curado e então me destruído mais ainda. O homem que não parecia ser ele mesmo naquele momento, mas meus olhos não mentiam. Muito menos meus ouvidos.

– Eu te amei. – Falei, atraindo o seu olhar para mim novamente. – Eu te amei mais do que qualquer pessoa neste mundo. E foi o maior erro que já cometi na minha vida. Espero que a sua se torne um inferno a partir de hoje.

Meu cérebro idiota imaginou mais um olhar de dor em seu rosto, mas não fiquei muito tempo para retornar ao normal e ver apenas o que realmente havia: o vazio. Fui embora sem olhar para trás, pensando milhares de vezes se deveria mesmo fazer aquilo, mas sem vontade de voltar. Voltar para quê? Para que pudesse me machucar mais um pouco com as suas palavras?

Foi assim, inesperada e instantaneamente, que nós terminamos. Eu disse adeus ao primeiro e único amor da minha vida e me arrependi de tudo o que fizemos juntos, de toda felicidade que já senti ao seu lado. Preferia ter ficado presa na casa do meu pai, sofrendo pela morte da minha mãe todo esse tempo a ter vivido o que vivi. Ter sentido o que senti.

Queria nunca ter conhecido o verdadeiro amor.

Estava sozinha mais uma vez. Sozinha, sem ter para onde ir e sem ninguém para contar. Só que dessa vez havia uma coisa diferente: meu coração havia ficado no prédio. Estilhaçado, destruído, esmagado... Não estava mais comigo. Comigo, estava só a dor. Não havia espaço para mais nada.

Capítulo 38

Ricardo

Acordei com o barulho de Paloma se trocando de costas para mim. O dia ainda estava amanhecendo, e ela estranhamente estava acordada, o que me impediu de observá-la dormindo por alguns minutos. Minutos que deixavam o meu dia ainda mais perfeito.

Mas algo parecia errado naquela manhã.

– Onde você está indo? – Perguntei, surpreendendo-a.

– Não queria te acordar, desculpa. – Disse, aproximando-se para me dar um beijo.

– Ia sair sem me avisar? – Senti sua boca na minha e aguardei pela resposta.

Paloma pareceu embaraçada por um momento, mas logo sentou ao meu lado com uma expressão até então desconhecida.

– Não, não ia. Mas não queria te perturbar tão cedo.

Sentei para ficar da sua altura e acariciei o seu rosto, maravilhado com a eterna maciez de sua pele.

– O que está acontecendo?

Ela apoiou a cabeça na minha mão e suspirou, me deixando ainda mais preocupado. Algo incomodava a garota que mais amava no mundo, e eu queria poder ajudá-la com o que precisasse.

– Eu... Eu preciso me despedir.

Ao ouvir suas palavras, meu mundo parou. Repentinamente, imagens de tudo o que vivemos juntos passaram pela minha cabeça, todos os beijos, abraços, carinhos, confortos, discussões... Os momentos mais importantes foram relembrados em segundos.

Ela ia terminar comigo. Precisava se despedir de mim. Era essa a questão, então? Ia simplesmente sair de fininho como se nada tivesse acontecido entre nós e partir para outra? Eu deveria esperar algo assim... Não dizem que o vilão nunca tem um final feliz? Pois é, o vilão neste caso sou eu. E jamais teria a heroína da história.

Não sei como pude acreditar que tudo ficaria bem. Que seria para sempre.

– Ricardo, Ricardo, olha para mim! – Gritou, me fazendo voltar à realidade. Suas mãos estavam nos meus ombros e ela estava mais próxima do que antes. – Para onde você foi?

Onde havia ido? Bem, estava na realidade paralela em que o final feliz não pertence apenas aos mocinhos. Ou, pelo menos em um mundo onde pudesse ser o cara perfeito para ela. O cara que a merecesse. Um mundo dos sonhos.

– Você está pensando que... – Balançou a cabeça, rindo. Ela estava rindo! Puta

que pariu. – Eu vou me despedir da minha mãe, Ricardo. DA MINHA MÃE. – Enfatizou cada palavra, aumentando o tom ao dizer "mãe". Isso ou meu cérebro resolveu me livrar do sofrimento adiantado.

Eu, que nunca sofri por uma garota. Que sempre usei e dispensei logo no dia seguinte, sem me importar com seus sentimentos, que nunca mais acreditei no "para sempre" depois daquela noite. Agora sofria ao pensar que Paloma terminaria comigo e eu sentia a dor por achar que nosso relacionamento não seria eterno.

Cacete, a garota havia me prendido de vez!

– Não, não estava pensando nada. – Tentei disfarçar sem sucesso.

– Você jamais conseguirá se livrar de mim. – Sorriu me dando um selinho carinhoso e, simples assim, toda a dor precipitada foi embora.

– Não quero mesmo. – Sorri após sentir a sua boca na minha mais uma vez. – Mas... Por que decidiu se despedir dela agora?

Paloma voltou a sentar do meu lado, brincando com os meus dedos, perdida em pensamentos.

– Está na hora. – Pensei que havia falado tudo, quando depois de um tempo, continuou. – Está tudo perfeito na minha vida. – Sorriu, me olhando nos olhos. – Só isso que não. Preciso resolver.

– Eu vou com você. – Falei pronto para me levantar e trocar de roupa, quando ela colocou a mão no meu peito, me mantendo onde estava.

– Não, não vai. Preciso fazer isso sozinha.

– Não posso te deixar sozinha numa situação dessas!

– Preciso desse último momento com ela, Ricardo. Não sei o que vou descobrir, não sei como será... Preciso estar sozinha. Se coloque em meu lugar. – Falou ela docemente, o mesmo tom que sempre usava quando queria me convencer de algo.

Então eu me coloquei em seu lugar. Se tivesse um diário que contasse o motivo da minha mãe ter se matado, com certeza já teria lido e relido milhares de vezes. Teria decorado cada palavra, cada momento... E, acima de tudo, me sentiria aliviado por saber o verdadeiro motivo de tudo. Paloma era sortuda por ter essa resposta em suas mãos.

– Tudo bem. – Desisti. – Mas você jamais estará sozinha, entendeu? – Completei, apertando a sua mão. – Nunca mais.

Trocamos um olhar com mil declarações de amor, sem falar nada. Era assim que sabia que se importava comigo e tentava fazer com que soubesse disso também. Ela precisava saber o quanto eu a amava. O tempo todo.

– Obrigada. – Sorriu, desconectando nossos olhares após alguns minutos e voltando para o guarda-roupa. – Avisa seu tio que não sei que horas vou

trabalhar hoje, tá? Tentarei ir, mas... Não sei.

– Não se preocupe. Tire o dia de folga. – Tentei tranquilizá-la.

Ela então virou de costas para mim e tirou a camiseta – a minha camiseta – mostrando suas maravilhosas costas nuas e tornando impossível que resistisse. Lentamente, me aproximei por trás até ter o seu corpo colado no meu, com os braços enrolados na sua barriga.

– Ricardo. – Falou, docemente.

– Promete voltar logo para mim? – Perguntei, sussurrando no seu ouvido.

Segurei em sua cintura, fazendo com que virasse para mim e a empurrei até a cama. Quando deitei meu corpo por cima do seu, pude sentir seus seios no meu peito nu, o que fez com que meu desejo por ela só aumentasse. Eu nunca conseguia ficar totalmente satisfeito com ela, pois sempre queria mais.

– Ricardo, eu não posso ficar aqui. – Suspirou enquanto descia minha boca por seu ombro até ficar entre seus seios, sem realmente tocá-los.

Sua boca dizia não, mas todo o resto dizia sim. "Vá, continue, não quero que pare nunca mais". Essas outras vozes aniquilaram a única que negava e a minha boca finalmente encontrou um de seus seios, sentindo o sabor que tanto amava.

Ouvir o seu gemido só fez com que minha vontade aumentasse mais e meu cuidado fosse ignorado. Com a boca em um dos seus seios, meus dedos acariciavam o outro, deixando-o ainda mais duro do que já estava. Só não tão duro quanto eu.

Quando movi minha boca para dar atenção ao outro seio, Paloma segurou meus cabelos e, em vez de me puxar, me empurrou para continuar. Ela ainda queria mais.

– Oh, meu amor. – Suspirou, me trazendo de volta à realidade.

Precisava parar de atacá-la em qualquer canto. Estava pronto para comê-la ali, com o Miguel em algum lugar da casa e provavelmente atrasado para o trabalho.

De repente, parei o que fazia e deitei ao seu lado, encarando o teto, tentando com todas as minhas forças silenciar a voz que dizia para continuar o que havia começado.

– Depois disso, prometo voltar o mais rápido possível. – Suspirou com um sorriso no rosto e saiu do meu lado.

Adequadamente vestida, mas não menos desejável, Paloma se aproximou e me deu um beijo, um beijo que começou lento, mas que inesperadamente tornou-se intenso e difícil de parar.

Quando conseguimos resistir, estávamos sem ar.

– Sentirei saudades. – Suspirou, sorrindo.

– Eu sei. – Sorri de volta enquanto ela ia embora.

Por que algo me dizia que não veria aquele sorriso no seu rosto novamente?

De qualquer maneira, fui trabalhar ansioso para o fim do dia, quando estaria novamente com a garota dos meus sonhos. Pensar nela me fazia sorrir... Pensar em tudo o que já vivemos juntos me fazia suspirar. Até reparar no homem sentado em uma das poucas mesas ocupadas do quiosque. Não era possível.

– O que esse canalha está fazendo aqui? – Perguntei para o Evandro ao chegar ao caixa, com os punhos fechados e querendo loucamente bater em algo.

Toda a raiva cobria a minha visão e a imagem de uma noite perfeita ao lado de Paloma foi substituída pela imagem da pior noite da minha vida.

– Olha como você fala garoto! Ele ainda é o meu irmão. – Repreendeu, sem tirar os olhos da tela do computador, já sabendo a quem me referia.

– Foda-se. – Soltei.

Recebi uma encarada do meu tio que dizia que, se falasse mais algo do tipo, me arrependeria eternamente. Ameaça que jamais cumpriria.

– Ele está aqui para falar com você.

Abri a boca para soltar mais um xingamento, mas fui interrompido.

– Seu ódio é por ele, não por mim. Se tiver algo para falar, fale com ele. Não sou homem de recado para ficar transmitindo suas mensagens, muito menos saco de pancada para extravasar sua raiva. Então amadureça e encare os seus problemas. – Disse, encarando-me com um tom firme que nunca tinha ouvido sair da sua boca.

Agora entendia como conseguia manter um negócio tão bem. Quando era preciso, ele sabia ser duro.

Tive que me aproximar da mesa onde meu pai estava sentado e sentar ao seu lado, por mais que cada pequena parte de mim quisesse estar o mais longe possível daquele homem. Como meu tio dissera, estava na hora de amadurecer e, se isso significava conversar com a pessoa que me abandonou com uma criança para cuidar, que seja.

Fiquei encarando-o, reparando em como havia envelhecido nesses cinco anos sem dar notícias. Deixara a barba crescer e o cabelo apresentava alguns fios brancos. A aparência de cansado só o ajudava a aumentar dez anos em sua verdadeira idade, que já não era pouca. Mas o mesmo olhar de decepção estava presente em seu rosto. "Você é o culpado", dizia. Era tudo o que eu conseguia dizer.

– Olá filho. – Disse depois de me encarar da mesma maneira por alguns minutos.

– O que você quer? – Perguntei, cortando qualquer aproximação.

– Conversar. – Não aparentou estar surpreso pela pergunta rude. Na verdade, não demonstrou sentimento algum.

Parecia um grande saco vazio.

– Fale, então. – Me apoiei na cadeira, ouvindo-o. Não podia me importar menos com o que tinha para dizer.

– Você está... Diferente. – Começou, aproximando-se mais para continuar a inspeção.

Seus olhos se prenderam nos meus e, por um segundo, senti que era analisado por dentro. Até desviar o olhar para me livrar daquela sensação. Não queria aquele homem perto de mim, muito menos dentro da minha vida.

– Há um brilho em seu olhar. Um brilho que pensei que nunca mais veria. – Falou, emocionado.

"Foda-se", queria responder. "Você não me conhece mais" também caberia muito bem. Mas tudo mostraria que no fundo, eu me importava. Fazia diferença o que ele achava ou dizia, quando o ideal era não me importar com nada que viesse daquele homem.

– Você veio aqui para falar sobre os meus sentimentos? – Perguntei, tentando não me importar. Ele não merecia.

– Não, não vim. Desculpe-me.

Quem é você e o que fez com o homem orgulhoso que sempre me culpou pela morte da minha mãe? Ele jamais pediria desculpas. Tentei inutilmente esconder a surpresa.

– Vim para falar sobre o seu irmão. Ele me procurou hoje.

– O Miguel? – Perguntei pronto para chamá-lo à mesa para confirmar a história, quando percebi que não estava em lugar algum. E também não estava em casa quando saí.

Como não havia percebido? O garoto não estava em casa hoje de manhã, onde sempre estive me esperando para vir trabalhar. Fiquei tão distraído com Paloma que esqueci a pessoa que mais precisava de mim.

– Ele pediu dinheiro, mas eu neguei. Envio dinheiro para vocês todos os meses, não posso ficar dando tanto assim. Era uma quantia grande e... Não tenho tudo isso.

Nada do que dizia fazia sentido. Miguel, procurando-o? Pedindo dinheiro? Fora de casa? Meu cérebro girava com milhares de pensamentos enquanto tentava me concentrar nas informações que poderia tirar do homem que havia o visto pela última vez.

– E então? – Perguntei, esperando que respondesse que o deixou em casa ou em algum clube e está tudo bem.

– Então ele pediu informações sobre seu pai biológico.

Esperava ouvir qualquer resposta, menos aquela.

– Você está mentindo. Ele nunca quis conhecer o pai. – Falei incrédulo.

– Por que mentiria sobre isso? – Perguntou, mais uma vez sem emoções.

– Foda-se! – Soltei, socando a mesa. Inclinei sobre ela, ficando próximo do homem que mais odiava nesse mundo, transferindo toda a raiva para ele. – O que você falou para ele?

Ele não demonstrou nenhum sinal de medo, apenas continuou sentado como se nada estivesse acontecendo, enquanto ameaçava-o com o olhar.

– Falei que não sabia de nada, mas ele insistiu. No fim, precisei dar-lhe um nome. – Deu de ombros, como se fosse mais uma situação comum.

Miguel sabia o nome do pai. O que significava que poderia estar em qualquer lugar, procurando pela família perdida, descobrindo coisas dolorosas e precisando de mim mais do que nunca.

Eu desabei sobre a cadeira mais uma vez, passando as mãos pelo cabelo, sem conseguir colocar os pensamentos em ordem.

– Merda.

– Não pude fazer nada. – Falou, me assustando. Queria que não estivesse mais ali.

– Não? Não poderia tê-lo mandado para casa? Não poderia ter mentido? Cacete, você poderia ter feito muitas coisas, mas não pensou sobre isso! Só se importou com o seu bem estar, só queria se livrar dele da mesma maneira que fez cinco anos atrás, não é? Pois foda-se! – Levantei, sem controlar o tom de voz. – Volte para o lugar de onde saiu e não nos perturbe mais. Continue fugindo dos seus problemas enquanto tomo conta de tudo. Não precisei de você nesses anos, então não preciso agora.

Eu esperei por alguma reação dele, alguma palavra, qualquer coisa... Mas ele continuou me olhando sem demonstrar nada, o que só fez a raiva aumentar.

– Vai para o inferno! – Gritei, chamando a atenção de alguns clientes próximos. – Você já destruiu demais a nossa vida.

Virei de costas sem esperar por respostas e fui embora, mantendo minha cabeça onde realmente deveria estar: encontrar o Miguel. Sem distrações.

No fundo, sabia que meu pai não havia destruído a nossa vida. O culpado era eu. E agora estava destruindo tudo mais uma vez.

Miguel não estava em casa, não atendia o celular, não respondia minhas mensagens... E eu não fazia a menor ideia de por onde começar. Conhecia tanto o meu irmão que não sabia sobre os lugares que frequentava e muito menos as pessoas com quem ele falava – Marina não atendia o celular também – e as coisas que planejava. Como pude ser tão ignorante?

Quando entrei em seu quarto para procurar alguma pista, odiei o mundo por estar me surpreendendo tanto em apenas um dia.

O quarto estava vazio. Sem travesseiro na cama, sem roupas jogadas... O guarda-roupa mais vazio ainda. Poucas roupas penduradas, algumas que nunca o

vi usando. Sem sapatos, cuecas e nem meias... Não havia nada ali.

Ele havia ido embora. Como... Embora?

Com um último fio de esperança, corri para o meu quarto rezando para encontrar suas roupas ali e descobrir que apenas queria mudar de quarto e essa era a sua manifestação. Mas, mais uma vez minhas esperanças foram em vão. O quarto estava exatamente como havia deixado mais cedo, com roupas da Paloma jogadas pela cama e algumas minhas no chão... Não havia nada além daquilo.

Sentei na cama e apoiei a cabeça nas mãos, querendo que aquele dia fosse apenas um péssimo pesadelo. Nada fazia sentido. Por que Miguel iria embora sem falar nada e muito menos dar satisfações? Por que ele iria atrás da pessoa que o abandonou há anos?

Abandonado. Era isso. Estava se sentindo sozinho. Eu só conseguia pensar na Paloma, falar dela e ficar com ela. Raramente via o meu irmão e isso nos afastou. Deveria estar passando por alguma coisa e não conseguiu me falar porque a minha cabeça estava em outro lugar.

Não consegui ajudá-lo, então foi buscar ajuda na pessoa que causou tanto sofrimento nas nossas vidas. E agora, meu irmão não fazia a menor ideia com quem poderia contar. Quem mais seria capaz de ajudá-lo?

Era tudo culpa minha. Mais uma vez, havia me distraído. Mais uma vez, havia entregado o coração na mão de uma pessoa e, mais uma vez, isso causou uma destruição em minha família. Passei tanto tempo fugindo de relacionamentos e de distrações...

Quando penso que tudo ficará bem, percebo que nunca ficará.

Deveria ter aprendido que o amor não foi feito para mim. Que todos que eu amo acabam se machucando de alguma maneira.

Fiz a única coisa que podia fazer enquanto não tinha notícias de Miguel: afastei a única pessoa que ainda não havia sido gravemente ferida por minha culpa. Fiz as suas malas, dobrando roupa por roupa, cheirando cada uma como se fosse a minha despedida. Era tudo o que eu teria. No fim, coloquei minha blusa que ela sempre dormia dentro e acrescentei o meu coração, sabendo que não poderia tê-lo de volta.

Jamais me perdoaria se algo acontecesse à Paloma por minha causa e era por isso que eu queria que ela ficasse o mais longe de mim. Já havia perdido a minha mãe e agora não sabia onde estava o meu irmão... Não havia outra explicação: eu era o problema. Longe de mim, ela estará longe de problemas.

Além disso, precisava me manter focado no Miguel. Não deveria ter deixado isso acontecer... No momento em que ela entrou em casa, deveria tê-la mandado embora. Se tivesse feito isso, Miguel estaria aqui, seguro e com um sorriso no rosto. Se Paloma continuasse ao redor, o erro continuaria sendo cometido.

Estava jogando a minha felicidade no lixo para manter vivos aqueles que pertenciam o meu coração.

Mas para isso, precisei ser o mais duro e frio que pude com Paloma. Não foi fácil ver a surpresa, seguida pela decepção e logo após, o sofrimento em seu olhar. Só queria abraçá-la e dizer o quanto a amava e que eu queria passar a eternidade ao seu lado... Mas eu não podia ficar com ela porque não conseguia manter ninguém que amava por perto.

Nunca fui tão falso e nem senti tanta dor como aquela vez. Mas repeti em minha mente que fazia isso para o seu bem, por mais que estivesse sofrendo... Poderia ser muito pior no futuro. Pensei nela e no meu irmão, ainda desaparecido. Ela tinha o Fernando, dinheiro e com quem contar... Mas Miguel estava sozinho. Ele precisava mais de mim do que ela neste momento.

Ao vê-la bater a porta do apartamento, não pude fazer outra coisa senão apoiar na mesma e deslizar até o chão, sem forças para ficar em pé. Havia acabado de magoar a pessoa que mais me fez feliz nesse mundo... A pessoa que mais amei em toda a minha vida. Observei enquanto chorava, enquanto me odiava e ignorei. Não cumpri a minha promessa.

Paloma tinha toda razão em me odiar para o resto de sua vida, mas pelo menos isso a manteria afastada de mim. Decerto ela encontraria a felicidade em outro lugar... Em um lugar mais provável. Comigo ela só teria arrependimentos e decepções.

E por um momento, eu me perguntei se havia feito a escolha certa. A dor espalhada pelo meu corpo dizia claramente que não, que havia cometido o maior erro de todos, que eu era um canalha estúpido e merecia sentir todo aquele sofrimento.

Enquanto uma única lágrima escorria pelo meu rosto, aquela que não surgiu desde quando minha mãe morreu, me permiti abraçar a dor e vivenciá-la. Era o que eu merecia no final de tudo. Merecia ter morrido no lugar dela, estar sozinho no lugar de Miguel e passar por tudo o que Paloma passou. Merecia as três coisas ao mesmo tempo.

E saber disso tudo não amenizava a dor. Pelo contrário, só a tornava mais insuportável.

Capítulo 39

Pensei que a dor passaria depois de algumas horas, mas já fazia um dia que tudo havia desmoronado – mais uma vez – e ela só aumentava. O buraco existente dentro de mim parecia conter um objeto que não parava de se mexer, impossibilitando a cicatrização e aumentando ainda mais a infecção.

Essas vinte e quatro horas passaram como um borrão. Não lembro o que fiz, por onde eu andei ou com quem falei ou pensei. Tudo o que existiu foi essa dor dilacerando meu coração quando penso em Ricardo, e quando não penso também.

A dor e a viagem até a casa de Fernando numa cidadezinha não muito distante, na tentativa de encontrar um refúgio ou uma escapatória daquele inferno.

Agora o sofá da sala parecia um ótimo lugar para me encolher e esquecer tudo. A xícara de chá que Fernando preparou queimava a minha mão, mas a dor era suportável. Na verdade, era um alívio me concentrar na dor física que não chegava aos pés da dor existente em meu interior. E enquanto tentava me concentrar em uma dor para não sentir a outra, Fernando me olhava atentamente com uma expressão preocupada no rosto.

– Você já pode me falar o que aconteceu, criança. – Pediu, colocando a mão no meu joelho.

Ele era tudo o que me sobrara. Minha mãe se foi, abandonando-me para fugir da dor. Meu pai não pensa em nada além de sua própria imagem para a sociedade. Meu namorado... Bom, meu namorado me mandou embora. O dono do meu coração me dispensou sem explicações, cansado de todas as minhas besteiras. Todos que já amei me abandonaram.

Só sobrou aquele que amou a minha mãe e cuidava de mim por pena.

– Eu... – O choro voltou a fazer parte da minha vida e eu já sei o que vem em seguida: a parte da negação e a dor contida. Depois chega a hora em que penso que tudo ficará perfeito. Que está perfeito, mas tudo desmorona novamente.

Só que não existe mais nada neste mundo que me faça acreditar que ficarei bem. Nada.

– Eu li a última carta da minha mãe. – Falei entre soluços, sem saber se conseguiu entender algo. Mas o olhar em seu rosto mostrou que ele entendeu perfeitamente, pois já leu aquela página e sabe que ela se matou para fugir dos seus demônios.

– Não é só isso, é? – Perguntou, apertando levemente o meu joelho.

Eu poderia ficar surpresa com a sua percepção, mas não conseguia. Tudo o que sentia era aquela dor. Não havia espaço para outra emoção.

– Não. O Ricardo me expulsou de casa... Quer dizer, nós terminamos... Nós... Nós... – Sem conseguir explicar o que havia acontecido, só sobrou espaço para o choro que aumentou ainda mais quando falei seu nome em voz alta. Era a primeira vez que eu falava a respeito e eu senti como se mais um objeto estranho fosse enfiado em meu coração, juntando-se aos movimentos de outro, em uma missão de me machucar da pior maneira possível.

– Calma criança. – Aconselhou puxando a minha cabeça para o seu ombro, deixando que as lágrimas ensopassem a sua camiseta. Ainda havia algum líquido ali?

Um minuto ou duas horas depois, Fernando me soltou para pegar um envelope pardo que estava em cima da mesinha em nossa frente.

– Você sabe que pode contar comigo, não sabe? – Perguntou.

Fiz que sim com a cabeça, mesmo sabendo que não deveria contar com ele, pois assim teria mais uma pessoa que poderia me machucar futuramente. Então conclui que eu deveria contar com ninguém.

– Quero que fique aqui comigo e saiba que você não está sozinha.

Olhei para ele, sem conseguir achar as palavras certas para explicar o que eu queria.

A verdade era que eu estava sozinha, fiquei assim quando minha mãe morreu e quando Ricardo terminou comigo. Não havia mais ninguém... E por mais que não quisesse ficar sozinha novamente, queria menos ainda começar a contar com alguém. Porque cedo ou tarde, essa pessoa também partiria e toda a dor voltaria e eu não queria sentir essa dor nunca mais.

Mas tudo o que sentia era que ela jamais passaria.

– Não posso ficar. – Falei sem olhar nos seus olhos.

Procurava nele um ombro amigo, alguém para desabafar, para me dar um beliscão e me acordar desse pesadelo sem fim. Mas percebi que ir ali havia sido um erro enorme, porque esse pesadelo jamais acabaria.

– Você deve.

– Não, eu não... – Teimeei, mas fui cortada.

– O que vai fazer então?

Milhares de coisas passaram pela minha cabeça: poderia deitar na praia e ficar ali para sempre, observando o nascer e o pôr do sol. Poderia voltar para casa e ser a filha que meu pai sempre quis... Ou então poderia seguir o caminho mais fácil e terminar como a minha mãe.

Mas não teria coragem de fazer nada disso.

– Não sei. – Respondi.

– Pois eu sei.

Olhei para Fernando, esperando que desse um jeito na minha vida. Ele havia

encontrado a pílula do esquecimento ou uma máquina do tempo? Ou talvez... Até um poço dos desejos funcionaria. Qualquer coisa.

– Você deve ficar aqui, construir uma nova vida. Longe de tudo o que já conheceu... Você deve ser feliz novamente, Paloma.

Se tivesse forças, riria da sua cara. Feliz? Este sentimento não era mais para mim. Não fora feito para ser meu por muito tempo. Na verdade, só servia para destruir ainda mais a minha vida, chegando e indo embora rápido demais.

– Não vou te dar trabalho. – Citei um dos motivos para não ficar com ele, o menor deles... Mas não deixava de ser verdade.

– Você não precisa ficar aqui comigo. Isso é para você. – Me entregou o envelope pardo.

– O que é isso? – Perguntei com medo de abrir o envelope.

– É a sua segunda chance.

Olhei para o envelope atentamente, mas não havia nada indicando o que era. O que poderia ser?

– Já tive uma segunda chance. – Falei, ponderando entre abri-lo ou não.

– Então essa será a terceira. Que seja. É a luz no fim do túnel, criança. – Falou ele me lembrando da última carta da minha mãe que dizia que não havia luz no fim do túnel para ela. Haveria uma me esperando?

– Eu... – Sem palavras, encarei o envelope como se pudesse abri-lo com a força do olhar.

– Vou deixar que você saiba à respeito de seu último momento, Paloma. Qualquer coisa grite que virei correndo. – Falou, levantando-se e me dando um beijo na testa.

Meu último momento. O que queria dizer com aquilo? Haveria ali uma carta do Ricardo, pedindo perdão, dizendo que se arrependeu e que me queria de volta?

Este pingô de esperança me fez abrir o envelope mais rápido do que achei que era capaz, mas quando vi a caligrafia conhecida em um dos papéis escondidos dentro dele, a dor voltou com força total e mais um pouco. Seria possível que ela aumentasse?

Não era Ricardo pedindo perdão, nem se declarando ou me desejando um final feliz... Não havia nada dele ali. Tudo o que havia era mais uma carta da pessoa que me abandonou porque não era forte o suficiente. A pessoa que me obrigava a viver tudo isso. Se não fosse por ela, não estaria nessa situação. Ela deixou a sua dor para mim.

E eu esperava nunca mais ler nada do que tinha para dizer.

Por outro lado, ela havia me amado. Não o suficiente para aguentar a vida inteira, mas o bastante para suportar os meus dezoito anos. Era a única pessoa

que me amou. E a minha curiosidade fez com que abrisse mais essa carta e começasse a ler as palavras que pensei que nunca mais leria.

Minha querida Paloma,

Não sei quando está recebendo essa carta... Não sei o que está acontecendo na sua vida... Mas espero que seja uma coisa boa, que seja uma ocasião especial e que esteja mais feliz do que nunca. Se este for o caso, parabéns, meu amor! Tudo o que sempre quis foi que você fosse feliz. Você merece toda felicidade do mundo. E, se este for o caso, a carta acabou aqui. Vá curtir a vida e lembre-se sempre da sua mãe que te amou mais do que tudo nesse mundo.

Mas, se a situação for outra... Se estiver sofrendo, sem rumo nem destino e se estiver sentindo que tudo acabou... Continue lendo. E por mais que eu queira que já tenha parado de ler, acredito que continuará porque a vida é assim: nunca é do jeito que queremos e nem é perfeita.

Você nunca soube... Na verdade, ninguém nunca soube, mas a partir do momento que percebi que não seria feliz, tive apenas um objetivo em mente para fazer antes de seguir para outra vida, outro mundo. E este objetivo é o conteúdo deste envelope, meu amor. O que me fez aguentar alguns anos a mais foi o desejo de te dar a opção que não tive.

Se tivesse alguém para me dar isso quando me encontrei destruída, não teria feito o que fiz. Não teria que cometer um ato tão desesperado. E estou te dando isso, meu anjo, para que não precise seguir o mesmo caminho que eu. Estou te dando uma segunda chance, uma segunda vida.

Por favor, aceite-a. Aceite-a e faça um ótimo uso. Viva tudo o que queria ter vivido antes, mas não conseguiu por medo ou falta de oportunidade. Corra atrás dos seus sonhos e, caso não os tenha mais, crie novos! Ame, lute, ria, aproveite as pequenas coisas da vida. Viva como se a sua vida fosse acabar amanhã e faça isso todos os dias. Aproveite a segunda chance o máximo que puder, só assim terei morrido em paz. Feliz até mesmo por saber que no fim, algo em minha vida deu certo.

Meu último pedido é que não desista do amor. Seja ele qual for... O amor pode doer, minha linda, e como... Mas cada dor é curada por um carinho, um gesto, algumas palavras ou até mesmo um simples sorriso. A vida não é válida sem amor, nem quando tudo se transforma em dor.

Faça deste presente o seu porto seguro, o seu recomeço. Estarei olhando e cuidando de você, onde quer que esteja.

Da sua mãe, que espera ter sofrido o suficiente para que seus filhos, netos e bisnetos não passem por nenhum momento trágico. E que sofreria ainda mais se fosse para garantir que isso acontecesse.

Dobro a carta e deixo em cima do sofá, as mãos livres para limpar o rosto das lágrimas que impediram que lesse a carta tão rápido quanto desejava.

Dentro do envelope ainda havia dois papéis: Um dizia coisas que eu não entendia, envolvendo imóvel e herança. Por fim, consegui concluir que havia uma casa, naquela mesma cidade, em meu nome. Minha mãe havia deixado uma casa para mim, este era o presente. O meu recomeço.

No segundo papel estava escrito que ela também havia criado uma conta no banco, com dinheiro o suficiente para me sustentar por meses... Dinheiro que, antes disso tudo, poderia ser gasto em uma tarde no shopping, mas que agora era mais um fio de esperança. A esperança de que tudo ficaria bem... Um dia, quem sabe.

Fernando voltou para a sala quando ouviu o meu celular tocando em cima da mesa. Não toquei nele... Não queria saber quem seria e o que queria, nem nada disso. Tinha tudo o que precisava bem ali na minha frente: o recomeço. A luz no fim do túnel.

– E então? – Perguntou, notando que havia aberto o envelope.

– Vou ficar. – Anunciei, imaginando um futuro feliz. Um futuro muito, muito distante... Mas feliz.

– Que bom, Paloma. Você fez a escolha certa. – Falou, se aproximando com um sorriso no rosto.

– Onde é esta casa?

– Você reparou que há uma casa ao lado igualzinha a esta? – Perguntou, dando a resposta que precisava.

Moraria ao lado do Fernando.

– Ela que te deu esta casa também? – Perguntei após algum tempo.

– Sim, foi ela. Eu... Não poderia negar. – Falou, se desculpando.

– Então você também fez a escolha certa. – Falei, tentando sorrir, mas percebi que era cedo demais. A felicidade continuava em um futuro quase inalcançável. Quase.

– Você vai gostar da cidade.

– Vou ficar, mas tem uma condição... – Falei, me levantando.

Fernando me olhou com um ar de desconfiança, esperando pela minha exigência.

– Você jantará todos os dias na minha casa. Ou eu na sua. Tanto faz... Só quero que jantemos juntos todos os dias. – Falei, guardando os papéis na bolsa.

Fernando riu, aliviado por não ser nada demais.

– Sim, criança, eu aceitarei a sua condição.

– Tem mais uma. – Falei, pensando de última hora.

– Você falou que era só uma. – Lembrou.

– Mas agora são duas. Quero que seja feliz. – Falei, olhando nos seus olhos. – Esta não é uma luz no fim do túnel apenas para mim... É para você também. Você merece ser feliz.

Fernando pareceu machucado por um momento, mas logo colocou um sorriso no rosto. Ele convivia com a dor há muito tempo... Havia aprendido a lidar com ela. Espero ser como ele um dia.

– Só se você também for.

– Eu... – Não consegui falar que seria. Não acreditava plenamente nisso e, se falasse em voz alta, sabia que a dor só aumentaria. Então confirmei com a cabeça e me aproximei mais dele, passando os braços por sua cintura e apoiando a cabeça no seu ombro.

Fernando acariciou meu cabelo, me confortando.

– Vá tomar um banho e começar a sua nova vida, menina. Você já sofreu demais para uma garota da sua idade.

Deixei que mais algumas lágrimas escorressem pelo rosto enquanto sentia o carinho dele e, quando percebi que não havia mais nada para aquele momento, me soltei dele, querendo sentir uma força inexistente. Uma força que me fizesse erguer a cabeça e seguir em frente... Mas tudo o que queria era deitar na cama e não levantar mais.

– Vou fazer isso. – Afirmei, pegando a mala em cima do sofá e a chave da casa ao lado, da minha casa, que Fernando havia deixado em cima da mesinha.

– Vai me ligar? – Perguntou antes que saísse pela porta da frente.

– Começaremos nossos jantares amanhã. – Falei, olhando uma última vez para ele antes de sair da sua casa.

Estava na hora de recomeçar e de esquecer. Tinha uma segunda chance e esta, não seria desperdiçada.

Entrei com o pé direito na casa, rezando para que isso fizesse com que a vida fosse boa daquele dia em diante. A única coisa que me impedia de acreditar verdadeiramente nisso era a dor, ainda presente em meu coração, tão forte quando como entrei na casa do Fernando, horas atrás.

Eu tinha a impressão de que a dor jamais sairia dali.

Capítulo 40

Ricardo

Um mês depois

Todo mundo seguia em frente e tudo muda o tempo todo. Por que somente para mim parecia que tudo regredia em vez de avançar? Por que parecia que eu havia cometido o maior erro da minha vida?

Talvez porque realmente fiz isso.

O dia em que Miguel desapareceu foi o dia em que arruinei de vez a chance de um futuro perfeito ao lado da mulher perfeita, vivendo a vida dos sonhos. Porém também foi o dia em que me dei conta de que fazia tudo errado... Cometia o mesmo erro que há cinco anos. E por mais que sinta uma falta absurda de Paloma, saber que estou mantendo salvas as pessoas que amo, já é mais do que suficiente.

Dizer que sinto falta da garota não descreve nem dez por cento de tudo o que sinto em relação à sua partida. A dor beira o insuportável... E dói mais ainda pensar no que causei a ela. A única coisa que me ajuda a aguentar é saber que, no final das contas, estou salvando-a. Saber que seria muito pior se nós dois continuássemos juntos.

Entretanto isso não muda o fato de que eu queria que ela estivesse aqui. Queria chegar a casa e encontrá-la sentada na sala, fingindo assistir TV quando na verdade estava perdida em pensamentos. Queria deitar na cama e ter o seu corpo para me aquecer, amá-la durante a noite inteira sem ligar para o dia amanhecendo, aconchegar meu corpo no seu, dormir sentindo o seu cheiro e acordar com aqueles olhos brilhantes me admirando e por fim; servir as mesas no quiosque tendo que me concentrar para não olhar o tempo todo em sua direção, sentindo aquela felicidade indescritível toda vez que nossos olhares se cruzavam.

Acima de tudo, queria dizer que a amava e sempre amarei.

Mas, mais uma vez, preciso convencer o meu cérebro – e o meu coração – de que tudo o que fiz foi para o seu bem. O seu e o do meu irmão que neste momento me encara como se não soubesse que consigo sentir a dor e prestar atenção no que acontece ao redor ao mesmo tempo.

– O que foi? – Perguntei, sem olhar em sua direção.

– Já ligou para ela? – Perguntou pela terceira vez naquele dia. Todos os dias fazia a mesma pergunta mais de dez vezes, então estávamos apenas no começo.

– Não e não vou ligar.

– Pois deveria. – Teimou.

– Mas não vou. – Teimei mais ainda, deixando-o falando sozinho para voltar a servir as mesas.

Fazia um mês que a minha vida havia desmoronado, mais uma vez. Pensar que perdi Miguel, meu irmão, melhor amigo e protegido, me deixou louco e fora de mim. Pensar que tudo não passou de um grande mal entendido só piorou as coisas. Nós ficamos sem nos falar por uma semana e, quando voltamos a trocar algumas palavras, foi para falar de Paloma. Ele sentia falta dela... Oh, pirralho, se soubesse a dor que sinto por ela ter ido embora...

Mesmo que Miguel não tenha sumido, não tenha colocado a vida em risco e nem ficado vagando sozinho na rua, aquele dia serviu para abrir os meus olhos e me fazer perceber a burrada que eu estava fazendo. Poderia não ter acontecido nada naquele dia, mas e amanhã? E se algo acontecesse com ele enquanto eu estava com Paloma? E se algo acontecesse com ela enquanto eu estava com Miguel? Jamais me perdoaria.

Paloma tinha seu tio. Miguel havia falado com ele logo quando soube o que aconteceu e me contou que ela tinha ido embora. Longe demais para uma trombada na rua ou na balada – esta, que eu não tinha mais vontade nenhuma de frequentar. O importante é que ela estava bem, seguindo a vida em uma nova cidade com alguém para cuidar dela. Se tivesse feito uma escolha diferente, Miguel estaria sozinho neste momento. Ele não tem ninguém além de mim para cuidar dele.

Saber disso não faz com que a dor por ter perdido a única garota que realmente amei desapareça. Sim, a única. Pensei que havia amado Raissa... Mas o que senti por ela não se compara ao que sinto por Paloma. Ao desejo, à necessidade... Não se compara a nada. E é por amá-la tanto assim que precisei deixá-la ir.

E me tornou o maior idiota da face da terra.

– Você precisa ligar para ela. – Começou Miguel novamente, enquanto chegávamos a nossa casa.

– Não vou ligar para ela. – Era a mesma resposta de sempre. Por que insistia tanto?

– Por que não?

– Porque não. – Falei, colocando um fim em mais uma insistência dele.

Só que dessa vez, em vez de fazer o habitual caminho para o quarto, deitar na cama e só levantar na hora de ir trabalhar novamente, Miguel se colocou em meu caminho, impedindo a minha passagem.

– Quem é o mais novo desta casa? – Perguntou, me encarando.

– É você. E eu sou o mais velho, o que quer dizer que mando em você. Sai da

minha frente. – Falei, esperando que desistisse do assunto.

– Não vou sair. Por um mês venho sido o dono da casa. Você não faz comida, não compra nada e nem sai do quarto! – Falou ele, aumentando o tom de voz pela primeira vez na vida. – É o responsável? Então aja como um.

– Você tem passado fome? Tem um cartão de crédito na primeira gaveta da cozinha com mais dinheiro do que pode imaginar, então vá e compre o que quiser. Se desejar, compre o mercado inteiro, assim não precisa se preocupar com isso por um tempo. Só me deixe em paz.

– Não é este o caso! – Respondeu ele, frustrado. – Tenho feito almoço e janta todos os dias. Tenho lavado a louça, limpado a casa, feito as compras da semana... Estou vivendo sozinho! A única diferença é que tem um zumbi no quarto ao lado que só sai para usar o banheiro e trabalhar.

– Qual é o ponto? – Perguntei, encarando a porta atrás dele e desejando ser capaz de me teletransportar. Só queria deitar na cama e esquecer que passei mais um dia sem a dona do meu coração e que passarei o resto da vida assim. É pedir demais?

– Você só vê o que quer, não entende? – Perguntou acalmando-se, usando o tom que sempre usava quando queria me convencer de algo. – Já sou maior de idade, estou vivendo praticamente sozinho... E estou bem. Você diz que deixou a Paloma ir embora para poder cuidar de mim. Bom, não está fazendo isso, então a deixou partir à toa? Deixou a sua felicidade escapar por nada?

Suas palavras finalmente me atingiram, aumentando ainda mais a dor em meu coração. Puta merda! Será que tinha como piorar?

– Me desculpa, meu irmão! Desculpa por não estar cuidando bem de você. – Falei me arrependendo de todas as vezes em que eu me tranquei no quarto e foquei na dor, esquecendo-me do resto. Estava fazendo tudo errado mais uma vez. Meu irmão poderia ter sofrido algo nesse meio tempo...

– Cacete, não é essa a questão! – Gritou, com os olhos arregalados.

Sinto que Miguel ficou tão surpreso quanto eu por ouvir um palavrão sair da sua boca. Ótimo, o mau exemplo que dava ao garoto estava tendo efeito.

Depois de respirar fundo, Miguel me empurrou até o sofá, onde andei sem reclamar. Estava errando com ele... Era hora de acertar as coisas. De ouvir o que tinha para falar e fazer tudo o que precisasse. Estava na hora de voltar a cuidar do meu irmãozinho.

– Cara, pare de pensar em qualquer outra coisa aí e me escuta.

Fiz que sim com a cabeça, mas não consegui de deixar de pensar nas compras que precisava fazer para casa. Havia leite na geladeira? Pão? Queijo? *Miojo*? Tantas coisas que eu não sabia... Miguel precisava parar de falar logo, para que eu pudesse conferir tudo o que tinha que comprar e sair para fazer a minha

obrigação.

– Você não está me ouvindo! – Reclamou, chamando a minha atenção.

– Desculpa. – Me desculpei mais uma vez, focando a minha atenção nele, finalmente.

– Vou ter que falar tudo de novo. – Suspirou, para então recomeçar: – Sei que errei quando saí de casa sem falar nada... Mas precisava de dinheiro. Um dinheiro que não poderia pedir para você porque não queria te incomodar com isso. Por isso fui atrás do nosso pai e depois, do meu pai biológico... Acontece que não desisti da história. Preciso ir para o exterior para encontrar a minha namorada e saber o que está acontecendo com ela.

– Você pode pegar todo dinheiro que temos no banco. Mas eu vou com você. – Falei, sem pensar nas consequências. Foda-se o trabalho, a casa... Onde Miguel for, eu estarei atrás.

– Não quero o dinheiro do banco, já encontrei outra solução. E você não vai comigo.

– O cacete que não vou! – Falei, sentindo a raiva subir pelo corpo. Era tão fácil substituir a dor pela raiva...

– Você não vai, porque preciso seguir a minha vida. Não quero viver a vida inteira com você atrás de mim, me vigiando.

– Não estou te vigiando, estou cuidando para que fique salvo!

– Não vou morrer só porque não está me observando! – Falou ele tão exasperado quanto eu.

– Quem garante? Já aconteceu uma vez. Eu não vou permitir isso acontecer novamente. – A dor voltou tão rápido como havia ido embora.

Miguel pegou a minha mão, um gesto que me fez erguer os olhos novamente e encontrar seu olhar tão dolorido quanto o meu.

– Não foi culpa sua. Não sei o que aconteceu com a nossa mãe... Mas eu vou descobrir, irmão. Eu prometo.

Sacudi a cabeça, querendo com todas as forças que aquelas palavras fossem capaz de me convencer... Mas nada era. Ninguém conseguia entender que a culpa havia sido toda minha. Se eu não tivesse me distraído...

– Ricardo, olhe para mim. Já tenho dezoito anos. Não pode me prender em casa para sempre.

– Não estou te prendendo... Você vai aonde quiser, mas eu vou junto. – Falei, cansado da discussão que parecia não ter fim.

– Não quero que você vá junto. Quero que siga a sua vida e vá atrás da sua felicidade que neste momento está a quatro horas de distância, e lute por ela. Corrija os seus erros e deixe-me cometer os meus. Viva a sua vida, irmão, não a minha.

– Você não entende... – Reclamei frustrado.

– Não, realmente não entendo. Não entendo como pode ser tão teimoso. Mas aqui está um fato que você não pode lutar contra: estou indo embora. Descobri onde meu pai está morando e, convenientemente, é exatamente onde eu preciso estar neste momento. Por isso vou seguir a minha vida. Não quero que venha comigo, não vou deixar. Você tem duas opções, irmão: ou fica aí se lamentando por todas as escolhas erradas que fez e não muda nada... Ou vai atrás da sua felicidade antes que seja tarde demais. Eu estou indo atrás da minha e você não vai me impedir.

Com essas palavras, Miguel me deixou de boca aberta e se trancou no quarto. Quando foi que o moleque havia crescido tanto?

O fato é que ele estava indo embora e não queria que eu fosse junto. Não queria a minha companhia... E tinha razão: tudo o que me restara era essas duas opções. A primeira opção era tão fácil e sem consequências... Eu seria o único a sofrer. Poderia me trancar no quarto pelo resto da vida e não me importar com mais nada, esquecer tudo e esperar que o tempo fizesse o seu trabalho.

Mas o segundo caminho implicava em ver Paloma mais uma vez. Daria qualquer coisa para vê-la por mais um minuto... Para tê-la nos braços por alguns segundos... Trocaria uma vida inteira por estes pequenos momentos, mas não faria nada se isso significasse fazê-la sofrer futuramente.

O que ela estaria fazendo numa hora dessas? Será que estava deitada com a minha camiseta, olhando para o teto e pensando em nós dois como eu fazia todas as noites? Ou estaria em um encontro com um rapaz do seu trabalho que a fazia sorrir e esquecer o que vivemos juntos?

Será que havia superado a nossa história? Porque eu sabia que jamais superaria, pois meu amor por aquela garota continuaria inabalável pelo resto da vida, ela estando ou não ao meu lado. Só restava saber se este amor era grande o suficiente para trazê-la de volta e fazê-la me perdoar e permanecer comigo para sempre.

Só de pensar que veria os seus olhos brilhantes mais uma vez, meu coração perdia uma batida e até cicatrizava um pouco. A ansiedade era grande, mas o medo era maior ainda.

Antes de entrar no quarto para refletir sobre tudo o que Miguel havia falado, o mesmo abriu a porta e me encarou, procurando saber o que estava sentindo.

– É bom você ligar para ela. – Falou uma última vez, antes de fechar novamente a porta.

Eu queria e muito ouvir a sua risada... Sua voz dizendo que sentia a minha falta e que me queria de volta. Mas e se ela não quisesse e nem me atendesse? Eu mereço e vou merecer qualquer rejeição... Mas não sei se serei capaz de

aguentar.

Quanto sofrimento um coração seria capaz de aguentar?

Capítulo 41

É incrível como uma pessoa pode mudar em trinta dias.

Minhas roupas não servem mais – todas caem. A geladeira só contém o que será preparado para o jantar com o Fernando – e essa é a única refeição que faço no dia, a mesma que me esforço para não vomitar logo em seguida. A casa permanece arrumada, com alguns cantos intactos, já que eu passo a maior parte do tempo no quarto.

Apesar de todas essas mudanças, a mais importante ainda não aconteceu: o esquecimento. Afinal eu continuo pensando em Ricardo o tempo inteiro e em como ele se encaixaria perfeitamente nesta cidade pequena e confortável. Como ele se sobressairia ao andar pela rua com a sua bermuda preta e blusa azul? Aquelas que deixavam os seus olhos ainda mais atraentes? Como ficaria perfeito na minha cama com o corpo colado ao meu, me aquecendo durante a noite.

As lembranças implicam na permanência da dor. Uma dor que não mudou nada ao longo dos intermináveis trinta dias e que não foi esquecida e nem disfarçada por um segundo sequer. Hoje, eu sei sorrir falsamente sem que as pessoas percebam que estou fazendo isso e choro escondida sem que me escutem. É o máximo que consigo fazer para parecer um pouco normal.

No entanto, estou seguindo a vida do jeito que minha mãe mandou. Arranjei um trabalho na sorveteria há poucas quadras de casa, o que faz com que não precise de um carro para ir até lá. A cidade é tão pequena que não preciso de um carro para ir a lugar algum. A maravilha disto é que é possível andar observando o mar; diferente a cada dia, alterando a sua força como se fossem as minhas próprias emoções.

– Paloma, está viva? – Perguntou Carol, me tirando dos devaneios. Quando olhei para frente, a fila de pessoas esperando para serem atendidas havia aumentado e eu deveria estar trabalhando.

Estes momentos não eram raros, tanto é que algumas funcionárias já haviam se acostumado a ter que me chamar sempre que eu olhava para o nada, perdida em pensamentos, ou melhor; perdida em minha própria dor.

– Desculpa. – Falei, correndo para atender a primeira cliente. Hoje seria um dia corrido.

Pensei que adoraria dias corridos, pois dizem que estes são capazes de nos distrair. Mas a dor que sentia não seria esquecida apenas por causa de um dia inacabável. Ela sempre encontrava uma maneira de entrar em meus pensamentos, e tudo o que eu podia fazer era aprender a viver assim.

Se ficasse mais fácil a cada dia, não teria problema... Mas não. Minha esperança estava esgotada e eu não sabia se teria forças para levantar mais um

dia e encará-lo como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse perdido a minha mãe seis meses atrás e descoberto que ela fez isso por não me amar o suficiente. Como se não tivesse me entregado completamente a um garoto que me mandou embora um mês atrás, deixando meu coração por lá, sem utilidades.

Eu era obrigada a encarar aquela angústia todos os dias como se tivesse algum motivo para viver, mas a verdade era que não tinha e nada mais fazia sentido para mim. Tentei paquerar novamente, mas não sei sorrir como antes. E parecia estranho demais e não valia a pena. Tentei ser feliz... Mas não sabia por onde começar. O que me fazia feliz? Ficar com Ricardo. O problema era que este não estava mais comigo.

A única coisa que me dava forças para levantar toda manhã era saber que ele estava bem. Miguel havia me mandado algumas mensagens perguntando como eu estava e avisando que o Ricardo estava vivo e saudável, mas não estava muito bem, entretanto ele vivia a sua vida. E era isso que importava. Duvido que esteja tão mal quanto eu

Ele pelo menos tinha alguém para viver. Eu não tinha ninguém que me fizesse pensar "se morresse hoje, essa pessoa estaria perdida". Ninguém. Por mais que minha relação com Fernando tenha se fortalecido e chegado a uma amizade que jamais imaginei que teria, ele ainda não era capaz de me fazer sentir isso. Ele saberia encarar a minha partida com força, como já encarou todas as coisas que surgiram na sua vida.

Estes pensamentos tomavam conta da minha mente todas as noites e em todos os momentos em que eu ficava sozinha. Minha mãe havia sacrificado tudo para me dar essa segunda chance... Mas não estava funcionando. Foi tarde demais. Se tivesse mudado para cá antes de conhecer Ricardo as coisas poderiam ser diferentes... Mas agora não tem mais volta. Meu coração ficou com ele e sei que jamais amarei outra pessoa tanto quanto o amo.

E eu não quero. Muito menos pensar em amar alguém que não seja ele, pois ele é o único que desejo. O único que aparece em meus sonhos todas as noites e me faz ter esperança de um futuro melhor... O único capaz de me salvar. Só que ele não está aqui para isso, pois me abandonou e ainda me mandou embora. Afinal, ele nem se importa mais.

Miguel mandou mensagens, mas Ricardo não deu sinal de vida. Será que voltou para a vida de colecionador de telefones conseguiu me esquecer por uma noite com alguma vagabunda e nem sequer me amou de verdade alguma vez?

– Paloma, espera! – Gritou Henrique, um colega de trabalho que me acompanhava até em casa de vez em quando.

Na maioria das vezes eu saía correndo para que ele não fosse capaz disso.

Parei na hora em que ouvi meu nome, esperando ele me alcançar e me

amaldiçoando por não ter sido rápida o suficiente.

– Olá. – Coloquei mais um sorriso falso no rosto, enquanto voltava a andar ao seu lado.

O bom de ser nova na cidade era que ninguém sabia que o sorriso não era verdadeiro. Para eles era o único que existia, então tinha que ser sincero.

– E aí. – Cumprimentou, seguindo os meus passos com as mãos no bolso. – O que vai fazer hoje à noite?

– Nada. – Respondi rapidamente. Nunca fazia nada.

– Quer sair comigo? – Perguntou direto.

– Não... Não posso. – Procurei alguma desculpa para dar, mas quando me toquei, muito tempo havia passado e essa foi a única explicação que eu dei.

– Você nunca sai?

Eu saía – queria responder. Saía com o meu namorado. Mas ele me abandonou, assim como todos que já amei.

– Não. – Respondi simplesmente.

– Sempre tem uma exceção, não é? – Perguntou ele parando na minha frente, impedindo que continuasse o caminho até em casa que estava perto demais.

Henrique me lançou um olhar que parecia tentar ser charmoso, mas tudo o que conseguiu foi me dar nojo. Seu olhar não chegava nem aos pés do de Ricardo, quente e intenso. Seu sorriso de lado parecia que estava com metade do rosto travado, muito diferente do outro que era capaz de conseguir qualquer coisa de mim.

– Não posso essa noite. – Falei, evitando olhar para o seu rosto novamente.

– E que tal amanhã? – Insistiu.

– Henrique... Não... Não quero sair.

– Não quer sair comigo? – Perguntou fazendo manha, como se isso fosse me conquistar.

– Não quero sair com ninguém. – Suspirei, querendo apenas entrar em casa e me perder na dor.

– O que aconteceu com você? – Seu tom de voz mudou para preocupado.

Droga. Minha máscara não estava mais funcionando tão bem.

– Nada.

– Está machucada. – Constatou ele pegando o meu braço e erguendo-o para analisar meu pulso.

Tirei o braço das suas mãos e escondi o pulso, protegendo-o de olhares curiosos.

Sim, eu estava machucada, mas não era com este machucado que deveria se preocupar. Este só havia sido feito para tentar amenizar a dor que existia por dentro... Desde que descobrira que a dor física era capaz de esconder a dor

interior por algum tempo, fazia tudo o que podia para ter esses segundos de alívio. Durava muito, muito pouco, mas era melhor do que nada.

Só precisava tomar cuidado para que Fernando não descobrisse nada disso, pois ele e nem ninguém entenderia. Ninguém seria capaz de entender a dor que existe dentro de mim.

E neste momento, enquanto Henrique me olhava com pena, com diversas coisas passando na mente, tudo o que eu queria era correr para dentro de casa e ter meus poucos segundos de alívio. Afinal, era tudo que eu precisava.

– Não me toque mais. – Pedi, me encolhendo e passando por ele, em direção à porta de casa.

Sentei encostada na porta assim que entrei, aliviada por não precisar explicar mais nada e muito menos precisava de mais um problema em minha vida. Esta, sem soluções e nem esperanças... Teria como piorar?

Sim, sempre piora. Ao ligar a TV a primeira notícia do jornal que vi foi: Empresário se casa pela segunda vez. Meu pai está na TV com uma mulher vulgar ao seu lado, acenando sem parar. Não é a mesma loira que vi entrando em casa aquele dia... Mas é uma das suas vadias. Com peitos grandes e roupas comportadas. Claro, havia obrigado a garota a usar aquilo, afinal tudo o que lhe importava era a imagem.

E a sua imagem de solteiro estava ficando manchada. Ele, como sempre, conseguiu dar a volta por cima.

Mas logo em seguida, o repórter mudou o foco para a ex-mulher dele – minha mãe. Fotos do seu caixão passaram pela TV, seguidas de algumas minhas vestida de preto e outras onde estou com ela no shopping na última vez em que saímos juntas. Tentei ouvir melhor o que o repórter dizia, em vez de me concentrar nas imagens.

– Com boatos de desaparecimento, a verdade é que Olívia Bortolon está morta há quase meio ano. Alguns dizem que seu marido, Maurício Bortolon a matou e escondeu o corpo, mas a abertura do túmulo ainda não foi realizada para a acusação ser comprovada. Outros alegam que Olívia morreu de overdose, já que algumas fotos foram encontradas onde seu marido fumava algo desconhecido. A causa da morte ainda é desconhecida, e estudos estão sendo realizados no caso. Por enquanto ficaremos com as nossas próprias divagações.

Overdose? Como podem falar que a minha mãe bebia ou fumava? Ela era a pessoa mais saudável que conheci e jamais teria sido capaz de experimentar algo do tipo. Desliguei a TV frustrada por ver a imagem da minha mãe indo por água a baixo, tudo para que meu pai voltasse a ser famoso e querido.

Ela havia morrido e não conseguiria se explicar. Eu teria que fazer isso por ela.

Sentei na escrivaninha do quarto e comecei a escrever uma carta para a produção do jornal. Precisava contar tudo o que havia acontecido. Tudo o que levou minha mãe a cometer o suicídio.

Ela havia se matado por mil e um motivos, mas pensando melhor, havia se matado por não encontrar motivos para viver. Tinha cumprido o seu dever: Garantir para a sua filha uma segunda chance de vida, e tudo o que ela buscava era paz. Uma paz que eu sabia que não encontraria nesta vida.

Uma paz que eu sabia não ser capaz de encontrar novamente.

Seria fácil. Poderia tomar alguns remédios e esperar que fizessem efeito... Poderia abrir os cortes do pulso e esperar o sangue se libertar das minhas veias ou ainda... me jogar na frente de um carro ou entrar no mar sem pensar nas consequências.

Mas, pensando nas consequências... Não haveria nenhuma. Ninguém sentiria a minha falta e nem sairia ferido. Tudo o que fiz até hoje foi pelo Fernando, que queria que eu fosse feliz. O problema era que eu não conseguia mais. A felicidade havia desistido definitivamente de mim.

Estava na hora de parar de pensar em outras pessoas e pensar um pouco em mim.

Sabia o que era melhor. O mesmo que fora melhor para minha mãe.

Só precisava me despedir de uma pessoa antes de finalmente encontrar a paz que eu tanto procurava. A pessoa que está com meu coração... Com a minha felicidade.

Se tudo tivesse sido diferente...

Capítulo 42

Ricardo

– Tem certeza disso? – Perguntei mais uma vez, esperando que a resposta fosse diferente das anteriores.

– Mano, já falei que sim. Nunca tive tanta certeza em toda a minha vida. – Respondeu ele com um sorriso esperançoso no rosto.

Estávamos entrando no aeroporto com as malas nas mãos e um medo enorme no coração. O que será de Miguel quando estiver longe daqui? Ou melhor, o que será de mim quando ele não estiver mais aqui? Afinal, nunca passei mais de dois dias longe dele... Não fazia a menor ideia de como seria daqui para frente.

Meu único instinto era fazê-lo desistir da viagem.

Parei em sua frente, assustado por estarmos tão longe. Se fosse desistir, precisava ser agora.

– Está com dinheiro?

– Sim.

– O suficiente?

– Mais do que isso.

– Onde vai morar?

– Vou encontrar a minha namorada, depois eu penso nisso.

– E se não encontrá-la?

– Vou encontrar.

Percebendo que nada do que eu falava estava funcionando, resolvi usar a última arma:

– E a Marina?

– O que tem? – Perguntou ele finalmente prestando atenção em nossa conversa.

– Como ela vai ficar?

– Nós já conversamos. Ela não queria que eu fosse, pois não acredita que vai valer a pena.

– Ela está certa. – Jamais me imaginei concordando com aquela pirralha.

– Não, não está. Mas já resolvemos isso.

Isso significava que eles haviam brigado.

– Você vai embora sem se despedir?

– Já saquei a sua intenção e não vai funcionar, irmão. – Sorriu vitorioso. – Estou indo atrás da minha felicidade e faço o que for para consegui-la. Se ela não me apoia... Isso só significa que não era minha amiga de verdade.

Ri quando ouvi Miguel reclamando da amizade.

– Não, não era, porque na verdade ela é apaixonada por você, assim como

você é por ela. – Falei uma frase que eu estava acostumado a usar anos atrás, mas que desejei que tivesse um efeito melhor neste momento.

– Você está se intrometendo na minha vida amorosa porque a sua está um fracasso. Não adianta tentar me convencer a ficar, mano... Daqui a pouco meu voo sai, nós temos apenas... – Miguel parou para olhar o relógio no seu pulso e quando voltou a me olhar, seus olhos estavam arregalados. – Um minuto para ir embora. Preciso ir!

Queria segurar seu braço e impedir que fosse, fazê-lo se atrasar e deixá-lo de castigo em casa pelo resto da vida, mas quando vi já era tarde demais. Ele estava correndo para onde entraria no avião, longe demais... Cada vez mais longe, sem nem se despedir.

Quando pensei em ir embora, sabendo que era o melhor naquele momento, Miguel virou para mim com um sorriso no rosto e gritou, sem parar de correr:

– Corra atrás da sua felicidade! – E sumiu até eu perder meu irmão de vista, pois além do aeroporto ser grande, estava lotado.

Esta foi a despedida que nós tivemos. "corra atrás da sua felicidade" foi a última coisa que ele me disse. Era exatamente o que ele estava fazendo naquele exato momento ... Literalmente. Valeria a pena? Se Miguel acreditava tanto nisto, por que eu não era capaz de acreditar?

Mais do que nunca, eu estava sozinho. Começou a escurecer no caminho para casa, e tudo o que eu queria era deitar na cama e lamentar a minha vida.

Até que um caminhão apareceu em minha e do lado onde ele não deveria estar, aproximando-se cada vez mais. Usei todos os reflexos possíveis para jogar o carro para o lado, entrando com tudo no mato que havia dos dois lados da pista, enquanto o caminhão bêbado passava raspando na traseira do carro, seguindo a sua viagem maluca.

Tudo isso aconteceu em poucos segundos. Pouquíssimos. Mas pareceram horas... Tudo em câmera lenta. Cada pensamento, cada imagem do que poderia ter acontecido... Enquanto apoiava a cabeça no volante para tentar normalizar a respiração, me dei conta da única imagem que tive na mente durante todo o acidente: Paloma.

Paloma sorrindo, se divertindo em casa em nossas tardes de domingo. Paloma me observando, pensando que não estava sendo vista, por mais tempo do que o necessário. Paloma transmitindo todo o seu amor em apenas um olhar, me fazendo querer abraçá-la por toda a eternidade. Paloma gemendo o meu nome, suada enquanto lhe dava todo prazer que conseguia. E, por fim, Paloma chorando. Chorando por todas as perdas que já teve e deixando cair todas as lágrimas que eu queria impedir de qualquer jeito que surgissem.

Mais uma vez, me perguntei o que estaria fazendo neste momento. E se algo

acontecesse com ela e comigo alguns momentos atrás? Pensar nisso me fez perceber que realmente fiz a maior burrada da vida ao deixá-la ir embora. Perto, ela poderia sofrer um acidente. Mas longe, poderia sofrer esse mesmo acidente e morrer sem saber o quanto eu a amava e a desejava só para mim.

A três palavras há muito tempo não ditas surgiram na minha boca, junto com uma vontade enorme de soltá-las. O mais alto possível e para todo mundo ouvir. Mas precisava dizer para a pessoa que mais importava. Para aquela que me fez pensar no amor novamente.

"Estou sentindo a sua falta... Mais do que pode imaginar. Não sei como está a sua vida, mas estou louco para saber. Quero saber tudo sobre você. Vamos nos encontrar?". Enviei a mensagem depois de pensar mil vezes sobre isso e fazer mais alterações do que poderia contar. Não podia ser sentimental demais... E se estivesse feliz com outra pessoa? Não estragaria isso, mas também não podia guardar meus sentimentos. Queria demonstrar tudo o que sentia por ela, seja por mensagem, por telefone ou pessoalmente. Eu só queria que ela soubesse...

Meia hora depois, não recebi resposta nenhuma. Eu continuava com o carro fora da pista, sem me importar com nada... Só queria ter alguma notícia ou resposta. Minha ansiedade fez com que eu ligasse para ela.

Tocou uma vez e meu coração perdeu uma batida. Tocou a segunda vez e a esperança de que atendesse neste momento foi enorme. Tocou a terceira, a quarta, a quinta e, enquanto o tempo passava, a esperança se esvaía do meu corpo. Ela não me atenderia, tinha partido para outra e não queria mais saber de mim. Quando eu já estava pronto para desligar, parei assim que ouvi a sua voz.

"Aqui é a Paloma... Você já deve saber disso. Se for importante, ligue de novo. Não vou ficar ouvindo mensagem nenhuma. Se não for importante, não deveria nem ter ligado. Se não estou te atendendo é porque não quero falar com você ou não estou com o celular em mãos. Ah, e se você for meu pai... Bem, ouvirá muitas vezes essa mensagem." Logo em seguida veio o sinal para deixar a mensagem e com isso desliguei. Estava com ela quando gravou isto e sabia que não faria diferença nenhuma falar alguma coisa... Ela nunca ouviria.

Depois de mais cinco tentativas fracassadas, achei o número do Fernando salvo em meus contatos. Como estava salvo ali? Paloma havia ligado alguma vez do meu celular para ele? Foda-se. O importante é que agora tinha um meio de contato com a garota que me ignorava com o meu coração nas mãos.

O telefone tocou mais cinco vezes e me xinguei por ter tido mais esperanças à toa. Até ouvir a voz do Fernando do outro lado da linha.

– Alô? – Atendeu.

– Fernando? – Perguntei, temendo ser a pessoa errada. Mas tudo indicava que não era... Era a mesma voz do homem bravo que me deu uma dura quando fui à

sua casa, mas que sempre estive ao lado de Paloma.

– Quem está falando? – Perguntou, desconfiado.

– Sou eu, Ricardo. – Suspirei, aliviado por estar no caminho certo.

– Me dê um bom motivo para não desligar neste exato momento, garoto. – Sua voz se tornou ríspida quando soube com quem conversava. Ótimo.

– Eu... Eu preciso falar com a Paloma. – Já esperava ouvir o som do telefone sendo desligado.

– Então ligue para ela.

– Ela não me atende!

– Isso é um sinal, não é? – Falou irônico.

– Fernando, por favor, você precisa me deixar falar com ela! – Implorei.

– Ela é minha menina, e veio para casa muito machucada por sua causa. O que te faz pensar que deixaria que você a encontrasse?

Respirei fundo antes de me declarar para a pessoa errada, mas sabendo que era necessário.

– Eu a amo. Amo mais do que tudo e estou completamente arrependido do que fiz. Eu a amo, Fernando. – Exclamei mais uma vez, adorando a sensação das palavras em minha boca. – Você precisa me deixar falar isto para ela.

Ele demorou a responder, tanto que pensei que havia desligado na minha cara, mas o celular mostrava que a chamada ainda estava ativa.

– Ela não está atendendo ao telefone. – Falou depois de muito tempo.

– Oi?

– Liguei para ela, criança. Ela não me atende também. Você vai ter que vir aqui e falar pessoalmente.

– Eu... Eu... – Pela primeira vez, fiquei sem palavras. Queria ser capaz de me teleportar para onde ela estava neste exato momento. Só de pensar que veria o seu sorriso em vez de só ouvir sua voz... – Sim. Eu vou. – Falei, por fim.

– Anote o endereço. – Falou, enquanto passava o endereço da sua casa em uma cidade a quatro horas de distância. Três, contando que já estava na pista.

– Não sei como te agradecer. – Respondi quando terminou de me passar o endereço.

– Faça ela feliz. Isso é tudo. – E desligou em seguida, enquanto eu já tirava o carro do acostamento e voltava para a pista com apenas um destino em mente: a minha felicidade.

Estava correndo atrás da felicidade e se soubesse que a sensação seria tão boa, teria feito isto há muito tempo. De qualquer maneira, havia chegado a hora de me redimir com a garota dos meus sonhos. Estava na hora de mostrar o quanto me arrependi de tudo o que fiz e o quanto queria ficar ao seu lado.

Para a vida inteira.

Capítulo 43

Ricardo

Foi as três horas mais demoradas da minha vida. Quatro na verdade, pois precisei parar numa loja específica antes de ir para o destino final. No entanto, esta última hora valeu a pena e só deixou a ansiedade aumentar, o que fez com que o tempo demorasse mais a passar. Como se fosse possível.

Quando finalmente encontrei a casa que Fernando descreveu, pude jurar que todas as pessoas daquele quarteirão ouviam as batidas do meu coração de tão altas e rápidas que estavam. Parado na frente da sua porta, eu repassei tudo o que vim ensaiando durante a viagem. Tudo o que precisava dizer a ela. Não podia esquecer nada, mas algumas coisas começavam a sumir da minha mente. Coisas importantes...

A única coisa que eu não esqueceria era a frase que mais queria lhe falar: as três palavrinhas mágicas. Fazia tanto tempo que não lhe falava as mesmas...

E se ela não me perdoasse? E se estivesse com outro homem? E se... Não. Sem pensamentos negativos. Tocaria a campainha, ela abriria a porta e me abraçaria no mesmo instante, sentindo tanta falta quanto eu e tudo ficará bem. O final feliz que toda história romântica merece.

Depois de apertar a campainha inúmeras vezes e não receber nenhuma resposta, eu me dei conta de que a vida não era uma história romântica e muito menos a minha. Seria muito fácil se ela estivesse em casa e tudo acontecesse como planejei, não? Fácil demais. E se não existisse final feliz?

Decidi então tocar campainha da casa ao lado, a do Fernando. Ele deveria saber onde ela estava... Ou pelo menos me deixaria entrar para esperá-la. Afinal, eu não sairia dali sem ver o seu sorriso, seus olhos brilhantes e seu corpo sedutor, nem se tivesse que esperar a vida inteira. Estaria ali por ela.

– Está de brincadeira comigo. – Soltei, andando de um lado para o outro depois de quase quebrar a campainha de tanto apertá-la, pois eu continuava sem respostas.

A rua parecia morta, iluminada apenas por alguns postes de luz que não estavam queimados. Onde eles estariam numa hora dessas? Ou melhor, onde a minha Paloma estaria? Na casa de outra pessoa, soltando suspiros que deveriam ser só meus?

– Onde está a Paloma? – Perguntei assim que Fernando atendeu o seu celular, sem controlar minha raiva.

– Com quem você pensa que está falando, menino? – Respondeu calmo.

Foda-se a minha educação. Tudo o que importava era descobrir onde ela estava. E, mais ainda, saber que este lugar não era a cama de outro homem.

– Estou na frente da sua casa. Onde ela está? – Perguntei novamente.
– Eu não sei. Não estou em casa.
– Isso eu já percebi. – A raiva crescia cada vez mais.
– Já tentou tocar a campainha da casa dela? – Perguntou, com toda paciência do mundo.

Uma paciência que queria para mim neste momento.

– Não, Fernando. Eu estou te ligando para que venha aqui e toque para mim, pois estou com medo de levar um choque. – Usei o melhor tom de ironia que pude, querendo desligar o telefone na sua cara já que a conversa não levava a lugar algum.

– Escuta aqui, não sou obrigado a ouvir isso. – Falou seriamente.

Limpei o suor que escorria pela testa enquanto esperava que falasse algo útil. Minhas pernas não conseguiam ficar paradas e, se andasse um pouco mais, cavaría um buraco no chão com a força dos meus passos. E tudo isso não levava a nada.

– Fernando, eu só quero saber onde ela está. – Falei, tentando me acalmar, mas soando muito mais desesperado.

– Ela continua sem me atender... Nesse horário geralmente está em casa. Fique aí enquanto vou procurá-la na praia. Se tiver algum sinal, te ligo.

– Não vou fic... – Queria falar que não ficaria ali esperando nem fudendo, mas ele desligou na minha cara antes que pudesse completar a frase.

Se ele pensa que eu ficaria encarando a porta, esperando que fosse aberta por algum poder do além, ou que Paloma aparecesse com seu novo namorado em um carro três vezes mais caro que o meu... Não me conhecia nem um pouco. Queria encontrar Paloma e faria isto.

Tateei pela porta e embaixo do tapete à procura de uma chave reserva, torcendo para que a sorte estivesse do meu lado pelo menos dessa vez. Só desta vez, é tudo o que peço.

Não sabia a quem agradecer quando encontrei a chave desejada na planta ao lado da porta, enterrada. Seria um sinal de que tudo daria certo e de que só precisava ser um pouco mais persistente? Seja o que for, não parei para pensar a respeito. Entrei na casa escura e fechei a porta atrás de mim, em busca de alguma pista de onde ela poderia estar.

Poderia ser acusado de invasão domiciliar e ir para a cadeia por fazer isto... Mas nada importava. Sabia que, quando encontrasse Paloma, ela riria da história do seu sumiço, contando que foi apenas mais um mal entendido. Assim como foi com Miguel. Este pensamento me deixava mais calmo, com um pingo a mais de esperança.

No final daria tudo certo.

Acreditei perfeitamente quando abri uma das portas do corredor e encontrei um quarto com a luz acesa, decorado apenas com uma escrivaninha, onde estava seu celular, um computador, um guarda-roupa e uma cama, onde seu corpo descansava como se estivesse em um sono profundo.

Tudo estava dando certo.

Todo o peso foi retirado das minhas costas quando entrei no quarto e fechei a porta. Senti a raiva se esvaindo do meu corpo ao pensar que não, não estava na cama com outro cara. Não estava sumida... Só havia dormido. Só isso.

No entanto, quão profundamente uma pessoa precisa dormir para não ouvir o celular tocando ou a campainha da casa?

Talvez nem tudo desse certo.

Dei uma olhada ao redor do quarto, evitando movimentos bruscos para que não a acordasse, mesmo sabendo que não acordaria, já que não havia feito antes. Seu computador estava fechado e em cima dele havia uma folha branca dobrada, com apenas uma palavra escrita na parte de cima.

Um nome. O meu nome. Em sua perfeita caligrafia, meu nome estava escrito naquele papel branco como se fosse um bilhete especialmente para mim. O que estava acontecendo?

Antes de abrir o bilhete, reparei que em cima da escrivaninha também havia dois potes de comprimidos, daqueles manipulados que não permitem que um desconhecido saiba a substância. Um estava vazio, e o outro com pouquíssimas cápsulas dentro.

Nada daria certo.

Como um quebra-cabeça, tudo se encaixou ao mesmo tempo em que meu mundo desmoronou de verdade. A dor que pensei ser insuportável não chegava aos pés da que tomou conta do meu coração quando percebi o que realmente havia acontecido. Como pude ser tão inocente e esperançoso?

O corpo de Paloma não descansava profundamente, mas sim eternamente, largado no meio da cama. Os comprimidos estavam revirados, os potes abertos, sem identificação... A carta.

A carta na minha mão parecia pegar fogo. A carta escrita especialmente para mim... A carta que a sua mãe escreveu para ela antes de morrer... Na verdade, durante a sua vida inteira. Paloma não poderia ter feito o mesmo, certo?

Bem lá no fundo ainda existia um pingo de esperança de que tudo ficaria bem. De que era apenas mais um mal entendido. Não... Não podia ser o que estava pensando. Qual a probabilidade de um homem perder para o suicídio, as duas mulheres que mais amou na vida? Nenhuma. Zero. Tinha que ser zero.

Respirei fundo e abri a carta, rezando para ser de amor que enviaria assim que acordasse. Uma carta dizendo que me perdoava e que sentia a minha falta.

Apenas isso.

Por favor, Deus, que seja apenas isso.

Capítulo 44

Ricardo,

Queria começar esta carta com "Meu Ricardo", mas não posso mais... Dói saber que um dia pude... Mas isso não importa. O que importa é que hoje não te tenho aqui para mim e isso me machuca mais do que pode sequer imaginar.

Na verdade, espero que não esteja lendo isso. Espero que, enquanto escrevo, esteja na praia com o seu irmão e suas paqueras... Que esteja feliz. Não acredito que já tenha outra garota especial em sua vida, pois essas coisas levam tempo e sei que sentiu algo por mim... Algo que não será tão fácil de esquecer. No entanto, espero que essa garota chegue em breve, consiga ganhar o seu maravilhoso coração e te cure de todas as feridas, todos os traumas. Que te faça a pessoa mais feliz do mundo e te ame o bastante para quebrar a caveira da sua tatuagem. Sei que isso é possível.

Mas se estiver lendo essa carta é porque nada disso aconteceu, e lamento muito. Lamento, pois queria que o nosso término tivesse sido benéfico pelo menos para uma das partes. Para mim, não foi. Foi tudo... Arrepiante, doloroso, destrutível... Menos benéfico. Queria que tivesse sido uma boa escolha para alguém. Em sua mente, acho que você ainda pensa que foi não é? Que estava me salvando e salvando o seu irmão. Pois bem, você está errado.

Você não foi o culpado pela morte da sua mãe, a vida sim. Queria ter sido capaz de te fazer acreditar nisso... Tantas coisas seriam diferentes. Da mesma maneira que você não é o culpado pela minha morte. A vida é. A vida é traiçoeira, perigosa e é feita especialmente para os fortes. Minha mãe não aguentou... Eu não pude aguentar. Não sem ela por perto e sem você. Mas acredite, não foi o nosso término que me fez tomar essa decisão. Foi tudo. Uma grande e pesada bola de neve que me esmagou.

Perdi um pedaço de mim no dia em que perdi a minha mãe. Pensei que nunca seria feliz novamente e que a minha vida havia acabado naquele dia. Um buraco se instalou no meu peito e nada era capaz de cicatrizar-lo. Até me apaixonar por você. Você me deu esperanças de um futuro melhor, de uma vida feliz e realizada. Você conseguiu cicatrizar a ferida. Até que tudo desmoronou novamente e minha esperança se foi.

A ferida voltou duas vezes maior e mais dolorida. Estou sendo dramática, eu sei... Mas é a verdade. O nosso fim me pegou desprevenida e fez o dia que começara dolorido, terminar me destruindo. É um dia que não quero reviver jamais e não desejo nem para a minha pior inimiga.

Já faz um mês que isso aconteceu e eu ainda penso em você todos os dias.

Tentei seguir em frente, arranjei um emprego, paquerei alguns garotos... Mas nada fazia sentido. A vida não faz mais sentido e nem tem que fazer, tem? Pois quando estava com você era tudo tão diferente... Eu era capaz de imaginar – e desejar – um futuro ao seu lado. Hoje, tudo o que vejo é a mesma coisa de sempre. Vejo que estou terminando como a minha mãe.

Não quero terminar como ela, deixando uma filha e um cara apaixonado para trás. Mas também não quero viver sem sonhar e ter um objetivo. Recentemente me perguntaram o que quero fazer da vida, e eu quase respondi "Quero trabalhar no quiosque e ter dois filhos com o homem que amo". Foi por impulso, mas foi verdade. Porque um dia eu realmente quis isso. Viver em uma casa simples, com uma família feliz e unida, dois filhos com os olhos azuis que tanto amo, me acordando todas as manhãs... Só que este é o problema. Não quero este futuro com outra pessoa que não seja você.

~~E você não me quer mais na sua vida.~~

Droga, tudo o que escrevo faz parecer que você é o culpado, não é? Mas acredite quando digo: você não é o único. Tem certa culpa... Admito. Mas as coisas poderiam ser diferentes e resultar neste mesmo acontecimento. O que quero dizer é que, se for para ser, será. Se for para a minha vida acabar esta noite... Acabará. Não é culpa sua. Como disse... A culpa é da vida.

Minha mãe me escrevia cartas sempre que tinha algo para ensinar. E ela me ensinou a não julgar as pessoas, a tentar ser feliz acima de tudo e correr atrás dos meus sonhos... Mas teve uma coisa que me ensinou indiretamente: a vida não vale a pena ser vivida se não houver um objetivo. E a minha não tem. Nem uma centelha de esperança de um dia haver um objetivo. Não quero fazer uma faculdade, não quero trabalhar em algum lugar específico... Não tenho sonho nenhum para ser realizado.

Com isso, o que me resta? Você se foi... ~~Você decidiu que fica melhor sem mim.~~ Minha mãe não está mais aqui para dar os seus conselhos sábios. Meu pai nunca se importou com a filha que teve e não vai mudar. O Fernando... Bom, o Fernando já lidou com muitas coisas na sua vida. É o homem mais forte que conheço e eu sei que ele saberá lidar com a minha partida também.

Queria ter alguma coisa para te ensinar com esta carta, mas a verdade é que não tenho. Porque tudo o que aprendi na vida foi com você ou com minha mãe... Não há nada de novo para te dizer. Queria ter um pensamento sábio que fosse capaz de mudar a sua vida, assim como o diário da minha mãe mudou a minha, mas não tenho. Para mim, a vida simplesmente não vale mais a pena.

Decidi escrever esta carta para me despedir de você, já que não tivemos isso. Nosso término foi tão... Inapropriado. Portanto, aqui vai: eu te amo. Oh, como te amo. Queria que estivesse aqui para ouvir essas palavras novamente... Será

que eu veria mais um sorriso seu? Ou pelo menos aquele brilho em seu olhar que surge sempre que me olha? Posso imaginar você me pegando pela cintura e me abraçando como se não houvesse amanhã... Como se eu fosse o seu porto seguro.

São estas imaginações que me fazem sorrir. Sim, estou sorrindo neste momento. Estou sorrindo por sua causa, mesmo sem te ter aqui. Isso é bom, não é? Você me fez feliz, Ricardo. Por alguns meses você me fez a mulher mais feliz do mundo, e me deu esperanças de que tudo continuaria assim. Por isso só tenho a agradecer. Se não fosse por você, teria feito isso algumas semanas após a morte da minha mãe. Não teria suportado...

Mas você esteve ali para me salvar. Viu? Você me salvou. A vida que é malvada demais e não aceitou isso. Talvez invejosa por me vir com um cara tão especial... Quem sabe? Só sei que tive os dias mais perfeitos ao seu lado, e revivê-los foi o que me manteve viva durante essas semanas sem você. Só que não posso viver apenas com memórias e lembranças... Um dia elas sumirão, e ~~você não estará aqui para criar novas.~~

O objetivo dessa carta era dizer que te amo, mas fiquei me lamentando demais. Deveria ter escrito apenas um "Eu te amo" e terminado. Apenas três palavras. Três palavras que ouvi pela primeira vez em um momento muito especial que ficará guardado para sempre. Obrigada por ter me dado os dias mais perfeitos da minha vida. Pelas novas experiências e pelo amor... Sei que senti algo especial por mim... Não sei se foi amor, mas fico feliz só de pensar que poderia ter sido.

Porque eu te amo. Eu te amo por ter entrado na minha vida tão de repente, transformando-a completamente. Eu te amo por ter sido o meu primeiro e único amor, o primeiro a dormir abraçado comigo, o primeiro a me fazer suspirar e o primeiro a me fazer pensar em um futuro. Eu te amo pelo que você é: humilde, batalhador e responsável. E pelo que se tornou depois de me conhecer: carinhoso, dependente e companheiro.

Tenho tantos motivos para te odiar... Mas simplesmente não consigo. Mais uma vez, é a vida nos pregando uma peça. Você, tão diferente de mim, mas que me completa tão perfeitamente... Ok, eu estou imaginando o seu sorriso mais uma vez, aquele que solta sempre que me olha de manhã. Eu te amo tanto... E sinto tanto a sua falta. ~~Não aguento mais viver com essa falta.~~

~~Só... Só não me esqueça. Não esqueça o que vivemos juntos. Não sei onde estarei ou o que acontecerá comigo, mas não quero que me esqueça. Dói pensar que você não pensa mais em mim.~~

Espero que ame alguém tanto quanto te amei. E que essa pessoa seja capaz de te amar de volta, da mesma maneira que fui.

Queria que tudo tivesse sido diferente...

Capítulo 45

Ricardo

“A recordação da felicidade já não é felicidade; A recordação da dor ainda é dor.”

– George Lord Byron

Cada palavra que li cavou um buraco mais fundo em meu coração. Ao terminar a carta, só pude sentar ao seu lado e observá-la, sem conseguir enxergar direito por causa das lágrimas, mas querendo absorver completamente a sua imagem – que ainda parecia viva tamanha a esperança de que realmente tivesse.

Pude imaginar a sua risada, assim como fez enquanto escrevia a carta. Podia até imaginá-la teimando comigo, com aquele olhar de vitoriosa sempre que conseguia o que queria. A única coisa que não conseguia imaginar era a sua reação, caso falasse que ainda a amo. O que faria? Sorriria para mim? Pularia em meus braços? Ou me daria um tapa e me mandaria embora, alegando que era tarde demais?

Afinal, era tarde demais. Não consegui me desculpar. Mais uma vez, cheguei tarde demais. No entanto, suas palavras entraram em minha mente. A vida era uma verdadeira filha da puta e feita somente para os fortes.

Não dava a mínima para quem era o culpado daquele acontecimento. Só não deveria ter acontecido. Não... Não conseguia acreditar que era verdade. Que o corpo esticado na minha frente não estava mais respirando e nunca mais sorriria, choraria ou presenciaria algo bonito.

Ela não foi capaz de viver sem mim, e agora eu posso entender o que quis dizer com isso. Não sou capaz de viver sem ela... Não posso viver em um mundo sabendo que seu corpo está enterrado e que sua alma está sabe-se lá onde. Não posso suportar esta dor.

Inclinei sobre o seu corpo e a abracei querendo que nada daquilo tivesse acontecido. As lágrimas escorriam pelos meus olhos, lágrimas que ficaram guardadas por anos. Desde a morte da minha mãe, nunca mais havia chorado. Por que a dor parecia dez vezes pior agora?

Porque havia perdido a mulher que amava; a dona do meu coração.

Ela se fora e me levara junto. Se não foi forte o suficiente, o que indicava que eu seria e a vida?

Sem ela, nada valeria a pena.

Capítulo 46

Alguém chorava em meus sonhos, só não sabia onde. Sentia que estava acordando, mas eu queria desesperadamente continuar ali, para confortar a pessoa que sofria, mesmo sem saber quem era ela. Quanto mais voltava à vida real, mais lamentava por não ter conseguido ajudar uma pessoa em meu próprio sonho. Se me pertence, por que não sou capaz de manipulá-lo?

Mas então o choro não sumiu, pelo contrário, tornou-se cada vez mais alto, mais próximo. Aos poucos fui tomando consciência do meu corpo e do corpo que me esmagava. O que estava acontecendo?

Minha primeira reação teria sido empurrar a pessoa para longe e arranjar algo afiado para me defender. Não sabia se aquela cidade era perigosa ou não, mas do jeito que eu não me sentia em casa por ali, não podia confiar em nada. No entanto, quando prestei atenção no choro, não consegui ter reação nenhuma. A pessoa em cima de mim era Ricardo e, mesmo que nunca o tenha visto chorar, não havia dúvidas de que era ele.

Que porra estava acontecendo?

Abri os olhos para tentar entender melhor a situação, no mesmo instante em que levantei o braço para acariciar o seu cabelo, querendo confortá-lo. Não me importava com a dor que me causou... Só queria que parasse de sofrer. Tomaria seu sofrimento para mim se fosse possível.

– Ah, até consigo imaginar o seu carinho. – Falou, chorando mais ainda e apertando o meu corpo.

– Você não tem uma imaginação muito criativa. – Falei, sem nem saber por onde começar a desvendar o que acontecia.

Quando ouviu a minha voz, Ricardo paralisou. Seu corpo inteiro virou uma rocha, deixando apenas o coração batendo cada vez mais rápido. Então se afastou um pouco de mim, permitindo que respirasse melhor – e ao mesmo tempo desejasse que não tivesse feito isso e me olhou nos olhos, parecendo mais assustado do que nunca.

Aqueles olhos que pensei que nunca mais veria, me encaravam tristemente, como se tivesse acabado de perder algo muito importante. E, mesmo assim, continuava impecavelmente lindo.

O que havia acontecido? Algo com Miguel? Com Fernando? Ricardo estava tão branco que me fez pensar na palavra "morte" e apenas nisso. Alguém havia se machucado, só pode... E eu estava dormindo enquanto isso acontecia! Como pude?

– Você... Você... – Parecia não conseguir terminar a frase e sua expressão de espanto mudou para confusão em um piscar de olhos. Imagino que a minha

expressão não estava tão diferente.

– O que aconteceu? – Perguntei, levando a mão até o seu rosto para enxugar as lágrimas que haviam parado de cair.

Tocá-lo me fez suspirar, mesmo estando em um momento tão... Indescritível. Senti tanta falta da sua pele, seu toque, seu olhar apaixonado... Quantas vezes desejei poder ter um segundo a mais ao seu lado, apenas mais um momento para poder senti-lo uma última vez. Agora podia e a sensação não poderia ser mais incrível.

– Paloma. – Falou, em uma mistura de surpresa e alívio.

Então seu corpo estava de volta sobre o meu, me amassando na cama. Dessa vez estava mais consciente de tudo, então pude aproveitar melhor o momento. Rodeei seu corpo com meus braços, querendo que não se afastasse jamais e que o tempo parasse... Ou, ao menos, que nunca mais ficasse sem ele em minha vida e pude sentir seu cheiro masculino misturado com a brisa do mar que sempre amei.

Sabia que havia sentido a sua falta, mas não sabia que tinha sido tanto assim.

Depois de um momento apenas nos abraçando, a curiosidade tornou-se maior do que a vontade de ficar com ele sem ligar para nada.

– Ricardo, o que aconteceu? – Perguntei, temendo a resposta.

Então ele se afastou, mas não muito. Manteve os braços ao meu redor, me erguendo para ficar sentada na cama e não os tirou dali. Era como se ele quisesse aproveitar cada segundo que tínhamos da mesma maneira que eu queria.

– Pensei que tivesse te perdido. – Falou tão baixo que pensei ter ouvido errado.

– Na verdade, foi você quem me mandou embora. – Reclamei sem olhá-lo.

– Eu sei e foi o maior erro da minha vida. Voltei e... Pensei que fosse tarde demais. – Parecia estar prestes a voltar a chorar.

– Como assim?

– Não posso viver sem você, Paloma. Não posso. – Nunca ouvi tanto desespero em sua voz como naquele momento.

Apertei meu corpo no dele mais uma vez, voltando a mão para o seu cabelo que estava mais comprido do que da última vez que o havia tocado, mas não menos macio. Faria de tudo para que não voltasse a chorar... Aquele havia sido o pior som que já ouvi na minha vida.

– Shh, eu estou aqui. – Falei, querendo confortá-lo.

– Está mesmo? – Perguntou, ganhando distância para olhar nos meus olhos.

– Claro que estou Ricardo. – Sorri pela primeira vez em semanas.

– Promete que sempre estará comigo?

Oi? Se dependesse de mim, essa promessa seria feita logo após o nosso

primeiro beijo e jamais seria quebrada. Mas pelo que eu lembro as coisas não acabaram por minha causa... A promessa deveria ser feita por ele, não por mim.

– Ricardo, você não está fazendo sentido. Foi você quem me tirou da sua vida.

– Falei, tentando manter a calma para que ele não sofresse mais.

– Você não sabe o quanto me arrependo disso. Não... Não vou pedir para me perdoar ainda. Só preciso que prometa que não viverei em um mundo onde você não exista. – Uma última lágrima escorreu pelo seu rosto, quebrando mais um pedacinho do meu coração.

Ele parecia arrependido e muito, muito machucado. Faria qualquer coisa para não vê-lo sofrer novamente.

– Eu prometo. – Falei ainda confusa. Até que olhei para a escrivania, me lembrando da carta que havia escrito e rezei mentalmente para que ele não tivesse lido.

A carta não estava em cima da mesa, então provavelmente eu tinha guardado em algum lugar seguro a fim de queimar depois. Escrevi no calor do momento e por mais que tivesse pensado mil vezes em me matar, não tive coragem. Não faria aquilo comigo mesma... Estava ruim atualmente, mas poderia melhorar um dia.

A vida era valiosa demais para ser jogada fora dessa maneira.

Na verdade, já havia melhorado. Mas quando observei melhor a escrivania, notei os dois potes de remédios em cima dela. E todo desespero do Ricardo fez sentido.

– Você entendeu tudo errado. – Falei, segurando seu rosto para que olhasse para mim, desesperada para explicar a história e deixá-lo melhor. – Eu não tentei me matar e nem tentarei.

O olhar perdido voltou, mostrando o quão confuso estava.

– Mas... E os remédios? – Falou, apontando para os potes.

– Um já estava vazio, eu me esqueci de jogar fora... O outro é para dormir... Faz algumas noites que não consigo dormir bem. – Expliquei, sem querer falar que desde que ele saiu da minha vida, não havia dormido mais do que algumas horas por noite.

A verdade é que havia pensado em me matar, mas desisti no momento em que recebi a sua mensagem dizendo que sentia a minha falta. Foi isso que me deu esperanças de que tudo ficaria bem, cedo ou tarde.

Imagino o que teria acontecido se não tivesse recebido a sua mensagem naquele momento. Agora, me arrependo até de ter pensado no assunto.

– E isso? – Perguntou, erguendo a carta.

A carta que desejei que não tivesse lido.

– Isso não... Não vai acontecer. Não vou fazer nada. – Falei sem saber como

explicar tudo o que havia escrito.

Porque era tudo verdade. Só que era uma verdade que ele não precisava saber...

Ricardo me abraçou novamente, suspirando de alívio. O que aquilo queria dizer? Ele estava pedindo que eu voltasse? Ou apenas se sentia culpado por tudo o que aconteceu?

– O que te fez desistir? – Perguntou quando me soltou.

– Você. – Falei, sorrindo novamente.

– Como assim?

– Você me mandou uma mensagem falando que sentia a minha falta... – Expliquei, mantendo o sorriso no rosto ao ver que também sorria. – Você me salvou.

– Eu te destruí. – Falou depois de um tempo, culpando a si mesmo.

– Você me salvou. – Teimei, abraçando-o novamente.

Ele conseguiu me apertar mais do que a primeira vez, e queria que fosse capaz de apertar mais ainda. Apertar até nossos corpos se fundirem, tornando-se um só, impossível de serem separados.

– Eu te amo. – Falou, olhando em meus olhos sem me soltar, o que implicou que sua boca ficasse muito próxima da minha.

Ele me ama. Ele acabou de dizer que me ama? Sim, ele disse que me ama! O que isso significava? Que viveríamos para sempre juntos? Que não me deixaria sozinha? Foda-se! Significa que ele ainda me ama! Nada mais importa.

Não consegui responder, tamanha a emoção que senti ao ouvir aquelas palavras saírem da sua boca. Palavras que imaginei que nunca mais ouviria e agora, quando menos esperava, ali estavam... Tudo o que pude fazer foi aproximar as nossas bocas até que estávamos em um beijo arrepiante e avassalador. Um beijo desesperado e ao mesmo tempo; calmo.

Um beijo cheio de amor acima de tudo. E era assim que meu coração se sentia. Cheio de amor e esperança novamente.

– Eu te amo. – Falei, quando separamos nossos lábios, ofegantes.

Ricardo me olhou com tanto amor que me fez querer tirar uma foto só para eternizar aquele sentimento. Mas a foto não seria capaz de transmitir tudo o que transitava entre nós. Amor, saudade, perdão, desejo... Tudo em apenas um olhar.

– E você é um idiota. – Falei dando um tapa no seu braço.

– Eu sei. – Concordou.

– Um idiota egoísta e retardado.

Assentiu ao me ouvir.

– Você é capaz de me perdoar algum dia? – Perguntou, acariciando o meu rosto.

Foi então que notei uma mancha em seu pulso. Quebrei nossos olhares e puxei sua mão para ver o que significava aquilo e todo o meu mundo desabou. Não, não um desabar ruim... Foi fantástico. Um sentimento inexplicável surgiu no meu coração, maior do que qualquer um que já tenha existido.

– O que significa isso?

Ricardo olhou para o seu pulso onde havia uma tatuagem com o meu nome em uma letra maravilhosa. O meu nome, simples assim... Mas estaria para sempre na sua pele.

– Você gostou? – Perguntou com um brilho no olhar.

– Não sei se gostar descreve... – Sorri amplamente.

– Tem mais uma. – Falou, subindo a manga da sua camisa e mostrando as mudanças que havia na sua antiga tatuagem.

A caveira estava completamente quebrada. Como conseguiu fazer isso? O tatuador deveria ser muito bom... Não importa. A caveira estava destruída enquanto pedaços do coração ressurgiam.

– O seu amor curou o meu coração. O seu amor me salvou... Eu preciso que fique comigo, Paloma. Só assim, eu serei feliz. Com você ao meu lado, consigo imaginar meu futuro.

As lágrimas surgiram em meus olhos novamente, mas desta vez eram de felicidade e pura emoção. Jamais imaginei que me sentiria tão feliz... Não após tudo o que aconteceu.

– Eu não sei o que te dizer... – Falei, limpando as lágrimas.

– Só diga que me aceita de volta. – Implorou.

– É claro que sim. Eu te aceito de volta. Eu te aceito quantas vezes for preciso.

– Prometo que esta será a única. – Sorriu amplamente, voltando a me beijar.

Quando me dei conta, nós estávamos deitados na cama, com ele por cima de mim e me beijando em todos os lugares possíveis. Estranhamente não havia tentado tirar a minha roupa. Parecia querer aproveitar ao máximo o momento antes de se entregar mais ainda.

Mas a única coisa que queria agora era seu corpo no meu e de todas as maneiras possíveis.

– Farei de tudo para que me perdoe. – Falou, alternando beijos em todo o meu pescoço. – Para que esqueça tudo o que aconteceu e que seja feliz novamente.

– Esteja comigo para sempre e estará perdoado. – Falei entre suspiros.

Quando nossos olhares se cruzaram, não tive dúvida nenhuma de que ele não me largaria de novo. Ele me olhava como se eu fosse o centro do seu mundo e só quisesse ficar comigo onde quer que seja. E isso era tudo o que eu precisava para ser feliz e para viver.

– Farei mais do que isso. – Sorriu, colando nossas bocas mais uma vez. – Vou

te fazer a mulher mais feliz do mundo. A minha mulher.

Agradei aos céus por ter recebido aquela mensagem a tempo. Caso contrário, não estaria vivendo isto agora... Não sei onde estaria, mas sei que em qualquer lugar que não fosse os braços de Ricardo pareceria o inferno para mim.

A segunda chance finalmente valia a pena.

Capítulo 47

– Paloma, estamos atrasados, vamos logo garota! – Gritou Ricardo da sala, me apressando pela terceira vez.

Eu estava há dez minutos sentada na cama do quarto e analisando o resultado do teste. Não era possível. Tomei todas as precauções, fiz tudo certinho... Não fiz? É lógico que não, caso contrário o resultado não seria aquele e nem seria tão aterrorizante. O que aconteceria quando ele descobrisse? O que faríamos dali em diante?

Mas quando ouvi o seu terceiro aviso, coloquei a primeira roupa que encontrei e saí do quarto, ainda prendendo o cabelo e tentando fingir que nada havia acontecido.

– Para quê tanta pressa? Somos os donos, e além do mais, é charmoso chegar atrasado. – Sorri ao me aproximar, dando-lhe um beijo.

– Não, isso é no casamento que vou ter que te esperar por duas horas pelo visto, né? – Riu me observando da cabeça aos pés. – O que aconteceu? – Perguntou ao olhar em meus olhos.

Droga. Não conseguia esconder nada dele.

– Nada. Estamos atrasados e eu estou pronta... Por que não fomos ainda? – Perguntei, indo para a porta da frente, fugindo do seu olhar.

Poderia dar a notícia outro dia... Qualquer dia, menos hoje. Não queria estragar a abertura do nosso próprio negócio: o nosso quiosque!

– Não fomos porque você demorou uma vida para colocar um short e uma camiseta. – Reclamou, entrando no carro.

– Preciso ficar linda para você, meu amor. – Pisquei, sorrindo para ele.

– Então tire a roupa – falou, mostrando o sorriso mais safado que tinha. – Não tem como ficar mais linda do que isso.

Desisti de responder à sua altura, depois de alguns segundos sem nada em mente.

– Tem alguma coisa errada com você. – Comentou.

– Você que está paranoico demais. – Disfarcei, olhando o caminho que fazíamos.

Ricardo parou o carro e desceu para abrir a porta para mim.

– Tem certeza? – Falou, olhando no fundo dos meus olhos.

Desviei o olhar, sabendo que revelaria tudo assim que visse o seu azul profundo.

– Tenho amor. Vamos lá que estão nos esperando. – Forcei um sorriso.

– Ainda vou arrancar isso de você. – Reclamou me dando um beijo na testa

antes de se afastar.

Estávamos planejando nosso próprio quiosque desde que Ricardo se mudou para minha casa, uma semana depois da nossa reconciliação. Como eu tinha um dinheiro guardado e ele também, não foi difícil arranjarmos um bom local e começarmos a montar nosso futuro. Hoje, um dos nossos sonhos estava se realizando.

Na verdade, dois dos meus... Ele só não sabia ainda.

A abertura foi um sucesso. Não havia dúvidas de que Ricardo se daria bem gerenciando algo tão importante. Fiquei atrás do caixa o tempo todo, apreciando a parte da contabilidade que usava um pouco do estudo que tive nos meses em que fiz faculdade. Alguns funcionários já haviam sido contratados e tudo encaminhava para a perfeição.

Como Fernando me disse uma vez: "Se for feito com amor, não tem como não ser perfeito."

Pensando na pessoa... Fernando apareceu de mãos dadas com a sua nova namorada – Se é que uma pessoa da sua idade ainda namora – e um sorriso no rosto. Depois de trocar um cumprimento amigável com Ricardo, ele andou até onde eu o esperava e me abraçou.

– Obrigada por ter vindo. – Falei, abraçando-o de volta.

– Jamais perderia este momento. – Falou, se afastando, mas manteve uma mão em meu ombro. – Estou orgulhoso de você e tenho certeza de que sua mãe também estaria.

Senti as lágrimas nos olhos ao ouvir as suas palavras, sabendo que era verdade. Minha mãe estaria orgulhosa da pessoa que me tornei... Graças a ela. Queria que estivesse aqui para poder agradecer-lhe pessoalmente e falar que todo sacrifício valeu a pena.

– Quem você pensa que é para fazer a minha namorada chorar? – Ricardo me abraçou pelas costas, depositando um beijo na minha bochecha.

– Sou a pessoa que você tem que respeitar. – Respondeu em um tom amigável. Era surpreendente o quanto os dois haviam se aproximado neste tempo que fomos vizinhos.

Então Ricardo ficou me abraçando enquanto Fernando se virou para a mulher que trouxe o amor de volta à sua vida e lhe deu um beijo rápido. O olhar que trocaram foi emocionante... Tocante. Não a conhecia muito bem, mas rezava para ser honesta e amá-lo da maneira que merecia. Porque ele merecia, mais do que todos neste local, um amor para a sua vida.

Depois de cinco horas de trabalho sem parar, suspirei ao ouvir Ricardo mandando os funcionários embora.

– Deveríamos ensiná-los a fechar o local... Somos os donos, não podemos

ficar fechando todos os dias. – Falei, saindo de trás do caixa.

– Ih, o sucesso está subindo à cabeça já? – Riu, surgindo da dispensa.

– Não, idiota. – Reclamei, rindo com ele. – Mas podemos nos sentir superiores, não?

– Sim, podemos. – Falou se aproximando de mim para pegar a minha mão. – Mas não essa noite.

Então vi o verdadeiro motivo de fecharmos o quiosque àquela hora, sozinhos... O ambiente estava inteiro decorado com velas e apenas uma mesa montada no centro do local, com duas velas maiores em cima e uma rosa no meio. Da mesma maneira que havia feito no nosso primeiro encontro.

– Não precisava fazer tudo isso. – Sorri, admirada com a decoração. Como havia feito sem que eu percebesse?

– Sim, precisava. Você merece isso e muito mais. – Falou, me abraçando por trás e depositando alguns beijos no meu pescoço.

Concordei com a cabeça, sem saber se era realmente verdade. Merecia mesmo?

– Vamos lá, Paloma. Você esteve distante o dia inteiro... O que está passando nessa cabecinha mimada?

Olhei em seus olhos e ponderei entre falar a verdade ou não. Uma hora ele brirá, certo? Se fosse para me abandonar, que seja mais cedo, assim a dor seria menor. Se bem que no ponto em que estamos, a qualquer momento o abandono seria insuportável.

Virei de frente para ele, temendo que aquela fosse a última vez que eu o veria. Nunca havíamos falado no assunto, então não fazia a menor ideia de qual seria a sua reação. Esperava que não fosse tão trágica como as que passaram pela minha mente durante o dia inteiro.

– Preciso te contar uma coisa. – Falei, enrolando.

– Isso eu já percebi. – Sorri com a sua mania de melhorar o clima. – O que aconteceu? – Perguntou, colocando uma mão no meu rosto.

Suspirei, pegando a mão que havia colocado no meu rosto e levando-a até a minha barriga, ainda sem volume algum. Eu estaria tão diferente daqui a alguns meses! E isso me aterrorizava.

– Estou grávida. – Soltei depois de um tempo, falando o mais rápido possível para não ter chance de voltar atrás.

Esperei por alguma reação de Ricardo além do choque. Tudo em seu corpo demonstrava surpresa e parecia até mais assustado com a ideia do que eu. Mas sua mão não saiu da minha barriga em momento algum. Apenas me encarou, perdido em pensamentos.

Quando perdi as esperanças de uma boa reação da sua parte, fui surpreendida

ao sentir se aproximar mais de mim e se ajoelhar na minha frente, abraçando completamente a minha barriga. Ficou assim por muito tempo, abraçado a alguém que ainda não tinha seus membros formados, que não tinha sequer quatro centímetros!

– Fale alguma coisa. – Pedi, emocionada por seu gesto, mas receosa de que voltasse atrás.

Ricardo se levantou, parecendo mal por soltar a minha barriga, mas continuou próximo. No entanto, ele não tinha coragem de me olhar no rosto. Queria guardar para sempre o carinho que demonstrou com o pequeno ser crescendo dentro de mim.

– Você me faz o homem mais feliz do mundo. – Falou, erguendo o meu queixo para que olhasse nos seus olhos. Estes estavam cheios de lágrimas, assim como os meus.

– Não está bravo? – Perguntei, querendo ter certeza uma última vez.

Ricardo riu e me puxou para o seu peito, mantendo o corpo colado no meu.

– Teremos um filho juntos, meu amor. Por que estaria bravo? Eu te amo agora mais do que alguns minutos atrás.

Abracei seu corpo e deixei que as lágrimas caíssem na sua camiseta. Era mais um sonho realizado para ambos. E a sensação do medo indo embora do meu corpo foi maravilhosa... Mais uma vez acreditei que a vida não poderia ser mais perfeita.

No final, tudo valera a pena. Todo sofrimento, toda dor, todo aprendizado. Tudo serviu para que conseguisse encontrar o meu final feliz, mesmo não sendo o de um conto de fadas... Ricardo tem seus defeitos, eu tenho os meus, mas nosso amor provou ser mais forte do que isso. Bastava encararmos qualquer desafio da vida com um sorriso no rosto.

– E eu te amo agora mais do que alguns segundos atrás. – Sorri, sabendo que em poucos segundos, seria capaz de amá-lo ainda mais e um pouco mais.

Havia finalmente encontrado o caminho certo. O caminho para a felicidade. E, por mais sofrido que tenha sido, faria tudo novamente se fosse para ter este final. Seria capaz de viver toda dor mais uma vez, só para sentir este amor ao lado do Ricardo.

Passaria por qualquer coisa para estar ao seu lado para sempre e eu sei que ele faria o mesmo por mim.

De repente meu celular tocou, atrapalhando todos os pensamentos maravilhosos que voavam pela minha mente.

– Alô? – Atendi.

– Paloma, sou eu. – Falou Marina do outro lado da linha.

Conversamos por alguns minutos e quando desliguei, Ricardo me encarava

com um ar de preocupado – e a mão na minha barriga.

– Era a Marina. Ela precisa de nós.

Trocamos um olhar e, simples assim, já sabíamos o que fazer: ajudar aquela que se tornara a nossa melhor amiga. A comemoração pelo novo membro da família teria que ficar para mais tarde.

Epílogo

Querida mãe,

Como queria que você estivesse aqui... Sério. Hoje faz um ano que tudo mudou pela primeira vez. Um ano que você partiu... E sinto a sua falta todos os dias. Acredite.

Mas não estou escrevendo esta carta para me lamentar, e sim para te agradecer. São tantas coisas que preciso agradecer que nem sei por onde começar. Começarei pelo começo: o dia em que tudo mudou. Hoje entendo o motivo de ter feito o que fez... Mas ainda queria que tudo fosse diferente. Queria ter estado ao seu lado para te dar todo o meu amor e que você tivesse confiado em mim e me contado tudo o que acontecia... Acho que naquela época não teria entendido, mas hoje entendo e estaria lá por você, para o que desse e viesse.

No entanto, preciso agradecer pelo que fez por mim. Por todas as cartas que escreveu... Não sei o que faria sem elas. É graças a você que estou aqui hoje, construindo a minha família e sendo feliz pela primeira vez. Graças a você e ao Ricardo. Antes dele, não conhecia a felicidade... Então ele merece os créditos.

Obrigada por ter se preocupado e me amado quando ainda estava na sua barriga. Hoje entendo o que quer dizer com isso... Amor de mãe é realmente uma coisa inexplicável. Sinto na pele tudo o que você demonstrava sentir por mim e, mais uma vez, só tenho a agradecer. Se não fossem as cartas, estaria fazendo compras no shopping neste momento, continuando a vida inútil que um dia tive.

Se não fosse você, não teria conhecido o amor da minha vida e nem construído uma família tão perfeita... Eu espero do fundo do coração, que consiga ser uma mãe tão boa quanto você foi e consiga ensinar ao meu filho tudo o que você me ensinou.

Estou aqui para dizer que sim, mãe, valeu a pena todo o sofrimento que passou. Não foi em vão. Nada na vida é... E sei que não sou dona do meu destino. Não mais. Ele está nas mãos das pessoas que amo e confio e sei que cuidarão para que dê tudo certo, da mesma maneira que você fez.

Valeu a pena, mas eu gostaria que você não tivesse feito o que fez e que tivesse sido mais forte. A vida é muito valiosa para desperdiçarmos tão facilmente.

Sinto muito que não tenha encontrado o amor que merecia mãe. Ele esteve ao seu lado o tempo todo, só dependia de você... Sabe, o amor é uma coisa pela qual vale a pena dar uma segunda chance. Ou uma terceira, quarta... Quantas

forem necessárias. O amor merece todo esforço do mundo. Porque, no final, tudo vale a pena.

E eu te amo, mãe. Eu te amo demais. Gostaria de ter falado isso olhando nos seus olhos, mas era muito imatura naquela época. Desculpe-me, por tudo. Estou tentando recompensar toda dor que te causei, aproveitando ao máximo tudo o que me deu. Acho que é a única maneira. Só queria dizer que sinto a sua falta... E que te amo.

De sua filha, que sempre vai se lembrar da mãe maravilhosa que teve, e que contará tudo sobre ela para os seus filhos. Eles te amarão da mesma maneira, mãe. Eu prometo.